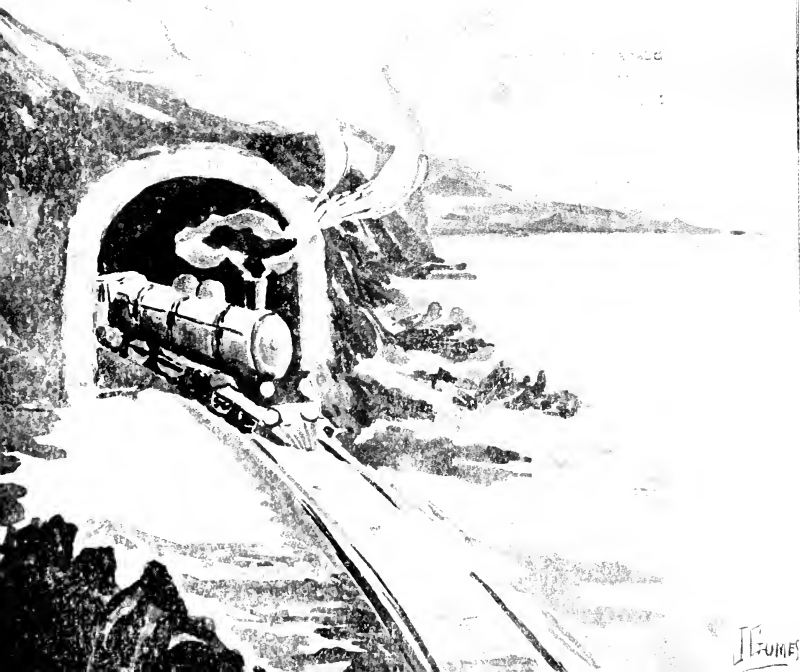


ANNO 2º

Revista

Michaelense.

JULHO DE 1919 - Nº 3



J. F. MEYER

INDICE
DO NUMERO ANTECEDENTE

	PAG.
JOÃO GONÇALVES ZARCO por J. d'A. A. de Bettencourt	113
BERNARDA FERREIRA DE LACERDA E FERNÃO CORRÊA DE SOUZA—por Ayres Jacome Corrêa.....	118
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DAS ILHAS DOS AÇORES E SUA DENOMI- NAÇÃO DE ILHAS FLAMENGAS—pelo Dr. Jules Mées, traducção de Ayres Jacome Corrêa.....	137
NOVOS SUBSIDIOS PARA A ETHNOGRAPHIA E PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUEZAS— por Luiz Bernardo L. d'Athaide	165
CHRONICA DA LOCOMOÇÃO TRANSATLANTICA	185

ARMAZENS COGUMBREIRO

Esquinas das Ruas Manuel Ignacio Corrêa e Machado dos Santos

MODAS

Confeções para senhoras e creanças

Lãs e sedas nacionaes e estrangeiras

Chapeus, guarda-soes e bengalas

Louças e vidros

ARTIGOS DE RETOERZIRO

Calçado do melhor que se fabrica no paiz pelos ultimos modêlos

Variedade em artigos de aluminio e ferro esmaltado

MEIAS, PEUGAS, CAMISOLAS E OUTROS ARTIGOS DE MALHA

ARTIGOS PARA BRINDES

Tecidos para reposteiros, passadeiras, etc.

COGUMBREIRO & C.

PONTA DELGADA, SAM MIGUEL-AÇORES



MARCA REGISTR.

Fabrica Atlantida

Andrade & Mello

Manipulação de Licores, Cognacs e Xaropes pelo sistema mais moderno e aperfeiçoado

Alguns typos de licores : Triplíce Atlantida—Abaditine—Abade—Curação d'Hollanda—Anizete d'Hollanda—Menthe Glacial (verde)—Creme de Cacau e Bannilha Aniz Christalisado (escarchado) etc. etc.

Não temem confrontos nos preços nem em qualidades

Fabricantes do excelente xarope **TUTTI FRUTTI**.
O melhor entre os melhores.

Deposito e escriptorio : Rua Almirante Reis

Ponta Delgada—S. Miguel—AÇORES

Revista Michaelense

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR—AYRES JACOME CORRÊA

Redacção e administração

RUA DO COLLEGIO N.º 13

PONTA DELGADA, S. MIGUEL, AÇORES

PREÇO AVULSO 1 ESC.

Composição e impressão

Officina de Artes Graphicas

RUA JOÃO CHAGAS, P. DELGADA

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial

COPIA E TRADUÇÃO INTERDICTAS

ANNO .º 2

S. MIGUEL, JULHO DE 1919

N.º 3

MANUSCRITO INEDITO DA BIBLIOTHECA CANTO

Breve noticia da reclusão do Conde do Rio Grande, LOPO FURTADO DE MENDONÇA, almirante da Real Armada, no castello da Ilha Terceira

Meio seculo depois d'el-rei D. Afonso VI haver sahido do castello da Ilha Terceira, n'elle entrara sob prisão o conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, almirante da real armada, e conselheiro de guerra: aquelle fôra victima d'ambição de aulicos; e este da inveja dos seus emulos, e implacaveis inimigos.

Aquellas mesmas portas que, em testemunho de respeito, se tinham cerrado desde que d'aquella sala e dormida havia sahido el-rei D. Afonso VI, se reabriram para receber o nobre custodiado.

Para os fastos militares d'este castello, que abundam em negras paginas; e para a nossa archeologia naval, pouco escripta, e ainda menos apreciada serão mais estas linhas um valioso subsidio, em que vereis brilhar a piedade do solio a par da piedade do claustro.

No anno de 1716 orgulhoso o sultão Achemet 2.º com os prosperos successos das suas armas, conquistando a Moréa, desalentados se achavam os Venezianos, receando serem aggredidos.

Tinha noticia esta republica dos aprestos bellicosos, de mar e terra, dos ottomanos, e abasteceu as suas praças, nomeadamente a de Corfú, procurou tropas em Alemanha e na Suissa, e proveu-se de generas de reconhecido valor e pratica militar.

Celebrou um tratado de alliança offensiva e defensiva com o imperador d'Allemanha; engrossou a sua armada, e pediu soccorros aos principes christãos, pelo intermedio do Papa Clemente II: por isso que os catholicos continuavam a ser perseguidos e maltratados pelos turcos, que barbaramente os assassinavam.

A Armada de Veneza sahia a esperar a ottomana, e foi invernar no porto da ilha de Corfú.

O nosso Portugal, como nação fidelissima, não podia nem devia menosprezar um tal chamamento; era paiz de catholicos e catholica a causa que se ia defender, contra o sanguisento fanatismo, e a ambição mahometana.

Ainda n'essa epocha eramos poderosos, tinhamos esquadras, e meios para as manter. Mandou el-rei D. João V para logo apparellhar uma forte esquadra, em socorro de Corfú, e confiou o seu commando ao almirante conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, que tanto no mar como em terra havia com sobejidão dado provas do seu valor, pericia e intelligencia acompanhada da mór prudencia, desde os primeiros annos da sua carreira militar.

Foi nomeado segundo commandante d'esta esquadra o conde de S. Vicente.

com a denominação de general de batalha do mar; e Pedro de Souza Castello Branco, senhor do Guardão, coronel do regimento da marinha.

Compunha-se esta esquadra de seis naus, (ainda tínhamos seis naus, hoje nenhuma, mas temos uma grande marinha pessoal, que faz uma brilhante figura em um Te Deum official) um brulote, um navio hospital, e uma tartana, todos com grossa artilheria.

No navio almirante, ou capitania, como então se chamava, e que tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição, de oitenta peças, embarcou o almirante, conde do Rio Grande, o coronel Pedro Gonçalves da Camara Coutinho, com o seu regimento, a que se havia aggregado o conde da Ilha do Príncipe, Antonio Carneiro de Souza, coronel de infantaria, e seu irmão, Bernardo Carneiro, e outros lidalgos, que embarcaram pela occasião, e tinham servido na guerra como benemeritos da patria. Os capitães de mar e guerra da capitania eram Antonio Duarte, Luiz de Abreu Prego, e João Baptista Rolhano.

Na nau "Assumpção, de sessenta e seis peças embarcou o conde de S. Vicente, com os capitães de mar e guerra Bernardino Freire d'Andrade, e Luiz de Queirós.

Na nau de Nossa Senhora das Necessidades, de sessenta e seis peças, embarcou Pedro de Souza de Castello Branco, com os capitães de mar e guerra Simão Porão, e Francisco Dias Rego.

Na nau Santa Rosa, de sessenta e seis peças, embarcou o capitão de mar e guerra Gillet du Bocage, e como seu immediato o capitão de mar e guerra Bartholomeu Freire.

Na nau Rainha dos Anjos, de cincoenta e quatro peças, embarcou o capitão de mar e guerra Manuel Ferreira d'Avila.

Na nau de Nossa Senhora do Pilar, de quarenta peças, embarcou o capitão de mar e guerra Antonio Lopes.

E no brulote, de quatro peças, embarcou o capitão Jorge Mathias Sotto-maior. Foram n'esta lusada esquadra, para servirem na qualidade de voluntarios, os seguintes:

O conde d'Arcos, D. Thomaz de Noronha, brigadeiro de cavallaria.

O capitão José Bernardão de Tavora, filho do conde general d'armada.

Miguel João Botelho, filho do Conde de S. Miguel.

Jorge de Souza Menezes, irmão do conde de Villa Flór.

O capitão D. Antonio da Silveira, filho de D. Luiz Balthazar da Silveira, vedor da casa da rainha.

Pedro Alvares Cabral, senhor d'Azurara, e alcaide-mór de Belmonte.

O capitão João de Souza Coutinho, irmão do correio-mór do reino.

Antonio de Mello de Castro.

Rodrigo de Figueiredo d'Alarcão.

Francisco de Vasconcellos de Bettencourt, com seu filho primogenito.

D. Diogo de Napolis de Noronha, filho de D. Thomaz de Noronha.

Diogo Rangel Themudo de Macedo, filho do commendador de Santa Maria de Lisboa.

João de Souza Chieharro.

Antonio de Souza da Silva, guarda-mór da casa da India.

Francisco de Magalhães da Silva de Vasconcellos Moreira.

Antonio Carlos Carv, cavalleiro inglez, pigem d'honor, que havia sido, da rainha de Inglaterra, D. Catharina.

Os filhos do mestre de campo Francisco Garcez de Brito.

O coronel de cavallaria Thadeu Daly.



Embarque do Conde do Rio Grande

E outros muitos militares distinctos, alguns já reformados.

Aportou a nossa esquadra a Liorno, donde o almirante, conde do Rio Grande mandou Penro Alvares Cabral a Roma; a fim de communicar ao Sumo Pontifice, que e'-rei D. João V o mandava seguir para as suas determinações.

Continuou a esquadra a sua rota até o porto de Corfú, logo que teve a noticia de que esta praça estava sitiada pelos turcos, e defendida pelo marechal Schuembourg.

Encontrou-se, porém, a esquadra portugueza com a ottomana entre o cabo de Matapam a S. Angelo. Porfiosa fôra a batalha naval; e não podendo a esquadra turca vencer o valor e a pericia dos nossos, se poz em vergenhosa fuga; deixando-nos o posto e a victoria.

Assim que, deveu-se à esquadra portugueza, e ao seu denodado e habil almirante, o conde do Rio Grande, ficaram eclipsadas as luas-ottomanas, defendida a Igreja, exaltada a gloria da nação portugueza.

Logo que na corte constou este triumpho, el-rei D. João V ordenou que em todas as cathedraes se cantasse um solemne *Te Deum* em acção de graças.

Todas as côrtes da Europa nos enviaram felicitações, pela victoria, que as armas portuguezas acabavam de alcançar.

Regressando ao Tejo a nossa victoriosa esquadra, com as prêsas que fizera, houve festas publicas em demonstração de jubilo.

Estas glorias, os louros que cingiam a frente do conde almirante, o acolhimento honroso, que receberá do soberano, abraçando-o logo que o viu; a honrificencia, que começára a gosar na corte; as geraes homenagens de respeito, que de todos recebia; considerado por todo o paiz como uma das suas primeiras nottibilidades, e dos seus primeiros cabos de guerra; causas foram estas para os émulos da sua gloria, da estima com que o rei sempre o tratava, e do peso com que nos negocios publicos era considerada a opinião do conde do Rio Grande, raivosos e ingratos accusarem o conde almirante perante el-rei; e com tal artificio o fizeram, que el-rei D. João V mandou o conde do Rio Grande sob prisão para o castello da ilha Terceira.

Da intriga e da calunnia surtira o seu effeito desejado.

No castello da Ilha Terceira permanecêra recluso, por largo tempo, o conde almirante, despresado...—esquecido...; mas não é condemnado pelos tribunaes.

Nunca foram provados os pontos da accusação.

Deu-se-lhe o ambito do castello por homenagem.

O governador, recebeu-o no palacio da sua residencia; lhe deu para sua prisão a mesma sala, em que outrora dormia o regio encarcerado, el-rei D. Afonso VI (1).

Florescia n'essa época na ilha de S. Miguel uma matrona celebre pela sua virtude e talento, aparentada com algumas das mais qual'fizadas familias da cidade de Ponta Delgada.

Era a madre Thereza da Annunciada, reigiosa do convento de Nossa Senhora da Esperança da referida cidade.

(1)—Depois da sahida d'el-rei D. Afonso VI do castello, os governadores conservaram sempre fechado este quarto, utilisando-se de todos, menos desta sala, na qual pozeram sobre uma das portas um escudo real; alli tinham e conservavam a honra e a dignidade de alguns objectos, que tinham estado a serviço d'el-rei e bem assim diversos quadros, que se recebam uma das outras salas, denominada *sala regia*, que e a maior que ainda he tem a casa dos governadores. Entre estes quadros havia um a óleo fe que parece de arcton representando el-rei D. Afonso VI em corpo inteiro, trajado no gosto francez, como era seu costume. Diz-se que este quadro vira de Lisboa, e que estava exactissimo; e que vira com os outros dos regios paços da Ribeira, em que habitava el-rei.

Quando chegou à ilha Terceira o 1.º governador e capitão general, o illustrado D. Antão d'Almada, escolhi'do pelo marquez de Pombal, transformandose a casa dos padres jesuitas em palacio para a residencia dos capitães generaes; e constando a D. Antão d'Almada que o quadro d'el-rei D. Afonso VI, bem como os mais se estavam deteriorando, pela humidade do castello, os mandou d'alli remover, e collocar em uma das maiores salas do palacio do governo; (hoje residencia dos governadores civis) aonde ainda se encontram bem conservados.

Sabia ella quaes os sentimentos religiosos d'el-rei D. João V, desde os seus primeiros annos; ainda então n'aquelles claustros se contava, com piedosa satisfação que f'este magnanimo soberano contando apenas onze annos, e vendo-se accommetido de grave enfermidade, se confessára o principe com o douto quanto virtuoso padre Francisco da Cruz; que este lhe communicára uma reliquia da veneravel *Maria Lado*, virtuosa moradora, fallecida em Lourical com opinião de santa; e que o principe fizera voto de edificar o mosteiro das religiosas de Lourical, se sobrevivesse aquella enfermidade; cujo voto mandára escrever pelo seu referido confessor; o que foi cumprido por el-rei, edificando o sobredito mosteiro no anno de 1767.

Levada d'estas considerações a madre Thereza da Annunciada dirigiu uma carta a el-rei D. João V, enviando-lh'a pelo conde da Ribeira Grande, governador e alcaide mór da ilha de S. Miguel, interessando-se pela sorte do conde do Rio Grande, preso no castello da ilha Terceira.

Na sua missiva expunha e lembrava a el-rei os relevantes serviços, que o conde almirante havia feito á christandade, serviços valiosos para um monarcha catholico; e os não menos importantes, que em diversas occasiões prestára á patria.

A espontaneidade com que esta carta supplicante e patriótica fôra escripta, caracterisa o seu maior merito.

Lendo el-rei esta carta, que não podia deixar de o surprehender, traçada com as mais reverentes e singelas expressões, como puro era o coração, como purissimas as intenções de quem lh'a enderecára; repassada cada linha d'aquella unção, que só se apprende no recolhimento e na meditação no silencio dos claustros; impressionado el-rei; reconhecendo, que o que essa pobre freira tão innocentemente lhe pedia; era uma reparação á injustiça, que se havia feito ao nobre e prestante conde almirante; sentiu-se el-rei interiormente movido á piedade, que lhe era natural; e sem detença ordenou, que o conde do Rio Grande fosse posto em liberdade, permitindo-se-lhe, que pudesse voltar para Portugal.

Em tanto que isto se passava, vivia no castello tranquillo em sua consciencia, o conde almirante, fazendo do recinto do seu carcere uma academia, em que quasi todas as tardes se reuniam os homens mais illustrados da ilha Terceira, assim seculares, como militares e ecclesiasticos; e ali se discretava sobre tudo, menos sobre politica, e se recitavam algumas poesias, compostas por alguns, dos que concorriam aquelles certames (1).

Por mais profundas e variadas que fossem as cogitações do conde do Rio



Os habitantes de Cofo, tendo o seu commercio paralyzado e ameados de morrer á fome com o bloqueio da armada turca

Tanto esta estampa como a que representa a doe e gesto dos habitantes de Cofo, são reproduções de quadros ornamentados d'uma capella desta mesma igreja de Roma para celebrar as exquias de D. João V.

(1) Consta-nos que sendo governador e capitão general das ilhas dos Açores o sabio barão da Villa da Praia, general Schöller, que era poeta e philosopho, sabendo que havia em Angra um cavalleiro telecíense, que possuia uma collecção d'estas poesias, diligenciara alcançal-as, o que conseguiu.

Grande, sobre o seu porvir, nem nos dourados sonhos lhe passára pela imaginação os meios occultos, de que a Providencia se serviria, para elle conseguir a liberdade e triumphar dos seus implacaveis e poderosos inimigos, que junto do throno o desvirtuavam.

Tudo pod'ria pensar o redemoinhar d'uma esperanza, mas nunca aguardar que uma humilde mulher, que vivia em um penedo semi-engulido pelas ondas do oceano, lhe fosse abrir as portas do carcere, e dar-lhe a liberdade em nome d'el-rei.

Soube o conde almirante, que fóra o movel da sua liberdade esta virtuosa freira, que elle nunca vira; a qual tão somente movida por sentimentos de caridade e de religião intercedêra por elle.

E obrigado do inopinado beneficio, que acabava de receber d'aquella santa mulher, não quiz regressar á côrte sem pessoalmente lhe ir agradecer.

De feito o conde do Rio Grande sahio do castello da ilha Terceira, foi á de S. Miguel conhecer a sua protectora, e significar-lhe sua gratidão (1).

Era uma senhora octogenaria, de agradavel presença, o typo da virtude sem ornatos. Abençoanda-o, e dando-lhe, graciosamente, o nome de filho, recebeu do conde almirante as despedidas; a cujo acto assistira a abbadessa do convento e toda a comunidade.

No dia seguinte, que era o do embarque do conde do Rio Grande para Lisboa, antes de partir foi confessar-se, commungar, e ouvir missa na igreja do referido convento de Nossa Senhora da Esperança; e outro-sim fazer oração á respeitavel imagem do *Senhor Santo Christo,—Ecce Homo,—* que alli se venera, rendendo-lhe graças pelos beneficios recebidos. Alli deixou uma quantiosa esmola; e depois de chegar a Lisboa fez a offerta d'uma lampada de prata, para a capella da supracitada imagem. Alem não passa a narrativa do ms., donde respigamos estas curiosas noticias, quasi de poucos sabidas.

D'uma *Miscellanea Historica* ms., que nos confiára o profundo e erudito jurisconsulto, desembargador Vicente José Ferreira da Costa, resident: na ilha de S. Miguel, colhemos mais algumas particularidades biographicas acerca do conde do Rio Grande.

Consta que desembarcando em Lisboa, mandára pedir licença a el-rei para lhe ir beijar a mão; a qual lhe fóra concedida.

Com benevolô acolhimento el-rei D. João V recebera o conde almirante; não assim os seus ministros, que com frieza e superciliosamente o trataram.

D'aqui inferia o conde que ainda não estavam de todo obliteradas as causas, que tinham sido causal da sua deportação para o castello da Ilha Terceira; e como homem prudente, para se afastar das intrigas palacianas, tomou o arbitrio de se ausentar da corte, indo residir na sua quinta; da qual só vinha a Lisboa nos dias de gala, porque sendo dias de beijamão, como nobre que era, e formando parte da côrte, não queria faltar ao cortejo, como era de seu dever.

Entregue ás occupações agriculas, e actos de caridade, sendo n'aquelles logares o protector dos desvalidos da fortuna, e o pae dos pobres, vivia senão alegre tranquillo o seu espirito. Nunca mais o governo o encarregára de commissão alguma. E n'esta situação se achava o conde do Rio Grande, quando fallecera el-rei D. João V.

Assumindo as redeas do governo el-rei D. José, nomeados outros ministros, e tomando os negocios outro rumo, supervenientes acontecimentos vieram rehabilitar o conde almirante:

(1) É tradição, que momentos antes do conde do Rio Grande sahir do castello da ilha Terceira, já em plena liberdade, mandara pelo seu escondeiro distribuir todo o facto usado, que trazia no castello, pelos soldados artilheiros velhos e invalidos que alli estavam. E entrosim entregára ao governador certa quantia, para mandar dar um jantar mais abundante a toda a tropa, que guarnecia o dito castello, no proximo dia de S. João, por ser o santo do nome d'el-rei D. João V. E no dia em que embarcou para Lisboa offerreceu ao governador do castello uma caixa de rapé, d'outra, com o retrato d'el-rei D. João V.

Notavel coincidência! E' uma virtuosa freira da ilha de S. Miguel a causa de se dar a liberdade ao conde do Rio Grande, e são agora os tumultos populares, n'aquella mesma ilha, os motivos que determinaram o governo a rehabilitar o conde almirante, encarregando-o d'uma importante commissão do real serviço.

Amotinava-se o povo da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, agglomerando-se em frente dos paços do concelho e ruas do seu circuito; e semelhantemente defronte das respectivas casas das camaras, os povos das villas da Lagôa e d'Agua de Pão, exigindo em gritas e ameaças, que o trigo, que corria nos mercados a 200 rs., e que nem a 240 reis achavam quem lh'o vendesse, fosse pôsto á venda a 120 reis o alqueire, para sempre ao povo, allegando a sua pobreza, para o comprar por preço mais alto; que o milho, que no mercado apparecia, e pouco, a 200 reis, se vendesse ao povo a 80 rs., porque era o principal alimento do povo; que o sal, que se vendia a 200 reis o alqueire, se puzesse á venda a 80 rs; e

finalmente, que fosse juiz do povo o mercador Jacintho de Sequeira.

De tudo se fez um auto em camara, concedendo-se ao povo o que os amotinados imperativa e tumultuariamente exigiam; ordenando-se em continente: que as pessoas que tivessem trigo, conforme o que tivessem, *pro rata*, o vendessem ao povo a seis vintens; e a mesma disposição quanto ao milho e ao sal.

As auctoridades militar e judicial, na presença d'estes acontecimentos, permaneceram inactivas e indeliberadas; a nimia tolerancia, se não era fraqueza era uma indiscreção, era um erro de junestas e inculcula-



Satisfação dos habitantes de Corfu pela cheyada da armada portugueza.—A armada turca levantando o assedio

veis consequencias, que foram apparecendo.

Dias após houve eguaes alvoroços na villa da Ribeira Grande, e pelas mesmas causas, obtendo os amotinados quanto exigiram, com aspecto ameaçador.

Durou este estado tumultuoso da cidade, e das referidas villas dois dias e uma noite.

Alguns proprietarios, e lavradores abastados, receando que as suas casas fossem invadidas pelo povo, se refugiaram com suas familias para diversos pontos da ilha.

Na villa d'Agua de Pão os perturbadores da ordem publica não se limitaram a fazer identicas exigencias, tornaram-se notaveis pelos insultos, com que responderam ao seu vigario e ao cura da freguezia, os quaes com palavras de paz os exhortavam, a que entrassem em seus deveres.

A camara da cidade, depois d'haver tomado algumas medidas preventivas, d'accordo com as auctoridades, que começavam a accordar do lethargo censuravel, em que pareciam estar, tomou a enérgica resolução de invalidar a sua anterior resolução, tomada sob a pressão da força coactiva, que a coagira a deliberar entre o vozear d'um povo, que assim abusava dos seus direitos.

Em consequencia, pois, d'esta nova resolução camararia deliberou: que ão consentia que ficasse juiz do povo o individuo illegalmente proclamado pelo

povo amotinado; taxou o milho a 120 rs., o trigo a 160 rs; porém não querendo que o sal ficasse pelo baixo preço exigido pelo povo, a isto se oppoz o governador da ilha, D. José da Camara, defendendo n'esta parte os clamores populares.

Esta deliberação tomada pela governança em vez de acobardar o espirito revoltoso, em que a ilha então se achava, foi augmentar a agitação dos outros povos mais remotos da cidade.

Do logar do *Porto-formoso* sahiram os povos, e com elles os dos logares da *Maia, Fenaes e Achada* esmando-se o seu numero de duas a trez mil pessoas, e reunidos invadiram a villa de *Villa Franca*, armados de dardos, alabardas, foices, machadas e espadas, levando consigo por força os que se queriam esconder, quebrando-lhes portas e arrastando-os para que os acompanhassem.

Neste estado tumultuario se dirigiram ás casas dos vereadores da camara de *Villa Franca*, e entre grita os acompanharam aos paços do concelho.

Julgando-se os vereadores aqui seguros das iras populares, se puzeram em defesa, obstando a que o povo transpuzesse o limiar da sala das sessões; a fim de que mais desassombadamente pudesse a camara funcionar, e resolver as petições do povo.

Este bradava: *Fogo á Camara!*

Alguns vereadores mais resolutos, perguntavam ao povo:

"Qual a causa de tão insolita e attentatoria deliberação?"

Ao que respondiam:

"Queremos que o trigo se nos venda a 120 rs., o alqueire, o milho a 80 reis, o vinho a 20 rs, a carne a 10 rs, o sal a 80 reis, e se vós, ó vereadores, não nos atenderdes, lançaremos fogo á camara!"

Os vereadores ficaram perplexos sobre a resolução que deviam tomar.

Mas o povo amotinado, como alheado de si, não hesitava no seu attentado; e um povo sobre outro povo eram encapelladas ondas, que invadiam o edificio dos paços do concelho por todas as avenidas.

A camara respondeu aos amotinados:

"Que annuiriam a todas as suas supplicas, se tambem elles moderassem os preços das cousas que vendiam".

Ao que os cabeças da bandoria responderam pelo povo:

"Não queremos que nos taxem os preços!"

A camara para evitar que n'este conflicto houvesse victimas, e cedendo ao poder da força acquiesceu a todas as exigencias; e os amotinados descercando a camara se ausentaram, parecendo satisfeitos.

Correndo, porém, o boato de que esta camara tencionava invalidar as suas anteriores concessões, como havia feito a camara da cidade, voltaram á villa os povos alvorotados; e os vereadores da camara, receiosos de maiores excessos, de que o povo no seu delirio attentasse contra as suas vidas, se acolheram no edificio da santa casa da Misericórdia da villa; e aqui mesmo, d'accordo com os cavalheiros da terra, outras pessoas e alguns ecclesiasticos, tomaram diversas medidas, prevenendo-se d'algum attentado.

O povo sabendo que os vereadores da camara não appareciam, começaram na execução da primitiva idea de lançarem fogo á casa da camara.

As torres dos campanarios das igrejas visinhas tocaram a rebate, por determinação da camara; muitos dos habitantes da villa sahem das suas moradas.

Trava-se a lucta... e os amotinadores uns são feridos, e outros na fuga procuraram escapar do merecido castigo; não tendo, porém, chegado a consummar a obra da sua iniquidade.

Recesce a audácia dos sublevados na villa d'Agua de Páo; o povo tumultuoso, guiado á revolta pelo capitão Manoel Pacheco, não respeitou as justicas.

Todas as familias da villa estavam sobresaltadas, e temerosas, porque viam que o povo não acatava as auctoridades.

Ordena-se a captura do principal perturbador da ordem; e elle não é prêso.

Os preludios da anarchia se manifestavam; era forçoso que cessasse este estado de cousas, e que o governo supremo sahisse da irresolução em que se conservava.

E sahiu :

O governador da ilha, D. José da Camara Telles marchou para aquella villa, sendo acompanhado por muitos dos principaes cavalheiros da cidade.

Logo depois d'ali chegar procurou aquietar o povo, por meios suasorios; e em seguida mandou prender o capitão Manoel Pacheco.

O povo queria oppor-se á prisão; mas sendo n'este acto egualmente presos os principaes instigadores d'estas assoadas, foi dispersando os amotinadores e muitos fugiram para os montes.

Restabelecida a ordem, regressou o governador para a cidade, indo ao seu encontro esperal-o as outras auctoridades, algumas pessoas das mais qualificadas, e outras das diversas classes da sociedade; de maneira que D. José da Camara Telles entrou na cidade como em triumpho, com um acompanhamento de cento e quarenta cavalheiros, e a pé mais de duzentas pessoas.

Esta resolução do governador, (talvez tardia) não deixou de produzir os melhores resultados; pois logo que na villa do Nordeste e nas outras souberam da chegada do governador á villa d'Agua de Páo; e que o cabeça dos tumultos e outros já estavam presos, tendo fugido o resto dos amotinados, não só se aquietaram mas até elles mesmos capturaram o seu campeão, que era Manoel de Torres Pimentel, procurador do concelho, e foram entregal-o ao governador.

Restabelecida a ordem em toda a ilha, tornou o trigo a ser vendido na cidade a 200 rs. o alqueire;—o milho a 160 reis.

Subseqüentemente o governador, que tambem era o senhor donatário da ilha, e gosava por isso de amplas attribuições, convocou ao palacio da sua residencia os vereadores da camara da cidade, clero, nobreza e povo, e lhes expoz; que visto estarem obedientes e submissos os povos, lhe parecia, que podia ser exportado o trigo, que se julgasse desnecessario na terra; porém, que desejava ouvir o parecer de todos, e seguiria o que apresentasse maioria.

Depois de larga discussão, convieram todos, por um auto que se lavrou,—que ficassem na terra 200 moios de milho, e 200 de trigo, deixando os exportadores 40 % , e quanto ao que ficasse na terra de trigo se vendesse a 200 rs., e o milho fosse vendido ao povo a 160 rs: E que de todos estes acontecimentos e deliberações se dêsse parte a sua magestade (1).

Constando ao governo estas deploraveis occorrencias, não se deteve em providenciar convenientemente.

Fez com que no real nome fosse chamado á côrte o conde do Rio Grande, a fim de lhe ser confiada uma commissão importante. Quiz escusar-se o conde almirante, allegando os seus achaques e avançada idade. Era o justo resentimento, que ainda lá dentro o opprimia.

A escusa não lhe fôra accêta. Aprestaram-se duas fragatas, para partirem para a ilha de S. Miguel sob as ordens do conde almirante, a quem el-rei conferiu poderes discrepionarios; levando em sua companhia o desembargador Luiz Pimentel da Costa, a fim de syndicar dos referidos succedimentos; e outrosim levava na outra fragata o regimento d'infanteria de Campomaior, e outros officiaes.

N'esta melindrosissima commissão o conde do Rio Grande houve-se como era de esperar da sua consumada prudencia; e para nos convencermos d'esta opinião bastará dizer, que havendo tomado parte n'estes alvorotos cêrca de cinco a seis mil pessoas da cidade e das villas, em resultado da syndicancia foram prêsas dez pessoas e remettidas para Lisboa debaixo de prisão.

(1) — A noticia d'estes acontecimentos tambem a encontrámos na Chronica ms., de S. João Evangelista das ilhas dos Açôres — pag. 440 v. e seg. por Fr. Agostinho de Mont'Alverne. E no archivo antigo da camara de Villa Franca L.º 2.º f.º 103.

O conde almirante, como homem intelligente e imparcial reconheceu, que, em grande parte, eram justos os clamores do povo; e que elle não teria chegado aos excessos que commettêra, se as auctoridades não tivessem sido surdas aos seus primeiros clamores.

Elle poz a mão na verdadeira chaga, na verdadeira origem dos tumultos populares,—o *monopolio*.

A escassez alimenticia era um stratagemma dos atravessadores, e dos monopolistas; que comprando grande quantidade de cereaes os fechavam em seus celeiros (na ilha chamados graneis) fazendo apparecer nos mercados da ilha pequenas porções, e por alto preço. Bem depressa se manifestou a fome e o desespero na classe indigente.

E ao mesmo tempo que os monopolistas faziam escassear os generos no mercado, exportavam para a ilha da Madeira e Lisboa grandes carregações.

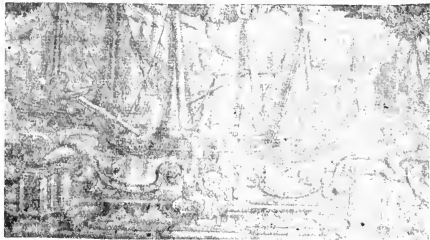
O conde almirante interessando-se mais pela causa publica, em que de en-vôlta vão os interesses das classes mais necessitadas, do que respeitando velhos pergaminhos, e as saccas cheias de ouro, deu providencias conducentes a fazer cessar aquelle escandaloso monopolio, sem todevia prejudicar os interesses do productor e do exportador.

Entendendo o conde Rio Grande, que estando os povos em pleno socêgo, e dadas todas as providencias, estava concluida a sua commissão, voltou para Portugal, levando a tropa, e o juiz syndicante.

Nas vespas do dia da sua partida para Lisboa deu o conde do Rio Grande um lauto jantar, na fragata a cujo bordo ia, ás auctoridades, aos principaes cavalheiros da ilha, contemplando a alguns mechanicos, que o tinham coadjuvado nas providencias que tomára para fazer acabar o monopolio.

As duas fragatas embandeiraram no momento em que, á hoiá do jantar, o conde almirante levantou o primeiro brinde a el-rei e a toda a real familia, salvando, com uma salva real, primeiramente a sua fragata, e em seguida a outra.

No dia da sua partida foi de manhã a Camara da cidade a bordo, a fim de agradecer, em nome dos povos, os serviços que havia feito á ilha, indo deputações das outras Camaras.



BATALHA DE MATAPAM

d'um painel d'azulejo duma Ermida da Povôa de St.º Adrião da antiga propriedade dos Condes de Soure

Bernardino José de Senna Freitas

Historia do descobrimento das ilhas dos Açores e sua denominação de ilhas Flamengas

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO V

Os Açores nos Portulanos segundo o seu descobrimento pelos Portuguezes

O novo descobrimento dos Açores pelos portuguezes não teve influencia alguma em numerosas cartas.

Bartholomeu Pareto, Graciosus e Andreas Benincasa, Roselli, Freducci, Calapoda conservaram o antigo traçado do portulano normal, sem n'elle introduzirem a menor alteração (1).

Não aconteceu o mesmo com outros cartographos; um d'elles, Gabriel de Valsequa, fez um novo traçado do grupo açoreano, dois annos apenas depois do seu descobrimento. Este mesmo traçado encontra-se n'uma carta catalã dos meados do seculo XV e n'um portulano de Andrea Bianco de 1448. Estes trez portulanos, como já varias vezes o temos feito sentir n'um estudo anteriormente citado, (2) revelam um parentesco evidente que se comprova em primeiro logar pela comparação da sua nomenclatura :

Valsequa	Bianco (3)	Carta catalã (4)
illa de sperta guatrila ylla de l'inferno illa de fruydols ylla de osels ylla de...	ya. deserta bela ixela ya. de pavion ya. d'inferno ya. fortunate de S. Brandan ya. de falconi ya. de vecchi marini	illa deserti illa bella illa de l'inferno illa de ancells illa de faucols illa de rays marnos

E' impossivel determinar o prototypo a que os trez cartographos foram beber e muito menos ainda affirmar que a carta de Valsequa serviu de modelo ás outras duas. (5)

O portulano de Bianco é o mais perfeito; traça as costas da Africa até Cabo Verde descoberto por Diniz Dias em 1445. Um facto emfim digno de observação

(1) Veja-se o quadro dos diferentes portulanos comprehendendo os Açores a paginas 248 e seguintes.

(2) Ver Boletim paginas 468.

(3) Th. Fischer, Fac-simile della carta nautica di Andrea Bianco dell'anno 1448. Venezia, 1881.

(4) Th. Fischer, Fac-simile del Planisfero del Mundo conosciuto del XV secolo. Venezia, 1881.

(5) O Senhor Ruge (ob. cit. pag. 154) não admite que as trez cartas portulanas que nós vimos d'examinar, forneçam a prova d'um segundo traçado dos Açores, mas estes argumentos não mudaram a nossa opinião. Que não seja encontrado ainda nenhum nome portuguez, nós facilmente acordamos, mas a nomenclatura actual portugueza não apparece immediatamente depois da descoberta do grupo. A carta de Bianco, segundo o Snr. Ruge, não pode entrar em linha de conta, pois que é uma obra superficial; esta affirmação tinha necessidade de ser apoiada de provas. Resta dizer algumas palavras sobre a carta catalã. O Snr. Th. Fischer (ob. cit. pag. 214) tinha-a collocado no primeiro terço do seculo XV, porque nota-se ainda o pavilhão byzantino ao lado de Salonica, que cahiu em 1423 no poder dos venezianos para passar em 1430 ás mãos dos turcos. O Senhor Ruge, admitindo esta data, crê que a carta foi feita pouco tempo antes da descoberta dos Açores e que serviu de fonte a Valsequa. Quanto a nós, o facto isolado, citado por Fischer, não é uma prova sufficiente, e como nós dissemos já, a posição e a direção mais ou menos exactas das ilhas mencionadas mostram que nós estamos emprehensa d'um novo reconhecimento dos Açores.

é o de se achar, a leste do traçado verdadeiro dos Açores, a nomenclatura mais ou menos completa dos antigos portulanos, o que prova evidentemente que os cartographos desconheciam a identidade dos dois grupos.

A Cartographia Açoreana desenvolveu-se e tornou-se precisa com o progresso da colonisação; um dos seus monumentos mais importantes é o atlas chamado Veneziano que foi conservado no Museu Britânico (Egerton M. S. 73) (1).

O manuscrito é um volume in folio contendo 35 cartas; estas são seguidas de 40 folhas d'escrita a duas columnas sobre as duas faces. Tudo parece ter sido executado por uma unica e mesma mão e n'uma mesma epocha, provavelmente no anno de 1489; (2) as cartas não são mais do que a reprodução de obras de diversos auctores. Infelizmente nós não estamos informados sobre a data em que os originaes foram traçados e o copista não seguiu a ordem chronologica. Os 27 primeiros documentos são devidos ao cartographo Pietro Roselli, Zuan de Napoli, Gracioso Benincasa, Francesco Becaro, Nicolo de Fiorin, Francesco Cexano, Zuan Soligo, Alvise Cexano, Domenego de Zane, Gracioso Benincasa, Nicolo de Pasqualin et Benedictus Pesina. Todas estas cartas reproduzem o portulano normal; Roselli, Zuan di Napoli, Benincasa, Becaro, Nicolo Fiorin e o complemento de Cexano-dão um traçado de todo o már Mediterraneo com o Oceano Atlantico comprehendendo as ilhas; as outras só dão uma parte do portulano normal o qual se estende ordinariamente da Italia ao Már Negro.

As cartas a considerar sem rival são as de Christofalo Soligo, (a vigesima oitava do atlas) e os trez portulanos que se seguem (cartas 29, 30 e 31). A obra de Soligo enriqueceu-se de indicações novas; as costas occidentaes da Africa emfileiram-se até ao Cabo Verde enquanto que os portulanos anteriores a ellas attingiam só o Cabo Bojador. Os Açores, pelo seu lado, trazem um traçado novo. As formas ganham em precisão e a situação respectiva das diferentes ilhas, tão phantasistas sobre as trez cartas que examinamos acima, sofre um notavel aperfeiçoamento. Em summa, os Açores figuram pela primeira vez com os nomes portuguezes seguintes.

Ya. de Santa Maria—Ya. de San Michiel—ya. de Ihs XpS (3)—Ya. de San piero—Ya. de San Dinis—Ya. de salvis—Ya. graciosa (4)—Ya. de San Tomas—Ya. de Samtana. (5)—Mettamos em face d'estes nomes os dados em 1460 por duas Cartas de Concessão das Ilhas Portuguezas do Atlantico. (6)

Soligo.....	Cartas.....
Santa Maria.....	Santa Maria
S. Michiel.....	S. Miguel..
Ihs XpS.....	Jesu Christo
San Piero.....	San Jorge..
San Dinis.....	San Diniz..
de Salvis.....	San Luis...
Graciosa.....	Graciosa...
San Tomas.....	San Tomas.
Samtana.....	Santa Iria (7)

(1) Zurla e d'Avezac fizeram um estudo profundo d'elle. (Ver Boletim pag 469—476).

(2) Ver boletim paginas 471.

(3)—Mais tarde Terceira.

(4)—Zurla (obr. citada II, pag. 355) leu inexactamente generosa.

(5)—O copista escreveu debaixo d'este nome: Ya. de santant; vê-se que elle teve difficuldade de lêr o original.

(6)—Ver boletim paginas 473.

(7)—Os Açores foram provavelmente denominados segundo o nome do santo em honra do qual foi construida a primeira egreja na Ilha (veja-se o extracto do testamento de D. Henrique pag. 77, n.º 3). Nós lemos ainda na carta de Soligo a nota seguinte: «quelle ixole vien nominale ixolle de los Azores, quele che sono scrite de roso sono abitade». As Ilhas cujos nomes e formas estão traçados de tinta vermelha são os seguintes: Ya. de IHS XpS, Ya. de San Piero, Ya. de Santana. O cartographo é portanto incompleto, pois que é provavel que na epocha da confecção d'este portulano, todas as Ilhas tinham recebido já um começo de colonisação.

Estas simples comparações permitem concluir que as Ilhas citadas nas Cartas são os Açores. O exame paleographico mostra que Va. de Salvys não é mais do que a deformação de Va. de San Luis, quanto a San Piero e a Santana não é possível identificar-as d'outra maneira do que por San Jorge e Santa Iria. (1)

A carta de Soligo permite levar a investigação mais longe, e identificar, graças á situação respectiva das Ilhas, as designações do seculo XV com os nomes modernos :

Ya. de San Luiz—Pico
 Ya. de San Dinis—Fayal
 Ya. de San Piero—San Jorge
 Ya. de San Tomas—Flores
 Ya. de Santa Iria—Corvo

Será necessario acrescentar que Soligo servia-se d'uma fonte portugueza que constitue o segundo traçado dos Açores desde a sua descoberta pelos portuguezes? (2)

Que data deverá ser attribuida ao portulano de Soligo? O anno de 1445, como resulta do desenvolvimento do horizonte geographico n'esta epocha, (3) e do exame de trez cartas 29, 30 e 31. Estas podem perfeitamente ser attribuidas a Soligo e parecem ter sido dispostas pelo copista na ordem chronologica: d'onde esta supposição que os originaes foram traçados: a Ginea Portugalexe por 1470, a 30 a. carta por 1482--85 e a 31 a. por 1486.

É no portulano que traz o titulo de Ginea Portugalexe que os Açores figuram pela primeira vez contemporaneos:

Ya. de Santa Maria—Ya. San Michiel—Ya. Terceira—Ya. San Jorie (San Jorge) Ya. Graciosa—Ya. Fayal—Ya. das Flores (Flores)—Ya. del Corvo. (4)

O cartographo soube emancipar-se dos dados dos portulanos antigos e não fez um duplo emprego das mesmas ilhas sob nomes diferentes.

A conclusão que se tira da exposição é que o traçado dos Açores parece ter sido acabado pelo anno de 1470. Reapparece em todos os portulanos posteriores os quaes não apresentam nada de particular fóra da má transcrição ou omissão de certos nomes. (5)

Vejamos agora o que se deve pensar da denominação de Vlaamsche Eilanden» ou Ilhas Flamengas.

(1)—Ver Boklin paginas 474.

(2)—Segundo o Senhor Ruge (obr. cit. pagina 164) o traçado de Soligo é a copia d'uma carta portugueza dos Açores feita sob o impulso das summas da Ordem de Christo que tinha a jurisdicção espiritual si bre todo o archipelago. Assim se explica a os nomes dos tantos dados os diferentes ilhas.

(3)—Nós optámos por 1455 porque as ilhas do Cabo verde em parte descobertas por Cadamosto em 1456 não estavam ainda traçadas na carta de Soligo. O Senhor Ruge (Obr. cit. pag. 161) propõe a data de 1455 sob pretexto de que uma carta portulana do mesmo anno da de Gineza de Benincasa de 1482, apresenta os Açores sob o nome primitivo, enquanto que Soligo (junta a nomenclatura portugueza. Este facto não pode servir como ponto de partida para datar uma carta. (Benincasa) nullo um portulano que não estava a altura dos conhecimentos geographicos do tempo e a sua ignorancia dos nomes modernos dos Açores não prova que estes nomes não existiam n'essa epocha.

(4)—A ilha do Pico de que falta o nome achamos no emtanto na carta. A 35.ª parte (fol. 5) que é uma redacção dos portulanos precedentes comprehendendo igualmente os Açores com os seus nomes contemporaneos. No emtanto ella conserva do portulano normal os nomes de «comigli e corvo mullin» e colloca entre os Açores as ilhas fortalidas de S. Ilandro.

(5)—Veja-se o que nós dissemos n'raz (pre. 41 a 43) da identificação dos Açores com as Cassiteridas. O traçado que Bellain dá dos Açores e mesmo, elles negram no seu globo de 1492 sob os nomes seguintes: Insel de Sant Mathia, Insel de S. Michiel, Insel de Pico, new hancem oder insula de Fayal, insula de Flores. As Ilhas de S. Jorge e do Corvo fellam. Em seguida Bellain dá igualmente e achou as Cassiteridas nos Açores pois que elle dá a estas ilhas a denominação geral insule do Azores catharides.

Quanto ás cartas posteriores, eis aqui algumas mudanças que nós achamos com o nome de Açores: Insule Solis (Cod. Iconographie 132 e 133 da Hof. u. Staatsbibliothek de Munich n'uma carta do Senhor Hanu de Paris), le azores, do portuguez os açores (Carta de Vesconte de Majollo, cod. conogr. 136 de la Hof. u. Staatsbibliothek de Munich publicada por Kunstmann), (Atlas zur Entdeckungsgeschichte America's), Vasandres (sic) n'uma carta d'Oronce Finé (Norden's Jöld, Facsimile Atlas) (Clares) (sic) n'uma carta de Cossin (Mireci, Recueil de Portulans, Paris, 1881).

SEGUNDA PARTE

Origem da denominação d'Ilhas Flamengas

CAPITULO I

Os Flamengos na Terceira e em São Jorge

Durante muitos séculos os Açores trouxeram paralelamente junto á sua denominação portugueza o nome de «Vlaemische Eylanden» ou «Insulae Flandriacae» isto é Ilhas Flamengas. Procurar a origem d'esta denominação e expor o papel que os nossos compatriotas representaram na colonisação dos Açores, vale ser o objectivo da segunda parte d'este estudo.

Não era inútil apresentar aqui uma observação preliminar sobre o silencio dos nossos chronistas e dos nossos archivos.

A participação dos nossos compatriotas na colonisação dos Açores é um facto indiscutível; o primeiro capitão donatário da Terceira foi flamengo, Fayal foi colonisado quasi exclusivamente por flamengos e no entanto todos esses factos acharão pouco espaço nos annaes da nossa historia. E' em vão que nós percorremos as chronicas das epochas borgonhezas. Oliverio de la Marche diz bem que os portuguezes «tomaram e conquistaram varias ilhas; mas em parte alguma ha referencia ás relações que existiram n'essa epocha entre os Açores e a Flandres.

Somente a Chronica de Romboldt de Doppere, como nós veremos adiante, menciona a partida d'uma familia brugense para uma ilha do archipelago açoreano, que elle chama a «Nova Flandres».

Os nossos archivos são igualmente mudos sobre o assumpto.

Não é a primeira vez que as Ilhas Flamengas fizeram o objectivo das investigações dos nossos sabios. Os archivos da Cidade de Bruges foram procurados por todos os lados pelos senhores Gilliodts-Van Severen, Van den Bussche e Cuvelier, mas nem sequer se chegou a encontrar o nome d'um dos personagens de que teremos de falar.

Qual é a causa d'este silencio?

Os nossos chronistas ignorariam a partida dos colonos flamengos, ou bem não julgariam a proposito falar d'elles? nós pomos a questão sem podermos responder a ella. (1)

A primeira Ilha em que nós encontramos rastros d'elemento flamengo é a da Terceira, que teve por primeiro capitão donatário um brugense, ao qual, as fontes dão o nome de «jacome de Bruges» ou «jacques de Bruges».

Segundo uma tradição antiga, (2) immediatamente depois da descoberta da Terceira um certo Fernão Pujino flamengo ou francez d'origem tinha vindo estabelecer-se na Ilha no lugar das «Quatro Ribeiras». Com um sequito de 30 pessoas, elle começou a cultivar a terra; os seus esforços não foram coroados de successo e elle tomou o partido de voltar para Portugal. Jacques de Bruges instruido d'este enredo infamezoso nem por isso deixou de faltar a colonisação da Terceira.

Um recomeço de serviços prestados ao infante elle obteve em 12 de Março de 1439 uma carta pela qual D. Henrique dava-lhe licença de povoar a ilha de S. Christó (Terceira) que estava desde sempre inhabitada e deserta. (3)

Como elle não tinha elle legitimo de sua mulher Sancha Rodrigues, uma cláusula importante da mesma carta dava-lhe o direito de tornar a capitania da Ilha

(1) A esse respeito ha uma antiga litigancia entre a colonisação dos Açores pelos Flamengos e a emigração dos nossos emigrada para a Alemanha nos séculos XI e XII; esta emigração é unicamente mencionada em certos annaes, nas *Vlages de Borgheno*, *Histoire des Colonies Belges*, qui se colligent en Allemagne pendant le XII. et le XIII. siècles. Bruxelles, 1805.

(2) Cf. o metrico *Synodes da Terça*, livro 2.º cap. VII citado por Candeio, *Historia Insularum* livro VI cap. 24.º pag. 245.

(3) — Sabe-se pela carta de 1439 e pelo relato de Diogo Gomes que o detalhe é inexacto.

Terceira hereditaria para seu filho primogenito e para os seus descendentes. Jacques partiu a primeira vez com dois navios carregados de gado, que elle desembarcou na Ilha, e voltou outra vez a Portugal para alistar colonos. Elle não levou a cabo a empreza e dirigiu-se com alguns flamengos para a Madeira, aonde se ligou d'amizade com um gentil homem chamado Diogo de Teve; este, seguido de varios outros gentis homens acompanhou o seu novo amigo á Terceira.

Pouco tempo depois uma carta enviada de Flandres annuncia-lhe que um tio tinha-lhe deixado á hora da morte uma herança consideravel. Elle emprehendeu em seguida a viagem á Flandres e desapareceu sem deixar vestigios.

Boatos damninhos accusaram Diogo de Teve de ter forjado a carta e de ter assassinado o seu amigo, a fim de lhe succeder na capitania da Terceira. Diogo partiu para Lisboa para se justificar mas foi mettido na cadeia; a viuva de Jacques de Bruges depoz uma queixa nas mãos do Rei pedindo que o accusado desse conta do desaparecimento do seu marido. O prisioneiro amedrontado com este pedido morreu dez dias depois. Não ouvindo mais falar de seu marido, Sancha Rodrigues casou a filha mais velha Antonia Dias d'Arce com um gentil homem inglez Duarte Paim, commendador da Ordem de S. Jacques e filho de Thomas Elim Pain, que em tempos tinha vindo de Inglaterra na qualidade de Secretario de Philipa de Lencastre, mulher de D. João I.

Duarte Paim tentou entrar na posse da Capitania da Terceira; mas não mais feliz do que seu filho Diogo, que depois da morte de seu pae pretendeu fazer valer os seus direitos, elle não conseguiu nada, porque a carta original, outorgada a Jacome de Bruges não pôde ser vista; segundo alguns ella tinha sido roubada e queimada.

A Terceira estava assim sem Governador. Chegaram então á Ilha dois gentis homens que vinham da terra do Bacalhau que elles tinham ido descobrir com ordem do Rei de Portugal. Um chamava-se João Vaz Côrte Real (1) e outro Alvaro Martim Homem. As informações tomadas sobre a Ilha sorriram-lhes a ponto de, quando chegaram a Portugal, pedirem a concessão d'ella como recompensa dos serviços prestados. Esta Concessão foi-lhes outorgada pela Infanta D. Brites, viuva de D. Fernando, filho adoptivo de Henrique o Navegador.

Corte Real obteve a parte d'Angra, recalhando a Praia a Martim Homem. (2) Tal é o relato de Cordeiro em relação ao primeiro Capitão Donatario da Ilha Terceira.

Não é possível aceitar esta versão em todos os seus detalhes e nós vamos tentar, com auxilio d'alguns documentos, reduzi-la ao seu verdadeiro alcance.

Em primeiro lugar é pouco provavel que Fernão Dulmo tivesse feito um ensaio de colonisação na Terceira antes de Jacques de Bruges, isto é antes de 1450. Como é em geral o caso para as tradições, ha aqui uma confusão de factos e de pessoas que constitue um verdadeiro labyrintho. Uma carta de 3 de Março de 1486 que confirma uma convenção passada entre Fernão Dulmo e Alfonso do Estreito para a possessão das Ilhas a descobrir eventualmente por elles no Oceano Atlantico, mostra o primeiro estabelecido n'esta epocha, na Terceira, na qualidade de Capitão. (3) Este documento não torna por ventura muito fragil a parte da narra-

(1)—Apoiando-se n'esta passagem alguns historiadores portuguezes attribuiram uma descoberta precolombiana da America a João Vaz Corte Real. Veja-se: Fr. de Mende Trigo, Ensaio sobre os descobrimentos e commercio dos Portuguezes nas Terras Sptentrionaes. (Memoria da litteratura portugueza publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo VIII).

Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa, acerca da prioridade das descobertas feitas pelos portuguezes nas costas orientaes da America do Norte. (Annâes Maritimos e Coloniaes), Lisboa, 1841 pag. 209 e 423; Luciano Cordeiro de La part prise par les portugais dans la découverte de l'Amérique, 1877. Esta lenda foi refutada por Harrisse, Les Corte Real. Paris 1893 e Ernesto do Couto, os Corte Reaes-Partida Delgada, 1883.

(2)—Cordeiro, Historia Insulana Liv. VI cap. II.

(3)—Alguns documentos paginas 58.

tiva de Cordeiro pela qual Dulmo teria chegado á Ilha antes de 1450, por tanto 36 annos pelo menos mais cedo?

Quanto aos detalhes biographicos de Jacques de Bruges dados na Historia Insulana, vamos vêr as rectificações que pudemos fazer.

A carta de 1450 é geralmente encarada como falsa. Ella foi inscripta no registro do Tombo da Villa da Praia, não segundo o original, mas pela copia trazida pelos descendentes de Duarte Paim, que se desculparam dizendo que o original tinha sido queimado pela familia de Alvaro Martins Homem. (1)

O privilegio extraordinario assegurando a Capitania da Terceira mesmo á descendencia feminina do brugense é o principal argumento contra a authenticidade da Carta. Esta clausula é contraria á lei mental que, já applicada no reinado de D. João I, só foi promulgada em 1434 pelo rei D. Duarte.

Ella privava as mulheres do direito de successão nos dominios reaes e tinha por fim restituir as terras á corôa.

A excepção mencionada parece portanto estranha e não é sem razão que a suppuzessem fabricada na intenção de fazer valer as pretenções dos herdeiros femininos de Jacques de Bruges. Como conciliar portanto a authenticidade d'esta carta com o estabelecimento, de que vamos falar, d'Alvaro Martins Homem na parte d'Angra em 1471, isto é antes da morte de Jacques de Bruges, entrando na posse de toda a ilha depois do acto de 1450 e com o facto tão altamente importante que n'este mesmo anno de 1450 o primeiro donatario da Terceira tinha um filho legitimo de nome Gabriel de Bruges? (2)

Quem era este Jacques de Bruges? Que serviços tinha elle prestado ao Infante? Quando e por que circunstancias tinha elle deixado a sua patria para se vir estabelecer em Portugal? São outras tantas perguntas que a falta de esclarecimentos nos força a deixar sem resposta.

Em compensação nós temos alguns dados sobre a sua estada em Portugal e na Ilha Terceira, aonde elle tinha vindo estabelecer-se n'uma data incerta, provavelmente por volta do anno de 1450. Elle escolheu o lado da Praia; o de Angra foi colonisado nas proximidades de 1471 por Alvaro Martins Homem. As duas possessões não estavam perfeitamente delimitadas. Pouco tempo depois vem a morte de Jacques de Bruges em circunstancias que ficarão provavelmente um segredo para a Historia.

Em 1474 a infanta D. Brites diz que está ha muito tempo sem noticias de Jacques de Bruges; que a sua Esposa não pode fornecer informações sôbre o seu desaparecimento, e que ella decidiu-se então a dar a Capitania Donataria da Terceira a João Vaz Côrte Real em recompensa de serviços prestados a seu marido D. Fernando e a seu filho D. Diogo; (3) ella deu-lhe a escolha entre os lados da Praia e d'Angra. Corte Real escolheu esta ultima parte e por uma carta de 12 de feveiro de 1474 Martins Homem entrou na posse da primeira. (4) Em 1483 ella foi disputada a seu filho Antão Martins Homem por um tal Pero Gonçalves que se dizia filho de Jacome de Bruges. (5)

Gonçalves pretendeu que o flamengo tinha casado com sua mãe Ignez Gon-

(1) - Archivo dos Açores, Volume I paginas 33.

(2) - E' o que prova um documento do mez de Setenbro de 1542 donde um extracto foi publicado no Archivo dos Açores, Volume IV pag. 210.

Nós lemos ahi que Joos Dutra filho do flamengo do mesmo nome e segundo donatario do Fayal e do Pico tinha conhecido Isabel Pereira que durante quatro ou cinco annos tinha vivido n'um primeiro casamento com Gabriel de Bruges. Depois da morte de seu filho Jacques foi para a Flandres deixando Fernão (Diogo) de Teive para o substituir na Ilha mas elle não reapareceu depois no futuro.

(3) - A carta de concessão de dois d'abril de 1471 foi impressa por Drummond nos Annaes da Ilha Terceira t. I pag. 493 e no Archivo dos Açores vol. IV paginas 459. E' d'esta mesma carta que nós tiramos egualmente os esclarecimentos precedentes.

(4) - Impressa por Drummond obr. cit. paginas 490.

(5) - Seguiu-se um processo cuja sentença apresenta um grande interesse, mas chega-nos n'um estado imperfeito: Ver Archivo dos Açores, volume I, pag. 9 e annexos.

çaves na Cidade d'Orense, e que mais tarde os dois tinham vivido juntos na Cidade do Porto. (1)

Seu pae, disse elle, tinha obtido do Infante D. Henrique a Capitania da Praia e tinha morrido havia nove annos sem deixar testamento. Como seu herdeiro macho e legitimo, reivindicava a dita Capitania de que Antão Martins Homem estava injustamente investido. Este respondeu a estas allegações que Jacques de Bruges tinha morrido sem herdeiro macho e a titulo de prova evocou a partilha da Ilha Terceira entre seu Pae e Côrte Real pela Infanta D. Brites.

Pero Gonçalves incapaz d'apojar as suas pretensões foi denegado do seu pedido. A sentença parecia indicar que elle era o fructo d'uma união illegitima de Jacome de Bruges e d'Ignez Gonçalves.

Se se deve acreditar Soares de Sousa, os primeiros colonos da Terceira eram originarios das provincias portuguezas do Douro e Minho. «No emtanto, diz elle, os viajantes modernos julgam encontrar na população d'esta Ilha vestigios d'elementos flamengos. O que podem os prejuizos!» (2)

Seja como fôr é certo que outros flamengos, fóra de Jacome de Bruges, estabeleceram-se igualmente na Ilha Terceira. Assim a origem flamenga de Fernão Dulmo, (3) cujo projecto d'ir á descoberta das Sete-Cidades nós mencionamos já, parece-nos provavel.

Elle era o capitão das Quatro Ribeiras, (4) uma parte da Terceira, aonde uma ribeira se chama ainda Ribeira dos Flamengos, o que faz suppor a Drummond (5) que Dulmo se tinha lá fixado com alguns compatriotas.

O nome de Diogo Flamengo, um outro habitante da Terceira que nós encontramos já n'outra parte, (6) não é outra traducção que a de Diogo o Flamengo.

Seriam elles companheiros de Jacques de Bruges vindos aos Açores a convite d'este, ou tinham vindo de motu proprio procurar fortuna a Portugal? Não se sabe.

Um outro flamengo a quem os portuguezes attribuem uma parte consideravel na colonisação dos Açores, é chamado Guilherme Van der Haegen. Infelizmente a sua historia é igual á de Jacques de Bruges; é difficil desfiar a verdade nas numerosas tradições de que elle é o visado. Demos de novo a palavra ao auctor da Historia Insulana.

O primeiro colonizador de São Jorge era um gentilhomem flamengo, natural da cidade de Bruges e casado com Margarida Sabuya originaria da mesma Cidade. Elle era o neto de um Conde (7) e descendente dos Van der Haegen de Maestricht. Elle abandonou a sua patria porque queriam implical-o n'uma guerra injusta entre nações christãs e veio para Portugal, aonde a sua posição e a sua fortuna valeram-lhe a concessão d'uma das ilhas descobertas.

Elle mandou vir de Flandres dois navios carregados de gente, de operarios de diversas profissões e de provisões de todos os generos; e desembarcaram na Ilha deserta de S. Jorge.

Como o nome flamengo Van der Haegen significa em portuguez «uma matta de pequenas arvores ou arbustos», e que estes flamengos estavam em relações com portuguezes o dito Guilherme chamou-se desde então Guilherme da Silveira. Este no-

(1)—Alyes (Dom Henrique, o Infante, Porto 1894 pag.64) não chegou a achar quaesquer esclarecimentos sobre a estada de Jacome de Bruges na Cidade do Porto.

(2)—Archivo dos Açores vol. IV pag. 13.

Um dos viajantes que creu achar vestigios d'elle na Terceira é Simrèth, Eine Azorenfahrt von Insel zu Insel. (Globus, 1887, vol. 52 paginas 294).

(3)—Dulmo é provavelmente a traducção de Flamengo: Van den Olm.

(4)—E' o que prova uma peça de 18 de maio de 1478 publicada no Archivo dos Açores vol. XI paginas 338.

(5)—Drummond, obr. cit. Tomo I paginas 11.

(6)—N'um documento de 28 de fevereiro de 1486 publicado no Archivo dos Açores vol. VIII paginas 394.

(7)—E' evidentemente um erro; os principes não começaram a crear Condes senão em meados do seculo XV.

me foi usado pelos descendentes e pelos gentis homens da sua familia que tinham vindo com elle. E' esta a origem do muito nobre nome da familia dos Silveiras que ainda hoje se encontra n'estas ilhas.

Guilherme fundou na parte este da Ilha uma aldeia que se chamava «Villa do Topo». Ao principio tudo corria bem mas o flamengo não tinha contado com as torrentes que alevantaram a terra lavrada, e tornaram o logar improprio á agricultura.

Van der Haegen desilludido d'esta esperanza abandonou S. Jorge deixando lá a maior parte dos seus companheiros, e foi para o Fayal, (1) a convite de Joz de Utra que lhe tinha promettido dar um bocado da Ilha.

Os dois viveram lá com a sua gente, Joz de Utra como Capitão Donatario e Van-der-Haegen como principal colonizador. (2)

Quando o primeiro notou que o seu companheiro adquiria uma grande influencia entre os colonos, pela sua alta origem e pela sua vida christã, tornou-se invejoso e recusou executar as suas promessas sob pretexto que todas as terras disponiveis tinham sido concedidas.

Van der Haegen foi então estabelecer-se na Ilha Terceira aonde as suas terras produziram muito trigo e muito pastel que elle enviou para a Flandres. Depois voltou á patria. Durante a sua visita a Lisboa D. Maria de Vilhena cedeu-lhe as duas ilhas de Flôres e Corvo. De volta á Terceira Van-der-Haegen teve a infelicidade de perder, n'um incendio, a sua casa e os seus papeis e foi morar para as Flôres. Novas decepções lhe estavam reservadas. Nenhuma ilha dos Açores estava mais exposta a maiores alterações de temperatura e a ventos mais violentos. Apesar da fertilidade do solo, Van-der-Haegen parece não ter cultivado em 1480 muitos productos commerciaes. Elle fica sete annos nas Flôres mas vendo que não achava nem ganho nem proveito voltou com sua mulher á villa do Topo em S. Jorge, aonde tinha abordado na chegada aos Açores. Foi um grande proprietario predial e chegou a pagar sessenta moios (3) de dizima somente pelas suas produções de trigo.

Van der Haegen deixou depois da sua morte oito creanças, trez filhos e cinco filhas; os seus descendentes trazem ainda o nome honrado de Silveira. (4)

Aqui está como Guilherme Van der Haegen nos apparece envolto em lenda.

Poucas pessoas deixaram nas tradições populares tantos vestigios, mas como é difficil descobrir a verdade no meio de tantos exaggeros! E' possivel que a sua familia fosse originaria de Maestricht; o conhecimento de uma cidade insignificante para um açoreano seria difficil d'explicação n'um caso contrario. De resto, segundo uma communicação que nos foi feita com uma extrema bondade pelo Snr. Nuyts, os Van der Haegen era uma familia nobre de Maestricht cujos membros figuram frequentemente nos archivos da Cidade. (5)

A partida de Flandres para os Açores de navios carregados de gente não teria tido uma repercussão nos annaes da Historia Flamenga? Por outro lado será natural que Van der Haegen que tinha, aonde se estabeleceu, grossos interesses, se tivesse decidido a passar tão facilmente d'uma Ilha á outra?

Talvez não se deva vêr n'estas successivas mudanças senão um indicio da presença de descendentes do nosso compatriota na maior parte das ilhas do Archipelago.

Um facto parece certo. Assim como Jacques de Bruges, Guilherme Van-der-Haegen era um rico flamengo que emigrára para Portugal e contribuíra para a colonisação dos Açores.

1) Cordeiro, Historia Insulana, livro VII, cap. 6, pag. 427.

2)—Cordeiro, Historia Insulana Liv. VIII cap. 3 pag. 457.

(3)—Um moio contem 828 litros.

(4)—Cordeiro, Historia Insulana, liv. VIII cap. 4, pag. 400.

(5)—Alguns «Van der Haegen» figuram tambem nos archivos da Cidade de Bruges, mas em parte alguma se trata do estabelecimento nos Açores d'um membro d'esta familia.

CAPITULO II

Os Flamengos no Fayal

Se parece certo que o elemento flamengo se espalhou pela Terceira e por S. Jorge, pelo contrario, no Fayal elle foi um elemento preponderante que deu lugar a chamar-se á Ilha dos Flamengos.

«Depois que o Fayal, diz Cordeiro, foi parcialmente povoado por portuguezes da Terceira, de S. Jorge e da Graciosa o rei resolveu nomear um Capitão Donatario que pela sua posição e pela sua fortuna fosse em estado de colonisar toda a Ilha. A escolha do Monarcha recahiu n'um Senhor flamengo que se achava então na Córte de Lisbôa, Joz de Utra, e ao qual elle offerece em casamento uma dama d'honra Brites de Macedo, da velha e nobre familia dos Macedos. Segundo Barros, (1) Joz d'Utra era flamengo, originario da Cidade de Bruges no Condado de Flandres e senhor de muitas aldeias no dito Condado; á nova das descobertas feitas pelos portuguezes elle tinha vindo a Portugal trazido pelo desejo de ver terras e conhecer linguas, como todos os gentis homens distinctos e ricos d'essa epocha tinham costume de o fazer na sua juventude.

Desde que Joz de Utra obteve a sua carta de Donatario na mesma forma que as outorgadas aos Donatarios da Madeira e das outras Ilhas, elle deixou Lisbôa e dirigiu-se para a Patria aonde vendeu as suas terras. Elle embarcou outra vez com as suas riquezas e acompanhado de um grande numero de personagens, de parentes e colonos ordinarios, voltou a Lisbôa d'onde se foi estabelecer no Fayal com sua esposa». (2)

Taes são as informações dadas pelas chronicas portuguezas ao sujeito da colonisação do Fayal pelos Flamengos. Tentemos com o auxilio de alguns documentos curiosos e de relatos de Martim Behaim e de Valentim Fernandes Allemão fiscalisar a historia de Cordeiro.

Joz de Utra a (3)quem cabe a honra de colonisar a Ilha do Fayal era originario d'uma familia nobre do Franc de Bruges de que a primeira menção conhecida vae a meados do seculo XIV; em 1336 com effeito dois membros d'esta estirpe Louis et Barthélémy de Hurtere occuparam as funções de almotacé do Franc (4) que succederam a muitos dos seus descendentes. Bem que nós achassemos vestigios dos d'Hurtere nos nossos archivos até ao seculo XVI, no entanto o nome do primeiro Capitão Donatario do Fayal não se acha lá. E' graças a um doloroso acontecimento que nós possuímos diversos dados a seu respeito. Depois da sua morte, seu filho endereçou-se a parentes da Flandres para obter esclarecimentos sobre a familia, elles foram-lhe fornecidos por seu primo Diogo de Hurtere n'uma carta de 2 d'abril de 1527. Por este documento importantissimo para a genealogia dos Hurtere mas de que Maldonado não dá infelizmente mais que um extracto no seu manuscripto «Phenix Angrense», (5) Joz de Hurtere era filho de Léo de Hurtere bailio de Wynenda-

(1) — Apezar de todas as pesquisas, nós não podemos achar estes detalhes nas Decadas de Barros, nem na Chronica do Imperador Clarimundo.

(2) — Cordeiro liv. VIII cap. II.

(3) — Nós conservamos o nome de Hurtere que figura nos nossos archivos parallelamente á de Huertere, die Huertere. Seguem-se outras variantes do mesmo nome: de Hurtre, de Hurter, van Hurter, de Utre, van Huerta, Huter, Huerter, Hutter, Hultra, Dutra, d'Utra e Dultra. O artigo sobre Josse de Hurtere na Biographia nacional está desprovido de valor, o auctor não conheceu nenhum dos documentos de que vamos falar.

(4) — Priem, Documentos extrahidos dos depositados dos Archivos da Flandres accidental de Bruges 2.^a serie tomo VII Bruges 1850 paginas 47.

(5) — Veja-se Archivo dos Açores volume I paginas 162 e annexo 9.

E' pena que Maldonado que sem duvida viu o original da carta não tivesse dado uma copia inteira. A authenticidade d'esta peça é indiscutivel, porque nós encontramos n'ella varios Hurteres que figuram nos nossos archivos. O original estava redigido em flamengo ou em francez, é o que provam os erros da transcripção do nome das aldeias, assim Vuyvendal; por Wijnendale, Aghebrone por Haegenbrouc.

le e senhor de Haegenbrouc (1) e pae de uma filha e cinco filhos. O mais velho Barthélemy succedeu a seu pae; ficou celibatário e depois da sua morte a senhoria de Haegenbrouc passou a seu irmão Baldoíno; o filho d'este ultimo Diogo o auctor da carta prestou homenagem com ella a Philippe de Cléves em 18 de febreiro de 1492. Como seu irmão Barthélemy, Joz de Hurtere seguiu sem duvida a carreira das armas; esteve ao serviço do Duque Philippe de Borgonha até que deixou a sua Patria para ir colonisar as ilhas Fayal e Pico.

«As supraditas ilhas, ciz Behaim, foram habitadas no anno de 1466 (2) quando o rei de Portugal as deu depois de muita insistencia a sua irmã Isabel Duqueza de Borgonha.

Esta Princeza era a filha do fallecido Rei de Portugal, João, e por conseguinte a tia e não a irmã de Affonso V como pretende Behaim. Em 1428 ella foi pedida em casamento por Philippe, Duque de Borgonha que enviou n'esta occasião a Portugal uma numerosa embaixada de que fez parte o celebre Jean Van Eyck, «creado do dito meu Senhor de Borgonha e excellente mestre d'arte de pintura». (3) O casamento foi celebrado em Bruges no começo do anno de 1430 e reaçado por festas esplendidas. A apparencia de verdade que o relato de Behaim imprime aos laços que uniam o nosso paiz a Portugal, desvanece á simples approximação das datas. Em 1460 Henrique o Navegador cedeu os Açores a seu sobrinho o rei Affonso V que os deu por sua vez ao Infante D. Fernando. Estas ilhas não podiam por conseguinte pertencer á Duqueza de Borgonha e não ha excepção possivel para o Fayal e Pico que eram claramente mencionadas na Carta de Concessão, como nós vimos a proposito na Carta de Christofalo Soligo. Estas duas pertenciam em 1466 ao infante D. Fernando e elle somente tinha o direito de as passar a outros. Elle fello com effeito, como resulta de uma petição endereçada ao rei em 1571 por Jeronymo Dutra Corte Real, para reclamar a capitania do Fayal e Pico, petição na qual elle affirmava que seu ascendente Joz Dutra tinha deixado a Flandres a instancias de D. Fernando e tinha vindo colonisar as duas ilhas acompanhado d'um grande numero d'amigos e parentes, de suas mulheres e de seus filhos. (4)

Nós cremos em todo o caso que o testemunho de Martim Behaim e de Valentim Fernandes, (5) permite suppor que a duqueza de Borgonha exerceu a sua parte d'influencia na colonisação do Fayal e não nos surprehendia se ella tivesse tomado ella mesmo a iniciativa a convite de D. Fernando. E' graças a ella sem duvida que Jorge d'Hurtere foi Capitão Donatario do Fayal e n'este sentido Behaim podia dizer de seu sogro que «esta ilha tinha-lhe sido dada para elle e para a sua posteridade pela referida Duqueza de Borgonha».

Este convite dos portuguezes a um povo estrangeiro e principalmente aos Flamengos para colonisar uma das suas possessões pode parecer singular mas está explicado por difficuldades que acompanharam a valorisação das terras novamente descobertas, pelas relações commerciaes, que existiram entre as nossas provincias e Portugal e enfim pela intervenção d'Isabel de Borgonha.

Behaim e Valentim não estão d'accordo sobre o nome dos Flamengos que tinham vindo estabelecer-se nos Açores. Emquanto que o primeiro estima-o na quantidade exaggerada de 2000, o segundo pretende que Joz d'Hurtere deixou Bruges com 15 artifices sómente.

E' bom lembrar-nos que os numeros dados pelos chronistas da idade media

(1) — Haegenbrouc e Wynendale são duas aldeias da Flandres Occidental.

(2) — Em 1464 segundo Valentim Fernandes Allemão.

(3) — E' assim que se chama o chronista contemporaneo que nos deixou uma relação d'esta embaixada publicada por Gaehard, collecção de documentos ineditos respeitantes á Historia da Belgica, Tomo II, Bruxellas, 1874, pag. 68.

(4) — O documento foi publicado no Archivio dos Açores vol III pag. 409.

(5) — Sobre a tolha desprendida d'este ultimo anexo 5 (veja-se Archivio dos Açores vol. I pag. 5) a influencia d'Isabel é substituida por a d'um irmão menor de nome Pedro, confessor da rainha de Portugal, queveiu para a Flandres na qualidade d'embaixador. Elle foi provavelmente o intermediario entre Isabel e Joz de Hurtere.

são sempre subjectivos, sem qualidade alguma de estatística por base; por isso a critica historica liga-lhes uma importancia secundaria.

«Em 1490, continua Behaim, havia ainda (no Fayal) muitos milhares de pessoas tanto allemães como flamengos que tinham desembarcado com o nobre e piedoso cavalleiro Joz Van Hurtere, Senhor de Moerkerke (1) em Flandres, meu caro sogro».

E' permitido rebater um pouco este numero e nós inclinamo-nos de preferencia para a estimação de Jeronymo Munzer (2) que avalia em 1500 habitantes a população total do Fayal e do Pico nas proximidades do anno de 1490. Este esclarecimento encerra tanto valor que o auctor o tinha provavelmente da bocca de Joz de Hurtere elle mesmo.

Demais a partida de 2000 emigrantes flamengos parece incrível e difficil de conciliar com o silencio dos nossos archivos e das nossas chronicas sobretudo n'essa epocha.

A chronica de Romboudt de Doppere que nós mencionámos acima apresenta a emigração dos nossos compatriotas sob uma claridade nova. Eis aqui a unica phase que relata o facto: «Hierteri progenies Brugensis coepit colere quadam insulam, dictam Ille de Madere, quam vocabant novam Flandriam; inde vitum miserunt Brugas unde antea nullum venerat. Insula saccari optimi erat feracissima et aliarum rerum». (3)

Como nós estamos longe da quantia de 2000 homens affirmados por Behaim! Como não se trata em Romboudt senão d'uma familia «os de Hurtere», é—se tentado a achar mais exactos os dados de Valentim Fernandes e a suppor em todo o caso pouco elevado o numero d'emigrantes que aborðaram ao Fayal. Ainda que custe ao nosso amor proprio nacional é preciso admitir que o elemento flamengo não era portanto, tão importante nos Acores como até agora foi supposto e n'estas condições é quasi superfluo procurar a causa de flamengos emigrarem nas proximidades do fim do seculo XV. «Havia então na Flandres, diz Behaim, uma grande guerra e uma extrema miseria», e por estas palavras vagas de cosmographo indica que é na situação economica da Flandres que se devia procurar a resposta d'esta questão. Esta situação estava longe de ser brilhante e ella pode explicar uma emigração, mesmo restricta. Não se encontra mais nas nossas provincias a

(1)—Nos documentos que tratam da familia dos de Hurtere não se fala d'esta aldeia da Flandres Occidental. Teria Joz de Hurtere obtido pessoalmente o titulo de senhor de Moerkerke? É provavel.

(2)—Jeronymo Munzer (1508) foi medico em Nuremberg, desde o anno de 1478.

Elle deixava pela primeira vez esta cidade em 1484 para fugir a peste e dez annos mais tarde esse mesmo flagello deu lugar a este estranho medico a fazer uma viagem a Hespanha e Portugal. Em fins de Novembro de 1492 chegou a Lisboa aonde recebeu um acolhimento hospitaleiro na casa de Joz de Hurtere. Fez conhecido ao com Martim de Behaim que o encarregou d'uma carta para seu sobrinho Miguel Behaim em Nuremberg. Deixou Lisboa a 2 de Dezembro do mesmo anno e em março de 1495 chegou a Flandres, cuja decadencia elle deplorava a 15 d'Abril elle escreve de volta em Nuremberg. Munzer descreve a sua viagem no itinerarium sive peregrinatio excellentissimam viam ad hunc a utriusque medicinae doctoris Hieronymi monetarii de Feltkirchen civis Nurembergensis. Este itinerario acha-se n'um manuscrito de Hartman Schedel conservado na Hofr. med. Staatsbibl. (Bibl. de Munich) (cod. Lat. 434) e comprehende um anexo cujo titulo é: «De inventione Africae maritima et occidentalis videlicet Guineae per fratrem Henricum Portugallite. E' um relato das pimentas, esboberias portuguezas, cuja fonte principal é a chronica de Diogo Gomes, que se encontra elle foi remetida por Martim de Behaim. O leitor achará estes esclarecimentos sobre os Acores no anexo».

Veja-se Kunstmann, Hieronymo Munzer's Bericht über die Entdeckung Guineas (Abh. der dritten Kl. der Kön. Bayer. Akad. der Wissenschaften, Bd. VI, Abth. II, München, 1854).

(3)—Os descendentes do Brugense «de Hurtere» começaram a cultivar uma ilha do nome de Madeira, á qual deram o nome de Nova Flandres; elles foram os primeiros a exportar para Bruges vinho d'esta ilha, que produz tambem excellente assucar e outros productos. «Veja-se Fragmentis incitis de Romboudt de Doppere. (Chronica brugense de 1491 a 1498) ed. H. Dasart, Bruges 1892. Esta-se a ver que se trata do Fayal e não da Madeira. O facto passa-se no anno de 1491 provavelmente por occasião da chegada de vinho do Fayal a Bruges. Em 1494 os «De Hurtere» estavam estabelecidos havia trinta annos pouco mais ou menos na «Nova Flandres»; não é portanto á sua partida que o chronista pode fazer allusão n'esta passagem.

prosperidade e a riqueza do seculo XIV; o commercio empobrece e a decadencia é completa. Durante e depois, as luctas intestinas que marcaram o fim do seculo XIV, o elemento revolucionario da classe operaria foi banido ou emigrou para a Inglaterra.

Desde então este paiz enviou para a Flandres, não sómente a sua lã, mas tambem as suas fazendas e (1) fez assim aos tecelões flamengos uma concorrência ruinosa. A politica inhábil dos Duques de Borgonha veio romper mais d'uma vez entre as nossas provincias e a Inglaterra as relações commerciaes, que tinham sido sempre das mais amigaveis. As exações dos funcionários, os perigos do mar do Norte infestado de piratas e o arciamento do Zwin que começa no fim do seculo XIV, afastam das costas flamengas os mercadores da hãnsa teutonica ou «os Hosterlings», como elles eram chamados então. A ruina do commercio precipita-se enquanto que os impostos, applicados por um governo atarefado só augmentam e empobrecem a população.

O numero dos vadios augmentando de dia para dia e recahindo á mercê da beneficência publica, os mendigos acabam por ser os pensionistas das Cidades e apparecem como taes nas contas. Em 1431 o preço do trigo sobe d'uma maneira inquietadora e enarece ainda depois dos hiversos rigorosos de 1434 e 35 e 36, um grande numero de pessoas morreram d'inanição. Para cumulo d'infelicidade uma doença pesillenta vem dizimar a população em 1438.

Bruges perde a quinta parte dos seus habitantes; perto de 7000 pessoas morrem em Ypres no espaço de nove mezes e em Gand a mortalidade não é menor. No foco d'esta desolação o povo revolta-se e não percebe que augmenta as suas desgraças em lugar de as diminuir. Cassel, Grammont, Gand et Bruges são innumeras vezes theatros de sangrentos dramas, prova evidente da miseria que reinava nas classes operarias. Das trez grandes cidades da Flandres nenhuma foge á decadencia. Ypres já não tem importancia na primeira metade do seculo XIV; a lucta deploravel dos gandezes contra o duque Philippe de Borgonha, arruina a Cidade. Bruges a que chamavam a Veneza do Norte não possui mais o antigo esplendor. O desastre da potencia economica da Flandres é notavel e cada um procura fugir á responsabilidade. O Duque de Borgonha atira com a responsabilidade sobre os almoxarés das grandes Cidades que se oppõem á execução do seu principio politico: a centralisação do poder. Os magistrados communaes pelo seu lado attribuem a desgraça geral aos impostos sempre crescentes. Ambos tinham razão. A hora tinha soado em que Soberano e Cidades tinham por dever unir os seus esforços para parar a decadencia. Infelizmente ninguem o queria comprehender e cada um se esforcava por minar o poder do outro. (2)

Em face de tanto infortunio uma emigração por pequena que fosse explica-se facilmente e nada ha de surpreendente em ver os nossos compatriotas se estabelecerem nos Açores de preferencia a outro lugar. Estas Ilhas estão situadas sob um clima dos mais favoraveis e possuem um solo fértil; por isso a Duqueza de Borgonha não teria hesitado em fazer realçar todas estas superioridades aos olhos dos flamengos desejosos d'ir buscar uma existencia menos precaria n'uma nova Patria.

Voltemos a Joz de Hartere.

Ainda que alguns colonos portuguezes se tivessem já estabelecido no Fayal antes da chegada dos flamengos (3) os nossos compatriotas podem em todo o caso ser considerados como os verdadeiros colonisadores da Ilha, e é com verdadeira razão que Behaim lhe dá no seu globo, o nome de «Neu Flandern» ou Nova Flan-

(1) Vêta Fms. 84a, van lea economis-chen Foestand van Vlaanderen in het midden der 15 de eeuw, Geet. 1900, pag. 17. Encontra-se neste trabalho um excellent quadro do estado economico da lã nos meados do seculo XV.

(2) Fms. ob. cit., pag. 137.

(3) É o que nós cremos poder concluir do facto do Infante D. Henrique ter feito ali construir uma igreja antes do anno de 1400.

dres. (1) O cosmographo de Nurembergue não diz nada sobre a situação aparentemente pouco brilhante da joven colonia; segundo Valentim mesmo, os flamengos, desalentados, não quiseram nada menos do que matar o seu capitão.

Este refugiou-se em Portugal aonde o rei para recompensar o seu zelo deu-lhe em casamento uma joven da casa do infante D. Fernando chamada Brites (2) de Macedo. Elle voltou em seguida ao Fayal e, graças a uma administração habil, conseguiu trazer o bem estar na nova colonia. O resto da sua vida não apresenta provavelmente grande interesse porque a historia não fala. Elle morreu pelo anno de 1495 (3) deixando muitas creanças.

O seu filho primogenito Josse d'Hurtère, em portuguez «Joz de Hutra» recebeu o encargo de capitão donatario. (4) Esposou Izabel, filha de João Vaz Côrte Real o successor de Jacome de Bruges e presidiu aos destinos do Fayal e Pico durante o longo espaço de 54 annos. Por occasião da sua morte que chegou em 1549, a capitania donataria passou a seu filho Manuel de Hutra Côrte Real. Seu neto Jeronymo foi o ultimo Hutra que governou Fayal e Pico. Esta familia tem numerosos descendentes em todas as Ilhas. «E' provavelmente pela sua modesta posição, diz o Senhor Dr. Ernesto do Canto, que elles devem a sua perpetuidade até ao tempo presente». (5)

Companheiros flamengos do primeiro colonizador do Fayal a historia só cita Guilherme Bersmacher, (6) Tristão Vernes, antigo habitante da cidade de Bruges, (7) N. . . Afonso, «mestre d'um navio», (8) António Brum (9) e Joz da Terra. (10) Segundo Valentim Fernandes a lingua flamenga tinha já desaparecido no Fayal na epocha em que elle escrevia a sua historia, isto é nas proximidades do ano de 1507.

Os nossos compatriotas perderam portanto no fim d'uns quarenta annos os seus caracteres nacionaes que só a emigração successiva de familias flamengas teria podido salvar, (11) e adoptaram os habitos e os costumes dos açoreanos portuguezes. Não provará isto que a maior parte d'elles foram celibatários e contractaram casamentos nos Açores ou em Portugal ou que o elemento flamengo foi absorvido pelo jorro da emigração portugueza?

A ilha era muito fertil e «é por isso, diz Behaim, que cada anno muita gente vem ainda alli buscar a subsistencia». Seria temerario dizer que não resta mais vestigio do elemento flamengo na população do Fayal; um estudo local poderá unicamente estudar esta questão. O neerlandez João Huyghen Van Linschoten que visitou a ilha do Fayal em 1582 deu-nos do Archipelago dos Açores a seguinte descripção: «Men heet ze ook de Vlaemsche eilanden, te weten van onze Nederlanders om dieswille dat in het eiland van Fayael, hebben die eerste inwoonders geweest Neerlanders, waer van noch heden daeghs een groote afcomst en gheslacht ghebleven is, die alle in't wesen ende personen ende van haor Neerlanders

(1) A ilha do Pico é igualmente comprehendida na denominação d'Ilhas Flamengas, provavelmente porque Joz de Hurtere era capitão donatario das 2 ilhas do Fayal e Pico e não porque flamengos estivessem estabelecidos nesta ultima ilha.

(2) Valentim engana-se quando lhe dá o nome de Isabel.

(3) Assim como resulta do testamento de sua viuva Brites de Macedo de 24 d'Abri! de 1527. Está ali dito que Joz de Hurtere tinha morrido havia 33 annos antes. (Archivo dos Açores I paginas 164).

(4) A carta de concessão é de 31 de Maio de 1509; ella foi confirmada por João II aos 22 d'outubro de 1528. Veja-se «Arch. dos Açores I» pag. 159.

(5) «Arch. dos Açores I» pag. 157.

(6) Citado por Valentim Fernandes.

(7) Testamento de Brites de Macedo (Arch. dos Açores, pag. 167).

(8) Ibidem pag. 167.

(9) Cordeiro, Historia Insulana, Liv. VIII cap. 5 pag. 463.

(10) Cordeiro, Ibidem.

(11) Ora esta não teve logar porque uma segunda partida dos nossos compatriotas para as Ilhas Flamengas não está mencionada em parte alguma.

ghelijck zijn ende daer is noch in't zelfde eylandt een duerloopinghe van een water oft Beecke 1 dat up een gheberchtr comtende alsoo gelijck een rivierken oft bie in de zee loopt daer dese gheslachte ende acoimste noch habiteren ende wordt geheeten Aribera dos Framengos, dat is die Vlaemsche Beecke ofte becke van de Vlaminghen». (1)

A ribeira dos Flamengos e a aldeia pictoresca dos Flamengos recordam ainda a lembrança dos nossos compatriotas no Fayal.

Davesac descreve assim esses logares.

«A parte mais cultivada da Ilha é a que está visinha da capital—Horta; alli se estende o bello valle dos flamengos ao qual se chega subindo o leito d'uma torrente que atravessa a parte occidental da Cidade; as margens são deliciosas e mudam constantemente de aspecto; perto d'uma meia milha de distancia o valle parece fechado por uma barreira de rochedos do alto dos quaes a agua precipita-se em cascata. Depois de se ter subido bastante tempo na mesma direcção, atravez dos sitios sempre agradavelmente variados, chega-se enfim ao sitio do primeiro estabelecimento dos flamengos; a uma certa distancia a vista já se acha deslumbrada do aspecto que traz de qualquer maneira a impressão da industria do homem e da fecundidade do solo offerecendo um character differente de todo o resto do campo e parecendo mais uma paisagem suissa do que um local açoreano. E' uma vasta, rica e fertil planicie, na qual se acham dispersadas lindas casas brancas resplandecentes aos raios do sol. Os habitantes mostram ainda, na sua belleza physica, vestigios da sua origem flamenga. Elles conservam os costumes assim como os restos da lingua dos seus antepassados; (2) elles herdaram ainda uma parte da sua industria e o seu valle conservou-se sempre de geração em geração n'um estado de cultura aperfeiçoada tão bem que a terra dá hoje colheitas em que a abundancia espantaria os nossos lavradores os mais experientes». (3)

CAPITULO III

Origens da denominação d'Illhas Flamengas e da lenda d'uma supposta descoberta dos Açores pelos Flamengos

Donde vem a denominação de Ilhas Flamengas que se encontra applicada aos Açores desde fins do seculo XV? E' preciso procurar a origem na colonização realisada pelos Flamengos d'uma parte do archipelago açoreano e não na pretendida descoberta da Terceira por Jacome de Bruges e no Fayal por Joz de Hurtere.

O nome d'Illhas Flamengas apparece pela primeira vez n'uma carta enviada em 1494 por Martim Behaim a Nurembergue. (4) O cosmographo indica o seu endereço n'estes termos: «Martino Bohemo Miliiti in Ulisbona alemano, regni Portugaliae, genero capitarii Insularum azores Faial et Pico et «Insularum flemengorum ubi ubi sit».

Esta denominação espalhou-se pouco depois da colonização do Fayal e do Pico e estendeu-se muito depressa ao grupo inteiro dos Açores.

O Globo de Behaim no qual nós vemos figurar a denominação de «Neu Flan-derm» só apparece relativamente tarde nas cartas e tratados de geographia. (5) Foi em 1569 que nós o encontramos pela primeira vez a celebre carta de Mercator:

(1) Jan Huyghen von Linschoten, Reyseghe-schrift van de navigatien der Portugaloyers in Orienten, enz. Amsterdam, 1595, pag. 142.

(2) Segundo Baudet (obr. cit. pag. 70) isto é um erro.

(3) D'Azurara, Ilhas d'Africa, pag. 66.

(4) Esta carta foi publicada por De Murr ob. cit. trad. Jansen, pag. 114

(5) Nós consultamos em vão os differentes tratados de geographia que appareceram no começo do seculo XVI, quer na Allemanha quer nos Paizes Baixos, entre outros: Schöner, Luculentissima quaedam terrae totius descriptio, Nuremberg, 1515; Idem, De nuper sub Castiliae et Portugaliae regibus serinissimis reperitis insulis ac Regionibus Johannis Schoener Charópolitani epistola et globus geograficus, Timiripae, 1523; Idem, Opusculum Geograficum, Nuremberg, 1533. P. Apian, Typus orbis universalis juxta Ptolomei cosmographi traditionem et Americi Vespuccii aliorumque lustrationes a Petro Apiano Leysnico fluctibrata, 1520; Idem, Cosmographicus liber Petri Apiani, Landshut, 1524; J. Hon-

Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium emendate accommodata. Em presença do silencio dos historiadores e dos cosmographos faz-se a interrogativa de como o celebre geographo teve conhecimento das «Insulae Flandricae?» A resposta encontra-se nas relações commerciaes existentes entre as nossas provincias e Portugal com as suas dependencias. (1)

Estas relações ao principio estranhas a toda a ideia de trafico, penetraram logo bastante na historia dos dois paizes. Affonso Henriques, que o povo tinha creado rei depois da batalha d'Ourique ganha sobre os mouros em 25 de Junho de 1139, foi pôr cerco a Lisboa em 1147; a 28 de maio do mesmo anno o porto foi visitado por uma frota de cruzados flamengos, allemães e inglezes commandados por Arnold d'Aerschot. A instancias do rei estes homens d'armas vindos do norte juntaram-se ás suas tropas e a 23 d'outubro a cidade foi tomada d'assalto; a maior parte dos guerreiros de Flandres receberam em recompensa da sua coragem concessões de terras que os fixaram em Portugal. E' a primeira vez que os flamengos occupam uma pagina brilhante nos annaes portuguezes e é d'esta epocha memoravel que datam tambem as relações entre os dois paizes. (2) Mais d'uma vez os nossos principes tomaram por esposas princezas portuguezas (3) e nós vemos mesmo um infante Fernando de Portugal tornar-se conde de Flandres com o seu casamento com Joanna de Constantinopla.

Estas uniões principeseas não tardaram a dar um vivo impulso ás relações commerciaes, que vinham da tomada de Lisboa. A Flandres e Portugal tinham um bom numero de productos necessarios ás suas necessidades reciprocas.

Assim os mercadores portuguezes vendiam ao mercado de Bruges, mel, cera, pelles, trigo, banhas, azeites, fructas, assucar, ferro, alumen, algodão, drogas, lã, vinho; emquanto que a industria flamenga dava a Portugal, fazendas, tapetes, moveis, cavallos, e madeira de castanho. (4)

O nosso commercio com Portugal não tardou a estender-se ás suas colonias, desde que estas tinham tomado uma grande extensão. As relações entre os flamengos e os Açores foram mais d'uma vez evocadas deante dos tribunaes consulares e mesmo deante da jurisdicção civil, como sendo muito extensas e «grandemente motoras da prosperidade commercial de Bruges e das outras cidades maritimas flamengas». (5)

Pelo fim do seculo XV Bruges está em plena decadencia e os mercadores estrangeiros vão estabelecem-se em Anvers, que vem assim a ser o centro das nossas relações commerciaes com Portugal. E' graças ao trafico que a lembrança d'u-

terus, Rudimentorum cosmographicorum libri tres Antverpia, 1560; Terrentinus, Elucidarius poeticus, Antverpiae, 1527; Seb. Münster, Cosmographia universalis, Basiliae, 1550. Franciscus Monachus, Epistola ad archiepiscopum Panormitanum, apud L. Gallois, De Orontio Finaeo Gallico geographo, Parisiis, 1590. Todas estas obras assim como os nossos archivos não mencionam as Ilhas Flamengas. Os Açores apparecem pela primeira vez nos Archivos de Bruges em 1590, mas já em 1490, é questio dos «Portugaloyse eylanden» que designam sem duvida as Ilhas da Madeira e Açores.

(1) Poderia-se objectar que Mercator estava estabelecido em Dnysbourg, desde 1554. E' comtudo possivel que o geographo tivesse conhecimento da designação de Ilhas Flamengas, dada aos Açores antes da sua partida para a Allemanha e talvez durante a sua estada em Anvers.

(2) Mais tarde os nossos compatriotas auxiliaram os Portuguezes a conquistar aos mouros as cidades de Silves (1189) e Alcaer do Sal (1217).

(3) Em 1184 Philippe d'Alsacia casou em segundas nupcias com a infanta Mathilde, filha de Affonso I, rei de Portugal e em 1430 Philippe de Borgonha unia-se a Izabel de Portugal, filha do rei D. João I.

(4) Em. Van Den Busche ob. cit. N'este importante trabalho acha-se um grande numero de detalhes interessantes sobre as relações commerciaes entre a Flandres e Portugal. Pode-se consultar ainda: De Reiffenberg, Golpe de vista sobre as relações que existiram entre a Belgica e Portugal. (Nouv. mém. de l'Acad. royale des Sc. et des Belles-lettres de Bruxelles, 1841). Varenberg Les Relations des Pays-Bas avec le Portugal d'après un écrivain du 17.^e siècle (Annales de l'Acad. d'archéol. de Belg., 1869, t. XXV).

Godin, Princes et Princesses de la famille royale de Portugal, ayant régné sur la Flandre. Rapports entre la Flandre et les Portugais. Lisbonne, 1892. Donnet. Les Anversois aux Canaries (Bull. de la soc. roy. de géogr. d'Anvers, vol. 49, pag. 276).

(5) Em. Vanden Bussche ob. cit. (La Flandre, T. V pag. 304.)

ma colonisação do Fayal pelos flamengos não cahiu em esquecimento; e é mesmo provavel que os descendentes dos nossos compatriotas fizessem valer mais d'uma vez a origem flamenga.

Em Portugal o nome d'Illhas Flamengas dado a todo o grupo era tão conhecido como o de Açores; em meiaados do seculo XVI espalha-se pelo norte da Europa como o testemunha o planispherio de 1569 de Mercator, mas parece ignorado dos cartographos dos paizes meridionaes do nosso continente.

Cousa curiosa, n'esta mesma carta mercatoriana, nós notamos N. N. O. de S. Miguel na latitude de Brest uma outra ilha trazendo o nome de «Vlaenderen» que nunca existiu e que deve ser classificada entre as illhas phantasticas tão numerosas n'essa epocha. (1)

No entanto não seria possível reconhecer-se n'esta Ilha a «Neu Flandern» ou Nova Flandres do globo de Behaim?

Mercator não dá em parte nenhuma dados historicos sobre as Ilhas Flamengas e no seu «Atlas Sive cosmographicae meditationes de fabrica mundi et fabricati figure 1595», as Insulae Flandricae não apparecem mesmo mais e são substituidas pela denominação de «Las Açores». (2)

Mais preciosos são os dados que nós achamos n'um outro geographo que foi o amigo do exilado de Duisbourg e de que a Belgica se honra, Abraham Ortelius.

A primeira edição do seu Theatrum Orbis terrarum appareceu em Anvers em 1570. Ainda que Ortelius citê entre estas fontes a carta de Mercator de 1569 ad usum navigantium, elle menciona os Açores com os nomes portuguezes sem falar em Ilhas Flamengas. Nos annos seguintes apparecem, apenas retocadas, um grande numero de edições latinas e de traducções em varias linguas.

Mas em 1595 o Theatrum recebeu numerosos additamentos entre os quaes um capitulo sobre os Açores particularmente importante para a pretendida descoberta d'estas Ilhas pelos Flamengos. Nós lemos alli: «Nostrates (Açores) de Vlaemsche eylanden vocant, quasi Flandricas insulas, quod ab iis, Brugensibus mercatoribus nempe, primum detectas creditur. Nihil in iis id temporis praeter arbores (inter quas plurima cedrus) silvasque et varia altituum genera, inventum perhibent, cosque ibidem colonos misisse, et cultas reddidisse. Postea sub Lusitanorum imperio se dedidisse, cui hactenus parent. Inventas circa millesimum quadragesimum quintum (1445), refert Ludovicus Marmolius fol. 48». (3)

Mais longe sob o titulo de «Fayala» Ortelius conta ter sabido d'um portuguez de boa fé que os descendentes dos primeiros colonos Flamengos taes como os de Bruyn, os de Utrecht (4) continuavam a viver n'esta Ilha.

E' portanto no Theatro que nós achamos a primeira menção d'uma descoberta dos Açores por flamengos ou mercadores brugenses. A lenda não é o facto d'Ortelius que não faz mais que registar um rumor popular como parecem provar as palavras «nostrates vocant» — «creditur».

A origem d'esta lenda não encerra contudo nada d'extraordinario. As circumstancias que acompanharam a descoberta do archipelago açoreano eram desconhecidas no seculo XVI; a carta de Valsequa não teve influencia alguma sobre a historia e o relato de Diogo Gomes ficou igualmente no esquecimento. D'esta falta absoluta de informações historicas nasceram uma quantidade de fabulas e de hypotheses erradas e a denominação d'Illhas Flamengas dada aos Açores acabou por ser interpretada no sentido d'uma descoberta pelos nossos compatriotas. Esta

(1) Esta ilha apparece igualmente no Atlas de Mercator de 1595 e em numerosas edições do Theatrum orbis terrarum d'Ortelius.

(2) Algumas edições posteriores d'este Atlas dão contudo «Açores insulae alias Flandricae». Nós cremos inutil de mencionar aqui todas as cartas e todos os globos que, sob a influencia de Mercator e d'Ortelius, retomaram esta denominação.

(3) Ortelius, Theatrum Orbis Terrarum, Anvers, 1595, fol. 15, 4.º. A obra de Marmolius, de que Ortelius fez aqui, é a «Principia parte de la descripcion de Africa, Grenade, 1573».

(4) Utrecht não é mais que uma detorção de Utra.

opinião vulgarizou-se graças á influencia exercida por Ortelius sobre os geographos posteriores; pode-se dizer que nos seculos seguintes ella foi geral. O italiano Ricciolus (1) e o hespanhol Mosquera (2) admittiram-na, e ella fez mesmo a sua applicação nos Açores.

Com effeito em 1775 J. R. Forster soube no Fayal d'um padre portuguez, que parecia muito esclarecido e de grande senso, os seguintes detalhes :

“Os Açores foram descobertos pela primeira vez em 1439 por navios flamengos; muitas familias dos Paizes Baixos estabeleceram-se na Ilha do Fayal e uma das parochias tem o nome de Flamengos; é por isto que alguns dos antigos geographos chamaram-nas Ilhas Flamengas”. (3)

Em breve a lenda se desenvolve; (4) um certo Josué Van den Berg toma o lugar dos mercadores brugenses, e fica o primeiro navegador dos Paizes Baixos.

E' o inglez William Guthrie que menciona ou para melhor dizer inventa este detalhe. “Os Açores, diz elle, foram descobertos nos meados do seculo XV por Josué Van den Berg, Mercador de Bruges na Flandres que n'uma viagem a Lisboa foi transportado pela tempestadea estas ilhas inhabitadas. Elle chamou-as as Ilhas Flamengas. Na chegada a Lisboa vangloriou-se d'esta descoberta e os portuguezes tomaram em seguida a posse. Ellas ainda pertencem a Portugal e receberam o nome collectivo de Açores por causa do grande numero de falcões e açores que se acharam nas paragens”. (5)

Inutil de dizer, que este relato é desprovido de qualquer valor. Guthrie (1708-1770)—era um compilador que se importava pouco com a verdade historica; elle estava ao serviço do governo, dos livreiros e de quem quer que fosse que quizesse comprar os seus serviços. Elle chegou mesmo a por o nome no fim d'uma quantidade de compilações de todos os generos; foi assim que, por exemplo, a sua grammatica geographica, historica e commercial foi attribuida ao livreiro Knox. (6)

Seja quem fór o auctor da passagem supracitada, a falsidade dos factos allegados é manifesta. A fonte parece ter sido o relato d'Ortelius um pouco alterado.

Um ponto fica a explicar é o nome de Josué Van den Berg que o auctor muito difficilmente inventaria. “Não é impossivel, diz Baudet, que Josué Van den Berg fosse formado do pronome de Josse Van Hurtere e do nome de Jacques de Bruges, com uma leve deformação de Josse em Josué e de Van Bruges em Van den Berg. (7)

Esta explicação não é plausivel porque se o auctor da obra mencionada tivesse conhecido o nome d'estes dois personagens teria provavelmente attribuido a descoberta dos Açores a um dos dois.

Donde vem então o nome de Jossué van den Berg? Não encontramos o menor indicio a este respeito.

Em. Van den Bussche esforçou-se em vão por identificar este personagem.

“Quanto a nós, demo-nos a incommodos infinitos para achar nos archivos do Estado em Bruges vestigios d'um van den Berg de Bruges, e navegador; nós não encontramos nada e duvidamos que alguém seja mais afortunado nas

(1) Ricciolus, *Geographiae et hydrographiae reformatae libri XII*. Bononiae, 1661, pag. 93.

(2) Mosquera, *Comentario em breve compendio de disciplina militar*, en que se escreve la jornada de las islas de los Açores. Madrid, 1696, tol. 98 ro.

(3) *Voayge dans l'hemisphere austral et autour du monde, fait sur les vaisseaux du roi, l'Aventure et la Résolution en 1772, 1773, 1774 et 1775*. Ecrit par J. Cook, dans lequel on a inséré la Relation du capitaine Furneaux et celle de M. M. Forster, Traduzido do inglez. Paris, 1788, pag. 198.

(4) Ella confunde-se tambem com uma outra tabula; é assim que foi attribuida a flamengos a descoberta da pretendida estatua equestre da Ilha do Corvo. Veja-se *East Indian Pilot*. 1792, citada por Voisin, *Notice sur la découverte et la colonisation des Iles Flamandes* (Bol. de L'Ac. des Sc. et B.-L. de Bruxelles, t. VI, 2.^a p., 1839, pag. 188).

(5) Guthrie, *A new system of modern geography or a geographical, historical and commercial grammar and present state of the several kingdoms of the world*, London, edição de 1795 pag. 862.

(6) Veja-se artigo “Guthrie” na *biographia universal de Michaud*.

(7) Baudet, *ob. cit.* pag. 169 nota 227.

suas investigações. D'outro lado o nosso sabio collega e amigo o Senhor Gilliodts van Severen que conhece a fundo os archivos da cidade de Bruges e que rebusca n'elles em todos os sentidos, não encontrou nada referente ao individuo.

Os fastos consulares manuscritos de Bruges «*Wetten van Brugge*» cuidadosamente conservados e de que os archivos d'Estado de Bruges possuem um exemplar não fazem menção alguma d'este facto que teria inevitavelmente passado n'aquelle epocha por importantissimo.

«*Gailliard em Bruges e o Franc*» fala de differentes Jozs van den Berghe mas sem falar de forma alguma d'esta descoberta. Os regstos e outros documentos dos consulados d'esta epocha ainda que levem ás vezes os detalhes aminucias não dizem absolutamente nada nem dos Açores nem de van den Berg algum.

Isto não será porventura significativo? E as contas, estes «*Livros*» mantidos com uma attenção tão cuidadosa, não teriam citado o nome d'um homem que vinha de abrir a Christovão Colombo o caminho d'America?—Não, isso não é possível. Custis, Despars e os nossos chronistas de toda a natureza em que temos falam elles de Van den Berg e da sua descoberta? Nenhum faz menção». (1)

Seja como fôr é certo que um Jossué Van den Berg descobridor dos Açores é um mytho, e que nenhum historiador anterior a Guthrie não faz menção alguma. Em todo o caso este nome não tardou a adquirir notoriedade.

Siegenbeek (2) colloca a descoberta de Jossue van den Berg no anno de 1443, data que elle sem duvida tirou d'um ou outro dictionario de geographia.

Foi Voisin, que na Belgica, se occupou primeiramente d'este desconhecido. A actual Flandres, diz elle, que tem a gloria de ter dado o dia ao pae da poesia Flaminga, pode tambem orgulhar-se de ter visto nascer o primeiro navegador dos Paizes-Baixos». (3)

Depois d'elle varios escriptores admittiram a lenda da descoberta dos Açores pelos flamengos mas será necessario combatel-a mais? (4) pois que a fonte commum fica sempre sendo a grammatica historica, geographica e commercial do inglez William Guthrie.

Uma palavra ainda para marcar um singular engano do Senhor Barão Haulleville que nós não podemos admittir. «*As Ilhas Flamengas*, diz elle, incontestavelmente colonizadas pelos nossos maiores pertenceram-lhes em um momento dado. Em 1466 ellas foram dadas por Affonso V de Portugal a sua tia Isabel mulher de Philippe o Bom.

Se os duques de Borgonha tivessem tido um pouco o senso das necessidades e a aspiração dos seus subditos belgas, se elles tivessem continuado a politica tradicional dos nossos soberanos nacionaes em vez de visar a intervenção nos negocios francezes, se em vez de voltar os olhos para o continente elles os tivessem dirigido como os nossos duques e os nossos Condes, para o mar, quem sabe se esse pequeno dominio dos Açores não teria sido o ponto de partida d'um grande imperio transatlantico? Mas esses principes egoistas preferiram abandonar desdenho-

(2) Em, Van den Busschee, ob. cit. (La Flandre, t. V pag. 308).

(3) Estes escriptores são: De Reiffenberg, ob. cit. De Saint-Genois, Les voyageurs belges du XIII^e. au XVII^e. siècle. Bruxelles, 1846-47, 2 vol. Van Bruyssel, Histoire du commerce et de la marine en Belgique. Bruxelles, 1863. Vanrenberg, ob. cit. Godin, ob. cit. Verstraete, Histoire des travaux et projets de colonisation des Belges (bu ll. de la soc. royale de géogr. de Bruxelles t. IV, 1880, pag. 639) Wauwermans, Henri le Navigateur et l'Académie portugaise de Sagres. Introduction à l'étude anversoise de géographie du XVI^e. siècle.

(4) Estes escriptores são: De Reiffenberg, ob. cit. De Saint-Genois, Les voyageurs belges du XIII^e. au XVII^e. siècle. Bruxelles, 1846-47, 2 vol. Van Bruyssel, Histoire du commerce et de la marine en Belgique. Bruxelles, 1863. Vanrenberg, ob. cit. Godin, ob. cit. Verstraete, Histoire des travaux et projets de colonisation des Belges (bu ll. de la soc. royale de géogr. de Bruxelles t. IV, 1880, pag. 639) Wauwermans, Henri le Navigateur et l'Académie portugaise de Sagres. Introduction à l'étude anversoise de géographie du XVI^e. siècle.

Nós não conhecemos mais do que trez escriptores, que duvidaram da existencia de Jossué van den Berg, são: Van den Bussche, ob. cit. Goblet d'Alviella, Voyages, découvertes, émigrations (Patria Belgica, Bruxelles, 1875, t. III, pag. 185-214), e Baudet, ob. cit.

samente a obra de Jossué Van den Bergue um dos maiores navegadores do seu tempo.» (1)

Nunca os Açores foram propriedade d'Isabel de Borgonha e nunca Portugal pensou em ceder-lhe estas Ilhas cuja importância crescia de dia para dia.

Se os flamengos colonisaram em parte os Açores, isto não foi senão uma empreza privada e em que a política dos Duques de Borgonha não teve que vêr.

ANNEXOS

I

Extracto da chronica d'Azurara.

E na era de mil IIIcRV (1445) (2) annos mandou o Iffante a hun cavalleiro, que se chama Gonçalho Velho, comendador que era na ordem de Xpõ, que fosse povoar outras duas ilhas, que estam afastadas daquellas CLXX legoas ao noroeste: e hua daquestas começou o Iffante dom Pedro de mandar povorar com prazimento de seu irmao, seguyusse sua morte em breve, pello qual ficou despois ao iffante dom Henrique; e a esta posera o iffante dom Pedro nome a ilha de Sam Miguel, pella singular devaçom que el sempre ouvera em aquelle sancto. E tambem fez o iffante dom Henrique tornar aa ilha do Porto Sancto Bartollameu Perestrello, aquelle que primeiramente fora com Joham Gilz (Gonçalves) e com Tristam, que a fosse povorar; pero com a multidom dos coelhos, que cassy som iniindos, nom se pöde em ella fazer lavra, soomente se criam ally muytos gaados, e apanhasse sangue de dragom, que trazem a vender a este regno, e assy levam a outras muytas partes. E fez lançar gaado em outra ilha, que está a sete legoas da ilha Madeira, com entençom de a mandar povorar como as outras a qual se chama a ilha Deserta. E destas VII ilhas (3) as quatro som tamanhas como a da Madeira, e as tres mais pequenas. E por acrecentamento da ordem de Xpõ, cujo governador o iffante era ao tempo da dita povoraçom, deu aa dicta ordem todo o spiritual da ilha da Madeiro e do Porto Sancto, e todo o spiritual e temporal da outra ilha (4) de que fez commendador Gonçalho Velho, e mais da ilha de Sam Miguel, lhe leixou o dizemo, e a meetade dos açucaraes. (5)

II

Diogo Gomez

De inventione insularum de Açores

Tempore quodam Infans Dominus Henricus, cupiens scire partes extraneas oceani occidentis, si invenirent insulas an terram firmam ultra descriptionem Tolomei, misit caravelas ad quaerendum terras. Qui fuerunt, et viderunt terram in occidente ultra Caput finis terrae per 300 leucas, videntesque quod essent insulae, intraverunt in primam, et invenerunt eam inhabitatam, et ambulantes per eam invenerunt multos astures seu açores et multas aves fueruntque ad secundam, quae

(1) Alph. De Haulleville, Les aptitudes colonisatrices des Belges et la question coloniale en Belgique. Bruxelles, 1898, p. 83.

(2)—Trata-se aqui da colonisação de S. Maria e de S. Miguel. A carta de 1443 prova que Azurara enganou-se na data. Veja-se anexo 5.

(3)—Ha provavelmente aqui lacuna. As phrases são *inquerentes* e «as palavras destas sete ilhas» são perfeitamente inexplicaveis pois que Azurara não mencionou mais que cinco. . . S. Maria, S. Miguel, Madeira, Porto Santo e Deserta. Comparámos a edição do manuscrito de Paris com a copia de Valentim Fernandez que poz á margem. «Ilhas dos Açores». Trata-se portanto des Açores.

(4)—St.ª Maria.

(5)—Azurara, chronica do descobrimento e da conquista da Guiné, Ed. de Santarem cont. Paris, 1841 cap. 83 pag. 389.

nunc vocatur insula Sancti Michaelis, quae similiter erat inhabitata, habens etiam multas aves et açores ubi etiam invenerunt plures aquas calidas naturales sc. ex sulfure. Illic viderunt aliam insulam, quae nunc vocatur Ilha Terceyra, quae sic erat, ut insula sancti Michaelis, plena arboribus et avium et multi açores. Et invenerunt ibi prope aliam insulam, quae nunc vocatur Ilha de Fayal. Et immediate aliam insulam duarum leucarum de insula Fayal, quae nunc vocatur Ilha do Pico, quae insula est quidam mons septem leucarum altitudinis, sic quod inhabitantes modo multociens accendunt lumina putantes esse noctem, et vident solem in vertice montis. Quae naves reversae sunt Portugalam muntiantes domino nova. Qui valde gavisus est.

De insula Sanctae Mariae

Infans Dominus Henricus miit quemdam militem nomine Gonçalo Velho, quem supra nominavimus de inventione Gineae, pro capitaneo illarum caravelarum, quae portabant animalia domestica, quae mittebantur in sigulas insulas. Et venientes ad primam, quae vocabatur insula de Gonçallo Velho, quae nunc Sancta Maria vocatur, miserunt illic de animalibus sc., porcos, vaccas, aves, etc. de quibus nunc ibi est maxima multitudo. In ista insula habitavit miles ille per tempus aliquod.

De insula Sancti Michaelis

Fuerunt ultra ad insulam Sancti Michaelis, miserunt ibi similiter porcos, vaccas, aves etc., de quibus ibi est maxima multitudo, ut ad Portugalam deducunt omni anno. Similiter et de tritico est ibi tanta copia, ut omnibus annis naves illic transeunt et triticum in Portugalam docunt. In ista est nunc capitaneus Rodoricus Gonçalez frater Johannis Gonçalez capitanei de insula de Madeira. Post non multum tempus Infans D. Petrus frater Infantis Domini Henrici petiit a suo fratre insulam istam, quod sibi data fuit in temporalibus, et spiritualibus, quod sic remansit ut ceterae insulae Ordini Christi, dans quaelibet de omnibus unam decidam, quod summus pontifex Eugenius papa confirmavit, et ubi fecit mentionem, quod omnes insulae inventae in mari oceano essent Domini Infantis et Ordinis Christi. Qui Infans Dominus Petrus illo tempore erat regens regni Portugaliae, qui misit homines illuc populare insulam istam, et misit ibi multos trotones equos de Alemania, ubi modo sunt in copia magna. Et invenerunt illic multos porcos, qui generati fuerant ab inventione prima usque tunc temporis. Ibi est mons magnus plenus igne, qui in aestate apparet tamquam carbo vivus, et in hieme videtur fumus magnus. Ibi etiam in una planitie maxima est tesra quasi cinis semper bulliens, et quidquid in istam terram projiciunt consumitur immediate (1).

III

Carta de 2 de Julho de 1439 pela qual o rei Affonso V concede ao infante D. Henrique a auctorização de colonizar as sete ilhas dos Açores, aonde ele fez desembarque do gado

(Chanc. de D. Affonso V, livro 19 fol. 14)

Dom Affonso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber, que o Infante Dom Anrique meu tio nos envyou dizer que el mandara lançar ovelhas nas sette Ilhas dos Açores, e que se nos aprouguese que as mandaria pobrar. E porque a nos dello praz, che damos lugar e licença que as mande pobrar. E porem mandamos aos nossos veedores da fazenda, corregedores, juizes e justiçaes, e a outros quaesquer que esto ouverem de veer, que lh as deixem mandar pobrar e lhe nom ponham sobre elle embargo; unde al nom façades. Dada em a cidade de Lixboa

(1) — Schmeller, Ueber Valentim Fernandez Alemão, op. cit. p. 40. Baudet, op. cit. pag. 184. "Archivo dos Açores", vol. 1, p. 78.

dous dias de Julho. El Rey o mandou com autoridade da Senhora Raynha sua madre com sua tetor e curador que he com acordo do lfante do lfante (sic) Dom Pedro seu tio, defensor por el dos ditos regnos e senhorio. Paay Rodriguez a fez screpver e ssoscrepveo per sua mão. Anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil e IIIc XXXIX. (1)

IV

Concedendo licenca a seu tio o Infante D. Henrique para povoar as sete ilhas dos Açores de 10 de Março de 1449

Dom Affonso, etc. A quantos esta virem fazemos saber que o infante D. Henrique meu muito prezado e amado tio nos enviou dizer que elle mandára lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores, e que se nos aprouvesse que as mandaria povoar.

E porque a nós dello praz lhe damos logar e licença que as mande povoar. E porem mandamos aos nossos vedores da fazenda, corregedores, juizes, justiça, e outros quaesquer que esto houverem de ver que lhas leixem mandar povoar e lhe não ponham sobre ello embargo e al não façades. Dado em Santarem 10 dias de Março; elrei o mandou. Ruy Dias a fez, anno do Senhor de mil IIIcRIX (1449).

(Livro 20 de D. Affonso V. f. 37 verso e no L. 2.º Misticos f. 36 verso). (2).

V

Isentando os moradores dos Açores de pagarem dizima por 5 annos—de 5 d'Abri! de 1443

D. Affonso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e merce a Gonçalo Velho, commendador das ilhas dos Açores, e a todos os povoadores que estam e vivem nas ditas ilhas, da feitura desta nossa carta até cinco annos cumpridos pelo do Infante D. Henrique meu muito prezado e amado tio que nol-o pedio. Temos por bem e queremos que em o dito tempo não paguem dizima nem portagem nenhuma de quizes quer cousas que das ditas ilhas tragam a estes nossos reinos, com tanto que as não tragam d'alguma outra parte. E porem mandamos a quaesquer nossos officiaes a quem pertencer e esta carta for mostrada que lhe não consintam levar a dita dizima e portagem nem façam por ello outra alguma sem razão; e a nós praz de ilha quitarmos em o dito tempo como dito é, e al não façades. Dada em a cidade de Lisboa em 5 d'Abri!. Por autoridade do senhor infante D. Pedro, tutor e curador do dito senhor rei, regedor com a ajuda de Deus, defensor por elle de seus reinos e senhorios. Diogo Lopes a fez anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil IIIcRII (1443).

(*Chancellaria de D. Affonso V. L. 27, F. 107 verso, na Torre do Tombo*) (3).

VI

Isentando os moradores da ilha de S. Miguel, da dizima de todos os generos produzidos na dita ilha de 20 d'Abri! de 1447

Dom Affonso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós querendo fazer graça e merce ao infante D. Pedro meu muito prezado e amado tio e padre, nosso curador, e curador e regedor por nos de nossos reinos e senhorios, por ter azo d'elle poder melhor encaminhar como a sua ilha de San Miguel seja bem povoada: Temos por bem e quitamos d'este dia para todo sempre a todollos mcradores que ora vivem e moram, ou morarem d'aqui em diante em a dita ilha

(1)—Alguns Documentos, p. 6 e «Archivo dos Açores», vol. I, p. 5.

(2)—«Archivo dos Açores», vol. I, p. 7.

(3)—Archivo dos Açores, vol. I, p. 5.

a dizima de todo e pão, e vinho e pescados e madeira e legumes e todollas outras cousas que nella houverem e trouverem a estes nossos reinos por qualquer guiza. E porem mandamos aos nossos vedores, e provedores da nossa fazenda, e contadores e almoxarifes, e aos recebedores da dita dizima, e a outros quaesquer officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertencer e esta carta ou o traslado della em publica forma feita por authoridade de justiça for mostrado que hajam assim por quite a dita dizima aos moradores da dita ilha para sempre como dito é; E os não constrandam nem demandem por ella, e lhes cumpram e guardem e façem bem cumprir e guardar esta carta como em ella é contheudo sem outro embargo que lhe sobre ello seja posto. E em testemunho desto por sua guarda e segurança lhe mandamos dar esta carta assignada por nós, e asselada com o nosso sello de chumbo. Dada em a nossa cidade de Lisboa 20 dias d'Abril, Pero de Lisboa a fez anno do senhor Jesus Christo de 1447.—Lopo Affonso a fez escrever.

(*Livro das Ilhas—f. 26 verso—e livro 2.º dos Místicos f. 196 verso na Torre do Tombo*) (1).

VII

**Pela qual faz doação da ilha do Corvo, a seu tio
D. Affonso, duque de Bragança, conde de Barcellos,
dada em Évora a 20 de Janeiro de 1453**

Dom Affonso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nós vendo e considerando o grande divido que com nosco ha Don Affonso, duque de Bragança, e conde de Barcellos, meu muito presado e amado tio e os muitos e singulares serviços que nos há feitos e ao diante esperamos que nos faça; e querendo-lhe fazer graça e mercê, de nosso motu proprio, livre vontade, certa sciencia, poder absoluto sem nol-o elle pedindo nem outrem por elle: temos per bem e fazemos-lhe simples, pura, livre doação, d'este dia para todo sempre, para elle e para seus herdeiros ou successores, da ilha por nome chamada do Corvo, que a hajam e possuam toda e cada parte d'ella por sua cousa propria isenta, disimo a Deus, com todo o que ao presente em ella ha, e ao diante houver, e com todas suas entradas e sahidas, rendas e direitos reaes, foros e tributos, e imposições, montes rotos e por romper, roeios e pacigos, arvores, e fontes, e rios, e pescarias doces e salgadas, é com totalas outras cousas que nos em ella pertençam e pertencer possam por qualquer guiza que seja, e em qualquer tempo, assim despovoada como ella ora e, ou vindo a ser povoada. E lhes damos todo senhorio e sugeição da dita ilha e moradores d'ella; e toda jurisdicção civil e crime, mero mixto imperio, resaivando somente a nós e a nossos successores e coroa real, que os moradores da dita Ilha, quando a Deus aprouver que se povoe, façam guerra e paz por nosso mandado e não possa ser aliçada nem vir salvo a nosso natural, e se corra a moeda de nossos reinos. E porem mandamos aos vedores da nossa fazenda, contadores, almoxarifes, corregedores, juizes, e justiça, officiaes e pessoas, e a outros quaesquer que esto houverem de ver a que esta carta for mostrada que deixem ao dito meu tio tomar posse da dita ilha por si ou por quem lhe prouver e lha deixem haver, lograr, e possuir d'aqui em diante com totalas rendas e direitos della pela guiza que dito é sem outro embargo que sobre ello ponham. E em testemunho dello lhe mandamos dar esta carta, assignada por nos, e asselada do nosso sello de chumbo para a ter para sua guarda. Dada em a cidade de Évora 20 dias de Janeiro. Ruy Dias a fez anno do nascimento de nosso Saenhor J. C. 1453. E eu Martim Gil a fiz escrever e aqui sobscrevi.

(*Chanc. de Affonso V liv 3.º fls. 2 et liv. 3.º dos Místicos f. 69*). (2).

(1)— Archivo dos Açores, vol. I. p. 6.

(2)— Archivo dos Açores, I, 2.

VIII

Sentença pronunciada a 17 de Marco de 1483 num processo entre Pero Gonçalves e Antão Martins Homem Capitão da Praia na Ilha da Terceira

Eu o Duque, etc. Faço saber a vós meu ouvidor em a minha Ilha Terceira de Jesus xpo... da dita ilha e a outros quaesquer juizes e justiçaes e officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertencer e esta carta de Sentença for... mostrada; que perante mi se tractou um feito por processo ordenado, antre partes a s. (1) Pero Gonçalves natural do Reino de Galliza, morador na cidade d'Ourense, como autor d'uma parte, e Antão Martins, capitão, morador em essa Ilha... parte da Praia como reu da outra apresentando o dito autor contra o dito reu libello escripto... em como era verdade que Jacome de Bruges creado que foi do Infante D. Henrique que D.^o aja, fora cazado com Inez gonsalves sua mulher por palavras de presente segundo mandamento da santa Igreja de Roma dentro na cidade de Ourense e viverom ambos em casa matheudos em voz e fama de marido e mulher. E depois na cidade do Porto por espaço de vinte annos commendo a uma meza, dormindo em uma cama nomeando-se por marido e ella por sua mulher e por taes eram havidos e conhecidos nas ditas cidades daquelles que os conheciam. E que vivendo assi o dito Jacome de Bruges com a dita Inez Glz. sua molher d'antre elles viera a nascer elle dito Pero Gonçalves, autor, o qual elles criaram e mandaram criar por seu filho lidimo e de legitimo matrimonio, e por tal o nomeávão e chamavão e era conhecido de todos aquelles que... e que sendo assim vivo o dito Jacome de Bruges seu pãe, o dito Snor. Ifante dom anrique lhe fizera merce da capitania da dita ilha teceira da dita parte da Praia para elle e para seus descendentes, por directa geraçam, assim pela guiza que tinha sido feita merce a Joliam Glz. Zareo e a Tristam seus cavalleiros e capitães da Ilha da Madeira. E assim que o dito Snor. Ifante deu a dita Ilha ao dito Jacome de Bruges seu pãe, elle a começara logo de povorar e aproveitar e elle como capitão della avia os direitos e rendas que a elle pertencia segundo ordenança do dito Snor. Ifante e assi a logrou e possuio em quanto foi vivo e como capitam lhe obedeciam os moradores da dita ilha na dita capitania da Praia. E que o dito Jacome de Bruges seu pãe se finara da vida deste mundo podia aver oito annos pouco mais ou menos abintestado por cujo fallecimento elle autor como seu filho lidimo e herdeiro que ne varam pertencia a dita capitania, qual achava em posse o dito reu e se investira de posse d'ella sem nenhum titulo nem lhe pertencer por direito e lha ocupava sem lha querer leixar como a quem de direitamente pertencia pedindo o dito autor contra o dito reu, por bem, do que dito tinha declarasse elle ser filho lidimo do dito Jacome de Bruges e por seu fallecimento lhe pertencia a dita capitania da Praia assi e pela guiza que o dito seu pãe avia e possuia, e por minha sentença condenasse o dito reu que abrisse mão e leixasse a dita capitania a elle autor a quem direitamente pertencia e o condemnasse nas custas, o qual libello foi julgado que procedia e mandado ao dito reu que o contestasse, pelo qual foi contestado dizendo que elle ouvira dizer que o dito Jacome de Bruges fora capitam em a dita parte de Praya e por seu fallecimento por nom aver filho lidimo varam que a dita capitania ouvesse herdar, a Ifanta minha Sen.^a fizera d'ella merce a João Vaz Corte Real fidalgo de minha casa, sendo Alvaro Martins seu pãe delle reu de pòsse da capitania d'Angra por espaço de annos e tempos e que estando assi em a dita pòsse como herdeiro, por o dito Jacome de Bruges o dito Alvaro Martins seu pãe delle reu, requerera a dita Ifanta minha sn.^a que se partissem as ditas capitancias para levar tanto um como outro, e que a dita Senhora por escuzar debates entre elles mandara que se partisse e mandára ao dito João

(1) a s. --a saber.

Vaz que escolhesse como herdeiro do dito Jacome de Bruges, e elle escolhera a parte d'Angra que o Páe d'elle reu finha povorado avia doze annos, e que feita assi a dita partilha o dito seu páe ficára em posse da dita capitania da Praia que fora do dito Jacome de Bruges, da qual capitania foi logo mettido de pôsse por carta da dita minha sen.^a e a lograra em sua vida e por seu fallecimento, elle como seu filho legitimo maior que era a viera a herdar... e estava della de posse pelo título e maneira que dito tinha. A qual contestação lhe foi recebida e mandado assi o autor como reu que cada um fizesse certo do contheudo em seus artigos sobre os quaes foram tiradas inquirições e dadas certas escripturas em ajuda de sua prova e foram acabadas e abertas e puvricadas e ouveram vista d'ellas em tanto que o feito foi concluso, o qual visto por mim mandei ao dito autor que... a carta de doaçam que fôra feita pelo dito Iffante don anrique ao dito Jacome de Bruges d'aquella parte... e bem assim as coniuções del-Rei meu Snor. e dos Iffantes porque aut

e lhe foi dado termo de vinte dias a que as trouxesse não

ao que isso mesmo não satisfez e se razeou tanto d'um... o que tudo visto por mim com os do meu desembargo Acordei que visto... strasse as ditas escripturas de doação pelo dito Iffante e confirmações... satisfazer a cousa alguma, posto o que lhe para ello fossem assignados muitos termos... contra elle pelo dito autor pedidos e se fôsse em paz e fôsse sem custas visto o que se pelo dito feito mostrára, e porem vos mando que assi huns e outros cumpraes sem outro nenhum embargo. Dada em a minha Villa de Moura a dezessete dias do mez de Março, Luiz Godinho a fez.

Anno do nascimento de nosso Snos. Jesus Xpo. de mil e quatro centos oitenta e tres (17 de Março 1483).

O Duque

Porque mandae: que haveis antão martins capitão da ilha terceira por evoluto do que contra... por este gallego pedido e se vá em paz visto como não satisfez ao que lhe foi mandado (1).

IX

Extracto d'uma carta enviada de Flandres em 1527 por Diogo de Hutra a seu sobrinho Joz de Hutra segundo Capitão nas Ilhas Fayal e Pico

E pera que vejamos a geração e familia dos de Hutera no Reino de Portugal chamados—de Hutra, e como este cognome, ou appellido procede não dos infimos senão dos Maiores, governadores e Senhores da terra de Vuyvendali (2); consta de uma carta patente sellada com sete sellos, que no anno da Incarnação de Nosso Senhor Jesus Christo de mil trezentos e cincoenta e dois plezedia no dito Ajuntamento feudal com os mais companheiros seos dos outros juizos feudais, Henrique de Hutra pera determinar as cousas que então havia, e alem d'isto se faz menção na mesma carta patente de Baldevino de Hutra e de Lucas de Hutra e de Bertolomeu de Hutra; o qual Hugo Hutra foi Scabino de sobredito territorio de Franco, como consta por outras cartas patentes selladas com sete sellos feitas aos vinte e um dias do mez de Junho do anno do Senhor de mil trezentos e sessenta e cinco. Depois d'isto succederam muitos outros da mesma geração como consta por outras cartas patentes selladas com sete sellos feitas aos vinte oito dias do mez de Setembro do anno do Senhor de mil coatro centos e sessenta e nove annos. A saber: Nicolau de Hutra que era senhor de um senhorio feudal chamado Aghebrone (3) que tinha do dito Senhor de Vuyvendali e tambem de Diogo de Hutra seu filho e de outro Nicolau de Hutra filho de Bertholo-

(1)— Archivo dos Açoree, vol. 1, p. 28; (2) Wynendale. (3) Haegen broeck.

meu de Hutra e tambem de Leão de Hutra que então era Ballio, e presidente pelo Illustrissimo e Poderosissimo Principe Senhor Adolpho de Cleves, pai do moderno Senhor Philippe, da sua curia e conselho de Vuyvendali, e de todos os mais feudos a elle sujeitos, o qual foi avô de todos os que deste cognome e appellido de Hutra, são hoje vivos, o qual Leão de Hutra finalmente succedeu no acima dito senhorio e feudo de Aghebrone, que se estende sobre certa comarca de terra em que ha muitos vizinhos e moradores. E tem o mesmo Senhor de Aghebrone poder de instituir Ballio ou Governador com sete Escabinos ou senadores, que em seu nome administram justiça aos moradores do dito senhorio de Aghebrone. Este dito Leão de Hutra, nosso avô e vosso, teve de sua legitima mulher cinco filhos e huma filha, dos quaes o primeiro se chamou Bertholomeu, o outro Baldevinos, os mais Diogo, Job e Vicente, a filha se chamou Josina, todos do cognome e appellido de seu pai, a saber—d'Hutra; Bertholomeu d'Hutra o mais velho, o primeiro dos irmãos, depois da morte de seu pai succedeu nos feudos e senhorios de Aghebrone; o qual se deu á guerra e exercitou as armas em serviço dos Principes, militando debaixo da obediencia dos Duques Philippe e Carlos seu filho, e porque não foi casado, e pello consequente não teve filhos legitimos, por isso depois da morte do dito Bertholomeu de Hutra tio nosso de todos, Baldevino de Hutra meu pai e vosso tio, succedeu no já dito feudo e senhorio, e d'elle defunto succedi eu atraz dito Diogo de Hutra no mesmo feudo e senhorio de Agheborne (sic); como largamente consta da repartição e fee do feudo, que fiz ao Illustrissimo Senhor Phelippe de Cleves, de Marck, Ravestein, Vuyvendali, conforme as cartas patentes feitas aos dezoito dias do mez de fevereiro do anno do Senhor de mil coatro centos noventa e dois*.

Padre Manoel Luiz Maldonado, Phenix Angrense C.º Cfr. Archivo dos Açores, vol. I. p. 162. Este manuscripto não foi publicado.

Quadro dos differentes portulanos comprehendendo os Açores

Atlas médicéu (1351)—FISCHER, *Fac-simile del Portulano Laurenziano-Gaddiano dell'anno 1451*. Venezia, 1881.

Carta catalan (1375)—DELISLE, *Choix de cartes et de documents géographiques conservés à la bibliothèque nationale*, Paris, 1883.

Atlas Pinelli-Walckenaer (c. 1384)—NORDENSKIOLD, *Periplus pl. XV*

Carta Soleri (1385)—NORDENSKIOLD, *Periplus pl. XVIII*.

Carta Soleri (s. d. c. 1390)—MARCEL, *Choix de cartes et de mappemondes des XIV.º et XV.º siècles*. Paris 1896.

Portulano no fim do seculo XIV—FISCHER, *Fac simile del Portulano del XIV secolo*. Venezia, 1881. Au dessus de *Caprara* nota-se um nome illegivel (onu) da mesma forma que no Atlas Pinelli-Walckenaer. Os dois portulanos foram feitos em Veneza e são provavelmente do mesmo cartographo.

Portulano no fim do seculo XIV—Este portulano é conservado na bibliothéca de Naples, onde nós o examinamos. Elle foi estudado por Avezac, *Carte du musée Bourbon à Naples* (Bull. de la soc. de géogr. de Paris, 2.º série, t. XX, 1843, p. 64—68).

Mecia de Viladestes (1413)—MARCEL, *Choix de cartes, etc.*

Giacomo Giral-di, (1426)—FISCHER, *Fac-simile del Portulano di Giacomo Giral-di* Venezia, 1881.

Batista Becharius (1426)—Este portulano está conservado em Munich no museu nacional bavaro.

Beccario (1435)—AMAT DI SAN FILLIPPO, *I veri scopritori, etc* loc. cit. p. 539.

Andrea Bianco (1436)—PESCHEL, *L'Atlanta de Andrea Bianco dell'anno 1436*. Venezia, 1871.

Andrea Bianco (1448)—FISCHER, *Fac-simile della carta nautica di Andrea Bianco dell'anno 1448*. Venezia 1881.

Carta catalan (s. d. c. 1450)—KRETSCHMER, *Die Katalanische Weltkarte der Bibliotheca Estense zu Modena* (Zeitschrift der Ges. für Erdkunde. Berlin, 1897, vol. XXXII).

Bartolomeo Pareto (1455)—KRETSCHMER, *Atlas zur Entdeckungsgeschichte Amerika's*. Berlin, 1892, pl. V.

Graciusus Benincasa (1467)—BRITISH MUSEUM, Add. Ms. 11547.

Grac. Benincasa (1467)—NORDENSKIÖLD, *Periplus* pl. XXXIII.

Grac. Benincasa (1468)—BRITISH MUSEUM. Add. Ms. 6390.

Grac. Benincasa (1471)—SANTAREM, *Atlas composé de mappemondes, de portulans et de cartes hydrographiques, etc.* Paris. 1852—3.

Grac. Benincasa (1482)—KRETSCHMER, *Atlas*, pl. IV, n.º 1.

Grac. Benincasa (s. d). Esta carta e as de Piero Roselli, Juan Napoli, Francesco Becaro, Nicolo Fio'in e Christafalo Soligo acham-se n'um Atlas composto em Veneza por 1489 e conservado actualmente no Museu Britannico (Egerton ms. 73).

Grac. Benincasa (1490)—Este portulano está conservado no *Hofbibliothek* em Vienna, Man. n.º 355.

Andreas Benincasa—KRETSCHMER, *Atlas*.

Piero Roselli s. d.

Zuan Napoli s. d.

Francesco Becaro s. d.

Christofalo Soligo s. d.

Freducci (1497)—NORDENSKIÖLD, *Periplus*, pl. XXII.

Freducci (1539)—British Museum Add. Ms. 10132.

Giorgio Calapoda (1552)—NORDENSKIÖLD, *Periplus*, pl. XXV.

Nota do traductor :

Todos estes portulanos trazem os Açores com pequenas diferenças; na orthographia de luovo ou lovo ou llovo e caprara cappera ou chaprera e braxil, ou bracil ou bracill e zorzo ou giorgio ou zorzi, e li conigi ou caglii ou chunilli, ou corvo marini ou corvis marinis ou chorvo marin : O Atlas Medicen tem a Ventura no lugar do Columbus e vice versa.

Bibliographia que serviu na composição da Historia da descoberta das ilhas dos Açores pelo Snr. Jules Mees

Alguns documentos do archivo nacional da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas portuguezas. Lisboa, 1892.

Alves, *«Dom Henrique o Infante»*. Porto, 1894.

«Archivo dos Açores», publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoreana. Ponta Delgada, 1878—94, 10 vol.

D'Avezac, *«Les îles d'Afrique»*. Paris, 1849.

D'Avezac, *«Notice des découvertes faites au moyen âge et dans l'océan Atlantique antérieurement aux grands explorations portugaises du XV siècle»*. Paris, 1845.

D'Avezac, *«Note sur un atlas hydrographique, manuscrit, exécuté á Venise dans le XV siècle et conservé aujourd'hui au musée britannique»*. (Bull. de la Socde géogr. de Paris, 3.ª ser., vol. 16, 1850, p. 235).

Azurara, *«Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, edição de Carreira e de Santarem»*. Paris, 1841 e traducção de Beazley e Prestage pela Hakluyt Society, Londres, 2 vol. 1896, 99.

Barros (João de), *«Asia, Decadas»*. Lisboa, 1652.

Baudet, *«Beschrijving van de Azorische eilanden en geschiedenis van hunne volksplanting uit Belgisch oogpunt beschouwd»*. Antwerpen, 1879.

- Beazley. «*Prince Henry the Navigator*». 1895.
- Bond «*Prince Henry the Navigator*» (Nautical Magazine) London, 1894, vol. 63, pag. 285.
- Bourne, «*Prince Henry the Navigator*» (dale Review, 1894 p. 187).
- Bover de Rosello, «*Memoria biographica de los Mallorquines que se han distinguido en la antigua y moderna literatura*». Palma, 1842.
- Bussche (Em. Van den) «*Mémoires sur les relations qui existèrent autrefois entre les Flamands de Flandre-particulièrement ceux de Bruges-et les Portugais* (La Flandre, t. IV et. V).
- Canto (E. do.) «*Os Cortes Reaes*». Ponta Delgada, 1884.
- Chagas (Pinheiro) «*Os descobrimentos dos portuguezes e os de Colombo*». Lisboa, 1892.
- Cordeiro, (Antonio), «*Historia insulana das ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental*». Lisboa, 1717.
- Dalbertis, «*Priorità dei Genovesi nella scoperta delle Azorre*» (Atti delterz o Congr. geogr. ital.) Firenze, 1899, vol. II, p. 425.
- Delisle, «*Choix de cartes et de documents géographiques conservés á la bibliothèque nationale*». Paris 1883.
- Doppelmayr «*Historische Nachricht den Nürnbergischen Mathematiker und Huustler*». Nurnberg, 1730.
- Drapeyron, «*Henri le Navigateur*» (Revue de Géographie 1894, I p. 321).
- Drummond, «*Annaes da Ilha Terceira*», 1850—64, 4 vol.
- Espada (Jimenez de la) «*Libro del Conocimiento*». Madrid, 1877.
- Errera, «*Della Carta di Andrea Bianco del 1448 e di una supposta scoperta del Brasile nel 1447* (Memdella Soc. geogr. ital., vol. V, p. I.Roma 1894, p.202-25).
- Errera «*Atlanti e Carte nautiche dal secolo XIV al XVII, etc.*» (Riv. geogr. ital. vol. III 1896, p 388—520).
- Fischer (Curt) «*De Haunonis Carthaginienensis Periplo*» Leipzig, 1893.
- Fischer (Theobald) «*Sammlung mittelalterlicher Wiltund- Seekarten*». Venedig, 1886.
- Fischer «*Raccolta di Mappamundi e Carta nautiche del XIII al XVI secolo*». Venezia 1881.
- Freire (Candido Lusitano) Vida do Infante D. Henrique, Lisboa 1858.
- Fris, «*Schets van den economischen toestand van Vlaanderen in het midden der 15 de eeuw*». Gent, 1900.
- Gaiffarel «*Histoire de la découverte de l'Amérique depuis les origines Jusqu'à la mort de Christophe Colomb*». Paris, 1892, 2 vol.
- Galvão, «*Tratado dos diversos e desvayrados Caminhos*». Lisboa, 1563.
- Ghillanny, «*Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim*». Nurnberg, 1853.
- Goes (Damião de) «*Chronica do Principe D. João*». Lisboa, 1567.
- Günther, Martin Behaim—Bamberg, 1890.
- Guthrie «*Geographical, historical and commercial grammar*». London 1774.
- Hamy «*La mappemonde d'Angelino Dulcert de Majorque*». (1339) (Bull de géogr. hist. et desc) Paris, 1886, p. 354—66.
- Hamy «*Les origines de la cartographie de l'Europe septentrionale*» Ibid 1888, p. 333—432.
- Hamy et Pelet, «*Note sur la carte de Valsecha de 1439*». (Comptes rendus des séances de la Soc. de géogr. de Paris, 1891, pag. 408.
- Hartung, «*Die Azoren in ihrer auseren Erscheinung*». Leipzig, 1860.
- Herrera (Ant. de), «*Cinco libros de la Historia de Portugal y conquista de los Açores en los anos 1582 e 1853*». Madrid, 1591.
- Humboldt (Alex. von), «*Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux quinsième et scizième siècles*». Paris 1836.

- Gomes Imaz · *Monografia di una carta hydrografica del Mallorquin Gabriel de Valsecha* (1439) Madrid, 1892.
- Jomard. *Les monuments de la géographie etc.* Paris 1841.
- Kretschmer, · *Die Entdeckung Amerika's. Berlin, 1892 avec atlas.*
- Kunstmann, · *Die Entdeckung Amerika's nach den ältesten Quellen geschichtlich dargestellt.* München, 1858.
- Kunstmann, · *Atlas zur Entdeckungsgeschichte Amerika's.* München 1859.
- Kunstmann · *Valentin's Beschreibung der Westküste Afrika's bis zum Senegal* (Alth I Bd. VIII der dritten Cl. der Abh. der K. Bayr. Ak. der Wiss. München, 1856).
- Kunstmann, · *Hieronymus Munzer's Bericht über die Entdeckung Guinea's.* München 1854.
- Las Casas · *Historia de las Indias.* Ed. de Madrid. 1875.
- Lelewel, · *Géographie du moyen âge.* Bruxelles 1852 avec atlas.
- Magnaghi. *La carta nautica costruita nel 1325 da Angelino Dalorto.* Firenze 1898 avec fac-simile.
- Magnaghi · *Angelinus de Dalorto.* (Atti del terzo Congr. geogr. itl. Firenze, 1890, vol. II p. 506).
- Major. · *The Life of Prince Henry of Portugal Surnamed the Navigator and its Results.* London 1868.
- Major. · *The discoveries of Prince Henry the Navigator and their Results.* London 1877.
- Marcel · *Choix de Cartes et de mappemondes des XIV^e et XV^e siècles.* Paris 1896.
- Marcel · *Note sur une carte catalane de Dulceri datée de 1339.* (Comptes rendus des séances de la Soc. de geog. de Paris, 1887, p. 28).
- Marmolius · *Primera parte de la discription de Africa etc Grenade.* 1573.
- Mees, · *Henri le Navigateur et l'académie portugaise de Sagres.* Bruxelles 1901
- Mercator · *Nova et aucta orbis terrae descriptio ad usum navigantium.* Duisburgi, 1569.
- Mercator · *Atlas sive cosmographicae meditationes etc.* 1596.
- Mosquera · *Comentario em breve compendio de disciplina militar, em que se escreve la jornada de las islas de las Acores.* Madrid 1696.
- Murr · *Diplomatische Geschichte des Portugiesischen berühmten Ritters M. Behaim.* Nurnberg, 1770, Trad. por Jansen Paris et Strasbourg. 1802.
- Nordenskiöld, · *Periplus, an Essay on the early. History of Charts and Sailing —directions.* Stockholm. 1897.
- Ortelius, · *Theatrum Orbis Terrarum. Antuerpia. 1577, sqq.*
- Pasqual, · *Descubrimiento de la aguja nautica etc.* Madrid 1789.
- Pereira (Pacheco) · *Esmeraldo de Situ Orbis.* Lisboa 1892.
- Peschel, Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen, 1858.
- Peschel, Geschichte der Erdkunde bis auf Aex. von Humboldt und Carl Ritter, herausgegeben von S. Ruge. München, 1877.
- Ptolomaei, · *Cosmographiae libri octo, latine redditi a Nicolao Donis germano.* Illmae, 1482.
- Ptolomaei, · *Géographiae opus, éd. de Waldtsemüller.* Argentinae, 1513.
- Ravenstein, · *Martin de Bohemia* (Rev. portug. c.I. e. marit. vol. V).
- Reclus, · *Géographie universelle, t. XII.*
- Reiffenberg de, · *Coup d'oeil sur les relations qui ont existé autrefois entre la Belgique et le Portugal* (Nouv. mém. de l'Ac. r. des Sc. et B. L. de Bruxelles, 1841).
- Ricciolus, · *Géographiae et hydrographiae reformatae libri duodécim.* Bononiae, 1661.
- Ruelens · *Les monuments de la géographie des bibliothèques de la Belgique.* Carte d'Europe. Bruxelles.
- Ruge. · *Prinz Heinrich der Seefahrer.* (Globus, 1894, vol. 65 p. 153).

San. Filippo (Amat. di) «*I veri scopritori delle Isolo Azore* (Boll. dell'a Soc. geogr. ital: ser III, vol. V. Roma, 1892, p. 529—40).

Santarem, Atlas composé de mappemondes, de portulans etc. Paris, 1852.

Schmeller, «*Ueber Valentim Fernandez Alemão etc.*», Munchen, 1847.

Siegenbeek, «*Over de verdiensten der Nederlander in het ont dekken en bekend maken van onbekende of schaars bezochte werelddelen en gewesten*» (Magazijn voor wetenschappen, kunsten en letteren van van Kampen III e p; 2e. sect, 1828, p. 229).

Simroth, «*Divers articles sur les Açores dans la revue Globus 1887*», vol. 52.

Souza (Holstein de) «*A escola de Sagres e as tradições do infante D. Henrique*. (Conferencias celebradas na Acad. Real das Sciencias de Lisboa, 1877).

Varenberg, «*Les relations des Pays-Bas avec le Portugal d'après un écrivain du 17.^e siècle*». (Ann. de l'ac. arch. de Belg, 1869, t. XXXV).

Veer (Gustav. de) «*Prinz Heinrich der Seefahrer 1863.*»

Voisin, «*Notice sur la découverte et la colonisation des îles Flamandes*». (Bull. de l'Ac. r. des Sc. et B. L. de Bruxellas. t. VI, 2.^e p, 1839, p. 181-191).

Wagner, «*Die Rekonstruktion der Toscanelli Karte von Jahre 1474 und die Pseudo-Facsimilia des Behaim. Globus v. q. 1492* (Nachr. der Kon. Ges. der Wiss. su Gottingen, Phil. hist. Classe 1893, n.^o 3).

Wauwermans. «*Henry le Navigateur et l'Académie portugaise de Sagres 1892.*»

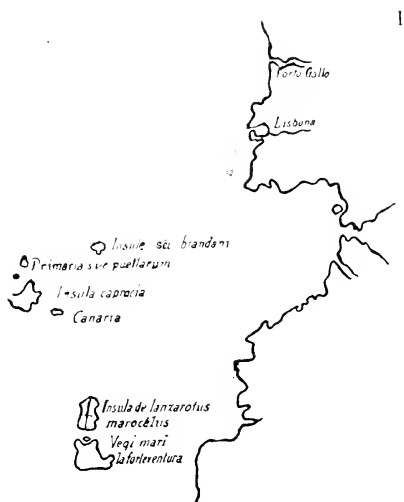
ADDENDA

A crença d'uma descoberta dos Açores pelos Normandos deve ser posta no mesmo pé da estatua equestre do Corvo. Damião de Goes que deu, a primeira menção d'esta estatua, pretende que ella foi trazida ao corvo pelos Normandos. E' sem duvida esta passagem que deu lugar a de Murr (Histoire diplomatique du Chevalier Martin Behaim de Nurembergue (traduc. Jansen pag. 52) dizer que foram, sem contradição, os normandos que os primeiros passaram nos Açores no seculo IX. Ora estas palavras são muito provavelmente a fonte de Humboldt na citação feita pag.^a 142 d'esta traducção.

Veja-se no annexo III as annotações do Globo de Behaim relativos aos Açores. Cremos inutil de os dar em annexo pois que ellas já foram publicadas varias vezes e especialmente por Murr ap. cit. pag. 136-7 e por Baudet ap. Cit. pag. 60-62.

O mesmo acontece com a Chronica de Hieronimos Munzer aonde se falla n'elle Kunstmann Hieronymos Munzers, Bericht loc. cit. pag. 361 e Baudet ap. cit. pag. 196.

Pag. 148 nota 4 (1.^a parte da traducção) O estudo annuciado na Chronica d'Azurara appareceu na Revista portugueza Colonial e Maritima vol. IX pag. 49.



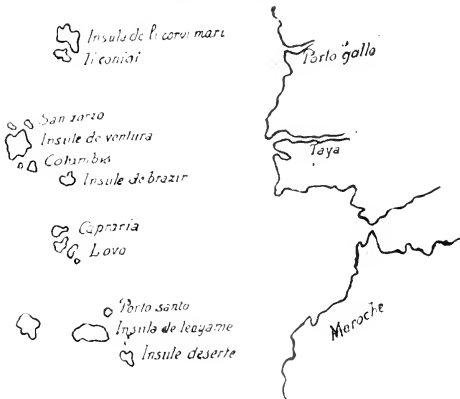
Dulcert (1339)

II



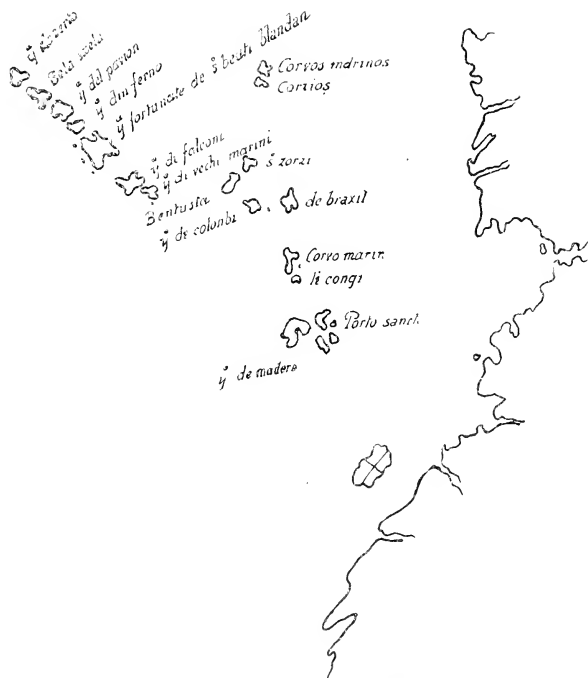
Atlas medicéen de 1351

III



Carte de Soleri (fin du XIVe siècle)

IV



Andrea Bianco 1448

V



Carte catalane du milieu du XV^e siècle

VI

♂^o de san antonio
♂^o de san yago
♂^o de san lorenzo
♂^o de san jesus
♂^o de san pablo
♂^o de san miguel
♂^o de san pedro
♂^o de san martin
♂^o de san dionisio
♂^o de san nicolas
♂^o de san sebastian
♂^o de san elias
♂^o de san gabriel
♂^o de san elie
♂^o de san leopoldo
♂^o de san mariano
♂^o de san nico
♂^o de san roque
♂^o de san valentin
♂^o de san vito
♂^o de san zarzo
♂^o de san zeno
♂^o de san zotico
♂^o de san zotico
♂^o de san zotico

♂^o de corbi marian
♂^o de la comigla
♂^o de san zotico
♂^o de la ventura
♂^o de colonbi
♂^o del hacil
♂^o de coparate
♂^o de san lucas

mañera
♂^o de san joan



Carte de Christofalo Soligo (c 1805)

LIÇÕES DE COISAS...



— E' vavô! Aquillo o que é? Vem roncando!!
— Aquillo, pela bevilho, é a mânica de costura de tua avô, uu, enião, é o veleiro, que nos traz o petróleo. Mas, parece-me mais o Veleiro! Andam muito depressa, aquelles amigos! Mais seis mezes, menos seis mezes, deve estar por ali sahindo la coisa do petróleo.

Paramentos Religiosos do seculo XIV das Igrejas. Matriz de Ponta Delgada. e do Collegio de Angra do Heroismo

Realisou-se em Lisboa no anno de 1882 uma Exposição de Arte Ornamental, e então para ella foram mandados da Igreja Matriz, de Ponta Delgada, duas muito antigas dalmaticas, e uma casula que se dizia ser mais moderna, afiançando-se ter pertencido ao Cardeal Fisher, Bispo de Rochester, do qual existem ainda hoje, parentes em Ponta Delgada.

Estes paramentos vem indicados no Catalogo da dita Exposição pelo modo seguinte:

A paginas 75, com o numero 7— *Casula de velludo carmezim com ramos tecidos a oiro*.

Tem sebastos (a) n'uma e n'outra face, com quadros de santos e brazões de armas bordados a matiz e oiro.—Seculo XVI.

A paginas 77 e 84, respectivamente com os numeros 23 e 97:— *Dalmaticas de velludo carmezim com ramos tecidos a oiro.*

Tem sebastos n'uma e n'outra face com quadros bordados a matiz e oiro, representando passagens da vida do Senhor.—Fins do seculo XV.

Estes tres paramentos e um quarto que ha na mesma Igreja, (e que é uma casula que não foi exposta em Lisboa) facilmente se reconhecem, pela ornamentação e tecido, como pertencendo a uma mesma epocha; mas, como se vê pelo acima indicado, os peritos da Exposição de Lisboa julgaram as dalmaticas um pouco mais antigas do que a casula exposta.

O sempre lembrado e eminente historiador michaelense, o Dr. Ernesto do Canto, foi o primeiro que chamou a minha attenção sobre estes paramentos, e desde então fiquei duvidoso do valor da affirmação mencionada, feita pelos peritos alludidos. Não seria ella baseada unicamente no seguinte? :

Pela ornamentação das dalmaticas reconheceram que ellas erão anteriores ao seculo XVI; e talvez formaram o mesmo juizo com relação á casula que tem os brazões de armas; mas aceitando como verdadeira a informação enviada de Ponta Delgada, de que o brazão, que no sebasto se via, era do Cardeal Fisher, devia ser a casula dos fins do seculo XV ou do começo do seculo immediato, visto ter vivido o dito Cardeal de 1459 a 1535, anno no qual foi mandado decapitar por Henrique VIII, Rei da Inglaterra, quando soube que o Papa Paulo III o nomeára Cardeal, dizendo então: "*Vou fazer com que Fisher não tenha cabeça, na qual colloquem o chapu de cardeal, quando elle cá chegar!*"

Indicando pois as dalmaticas como sendo do seculo XV, os peritos faziam affirmação de que reconheciam deverem ser ellas mais antigas do que a casula, mas quasi da mesma epocha, visto que a ornamentação e tecido eram identicos nos tres paramentos.

Em 1895 veio residir alguns mezes em Ponta Delgada, S. R. Kochler, um dos Directores do Museu de Belas Artes de Boston, e com elle muito convivi.

Então falámos acerca dos paramentos da Matriz d'esta Cidade, e como elle ia d'aqui para a Inglaterra, em viagem de estudo, photographei as dalmaticas e a casula que tem os brazões de armas, para assim poder alli facilmente conhecer se na verdade os paramentos eram, ou não, das epochas acima indicadas.

Em 15 de Junho de 1895 pouco depois de chegar a Londres escrevia-me o seguinte:

"... Escrevo-vos hoje principalmente para vos communicar o que pude saber acerca do pretendido brazão de armas dos Fisher de um dos paramentos da Matriz.

(a) —Indica-se com o nome de *sebasto* a tira central bordada de paramentos religiosos.

Com as vossas... photographias (figuras 1 e 4) expuz o assumpto a Sir Wolston Franks, Directôr da Secção das Antiguidades Britannicas da Idade Média, do *British Museum* e elle immediatamente reconheceu tal braço como sendo o de John Grandison, Barão e Bispo da Cathedral de Exeter (figura 2), de 1327 a 1369, anno este em que morreu, o ultimo da sua Familia.

Ha no *British Museum* um tryptico de marfim, o qual, disse-me o Dr. Franks, pertenceu a John Grandison, e n'elle vi as mesmas armas. A côr violeta das trez barras verticaes do braço, segundo o Dr. Franks, devia ter sido primitivamente azul, côr que frequentemente muda para violeta nos velhos boroados.

A ser assim, as côres deveriam ser: Azul em trez das barias verticaes, alternando com branco prateado nas outras trez; e vermelha na banda obliqua do braço, banda na qual ha trez aguias de ouro.

Vemos pois que este paramento é do seculo XIV e não do seculo XVI, como erradamente foi indicado.

As armas reaes inglezas que na mesma casula se vêem, indicam a mesma epocha, visto que em um dos quarteis com lizes estão cinco lizes, que só foram uzados em tal numero até 1405, anno em que elle ficou reduzido a trez.

Foi pois devido a esta investigação do illustre critico de Arte americana, S. R. Koehler, que ficou demonstrado o nenhum valôr da idéa de que os paramentos da Matriz de Ponta Delgada tivessem pertencido ao Cardeal Fisher, idéa que, como indico, foi provavelmente a origem da errata afirmação feita em publicação official portugueza, ácerca da epocha das dalmaticas e da casula.



Figura 1

Conhecido o grande valôr e antiguidade dos paramentos foram elles, devido ao intelligente cuidado do zeloso Prior da mesma Matriz, Rev. Jacintho da Ponte, já fallecido, collocados no Museu de Arte Ornamental da Matriz de Ponta Delgada, onde estão expostos ao publico.

Em um valioso artigo de Miss Edith Pycroft, publicado em 1908, sobre os paramentos da Matriz, artigo que transcreverei, é indicada a idéa, que eu sempre apresentei, de que elles tivessem sido obtidos na Inglaterra, pela Companhia de Jesus, e mais tarde enviados para um dos seus Collegios (Egrejas) dos Açores; mas é certo que só ha muy pouco tempo pude encontrar em Angra, n'uma rapida visita feita á antiga Igreja dos Jesuitas n'aquella Cidade, duas casulas, que, pelas razões que vou expôr, me parece serem da mesma collecção dos paramentos de Ponta Delgada, isto é da collecção dos da Cathedral de Exeter.

Esses dois paramentos, e uma estôla e manipulo annexos, pertencem hoje á Ordem do Carmo, que tem a sua sêde, desde ha muito, na dita Igreja do Collegio de Angra. Pelo Sr. Padre João Evaristo Augusto de Bettencourt, antigo Commissario d'aquella Ordem, soube que foi elle quem mandou, por sua iniciativa, arranjar as ditas duas casulas que estavam julgadas incapazes de serviço; não se sabem-

do porem, que taes paramentos tinham valor historico e grande antiguidade.

Não ha registo nenhum nos Archivos da Igreja, que indiquem como foram obtidos estes paramentos, nem d'elles ha nenhuma descripção.

Vou por isso summariamente descreve-los, servindo-me principalmente das photographias que d'elles fiz, e das quaes são reproduzidas nas figuras 3 e 5 as côstas das casulas.

Uma das casulas é de velludo carmezim, e é a que mais interessa para a sua identificação, como pertencendo ás da collecção da Cathedral de Exeter.

Como se vê na figura 3, o sebasto era mais comprido no paramento primitivo, isto é, antes de o cozerem sobre o actual fundo de velludo, tendo sido corta-

do, tal qual como fizeram em alguns dos paramentos hoje na Igreja Matriz de Ponta Delgada.

Na parte superior parece haver a representação d'uma scena mortuaria pois se vê a extremidade de um leito, tendo ajoelhados um anjo de cada lado d'elle.

O primeiro quadro abaixo é o de um dos Reis Magos que apresenta ao Menino Jesus a urna de incenso.

Representa o segundo quadro a Apresentação no Templo, e o terceiro, e ultimo inferior, o Menino Jesus entre os Doutores.

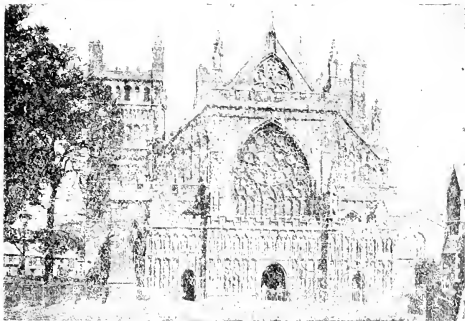


Figura 2—Exterior da Cathedral de Exeter

Na frente da casula, vê-se:

No quadro superior a Virgem e uma figura de Santo indeterminada; no immediato o bordado está muito estragado (certamente por ser a parte da casula que é sujeita a maior attrito contra o altar, durante a celebração da missa) e devido ao mau estado do bordado difficil é conhecer com exactidão do que se trata, parecendo porem que o assumpto é a Visitação.

O quadro inferior representa a Anunciação.

Do exame d'esta casula feito comparativamente com o das duas dalmaticas, tambem de côr carmezim, da Matriz de Ponta Delgada, parece-me poderem-se deduzir interessantes conclusões; mas antes de tratar d'isso, lembrarei o seguinte: Quando a missa é celebrada na Igreja Catholica só por um sacerdote, este paramenta-se com casula; mas se a missa é cantada por tres sacerdotes, só o officiante é que se reveste com casula, e os dois acolythos revestem-se com dalmaticas.

Uma casula e duas dalmaticas constituem um *pontifical* para a celebração da missa e estes paramentos tem côres differentes, segundo as solemnidades do dia.

Os de côr rosacea são usados na quarta d'ominga da Quaresma e na terceira do Advento; os de côr carmezim em dias consagrados a martyres, e em cerimoniaes relacionadas com a Paixão de Christo, etc.

Se compararmos a acima mencionada casula de Angra com as referidas dalmaticas de Ponta Delgada, vemos:

1.º—Que os sebastos nos tres paramentos tem a mesma largura e o mesmo tecido e bordado, mostrando ser trabalho de um mesmo artista.

2.º—Que o fundo de velludo sobre o qual assentam os sebastos é igual nas duas dalmaticas, mas é diferente, e mais moderno na casula.

3.º—Que os trez paramentos são da mesma côr carmezim.

4.º—Que nos sebastos das dalmaticas são representadas, a Agonia no Jardim, a Flagellação, o sorteio da Tunica etc., e nos da casula, a Anunciação, a Adoração, o Menino entre os Doutores; etc., isto é, nas dalmaticas scenas que se relacionam com a Paixão de Christo, em quanto que na casula scenas referentes ao Nascimento e infancia de Jesus.

D'esta comparação e do facto de haverem na alludida Matriz de Ponta Delgada duas casulas de côr carmezim, uma a que já me referi (figuras 1 e 4) e outra que se verá (figuras 6 e 7); parece-me poder inferir-se: O terem vindo em epocha indeterminada para a Igreja dos Jesuitas na Ilha de S. Miguel, com mais paramentos (como veremos) os acima indicados, e que d'aqui, só se attendendo ás necessidades do culto, e ao facto de terem duas outras casulas de côr carmezim, de grande valôr, mandaram para a Igreja da Ilha Terceira a casula menos interessante á vista, apesar de que ella completava o pontifical com as dalmaticas.

Esta casula que foi para Angra tendo tido alli muito uso (o que não succedeu ás dalmaticas que ficaram em Ponta Delgada, só usadas em dias de missas cantadas) necessitou provavelmente ser concertada, mais de uma vez, e por isso não assentam hoje os sebastos primitivos (isto é a parte mais importante da casula) no fundo que inicialmente tinha.

A outra casula da Igreja dos Jesuitas de Angra, (figura 5), de velludo de côr rosacea que como vimos só pôde servir em poucos dias do anno, tambem me parece fornecer prova de que se tratou de fazer uma distribuição de paramentos por Igrejas da mesma Companhia.

Nas côstas da casula ha uma cruz latina com uma Crucificação analogá á bordada n'uma das casulas da Matriz de Ponta Delgada (figura 6), e tendo egualmente dois anjos recebendo o sangue de Christo, (que lhe sahe das chagas das mãos), em calices. Na parte superior da cruz acima da cabeça do Christo, ha um busto do Padre Eterno, que não é muito visivel na figura 5.

Em epocha que se não pôde determinar, mas certamente muito posterior ao seculo XIV, foi posta uma figura pequena e indistincta, pois está muito estragada, de um santo (?); isto junto á Chaga do lado direito. Parece ser um remendo cerzido no paramento. Na gravura vê-se como uma mancha preta.

Abaixo é representada a Virgem e S. João Baptista (?), e na parte inferior um quadro com duas santas.

Na frente, no quadro superior Jesus, Maria, José: e abaixo em dois quadros figuras de santos e santas.

Vemos portanto que aceita a idéa de que os paramentos vindos para um dos Collegios dos Jesuitas nos Açores foram d'elle enviados para outro, attendendo-se na distribuição ás necessidades do culto, é de presumir que havendo dois para-

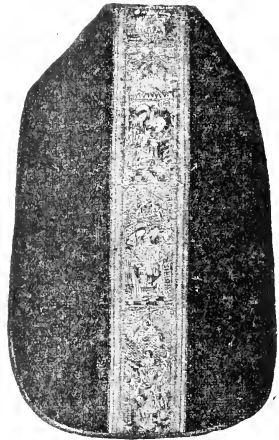


Figura 3

mentos nos quais se representava a Crucificação e figuras de santos, se conservava n'uma das Igrejas uma destas casulas e se dêsse a outra.

A confirmar a idéa de que a distribuição foi feita pela Igreja d' Ponta Delgada, ha o facto de terem ficado n'esta os melhores paramentos e em maior numero.

De um dos paramentos de Angra ha um manipulo que tem bordadas n'uma das extremidades as letras maiúsculas *IO*, e na outra *EF*; e uma estóla com a letra *M* n'uma das extremidades, e um *A* encimado por um traço horizontal na outra.

Eis o que, por enquanto, sei a respeito dos paramentos da Igreja do Collegio de Angra do Heroismo.



Figura 4

No mesmo tempo em que residia em Ponta Delgada S. R. Koehler, tambem aqui se encontrava uma illustre senhora inglesa, a quem acima me referi, Miss Edith Pycroft; que com titulo bem suggestivo publicou, em Janeiro de 1908, no *Guardian*, de East Dereham, um interessante e valioso artigo, com photographias minhas, sobre os paramentos da Igreja Matriz de Ponta Delgada, artigo que traduzi fazendo-lhe pequenas correções. Publico-o para servir de complemento ás indicações acima apresentadas sobre taes paramentos.

F. Afonso Chaves

As Peregrinações dos Paramentos de um Bispo

Estava quasi a terminar o lunch no Hotel Brown, em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, do archipelago dos Açores, e apesar de Maria ter acabado o seu serviço n'esta refeição, ainda bondosamente a velha serva portugueza, com o seu franco sorriso de satisfação se demorava a vê-nos apreciar os seus saborosos manjares.

Foi então que o Sr. Koehler (do Museu de Bellas Artes de Boston) me falou de uns muito antigos paramentos que elle n'esse dia vira na sacristia da Matriz (ou Igreja-Mãe), paramentos tão notaveis pela sua antiguidade e valor, que tinham figurado na Exposição de Paris (a), d'onde elles voltaram para ser a gloria da Matriz.

São paramentos ingleses, e se se acreditasse a tradição, tinham sido trazidos para P. Delgada pelo Cardeal Fisher, quando Henrique VIII, era rei da Inglaterra.

Eram pois objectos que eu não devia deixar de ir admirar.

Poucos dias depois fui procurar vê-los. O sacristão no começo recusou mostrar-nos, sem uma ordem escripta; mas em vista da minha declaração de que ia em breve sahir da Ilha, e que não tinha tempo para obter tal ordem, elle teve a bondade de receber um bilhete de visita meu, e de ir falar com o Prior da Matriz, que immediata e muito amavelmente deu a desejada licença. Poucos minutos depois os paramentos estavam na sacristia patentes aos meus olhos.

Entre elles havia um de velludo carmezim que foi o que mais me attrahiu.

Todos os paramentos tem sebastos na frente e nas côstas, os quais são bordados em tapeçaria com torçal de sêda.

A sêda n'algumas partes está rasgada, vendo-se por isso que os paramentos tem um forro interior de panno de linho branco.

O mais interessante de todos, aquelle que eu mais desejava vêr, tem braços de armas bordados nos sebastos.

Vou descrever primeiro a parte trazeira do paramento (vêr a figura 1). No cimo do sebasto ha a parte inferior de uma figura, que mal se vê, e logo abaixo um escudo com as armas reaes da Inglaterra, como foram usadas pelos nossos

(a)—Aliaz, *Exposição de Lisboa*, como atraz é indicado.

reís, em muito antigos tempos; os leopardos esquatellados com os lizes de França. Abaixo d'este braço e d'elle separado por uma meia figura de S. Pedro ha um outro escudo, e separado por um santo outro escudo, ambos estes com as armas dos Grandisons, armas que eu e o Sr. Koehler, independentemente um do outro, vimos a saber eram da alludida familia ingleza.

Tanto os braços como as figuras dos santos estão dentro da bem conhecida cercadura geometrica, de um quadrifolio sobreposto a um losango.

As armas reaes apparecem outra vez no sebasto da frente abaixo de uma tambem mal mutilada figura d'um santo, e com Santa Barbara separando tal escudo do dos Grandisons, isto é, de pala com seis barras verticaes atravessadas por uma banda na qual estão as trez aguias usadas em tal familia. Inferiormente vê-se Santa Catharina e ainda abaixo o braço dos Grandisons. Parte d'este braço foi cortado do mesmo modo que o foram os santos aos quaes me referi que encimam as armas reaes; mas ficaram provas sufficientes para se reconhecer que primitivamente o sebasto fóra destinado para um paramento mais comprido do que aquelle no qual hoje se encontra; paramento do typo dos de côstas de rabeça.

Devo notar que seja por ter o bordador alterado as côres para dar maior harmonia ao conjuncto do bordado, ou porque as sêdas com o tempo mudaram de côr, as faixas verticaes das palas das armas dos Grandisons veem-se n'este sebasto com uma desbotada côr violeta avermellhada, alternando com a branco-prateada das outras trez barras, tendo côr vermelha a banda das trez aguias que atravessa obliquamente a pala.

As armas que se veem no manuscrito "*Legenda Sanctorum*" que pertencia aos Bispos, e que hoje está na Bibliotheca da Cathedral de Exeter, são como o Rev. Dr. Jessopp me informa e o Dr. Oliver apresenta no seu trabalho "*Vidas dos Bispos de Exeter*", de palas de prata e azul, com uma banda vermelha tendo uma mitra entre duas aguias de ouro; a mitra alli apparecendo, segundo a opinião do Dr. Jessopp, como indicação do seu episcopado. O braço do Bispo John Grandison no seu sello, tem comtudo, como se vê na reprodução d'elle publicada no citado livro do Dr. Oliver, sómente as trez aguias da sua familia, tal como se veem no indicado paramento.

Em dois outros paramentos—duas dalmaticas—pertencentes á mesma collecção veem-se scenas da Paixão e da vida do Salvador, trêz na frente e trêz nas côstas, tendo sido cortada a parte superior dos sebastos para alargar a abertura que fica perto do seçoço.

N'estas duas dalmaticas os sebastos parecem ser do mesmo periodo dos outros paramentos, e são cobertos com um bordado identico no trabalho, divididos em doze partes ao todo, trêz em cada sebasto, representando a Agonia no Jardim, o Julgamento perante Pilatos, a Flagellação, o Nosso Salvador levando a Cruz, a Crucificação (em diferentes partes), o Sorteio da Tunica, e um assumpto que é representado com dois homens. Um d'elles tem um *bordão* (?) na mão, e está erecto, enquanto que o seu companheiro, curvado, mergulha um objecto n'um vaso, que o Dr. Jessopp lhe parece ser o vaso no qual se deitava o vinho dos sol-

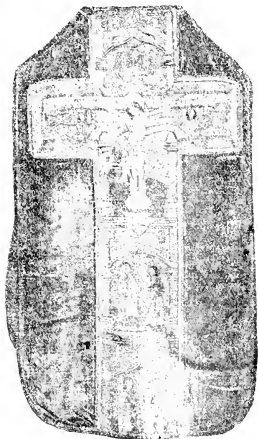


Figura 5

dados; e que o *bordão* (?) que tem o homem de pé, é a vara na qual foi posta a esponja com que foram humedecidos os labios do Salvadór na sua Agonia.

Ainda ha n'uma das alludidas divisões uma figura de S. João Baptista, com outras figuras que se não pódem identificar. Quereria ser n'ella representado o Baptismo?

Um quarto paramento—uma casula—(figuras 6 e 7) é todo bordado a fio de oiro com desenhos de flôr de liz, aguias com duas cabeças, botões de lírios, e cherubins, quasi tudo executado em ponto russo.



Figura 6

Esta casula tem tambem um sebasto, mas n'elle as figuras foram tiradas de outra parte e n'elle póstas sobre um fundo grossciramente bordado com diferentes pontos em filosella. Ha n'elle bocados tirados vendo-se que o forro é de linho branco



Figura 7

Nas costas da casula (figura 6) quasi que na parte superior do sebasto, ha dois prolongamentos lateraes formando uma cruz latina, com uma Crucificação, na qual apparecem os dois usuaes anjos, recebendo o sagrado Sangue em calices, e encimando a cruz o Espirito Santo, representado por uma pomba com as azas abertas.

Duas figuras de santos apparecem abaixo da cruz.

No sebasto da frente (figura 7) ha tres santos.

Um grande numero de outros objectos curiosos se encontram na sacristia, entre elles um magnifico frontal de altar, de sêda vermelha bordado a fio de prata, que dizem tem quinheiros annos. Mas nada me interessou tanto como foi a velha casula carmezim com os braços de armas!

Agora a parte historica :

Para a conhecer tive de esperar até á minha chegada a Inglaterra.

A heraldica prestou-me auxilio nas minhas investigações, mas muito mais o livro do Dr. Oliver "Vidas dos Bispos de Exeter", visto que foi á Cathedral de Exeter que primeiro pertenceram os paramentos acima mencionados.

E' necessario retroceder cerca de seiscentos annos, aos dias em que Eduardo III era Rei, e John Grandison (cujas armas se veem nos paramentos) era Bispo de Exeter.

As armas reaes que vemos na casula, não seriam alli postas como homenagem ao Príncipe Negro, quando elle veio a Exeter, segundo uns affirmam (apesar de valiosas contestações historicas) trazendo consigo, como seu captivo, o Rei de França?

Seriam então os paramentos usados em imponentes Festas religiosas n'aquella occasião celebradas, em honra do Príncipe, na Cathedral (figuras 2 e 8) começada a construir pelo Bispo Warclwast, e terminada pelo Bispo Grandison?

Pelo testamento do Bispo Grandison feito um anno antes da sua morte, depois de legados em dinheiro aos pobres, deixou lembranças a muitos amigos. Ao Rei Eduardo III diversos bordados, e a sua Filha a Princeza Isabella um psalterio.

A' sua Cathedral e aos seus successores na Sé de Exeter, os seus legados foram numerosos e importantes. Entre outros figuram alguns dos seus paramentos, para ficarem pertencendo á Cathedral.

Cento e cincoenta annos mais tarde encontram-se referencias a estes paramentos n'um inventario dos bens da Cathedral, feito em 1506.

O Dr. Oliver publicou este inventario, e o mencionado testamento. No pri-

meiro encontra-se a seguinte menção: — *Casula de panno aureo, cum armis Regis, et Iohannis de Grandison, in le orfree*».

A Reforma veio poucos annos depois, e com ella a espoliação, e a barbara destruição dos bens da Egreja.

Os famosos paramentos de Exete tiveram a sorte commum ! Foram dispersos, destruidos ou lançados aos ventos do céu, como o foram os ossos, já então reduzidos a pó, do proprio Bispo Grandison, quando o seu tumulo foi violado, e saqueado no decimo sexto seculo !

A «*Casula cum armis Regis et Iohannis de Grandison*», desapareceu, e a Cathedral de Exeter para sempre a perdeu, bem como muitos outros paramentos; não se sabendo como de lá seguiram para os Açores, provavelmente para o Collegio, ou Egreja dos Jesuitas, em Ponta Delgada, e d'esta Egreja para a da Matriz, onde eu os vi !

Que glorias passadas, que pomposas Festas elles evocam ! Mas hoje quão diferentes do seu antigo esplendôr !

Não se admira já n'elles o brilho do oiro, e a viva côr vermelha; mas os se-

bastos lá estão atestando com as armas reaes, e as dos Grandisons, e com as scenas n'elles representadas, que são os mesmos paramentos aos quaes se refere o inventario dos bens da Cathedral a que acima alluio.

A opinião de que elles fossem levados para os Açores pelo Cardeal Fisher, no tempo de Henrique VIII, é insustentavel. O Cardeal, Bispo de Rochester, nunca foi aos Açores; e o Dr. Jessopp informa-me que não houve outro

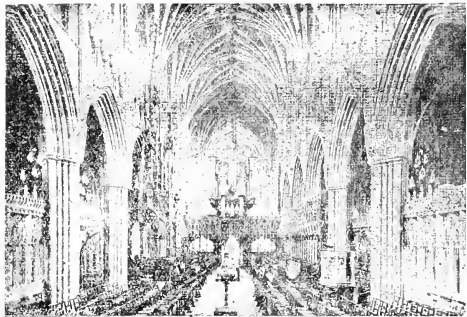


Figura 8 — Interior da Cathedral de Exeter

Cardeal, n'esta ou em epocha proxima, com nome igual. Semelhante só houve o do Bispo de Ostia, Nicolau Ficcoli, mas este morreu em Junho de 1524.

O Sr. Koehler, com quem me correpondi acerca d'este assumpto, escreveu-me: «A idéa acerca do Cardeal Fisher, apresentada pelo Dr. Ernesto do Canto, genealogista de Ponta Delgada, não tem valor; devendo lembrar, que o Dr. Ernesto do Canto teve o cuidado de dizer, que era uma simples supposição.

Parentes do dito Cardeal vieram para os Açores ha alguns seculos, e descendentes d'elles ainda vivem em Ponta Delgada.

O Cardeal Fisher esse, n'essa categoria, não pôde vir aos Açores, pois foi mandado decapitar, pelo vosso *bom e meigo* Henrique VIII.

Os parentes do Cardeal na verdade podem ter trazido os paramentos consigo, tanto mais que alguns d'elles eram padres, mas repito, tudo isto são simples supposições, e o enigma de como vieram estes paramentos para os Açores, creio que nunca será decifrado !»

Edith Pycroft

"ENIGMA" COM A SUA CHAVE



— Não deixo a chave na fechadura da "gaola",
por que, ainda da derradeira vez, — que gran-
de falifaria! — o guarda roubou-m'á e livemos
de fazer chelis cá fora!! E depois... a nos-
sa folga é das 11 da noite ao lusco-fusco da
manhã! E... até logo... ou... até outra..

A CRISE DA GUERRA NA INGLATERRA

A Inglaterra viu-se em dificuldades no principio da guerra para a fabricação dos explosivos por falta d'alcool; o algodão tambem foi contrariado na importação por causa dos torpedamentos como o chá e o melaço das Indias, o assucar, os cereaes e muitos outros generos de que os inglezes carecem como as anilinas para a tinturaria que vinham directamente da Allemanha. A Russia dos paizes alliados é que tinha um enorme stock de alcool, mas a Russia foi o paiz que rompeu as hostilidades na grande guerra europeia e precisava d'elle para o fabrico dos seus explosivos. Vinha-lhe a abundancia dos espiritos de duas medidas governamentais que marcam na historia social e politica do grande imperio dos Tzares, dois marcos kilometricos de civilisação. Como se sabe, o povo russo era um grande consumidor do vodka (aguardente feita de batata, milho, centeio ou cevada) e o uso da aguardente estava de tal maneira inveterado nos costumes da população agraria e mesmo urbana d'aquelle paiz que os assassinatos, os roubos, a pobreza das familias, as ruinas moraes e physicas dos individuos, o sedentarismo, estavam a provocar o descalabro e a corrupção do paiz. O Ministerio Witte em 1899 monopolisou por uma lei especial a venda do alcool na Russia tornando-a exclusiva do Estado e abrindo casas especiaes para esse fim;(1) era assim que os Governos e os administradores do Estado iam poder ter um controlo nas falsificações prejudi-

ciaes e julgar por trabalhos d'estatistica competentes qual a importancia na corrupção e a influencia na hereditariedade do povo russo, e estudar os meios de combate ao mal do paiz. Enquanto se não abriam as casas de venda verdadeiramente do estado eram dadas concessões aos commerciantes conhecidos nas praças das diferentes cidades e villas do Imperio.

O mez não era decorrido desde que as tropas russas tinham descido para a fronteira da Galicia a combater os austro-hungaros que o governo do Czar prohibiu pelo ukase de 14122 d'agosto a bebida do alcool ou aguardente em todo o imperio.

D'essa grande suspensão de venda resultou a abundancia dos espiritos adequados ao fabrico dos explosivos que aquelle paiz podia enviar aos seus alliados. Mas como? O Bosphoro tinha a Turquia que era manifestamente germanophila como mais tarde se declarou reunindo-se aos Imperios centraes e alem d'isso os submarinos austriacos do Mediterraneo eram uma ameaça constante; pelo Báltico tinham a esquadra allemã, e pelo Danubio tinham os austro-hungaros na Servia; restava-lhe a Suecia atra-



Lloyd Georges, antigo Ministro das Finanças do Gabinete Asquith, da Guerra e das subsistências, e chefe do Ministerio que fez a guerra.

do Mediterraneo eram uma ameaça constante; pelo Báltico tinham a esquadra allemã, e pelo Danubio tinham os austro-hungaros na Servia; restava-lhe a Suecia atra-

(1) — Em 1910 a Russia tinha 111 mil d'estas casas (1 por cada 1442 habitantes) sendo 27 do Estado e o consumo variava entre 30 e 50 litros por habitante por anno segundo as estatísticas reproduzidas pelo Dr. Mendelssohn de Petrogrado.

vessando as mercadorias o Golfo da Bottnia, mas no Mar do Norte havia egualmente submarinos alemães. A Rússia não auxilia os aliados nem com cereas de que é produtora de mais de 3 milhões e trezentos mil moios de trigo. Digamos a titulo de curiosidade, ainda que não seja d'isso que tratamos no nosso artigo, que a percentagem nos crimes diminuiu no primeiro anno de 79 por cento e os suicidios pouco mais ou menos o mesmo.

O alcool está ligado á questão dos vinhos e será de utilidade fazer a historia das bebidas em Inglaterra desde que a guerra começou para se poder avaliar do movimento social contrario aos liquidos alcoolisados e mesmo á cerveja que se deu.

Já para approvar a clausula do tratado de Commercio com Portugal para o reconhecimento do nosso vinho com typos unicos com direito á designação do Porto e de Madeira e portanto reconhecendo o abuso dos fabricantes dos outros paizes em defraudar com designações de Porto d'Algeria e Porto de Tarragona e outras designações, o nosso vinho do Douro, as Camaras Inglezas levaram annos sem abordar a questão até que a approvaram no verão de 1916. Os varios impostos e taxas alfandegarias applicadas aos generos estrangeiros a fim de trazer rendimento ao thesouro, comprehenderam os vinhos.

O Governo levantou uma campanha contra o uso de vinho, da cerveja e de qualquer bebida alcoolica e poz restricções para certas regiões operárias aonde se trabalhava na confecção do material de guerra ou para a guerra, a bebida aos operarios.

Os alcooes estavam a ser destillados com abundancia nas fabricas da Escocia e da Irlanda a quem o Governo logo encomendou 900 mil hectolitros. Essas fabricas destillam milho. Em 15 de fevereiro de 1917 o governo levantara nas Camaras a ideia de apresentar uma lei restringindo o fabrico da cerveja e a prohibição do uso das bebidas alcoolicas temporariamente. Dizia o Commum nas Camaras por Rushcliffe. Mr. Leif Jones que satisfeito por ouvir que se não estava fabricando espiritos potaveis na Inglaterra aquella data, que era triste dizer-se que se estava no seu paiz consumindo alimento para fabricar munições quando existiam 140 milhões de gallões d'alcool no paiz armazenado.

A questão da cerveja, ligada á agricultura, era uma grande despesa para a população. Os esbanjamentos são alvo d'uma propaganda politica por parte do governo que preconisa a economia.

O consumo da bebida na Inglaterra importa em 450 milhões de Libras, o augmento em 1915 sobre o anno anterior foi de 18 milhões de L.⁶, e de 1916 sobre 1915 outro tanto. O trafico do alcool comportava em tanto quanto custava á bolsa do consumidor.

Sobre a cerveja dizia o Commum Leif Jones que a industria consumia 943 mil toneladas de cevada, 55 mil de arroz e rolão e 118 de assucar e d'estas culturas 60 por cento eram d'uma utilidade grande para o alimento de pessoas e as 40 restante de cevada eram para porcos, que segundo a Commissão de peritos scientificos para a avaliação do valor dos generos na alimentação era a mais economica maneira de a tornar alimento humano.

31 mil acres de terrenos estavam empregados n'estas culturas de lupulo, e eses terrenos plantados para o uso alimentar produziriam 150 mil toneladas de batatas e 300 mil arrobas de aveia, o que não eram para desprezar, mesmo a batata que é a grande cultura da Inglaterra e cuja produção dá para o consumo publico sem que seja necessario os inglezes recorrerem a outros paizes.

A produção total em media da batata, no Reino Unido, é de 2.500.000 toneladas em Inglaterra, 150 mil no Paiz de Gales, 2.500.000 na Irlanda e 800 mil na Escocia sendo a area cultivada respectivamente de um milhão e cem mil alq., um milhão e quinhentos mil, e trezentos mil alqueires; na totalidade 3 milhões d'alqueires. (O preço da tonelada de batata era 8 libras ao productor pagando-se por em a 1 e meio penny a libra de peso ou 14 Libras a tonelada a retalho). A im-

portação do material e generos ligados com o fabrico de cerveja montava a 1.200.000 toneladas em navios das quaes 600 diziam respeito a materiaes.

A economia impunha-se: os navios das companhias mercantes inglezas estavam requisitados pelo governo inglez desde o principio da guerra para o serviço do Estado, como estavam os caminhos de ferro e como estão os canaes de navegação, sendo as empresas exploradoras indemnizadas com os lucros obtidos nos ultimos annos d'exploração. O Governo applica-os em serviços.

Os inglezes tem lançado mão de importante numero de navios estrangeiros que tem comprado e alugado, mas o commercio exterior ainda assim soffreu pouco no valor attendendo á estatistica commercial d'este anno passado que dá uma exportação no valor de 507 milhões de libras, importação no valor de 650 milhões de libras e reexportação no valor de 98 milhões de libras (ha attender a alta dospreços) contra 770 milhões de libras de importação em 1913, 526 milhões d'exportações e 110 milhões de reexportação. O movimento marítimo em 30 milhões de toneladas entradas no anno de 1916 perdeu 4 milhões sobre o anno anterior e 13 sobre o anno de 1914 nos navios entrados; e nos navios sahidos 36 milhões, isto é 4 milhões sobre o anno de 1915, 20 milhões sobre o de 1914. Muitos d'esses navios tem-se perdido torpedeados pelos submarinos inimigos cuja tonnelagem estava calculada para os inglezes segundo a declaração na Camara dos Commons por Lord Curzon em 2.250.000 toneladas (4 milhões para os navios allia-dos) (principio de Dez. de 1916). Apesar da bravura e audacia dos marinheiros inglezes celebres pelas suas qualidades nauticas na historia do mundo, a navegação que não diminuiu, por prudencia está restringida pelas forças das circumstan-eias e pelas necessidades da vida do paiz no actual momento. Os governantes que leem como n'um livro aberto a politica economica que o Reino Unido deve tomar para a realisação do seu programma nacional estrategico não se cansavam de prégar ás multi-dões a necessidade da economia sob os principios seguintes:

Consumo nacional, aproveitamento da terra e das coisas d'uso e de comer, dieta ou fixação de limite d'emprego dos generos nas refeições, escolha das refeições e no modo de vida.

Em meados de 1915 no Parlamento o Senhor Lloyd Jorge nos seus fecundos discursos expoz o principio da economia pelo aproveitamento collocando-o como o acto vital ao successo da causa ingleza; ainda então estava no governo o antigo ministerio liberal da presidencia do Senhor Asquith que tão vastamente fundára os alicerces e o edificio d'esse grandioso monumento que foi a organização do exercito, a centralisação dos meios de transportes, a defesa dos industriaes e commerciantes do Reino Unido, o aprovisionamento da nação, a obtenção dos capitaes de guerra (1). Esse Ministerio demitiu-se em presen-ça dos ataques dirigidos pelos commons irlandezes ás represalias policiaes contra os movimen-tos revolucionarios e da iniquidade no recruta-mento das forças irlandezas cuja percentagem classificada de necessaria para os serviços agricolas e industriaes apurava, diziam os irlandezes, muito mais homens validos para as fileiras do que na Inglaterra e na Escossia. Ali fica o communica-do official para os jornaes de 14 de novembro de 1916:



O Snr. G. N. Barnes
Ministro das Pensões

(1) — Ver sobre o assumpto artigos no «Diario dos Açores» de 5 de Janeiro a 8 de Março de 1915.

Numero de individuos d'idade militar na Irlanda por occasião do registo nacional: 547.827

D'estes foram considerados necessarios para os trabalhos agricolas e industriaes.	247.875	
Alistados depois do registo	33.221	
Inaptos physicamente	107.402	386.588
Aptos para o serviço		161.239

E demittiu-se em presença das censuras dirigidas por uma das maiores celebridades nauticas do Paiz, o Almirante Lord Beresford (Charles William de le Poer) commandante das esquadras do Mediterraneo, homem acostumado a declarar sinceramente o seu pensamento e a sua vontade ao Paiz e aos seus superiores hierarchicos como o fizera durante a administração de 1903—10 de Sir John Fisher no Almirantado. Sir Charles Beresford n'uma conferencia publica tida n'um dos grandes edificios de Londres proprios a concertos e outras exhibições grandiosas mostrou que a guerra maritima mantida pelo seu paiz deixava a desejar debaixo do ponto de vista strategico; a base d'operações na Mancha adquirida pelos allemees em Zeebrugge na Belgica e que tão importantes serviços tinha prestado aos allemees para o bloqueio das costas inglezas e á guerra naval, o governo inglez e o commando Superior da armada tinham a grande responsabilidade já na occupação e no assentimento das forças navaes allemees, já na escassez de ataques dirigidos contra o baluarte das forças inimigas na visinhança da Inglaterra; os resultados eram a ameaça triumphante do inimigo. Com a formação do novo Ministerio sob a presidencia do Senhor Lloyd Jorge generalisou-se a politica do aproveitamento systematico e a propaganda ao paiz.

Este ministerio celebre pelo numero de pessoas que o compuseram, 44 pessoas, com uma despesa de 160 mil libras annua's (fora os extras obtidos pelos encarregados da superintendencia da Justiça) composto no numero de individualidades de profissão estavam indicadas por esta forma para tomar a administração de tão importantes repartições navaes creadas pela organisação politica da guerra.

Desde 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1916 400 mil libras foram despendidas em novas construcções governamentais e o arrendamento d'escriptorios montava a 50 mil libras. 8 hotéis, 2 clubs, uma Camara Municipal, e 50 outras construcções varias tinham sido occupadas pelo Governno nos ultimos dois annos e alem d'isso, enumeras eram as construcções de madeira que se viam a fazer em varias ruas da Capital, assim dizia o Visconde Midleton um lord na Camara na sessão de 15 de fevereiro de 1917, achando-as injustificáveis.

Lord Curzon mostrava á Camara que a divisão de serviços se tinha tornado necessaria e mostrava como exemplo das despesas que se impunham ás commissões e de departamentos officiaes os gastos com o fabrico das munições que no primeiro anno tinham custado ao Governo um milhão esterlino e que agora no ultimo anno financeiro fôra de 500 milhões, e accrescentava que o numero d'estabelecimentos contractados passára de 2836 para 4631 aonde trabalhavam dois milhões de pessoas todos os dias homens e mulheres.

E' para notar porém que rãos são os combates ao augmento da despesa; a economia que todos os Ministros e parlamentares pedem são no aproveitamento. Os fundos para a guerra foram sempre votados sem discussão como convinha ao Parlamento que teve toda a confiança no seu governo e esses fundos erão colossaes. O governo novo que trazia 400 milhões de libras do mez de Dezembro de 1916 calculados para prover ás despesas do Estado até 24 de Março pediu ás Camaras em fevereiro de 1917 ultimo mais 350 milhões para as poder manter até ao fim do anno financeiro. As despesas durante o anno financeiro que terminam em junho 1916 -1917, subiram a 1.950 milhões de libras, perto de 12 milhões de contos de reis (a 6 mil reis); sendo cobertos os emprestimos com a maior rapidez pelas enumeras companhias de seguros, pelas casas bancarias, pelos industriaes, commerciantes e proprietarios agrarios e pela população inteira a quem foi aberta a

participação ás despesas da grande causa nacional por meio de pequenas cedulas d'emprestimo que as associações operarias negociavam a convite do Comité formado por este ramo da administração do emprestimo, Comité Nacional d'economia creado pelo Ministro das Finanças e que trabalhava sob a presidencia do Sir Kinderley administrador do Banco d'Inglaterra, e os quaes os operarios compravam a 15 shillings isentos de imposto de rendimento e reembolsaveis dentro de 5 annos, a 20 shillings.

Essas despesas importaram em 1914-15, em 362 milhões de libras; em 1915-16 em 1420 milhões e em 1916-17 em 1950 milhões; ao todo 3732 milhões ou fossem 22.500.000 contos de reis. O augmento de despesa d'este ultimo anda perto de 350 milhões de libras, correndo parelhas com o augmento da despesa diária no mesmo anno que segundo a informação do Ministro das Finanças da Inglaterra, Sir Bonar Law, no principio era de 4 milhões e oitocentos mil, teve um segundo periodo em que foi de 5 milhões e 50 mil, um terceiro de 5 e 70 mil, um quarto de 5 e 710 mil e por fim estava sendo de 5 e 790 mil. Este illustre homem politico que é hoje na Inglaterra o chefe do partido conservador, para mostrar que a Inglaterra era um paiz que podia perfectamente supportar muito mais encargos e muito mais emprestimos honrosos referiu-se sobre o paiz por occasião das guerras napoleonicas no fim das quaes a despesa montava a 800 milhões de libras quando o rendimento nacional era de 250 milhões, isto era dez vezes menos do que era antes da ruptura d'hostilidades com os Imperios Centraes.

A par d'estas despesas o governo, e alguns parlamentares auxiliam o governo, prosegue no seu programma de prégar o aproveitamento á nação. Por exemplo os lindos parques de Londres mantidos pelo governo e pelas municipalidades no numero de 18 com uma area de 18 mil acres (1) cuja manutenção custava ás diferentes Corporações 250 mil libras annuaes foram mudados em proficuos hortos de couves, nabos, cenouras e outros tantos campos d'experiencias aonde todos vão tirar informações das culturas para exercerem nos seus quintaes e nos jardins as mesmas culturas necessarias á existencia atribulada da guerra. O exemplo serve tambem de estímulo aos agricultores. E' sabido que uma das questões que preoccupavam ha muito a politica ingleza era a grande quantidade de terreno inculto. Enquanto que o terreno lavradio é de 2.560.000 moios o terreno inculto é de 3.600.000 moios. O governo liberal tinha-se já feito o peoneiro do arroteamento das terras inglezas e no Parlamento apresentou sob as bases tradicionaes uma lei em 1910 que as Municipalidades ficavam com a faculdade de conceder tratos de terreno aos camponezes, indemnisando-os com as despesas que estes tivessem com as habitações, instrumentos de lavoura e transporte de mercadorias, sahindo essas verbas d'indemnisações das Repartições d'Agricultura e Pescas. 295 moios foram concedidos no primeiro anno sendo o valor das indemnisações de 3.200 Libras. Do terreno lavradio da Inglaterra em 1916, as colheitas estão calculadas nas quantidades seguintes:



O Sr. A. Stanly
Ministro do Commercio

Trigo.....	444.119	moios
Cevada.....	310.817	"

(1)—O acre é igual a 4.047 metros².

Aveia	486.424	moios
Centeio	12.477	»
Feijão	55.126	»
Ervilha	140.300	»
Batata	220.400	»
Nabos e outras culturas.....	99.816	»
Couves	11.500	»
Lupulo	8.400	»
Pequenos fructos	17.600	»
Forragens e relvas.....	602.300	»
Outras culturas que se não podem de- terminar	208.792	»

Os animaes das creações ou industriaes são pelas estatisticas do paiz:

Cavillos	1.359.566	animaes
Gado vaccum	6.215.781	»
Carneiros	17.951.123	»
Porcos	2.167.941	»

O consumo de assucar foi de 118.800 toneladas (137.450 em 1915, 414 300 em 1914).

São varios os parlamentares e os politicos que estão ligados á cruzada do aproveitamento; o Senhor Montagu secretario parlamentar do Thesouro inafestase nas Communas em outubro de 1915, o fallecido Lord Kitchner, o Snr. Balfour, o Senhor Chamberlain, uma sociedade de 18 banqueiros de Londres que se juntaram com o fim de que todos concorram a financear a guerra e que diziam que para isso todos tinham que consumir somente o estricto necessario, a união dos trabalhadores. promovem a iniciativa d'uma exposiçào economica em julho de 1916 pela qual eram mostrados os preços das coisas, a comparação entre ellas e as conveniencias da compra debaixo do ponto de vista economico.

Tomou verdadeiramente a palavra sobre a missão economica da Inglaterra o actual ministro da Agricultura o Snr Prothero, antigo editor da *Quartley Review*, ex-advogado e membro do Comité Real dos Caminhos de ferro, agente em chefe da Casa do Duque de Bedford, escriptor agricola e considerado uma das grandes auctoridades na materia. E' elle quem tem proferido o maior numero de discursos e reuniões populares sob o assumpto ligados á agricultura.

Em fevereiro elle formou uma Commissão de Peritos, cuja presidencia occupou, para o aconselhar em tudo quanto fosse trazer um augmento de produçào de generos alimentares e junto ao Ministerio creou um departamento das Produções alimenticias que tinha por funçào fazer chegar ás Comissões provinciaes, creadas já durante o anno, todos os elementos necesarios a fim de substituir as municipalidades na assistencia aos cultivadores. Tambem d'esse departamento houve representaçào d'um commissario junto das Comissões provinciaes sendo membro d'ellas, e para isso foi organizada uma divisião districtal especial.



*O Snr. R. E. Prothero
Ministro da Agricultura*

Duas mais doutrinas importantes elle estabeleceu nas questões d'economia agricola: a fixação do preço maximo dos generos e a determinação das quantidades a absorver a que chamou dieta—a dieta da guerra. Na fixação dos preços dos varios generos e productos agricolas eis o quadro do preço porque se encontravam á venda em Londres em Abril de 1917 a retalho:

Alhos	4 pences a libra (1)
Couves flôres 6 a 10 pences cada uma...	
Cenouras	2 " "
Nabos.....	2 " "
Rhuibarbo 5 p. Mancho.....	" "
Pepinos	2 Shil. " " (2)
Cogumelos	2 " " " "
Batatas	1 sh. e 8 pen "

Quanto á doutrina estabelecida para a fixação official dos preços dos generos 4 pontos ficaram assentes que foram introduzidos n'uma lei apresentada nas Camaras a 5 d'Abril.

1.º—Estabelecimento do preço minimo no trigo e cevada por seis annos no Reino Unido, podendo o lavrador que vender o cereal mais barato ser reembolsado pelo governo, da differença (o engano era punido com seis mezes de prisão). O quadro é o seguinte: Colheita:

		Trigo	Cevada
1917	(os 20 alqueires)	60 Sh.	38,6 Sh.
1918	"	55 "	32 "
1919	"	55 "	32 "
1920	"	45 "	24 "
1921	"	45 "	24 "
1922	"	45 "	24 "

2.º A fixação minima do salario do camponez era de 25 Sh. por semana sob pena de 20 libras de multa e 1 libra por cada dia que continuasse no trabalho.

3.º A prohibição da elevação das rendas das terras.

4.º Dar força a cultura bem orientada.

As quantidades dadas e valores dos trigos e farinhas vendidos no Reino Unido durante o anno de 1916:

Trigo inglez.....	228 mil moiz
Trigo importado.....	1.167 mil moiz
Farinha (como trigo)..	170 mil moiz
Total.....	1.565 mil moiz quant. superior de 295.627 moios a 1915.

Os valores para as importações: (trigo).....	11.622.368 Libras
(farinha).....	1.326.932 "
	12.949.300 "

A 6 mil reis dá 77.697.000.000 reis.

Vejamos tambem a proposito, as importações dos generos comestiveis animaes e seus preços em fevereiro de 1917: ellas serão acompanhadas do movimento de navegação comparada, e depois veremos a dieta preconizada pelos Ministros que tem a seu cargo a fiseafisação das subsistencias publicas.

(1) O valor do penny era ao cambio d'então 32 reis fortes. A libra de peso é igual a 453 gr.^{as} 544 miligr.^{as}

(2) O valor do shil. era ao cambio d'então 375 reis fortes.

Carne de vacca (fevereiro de 1917)....	1 Sh. 8d.	em 1916 (fins)
Carne congelada.....	11 d	7 1 2
Carneiro.....	1 Sh.	9 1 2
Carneiro australiano.....	10 d	7 1 2
Carneiro americano.....	10 3 4 d	7 1 2
Carne de porco.....	1 Sh.	10 p.
Porco congelado.....	10 1 2 d	7 3 4
Chá (meio kilo).....	2 Sh. 4 d.	(1 k. regula 200 chavenas,

A 15 d'agosto foram publicados os preços dos doces, geleias e tabacos pelo Controlador Lord Rhondda :

	Retalho	Grosso		Retalho	Grosso
Doces.....			Pera		
Damasco (a libra)..	}	9 penc.	framboeza.....	}	11 1 2
Cereja.....			Groselha (vermelha)		11
Ananaz.....	}	1 Sh.	Amora, Ameixa e/	}	9 1 2
Morango.....			Maçã.....		
Groselha (preta)...					

Os cigarros vendiam-se a 3 sh. 5 pen. o cento ou a 4 1 2d (1) pelos 10, sendo prohibido o augmento de mais de 10 pences o cento aos cigarros que não pezavam menos de 2 1 2 libras o milhar sendo então o limite de 1 sh. e 1 2 pen. por centena

As cotações dos ovos tinham-se mantido a 1 sh. a dúzia; o queijo a 10 1 2 pences a libra, a manteiga, a 10 1 4 p. a libra, fresca, 9 1 2 salgada; leite 2 1 4 p por 1 4 de gallão, (2) batatas 7 1 4d por 7 libras.

Os peixes foram igualmente taxados a preços variaveis entre 1 sh. e 2 sh. a libra, os peixes frescos, excepto para a mugem 3 shil., os linguados 3 1 2, salmões 3 sh., solhas 2 sh.; sendo os peixes afamados entre 6 pen. e 1 shilling exceptuados os bacalhous a 2 sh. o haddock (especie de bacalhau) 2 shill.; (3) os peixes salgados; e os peixes congelados entre 1 sh. e 8 pences e 2 e 4 penc.; nos preços da caça e aves, 2 1 2 sh. e; am as taxas para a libra das gallinhas americanas, as outras chinezas e estrangeiras 2 sh. e 3 pen.; patos 1 sh. 10 1 2 a libra; ptormigas (genero de perdiz) 2 sh. e 6 pences; as lebres tinham o preço de 7 1 2 a 10 1 2 shillings cada, os coelhos mansos 8 1 2 pences a libra e os bravos 1 shilling e 9 pences.

Nos mercados das rezes e outros animaes cujos preços nos talhos tinham sido affixados assim, os animaes vivos tinham as seguintes cotações:

Rezes vaccuns	de	45 a 55 Libras	porcinas	de	15 a 30 Libras
Ovelhuns	de	4 a 9	Porcos	de	
			Leite	de	2 a 3

O movimento de navegação durante o mez de janeiro comparado com o mez de janeiro dos annos de 1916 e 1915, comprehendendo os navios entrados, foi em:

	1917	1916	1915
Tonneladas	4.681.133	9.421.213	5.940.108

O primeiro ministro com o fiscal da alimentação, Lord Devonport estabelece-

(1) Os inglezes figuram o penny por d. denaria do latin.

(2) O gallão é igual a 4 1 2 litros

(3) Os não especificados na lista custavam igualmente 1 shilling e 6 pences, a lista era composta de arenques, cavallas, pilchards (especie de sardinha) e as sardinhas.

rão o limite da alimentação á população da Inglaterra creando o que Lloyd Georges chamou "o menu nacional" assim constituido pelos os seus principaes elementos :

Carne (com o peso d'ossos).....	2 1/2 libras
Pão	4 libras
Assucar.....	3/4 libra

Cada individuo, e individuo era considerado qualquer creança na familia, tinha direito a esta ração diaria, que os ministros consideravam abundante em relação ao que era distribuido na Alemanha ás familias que não chegava a um quinto das quantidades fornecidas a uma familia de 5 pessoas.

Em 26 de Março começou a vigorar o novo preço de pão de 4 libras a um shilling o mais alto que tinha attingido desde agosto de 1914, em que elle se vendia por 5 1/2 pences. A sua carreira tinha sido rapida : Logo a 4 d'agosto estava a 6 pences e a 31 a 6 1/2; em 9/15 elle varia entre 7 e 8 1/2; em 1916 elle varia entre 9 e 10 1/2; e em fevereiro de 1917 estava a 10 1/2.

Trez dias antes tiveram lugar na Camara dos Commons os grandes debates sobre fornecimento, aprovisionamento e consumo que constituiram o programma do Fiscal das provisões e d'elles sahiram varias medidas que o governo submetteu á Camara entre as quaes a fixação de preço maximo dos comestiveis d'importação por trez semanas que foi logo publicado nos jornaes do dia 24.

A questão foi estudada scientificamente e veiu para a imprensa debatida pelos medicos e pelos politicos conjunctamente.

O Professor W. M. Bayliss professor de physiologia na Universidade de Londres fixava assim a questão discutindo as declarações de Lord Devonport nos seus discursos de propaganda. Um homem trabalhando todos os dias uteis precisa 3 3/4 onças de proteina, 3 3/4 onças de gordura e 18 onças de carbo-hidrato.



O Sr. A. Henderson
Socialista e Syndicalista
(Ministro sem pasta)

A proteina por exemplo, um homem precisa de 26 1/4 onças por semana, mas a quantidade de proteina contida em 4 libras de pão e 2 1/2 de carne é apenas 14 1/2 onças porque o assucar só possui carbo-hydratos; impunha-se portanto o acrescimentamento d'outros alimentos taes como : leite, queijo, batatas, vegetaes; mas o Doutor Bayliss aconselhava, oat meal (farinha de aveia) porque a farinha d'aveia não só era mais rica em proteina do que a farinha de trigo como continha 7 vezes mais gordura e era muito mais productora de energia do que mesmo a carne de vaca. Os feijões, as lentilhas, as ervilhas seccas, tambem eram aconselhados porque eram tambem ricos em proteina e continham tanto elemento fortificante como a farinha de trigo. Todos estes generos tambem forneciam carbo-hydratos.

O Doutor Russel Wells entrevistado pelo *Daily Telegraph* tambem se pronunciou sobre o assumpto cujo problema dizia elle andava em volta dos cereaes e não tinha sido scientificamente demonstrado pelo Ministro das subsistencias que apenas o apontara.

Um homem precisa para a sua alimentação, acrescentou elle ao entrevistador, 540 grammas de proteina por semana em alimento que fornece egualmente 18.200 calorias.

Ora o menu do Lord Dovenport era :

	Proteina	Calorias	
4 Libras de pão	145 grammas	4700	Calculando o consumo antes da guerra pela produção nacional e pelas importações cabia a cada habitante, comprehendendo creanças, 610 grammas de proteina e 21.640 calorias, o que attribuindo a cada individuo 540 grammas de proteina e 18.200 calorias podia-se perfeitamente viver bem, e o Dr. Russel Wells compunha assim a sua lista para o alimento de cada individuo na Inglaterra, por semana :
2 1 2 " " carne	150	3750	
3 4 " " assucar	—	1370	
	295	9.820	

Para o morador da cidade :

	Grammas de proteina	Calorias	Preços	Correspondente em moeda insulana (1)
1 2 libra de carne	150	3.750	3 sh. 9 p.	1.150 reis
4 libras de pão	145	4.700	0, 11 p.	275 reis
3 4 libras de assucar	—	1.370	0,4 1 2 p.	115 reis
3 1 2 libras de leite	70	1.400	0,10 1 2 p.	265 reis
14 onças de queijo	100	1.550	1, 2 p.	350 reis
1 2 libra de margarina	—	1.800	0, 7 p.	175 reis
3 1 2 libras de batatas	30	1.500	0,5 1 2 p.	140 reis
4 onças de cocôa	20	560	0, 6 p.	150 reis
1 2 libra de farinha de aveia	35	870	0,1 1 2 p.	40 reis
4 onças de arroz (1)	10	400	0, 1 2 p.	40 reis
Somma	560	17.900	8, 10 1 2 p.	2.700 reis (2)

Para o camponez a sua dieta semanal seria de :

1 libra de presunto	40	2.700	1.6	350 reis
10 libras de pão	360	11.760	2.3 1 2	680 reis
1 libra de farinha de aveia	70	1.740	0.3	175 reis
1 2 de margarina	—	1.800	0.7	175 reis
1 2 de queijo	60	880	0.8	200 reis
Somma	530	18.880	5.3 1 2	1.580 reis (3)

O Doutor Russel Wells acrescentava que o pão era essencialissimo no consumo do camponez e como a importação da carne era grande e que esse gado fornecia em carne um quinto do alimento de cada tonelada de hervas apenas e que além d'isso occupava muitos navios no transporte, era necessario parar com a importação da carne e substituir o alimento da carne por cereaes, e para provar que uma diminuição de carne na comida não era prejudicial na alimentação elle citava a opinião do Dr. Roberto Hutchison, auctoridade mundial reconhecida, que não havia muito tempo dissera que 2 libras de carne por semana por cabeça era uma dose muito regular para alimentação d'um povo que se provia bem doutros generos. Uma investigação feita em 1912 pelo Ministerio do Trabalho aos salarios e preços a retalho sobre a vida de 1944 familias constatando o consumo semanal em varias familias, tambem; dera :

Rendimento semanal	sob 25 sh.	25 a 30	30 a 35	40 acima :
Media dos filhos	3.1	3.3	3.2	4.4
Pão e farinhas	28 lb. 44	29.97	29.44	37.76
Carne (vaeca)	4 .44	5.33	6.26	8.19
Assucar	3 .87	4.62	4.79	6.70

(1) A onça equivale a 28 grammas 687 miligrammas.

(2) Caloria é a unidade convencional para designar o poder alimenticio dos comestiveis.

(3) Aqui o preço da moeda foi o corrente.

O consumo medio de familia por cabeça era .

Pão e farinha	5.57 libras	5.65 libras	5.66 libras	5.9 libras
Carne	0,87 "	1. "	1.20 "	1.28 "
Assucar	0,75 "	0.87 "	0.92 "	1.04 "

O senhor J. B. Leathes do departamento de Physiologia da Universidade de Sheffield tambem dava o seu alvitre nos seguintes termos. Cada individuo precisava de 40 calorias diarias por cada kilo que pesava, portanto um homem de peso medio de 70 kilos requeria 2.800 calorias, e a fim d'esclarecer a alimentação publica, elle fornecia uma taboa de generos, e seus valores segundo as analyses scientificas das composições d'elles.

	Calorias
1 onça de manteiga margarina.....	225
1,2 libra de batatas.....	220
1 4 de litro de leite.....	180
1 onça de queijo.....	120
1 onça de farinha d'aveia (secca a comprar).....	110
1 onça d'arroz.....	100
1 onça de ervilha secca, feijão ou lentilhas.....	100
1 ovo.....	60
1 2 libra de cenouras (á compra).....	40
1 4 de libra de alcachoiras (de Jerusalem).....	90
1 4 de libra de alhos (á compra).....	50
1 4 de libra de cenouras brancas.....	60
1/4 de libra de beterraba.....	45
1 4 de libra de maçãs.....	55
1/4 de libra de peras.....	65
1 4 de libra de bananas.....	75
1 4 de libra de uvas.....	80
1 4 de libra de morangos.....	45
1/4 de libra de cerejas.....	85
1 4 de libra de amoras.....	40

A actividade do governo redobrava para augmentar a produção por todos os meios possiveis. Em Janeiro de 1917 uma circular era dirigida ás auctoridades municipaes para promover o trabalho das mulheres; para pôr em laboração por sua conta qualquer boccado de terreno util a cultura que não encontrasse pessoa para o fazer por conta propria; para estimular todo o habitante do districto a cultivar nas horas vagas o terreno desprezado; para prometter alem das 2 Libras que o governo fornecia por cada acre (o acre é igual a 40 1/2 ares approximadamente) de terreno inculto que fosse trabalhado no caso de apparecer justo de dobrar para 4 libras o subsidio; para advertir as auctoridades e os agentes do ministerio do trabalho que exerciam as fiscalisações que as terras novamente apropriadas eram terras isentas de impostos e contribuições como terras da Corôa, não sendo por isso os trabalhadores d'ellas reconhecidos como rendeiros mas como utilisadores da terra para o fim d'augmentarem a produção.

No seio das sociedades appareceu a preocupação de garantir aos socios um fornecimento regular de certos generos que devido á difficuldade de navegação faltavam.

A Sociedade Cooperativa Royal Arsenal de 53 mil membros resolveu distribuir a partir de 12 de fevereiro a 15,3 classes de cartas dando direito a assucar nas quantidades seguintes :

1 2 libra d'assucar por semana contra—	2 a 4 Lbrs. Esterlinas
1 libra "	" 5 a 13 "
2 libras "	" 14 e mais "

Em Abril o Controlador das subsistências fixava os preços máximos para a produção nacional de:

Trigo	78 shillings	para o quartoeiro de	480 Libras
Cevada	65 shillings		400 Libras
Aveia	55 shillings		312 Libras

E no dia 14 eram publicados nos jornaes os menus dos hotéis com as indicações das doses comestíveis permittidas pela nova Lei fixadora das rações para estabelecimentos maiores de 10 quartos de cama, ou para casas de comidas fornecendo refeições ao custo superior de 1 sh. e 3 pencees sem bebidas:

	Carnes	Assucar	Pão	Farinha
Almoços (onças)	2	27	2	0
Lanche (jantar do meio dia)	5	27	2	1
Jantar (incluindo chá)	5	27	2	1
Chá	0	27	2	0

Com uma serie de discursos de propaganda de medidas e de leis, o governo realisava uma obra de economia de subsistências de que ia depender uma equidade na vida ingleza com as necessarias garantias para assegurar o bem estar nacional presente e futuro.

O aproveitamento da terra cultivada de lupulo para o fabrico da cerveja impunha-se e traria, se por acaso fosse retirado d'essa cultura de generos comestíveis durante o anno, 150 mil toneladas de batatas e 300 mil quartoeiros de aveia o que corresponderia a 6.000 toneladas



Lord Rhonda

Ministro das Subsistências

metricas de proteina e 223 mil milhões de calorías. A cerveja, e o leite retirado do alimento feito com os residuos das fabricas das cervejas, forneciam 28 por cento e 39 por cento de energia e menos de 27 por cento da proteina da materia prima original e portanto já a utilização d'essas materias directamente na alimentação forneceriam 71 por cento de energia e 68 por cento de proteina á alimentação publica; mas impunha-se tambem a prohibição de dar aos gados cevada e outras materias porque senão, como carne, ellas forneciam apenas 15 por cento de energia e 17 por cento de proteina. No leite havia tambem uma utilização de proteina a fazer. Separando 50 gallões de leite por cada bezerro para sua alimentação e havendo 2.500.000 bezeros no Reino Unido, 125 milhões de gallões eram requeridos. Deduzindo estes 125 milhões de gallões de 625 milhões empregados em manteiga, teriamos utilisaveis para queijo 500 milhões.

Verificando-se que 2 1/2 gallões de leite são necessarios para fazer 1 libra de manteiga emquanto que um gallão de leite faz uma libra de queijo nós temos que 500 milhões de gallões de leite fazem 228 toneladas de queijo contendo 57 mil toneladas de proteina emquanto que mil toneladas de proteina é a que fornece a produção da manteiga. Utilizando portanto os 500 milhões de gallões de leite no fabrico de 228 mil toneladas de queijo, havia uma economia de 55 mil toneladas de proteina, porque mil toneladas perdiam-se igualmente na composição do leite com as mil que se retirariam da manteiga.

Cada 2 milhões d'acres, dizia o Controlador das Subsistencias, dava carne para 3 milhões d'individuos.

1918 ia entrar n'um regimen mais apertado de alimentação. Os novos Editaes eram promulgados a 22 de Janeiro e restringiam a alimentação a 5 dias de carne por semana e compunham o menu nacional nas condições seguintes:

	Carne	Assucar	Pão	Farinha	Manteiga Margarina
Almoço	0 onças	0 onças	3 onças	0 onças	1,3 onças
Lanche	3 "	1,7 "	2 "	1 "	1,3 "
Jantar	3 "	1,7 "	3 "	1 "	1,3 "
Chá	0 "	0 "	1 1 2 "	0 "	1,4 "

havendo os equivalentes seguintes:

1 onça de carne por 2 1 2 onças de caça e 4 onças de pão por 3 onças de farinha; e comprehendendo-se por carne a carne dos talhos, salsichas, presunto, porco, toucinho, aves, carnes conservadas e picadas, refugos e todas as carnes e gorduras.

O carvão estava-se a vender com difficuldades; o augmento dos salarios, as difficuldades da exportação, a elevação do seu preço, as greves que a partir do 2.º semestre de 1915 se manifestavam com repetições varias, tudo concorria para uma crise carbonifera e a crise carbonifera era uma crise nacional.

A exportação do carvão em 1913 foi na quantidade de 77 milhões de toneladas, enquanto que o resto das mercadorias inglezas foi de 20 milhões; a produçãonos diferentes annos de guerra tinha sido:

1914.....	265 milhões
1915.....	253 "
1916.....	256 "

As companhias publicando os seus relatorios mostravam a necessidade que se tivera imposto de augmentar os lucros que de 10 por cento passáram a quasi 30 por cento, isto era de 1 shilling por tonelada a 2 shillings e 11 pences para manter a regularidade do rendimento da mina.

Em 1913 vendia-se a tonelada de carvão á borda da mina por 10 shillings e 1 penny e 1 2, custando transportado para Londres 10 shillings mais, vendendo-se em barcos no Tamisa.

Agora a retallo custava o quintal 2 shillings, o que representava o custo da tonelada a 40 shillings; sendo o preço á borda da mina de 23 shillings.

Pondo á disposição dos arroteadores 15 mil cavallos e 8 mil tractores mecanicos o Governo queria mais 3 milhões d'acres (220 mil moios) de culturas. Com esse augmento não eram só os abastecimentos que augmentavam, não era só a riqueza publica que se desenvolvia, não eram só os generos que diminuiam de valor, eram navios que se poupavam e cada 3 mil toneladas de carga representava a economia d'um navio. Os cruzeiros allemães dos piratas não se mantiveram porque apenas 3 navios offereciam as condições de rapidez e de segurança para fazer face á esquadra do Atlantico ingleza e americana, e a entrada dos americanos na guerra acabara com elles definitivamente recolhendo o ultimo a um porto allemão em meados de 1918. O mesmo não acontecia com os submarinos que algumas horas antes da assignatura do armistício mettiam um vapor inglez no fundo pelas immediações de Gibraltar firmes na sua obra de destruição.

Foi contra o bloqueio allemão da Inglaterra e contra a guerra no Atlantico no Mediterraneo e no mar do Norte que os inglezes luctavam afim de assegurar a vida normal á Inglaterra.

Em 6 mezes de periodo normal de 1914 as importações inglezas tinham sido no valor de cerca de 26 milhões de toneladas, agora sob o estado de guerra as estatísticas accusavam:

Até janeiro 31 de 1915.....	24.344,627 toneladas
Até julho 31 de 1915.....	24.221,249 "
Até janeiro 31 de 1916.....	24.553,950 "
Até julho 31 de 1916.....	21.097,945 "
Até janeiro 31 de 1917.....	21.097,945 "

Segundo as declarações do Lord Beresford na Camara das Camaras, apesar da construcção ter sido de 3 milhões de toneladas aproximadamente desde o começo da guerra até principios de Janeiro de 1917, navios na arqueação de 4 milhões tinham sido mettidos a pique pelos allemães sem contar com 2.300 navios pertencentes a nações alliadas e neutras que tinham soffrido o mesmo destino.

Mas os allemães fazem notificação d'uma acção mais energica nas aguas declaradas zonas de guerra e estendem essa zona e logo na segunda semana de fevereiro 105 mil toneladas são perdidas pela Inglaterra.

Já as entradas e sahidas da navegação de janeiro de 1916 para as de 1917 davam uma differença de 1.150.920 toneladas, na differença de 5.421.213 para 4.681.133 toneladas no commercio de Inglaterra.

As perdas dos vapores tinham sido:

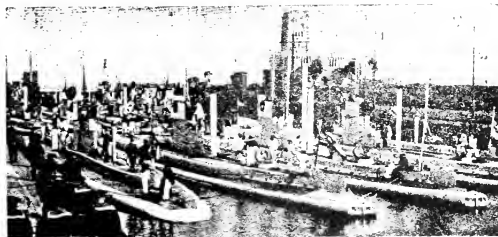
	Inglezes	Alliados e neutros	Total
Em 1914 2.º semestre	468.727	212.635	681.363
Em 1915 1.º "	439.681	261.285	700.886
Em 1915 2.º "	663.798	360.050	1.023.791
Em 1916 1.º "	595.927	450.557	1.046.484
Em 1916 2.º "	901.921	849.461	1.731.382
Em 1917 1.º "	2.273.710	1.582.597	3.856.307

E apesar de todos os esforços empregados, os estaleiros inglezes não produziam tonelagens sufficientes para substituir o perdido, e os dois paizes alliados que podiam vir prestar auxilio ao commercio do mundo estavam longe e de preferencia desviavam-se das zonas perigosas dos mares europeus.

As construcções da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Japão e as calculadas para todos os paizes eram:

TONNELAGENS

	Inglaterra	Japão	E. U. A.	Todos os paizes
1914	1.683.553	85.861	162.937	2.852.753
1915	650.919	49.408	157.167	1.201.638
1916	608.235	145.624	384.899	1.688.080
1917	1.162.896	350.141	821.115	2.937.786



Os submarinos no porto de Wilhelmshafen

Poeiras do Passado

O SOLAR

Ao Humberto de Belhencourt,
ao Albano d'Azvedo e ao Rodrigo Rodrigues

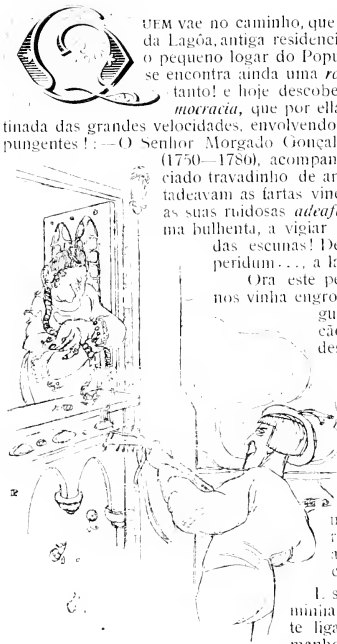
QUEM vae no caminho, que d'esta cidade conduz á nomeada Villa da Lagôa, antiga residencia dos Senhores do Vulcão, depara com o pequeno logar do Populo, onde á margem do citado caminho se encontra ainda uma *roqueira* casa de vinha, alli postada d'ha tanto! e hoje descoberta na mais palaciana reverencia á *democracia*, que por ella passa sobranceira, na esquipatica maninada das grandes velocidades, envolvendo-a n'uma triste poeira de recordações pungentes! — O Senhor Morgado Gonçallo Rapozo acolhia-se n'ella pelo estio (1750—1786), acompanhado de suas filhas, levadas no cadenciado travadinho de anafadas burras de casa rica; alli se estadeavam as fartas vindimas de tentadoras uvas louras, com as suas ruidosas *adeafas*, os ranchos de laranja na sua azafama bulhenta, a vigiar sempre o vento por causa do levante das escunas! Depois... a phylloxera... o coccus hesperidum... a lagrima—.

Ora este pedregoso couto, que desde largos annos vinha engrossando as magras árias dos filhos segundos, descendentes da Morgada do Vulcão, D. Maria Rosa d'Athayde Corte-Real, desposada em 2 de Julho de 1733, na capital do reino, por Antonio José da Fonseca e Castro, chegou até mim co'a tradição pura dos seus antigos donos, se bem que empobrecido pela ruina das culturas então fartamente remuneradoras.

Alli vivi a melhor quadra da existencia: as brinadeiras da infancia, a esturdia da adolescencia, e até mesmo as estroinices da puberdade, tornaram a velha morada do Populo o mais apreciado valor do modesto patrimonio com que me herdtram.

L sempre que invoco as lembranças da minha sadia mocidade, encontro estreitamente ligado áquellas adustas pedreiras de tamanho enlevo para mim, um seu numero de factos, datas e nomes em volta dos quaes se acastellam inolvidaveis reminiscencias do que tenho vivido.

Prendeu-me ultimamente em casa um birrento catarrho, d'aquelles com que nos distingue a desabrida hibernia, quando se solta, inelemente, soprando sem tre-



gua, como agora, e divertindo os ocios do meu resguardo, dei-me ao passa tempo de devassar os arcanos da estante que tenho no quarto de trabalho, e onde jaz, desordenadamente disperso, todo um mundo de livros, manuscritos, apontamentos, cartas, retratos, & & &.

Aberta uma gaveta, ao acaso, comecei o meu entretenimento, passando pela vista cartas anodynas, apontamentos sem valor, bilhetes de cortezia quando se me deparou este primoroso soneto elegiaco do Humberto de Bethencourt :

*Já o mesmo não sou! Sou um "deitor",
Ou cousa que o valha, á dependura
N'este escriptorio, onde ha tanta fartura
De moscas, de poeira e de calor!*

*Deixei de fazer versos ao Amor,
Não sei já o que seja nma aventura,
E o mais que faço agora é escriptura
D'alguma venda ou mútuo com penhor!*

*O meu tempo passou! Já homem sério,
Mettido n'esta regra como um frade,
Entreí das leis do sello no mysterio...*

*Que os fadistas, sequer, gemendo o fado,
De mim se lembrem sempre com saudade,
D'este poeta-á-rasa, desgraçado!*

A leitura de tão impressiva *charge*, copia da gravada pelo auctor, em outubro de 1890, na parede da velha casa de jantar do Populo, apoz uma d'aquellas copiosas *collações* com que a nossa despreoccupada jovialidade, ao tempo, divertia



O. Com propriedade, copiado para o Solar, e gravado, segundo o auctor, d'estas notas humoristicas.

chistosamente a mais ruidosa pandega, fez-me sentir duramente o acerbo espinho da saudade;... e reconstituindo tantas das espirituosas e turbulentas scenas alli passadas, foi-se-me o pensamento voando brandamente n'uma alegre visão da mocidade perdida.

Na memoria de todos quantos formaram a estreita roda d'aquelle tempo e alli cimentaram a mútua estima que o decorrer da existencia vem agradavelmente apertando, o Rodrigo Rodrigues, o Albano de Azevedo, o Jacintho Gago, e outros, vive, com desvanecimento, a recordação das jocundas festas do *solar*, como em-

phaticamente se lhe chamava; mas um de entre todos as celebrou dignamente no estro fulgurante da sua inspiração—Humberto de Bethencourt—.

Lêde a formosa carta que segue, sentida invocação *d'aquella vida descuidosa*, que nos mostrava o ceu da alegria, no dizer feliz do poeta;

C A R T A

(De Coimbra, em 1896, a Annibal Bicudo)

*Lembrando, ha pouco, o nuíto que careço
De novas minhas dar-te, sem demora,
Amigo para ver's que não te esqueço,*

*P'eguci da minha frauta, com que agora,
P'or desenfado, ás vezes, n'esta vida,
Firo os echos dos montes por'hi fóra;*

*Mas a vóz que tirei foi tão sentida,
Que logo a recolhi, pois sendo assim,
Não fóra para d'outrem ser ouvida.*

*E n'aquelle proposito em que vim
De n'esta as minhas magoas occultar-te,
Um mais alegre canto achei por fim.*

*Alegre e não galante, que sem arte
Jamais florir se pôde um canto triste,
E eu não a possuo por minha parte.*

*Contente fico já, se o tom resiste
Dos aegipans á franca zombaria,
Que por castigo meu sempre me assiste.*

*Depois que te deixei, nem um só dia
Provei d'aquella vida descuidosa,
Que nos mostrava o ceu da alegria.*

*Quando comtigo, ás tardes côr de rosa
D'agosto, procurava, á beira-mar,
Ou nos campos frescura deleitosa :*

*Quando partiam juntas ao luar,
Irmãs as nossas almas, docemente,
Na corrente dos sonhos a vogar. . .*

*Nunca mais tive aquelle goso ardente
Das nossas festas, quando abandonados
Dos tityros na turba refulgente ? . .*

*Tantos prazer's fugiram-me apressados,
Deixando-me somente esta lembrança
Com que mais duros sinto os meus cuidados.*

*Não cuidei de que a sorte, ás vezes mansa,
Enganosa disfarça então as penas,
Que cedo sobre nós certa lança.*

*Em vão me cri seguro ! pois apenas
Chegado fui a este meu retiro,
Onde, escondido, esp'rava horas serenas,*

*Amor rasgou-me o peito num suspiro,
Perdi a vista á vista d'um encanto,
Fui sem saber de mim n'um louco giro !*

*E bem feliz de mim, se d'esse espanto
Não mais á triste vida me tornasse
Que o desengano vai fundindo em pranto.*

*Um feiticeiro olhar, pregrina face,
De nunca em sonhos vista formosura,
Quiz o destino aqui se me mostrasse ;*

*Não fosse Deusa, embora, ou nympa pura,
Nunca por certo um mais suave agrado
Aos olhos d'um mortal deu a ventura !*

*Mas, ó mesquinha sorte, ó triste fado
De quem não pode nunca achar prazer.
Senão para um momento o ter logrado*

*E logo ter a magoa de o perder !
-- Miragem foi, dir-se-hia, ou illusão,
Que como nevoa vi desaparecer . . .*

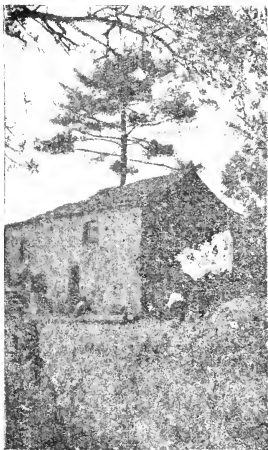
*Dizer-te, amigo, agora a decepção
Que então soffri, talvez já não pudesse,
Quando mesmo não fôsse outra a razão,*

*Aque'la que te disse e não me esquece :
Disfarçar n'este canto a velha dôr,
Que até já natureza em mim parece.*

.....

.....

Mas não cantou, o poe'ta amigo, tam sómente o *solar*, quiz ainda na mesma feição peculiar do seu engenho, deixar lançada, com inconfundivel traço de verve inoffensiva, o perfil caricatural do *Senhor* d'aquella vetusta estancia de *nunca assáz lembrada folia* :



As ruínas do «Solar»

*De frente ou de perfil, sempre bicudo,
Ninguém jamais o viu d'outra maneira :
E é torto atrás, que é pecha da Terceira,
D'onde menino veio, se não me illudo.*

*Quando é mister, ageita de sisudo,
Comquanto a vida leve á brincadeira ;
Tem a língua, a piada d'algibeira,
E as mãos, que sô de gesto arrasam tudo!*

*Muitas tardes, montado n'um ginele,
Batendo sola e por mesquinho frête,
Lá vac rondar do Populo os pinheiros...*

*Loca instrumentos varios e com jeito,
Mas o que loca mais e a preceito
E' rabeção... nas costas dos parceiros!*

Setembro de 1900.

A vida correndo veloz, deixa nos abrollhos do caminho trilhado muito do sangue que a animava; e é esse sangue perdido aqui, alem, no curvetear dos atalhos, a nota emotiva da jornada, muitas vezes agitada e sempre extenuante... A vós outros, estimados companheiros, cujos corações tantas vezes, n'esta jornada tenho sentido palpitar em acorde affectivo com o meu, offereço esta impressiva nota da nossa alegre e fugidia mocidade, crente de que ella irá ainda despertar no vosso espirito, ensombrado, é certo, pelas apprehensões e incertezas do presente momento, a emoção ferna e consoladora da despreocupada alegria que nos animou na melhor quadra da existencia.

Março de 1918

Annibal Bicudo

Notas e Estatística da Ilha de S.^{ta} Maria Pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos princípios do século XIX

População—Origem

Os primeiros povoadores foram Portuguezes; os Velhos descendentes de Gonçalo Velho; os Travassos; os Soares d'Albergaria; os Alvares Cabral; os Soares e Sousas; são appellidos das principaes familias que ali se estabeleceram.

	TOTALIDADE		Total
	Homens	Mulheres	
Em 1796...	1.671	2.152	3.823
Nasceram 137; morreram 96; a favor da população 41.			
Em 95 annos pode dobrar a sua população.			
Em 1813—Homens 1.801. Mulheres 2.062; total 3.863.			
Nasceram 133; morreram 94; a favor da população 39.			

Relação da população com os nascimentos, casamentos e mortes

Em 1813.

Nascimentos para a população assim como 1 para 28, 7 ou 4 por ‰.

Em 1796.

C: P:: 1: 127,6...ou 5 por ‰. N: P:: 1:27,1

M: P:: 1: 40,8...ou 5 por 200 M: P:: 1:38,7

Casamentos: Nascimentos:: 1:4,2

Nascimentos: Mortes: 1:4,1 N: M:: 1:4,1

Sexo masculino: sexo femenino:: 1:1,1.

Relação da população com a emigração

Termo medio do augmento da população em 17 annos 40 almas; ou em 17 annos 640 almas; augmento effectivo n'esse tempo 140: logo emigraram 500 almas; ou quasi todo o augmento annual de população; é de notar que augmentando em 17 annos, unicamente 140 almas (a população existente na Ilha) comparando os mappas de 1796 e 1813, n'este anno a classe dos homens augmentou de 130 almas, e a das mulheres diminuiu de 90: logo é desta classe que sahe a maior emigração: a experiencia tem demonstrado o calculo.

Relação das edades com a população

Em 1796.....	HOMENS.....	MULHERES.....	TOTAL.....
De 1 a 7 annos.....	262	270	532
De 7 a 14 ".....	283	220	503
De 15 a 60 ".....	920	972	1.892
De 60 a 90 ".....	206	690	896

Em 1814	HOMENS		MULHERES
Até 10 annos.....	454		436
De 10 a 20 ".....	437		365
De 20 a 30 ".....	232		258
De 30 a 40 ".....	214		288
De 40 a 50 ".....	179		276
De 50 a 60 ".....	165		251
De 60 a 70 ".....	100		139
De 70 a 80 ".....	57		61
De 80 a 90 ".....	14		10
De 90 a 100 ".....	1		1
	1.862		2.085

Logares da ilha ordenados pela sua maior população

	População	Fogos
1—Villa do Porto.....	708 almas.	104
2—Logar da Azenha.....	161 "	37
3—Logarejos d'Almagreira.....	139 "	39
4—Logarejos das Ladeiras.....	125 "	25
5—Logar do Santo Espirito.....	122 "	32
6—Logarejos da Praia.....	117 "	24
7—Logarejos da Sr. ^a da Gloria.....	107 "	27
8—Logarejos de St. ^a Anna.....	102 "	21
9—Logarejos da Malbusca.....	92 "	19
10—Logarejos da Rosa-baixa.....	91 "	20
11—Logarejo da Fonte do Jordão.....	90 "	20
12—Logarejos da Calheta.....	87 "	17
13—Logarejos da Carreira.....	85 "	21
14—Logarejos das Feteiras.....	81 "	18
15—Logarejos do Norte.....	78 "	16
16—Logarejos do Valverde.....	74 "	21
17—Logarejos da Lapa.....	70 "	14
18—Logar de S. Lourenço.....	68 "	20
19—Logar da Flôr da Rosa-alta.....	68 "	21
20—Logarejos da Ribeira do Engenho.....	68 "	19
21—Logarejos das Feiteiras.....	65 "	18
22—Logarejos do Poço grande.....	64 "	15
23—Logarejos do Outeiro.....	62 "	16
24—Logarejos do Paul de cima.....	59 "	17
25—Logarejos do Bom Despacho.....	59 "	17
26—Logarejos de Santo Antonio.....	56 "	15
27—Logarejos da Faneca.....	56 "	11
28—Logarejos dos Arrifes e Covas.....	55 "	12
29—Logarejos do Loural.....	55 "	13
30—Logarejos das Almas.....	53 "	11
31—Logarejos de Salvaterra.....	51 "	13
32—Logarejos das Pocilgas.....	46 "	13
33—Logarejos do Forno.....	41 "	9
34—Logarejos da Cruz.....	34 "	8
35—Logarejos da Grotta do Meirinho.....	34 "	7
36—Logarejos do Farrobo.....	33 "	8
37—Logarejos do Brazil.....	32 "	8
38—Logarejos do Panasco.....	30 "	7
39—Logarejos da Ribeira das Covas.....	29 "	8
40—Logarejos dos Barreiros.....	29 "	7
41—Logarejos da Boa Vista.....	29 "	8
42—Logarejos do Outeiro.....	28 "	5
43—Logarejos dos Lagos.....	27 "	7
44—Logarejos da Tronqueira.....	25 "	8
45—Logarejos da Feteirinha.....	25 "	5
46—Logarejos da R. ^a de S. Domingos.....	21 "	6
47—Logarejos do Campo.....	20 "	6
48—Logarejos do Covão da Mula.....	19 "	6
49—Logarejos do Paul de baixo.....	18 "	6
50—Logarejos do Alto do nascente.....	18 "	6
51—Logarejos do Monteiro.....	17 "	7
52—Logarejos do Alto do Poente.....	17 "	5

53—Logarejos da Ribeira do Amaro...	16	»	5
54—Logarejos dos Canivaes.....	10	»	4
55—Logarejos da Banda d'alem.....	10	»	6
56—Logarejos da Cruz d'Almagre.....	10	»	3
57—Logarejos do Arrebentão.....	15	»	6
58—Logarejos da Terra do Raposo....	14	»	4
59—Logarejos da Boa Vista.....	13	»	3
60—Logarejos do Chão de João Thomé	13	»	3
61—Logarejos do Cardal.....	13	»	4
62—Logarejos dos Covões.....	12	»	3
63—Logarejos do Pico do Penedo.....	8	»	3
64—Logarejos de S. Lourenço.....	7	»	1

Causas do pouco augmento de população: a continua emigração d'homens e mulheres.

Causas da emigração: 1.º—O atrazamento da agricultura, e o commercio pela sua exportação não ser livre.

2.º—Todas as terras da Ilha pertencem a um pequeno numero de proprietarios que residem na Ilha e outros fora: são elles que aloram ou arrendam as terras ao povo e que regulam os salarios dos trabalhadores: o capital empregado pelos proprietarios na agricultura é mui pequeno, consequentemente o rendeiro e o trabalhador nem chega a ganhar o salario necessario: o cidadão que não é unido nos lares nem pela propriedade nem pelo salario superfluo busca outra patria, os preços dos trabalhadores variam de 50 a 100 reis por dia.

População da Freguezia da Matriz da Ilha

Em 1774.....	2.142	almas
» 1779.....	2.073	»
» 1784.....	1.966	»
» 1789.....	1.826	»
» 1794.....	1.628	»
» 1799.....	1.525	»
» 1804.....	1.569	»
» 1809.....	1.616	»
» 1814.....	1.630	»

Por esta tabella se conhece a grande emigração da Ilha. Em 1814 tem esta freguezia menos que em 1774, 512 almas: o augmento da sua população devia ser de 70 a 80 almas: logo desde 1774 a 1814 ou em 39 annos devia ter augmentado 2.730 almas: a epocha principal das diminuições da população é o anno de 1771; sahio então em Portugal o Alvará que tornou livre a exportação da ilha de S. Miguel: em 1773 começou com a guerra dos Estados Unidos da America, então conservando Portugal a sua neutralidade floresceu o commercio portuguez; a florescencia do commercio de S. Miguel, ou augmento da nossa marinha mercantil, são duas das causas, que julgamos contribuíram muito para a emigração da Ilha de Santa Maria.

Relação da população com a superficie

Tem $4\frac{2}{3}$ legoas quadradas de superficie e em 1811, 3,944 almas; logo tem 843 almas por legoa quadrada.

O Meridiano da Ponta do Mar de Merenda na costa do S. O. da Ilha, é o da Ponta da Ribeira dos Moinhos, na costa do N.N.E. da Ilha de S. Miguel, a differença de latitude entre as duas Ilhas é de 39°, o solo é egualmente fertil: a popula-

ção da Ilha de S. Miguel era em 1813 de 2,834 almas por legoa quadrada; e contando só com o terreno cultivado 5.668⁵/₁₁ almas.

Produção da ilha em 1814

	Moios	alqueires	maquias
Trigo	639	9	6
Milho	640	9	—
Cevada	300	20	—
Fava	78	—	—
Chicharo	8	2	8
Ervilhas	2	53	2
Feijão	3	53	2
Lentilhas	—	38	2
Centeio	9	40	—
Cevada romana	1	12	—
Tremoço	33	50	—
Total..	1.723 moios	47 alqueires	4 maquias

Consumo de grãos

Produção total menos 33 moios de tremoço, 1.600 moios : exportação 169 moios, logo ficaram 1.521 moios para o consumo calculando 20 alqueires cada anno por cabeça; restam 250 moios para os animais.

Em 1666 produziu de trigo 1.370 moios.

Gado vaccum

Bois	940	} 1.981 cabeças.
Vaccas	717	
Crias	324	

Gado Cabrum

Cabras	439	} 800 cabeças.
Crias	451	

Gado Ovelhum

Carneiros	397	} 1.398 cabeças.
Ovelhas	760	
Crias	331	

Bestas cavallares	15	} 80 cabeças.
Jumentos	6	
Bestas muares	59	

Somma total 4.340 cabeças.

Vinho 29 pipas (de 20 almudes) e 5 almudes.

Batatas 32 moios e 40 alqueires

Laranja-Limão 800 caixas.

BALANÇA DO COMMERCIO

Exportação da ilha em 1814

Portos	Generos	Preços	Valor
Para Lisboa	Trigo, moios	30 a 30:000 reis	900:000 reis
	Cevada, " 30 a	12:000 reis	360:000 reis
Somma...			1:260:000 reis

Para a Ilha da Madeira	}	Trigo,	"	5	a	30:000 reis	150:000 reis
		Milho,	"	2	a	24:000 reis	48:000 reis
		Cevada,	"	30	a	12:000 reis	360:000 reis
		Toucinho,	arrobas	5	a	3:200 reis	16:000 reis
		Vitellas,	"	7	a	3:000 reis	21:000 reis
		Porcos,	"	2	a	2:000 reis	4:000 reis
						Somma . . .	299:000 reis
Para a Ilha do Faial	}	Trigo,	moios	5	a	30:000 reis	150:000 reis
		Barro,	carros	600	a	100 reis	60:000 reis
		Cal,	moios	50	a	3:000 reis	150:000 reis
Para a Ilha de S. Miguel	}	Trigo,	moios	59	a	30:000 reis	1:770:000 reis
		Cevada,	"	8	a	12:000 reis	96:000 reis
		Barro,	carros	9,996	a	100 reis	999:600 reis
		Louça,	barcos	14	a	10:000 reis	140:000 reis
		Telha,	milheiros	26	a	4:000 reis	104:000 reis
		Talhões grandes,		24	a	2:000 reis	48:000 reis
		Queijos da terra,	caixas	9	a	3:600 reis	32:400 reis
		" " "	cestas	15	a	1:000 reis	15:000 reis
		Cuscús,	alqueires	15	a	1:000 reis	15:000 reis
		Bois		3	a	10:000 reis	30:000 reis
		Vaccas		1	a	8:000 reis	8:000 reis
		Cabras		9	a	1:000 reis	9:000 reis
		Carneiros		6	a	1:000 reis	6:000 reis
		Peixe escalado,	arrobas	1	a	2:400 reis	2:400 reis
		Porcos		13	a	2:000 reis	26:000 reis
Murta	moios	1 1/2	a	3:000 reis	4:500 reis		
Pannos de misera,	varas	8	a	300 reis	2:400 reis		
						Somma . . .	3:308:300 reis

Resumo total dos generos exportados

Trigo	moios	99	a	500 reis o alqueire	2:970:000 rs.
Cevada	"	68	a	200 reis "	816:000
Milho	"	2	a	400 reis "	48:000
Cal	"	50	a	50 reis "	150:000
(1) Barro	carros	10,590	a	100 reis	1:059:600
Talhões grandes		24	a	2:000 reis	48:000
Telha	milheiros	26	a	4:000 reis	104:000
Louça	barcos	14	a	10:000 reis	140:000
Murta	moios	1 1/2	a	3:000 reis	4:500
Panno de misera	varas	80	a	300 reis	24:000
Queijos da Ilha	caixas	9	a	3:600 reis	32:400
" " "	cestas	15	a	1:000 reis	15:000
Cuscús	alqueires	15	a	1:000 reis	15:000
Peixe escalado	arrobas	1	a	2:400 reis	2:400
Bois		3	a	10:000 reis	30:000
Vitellas		7	a	3:000 reis	21:000
Vaccas		1	a	8:000 reis	8:000
Cabras		9	a	1:000 reis	9:000
Carneiros		6	a	1:000 reis	6:000
Porcos		15	a	2:000 reis	30:000

(1) Pela finta que o barro paga na Camara se vê que se exportaram 11.570 carros.

Importação

De Lisboa						
Sal	35	mois	a	3.000	105:000	
Da Ilha da Madeira						
Panno azul covados ?						
Da Ilha de S. Miguel						
Vinho	3	pipas	a	70.000	210:000	rs.
Aguardente	4	"	a	90.000	360:000	
Azeite de peixe	2	"	a	126.000	252:000	
Vinagre	1	"	a	30.000	30:000	
Linho	3	quintaes	a	20.000	60:000	
Sola da Terra	5	meias	a	3.000	15:000	
Assucar mascavado	12	arrobas	a	3.200	38:400	
Panno de estopa	02	varas	a	200	18:400	
Louça branca	9	canastras	a	9:000	81:000	
Prégos	5	arrobas	a	4.000	20:000	
Panno azul	120	covados	a	1.200	144:000	
Bombazina	35	"	a	400	14:000	
Belbutina	25	"	a	600	15:000	
Lenços de cassa	6	peças	a	2:000	12:000	
Sal	20	moios	a	6:000	174:000	
Taboas da Figueira	5	duzias	a	3:000	15:000	
					1:558:800	
Somma total da importação...					2:201:100	rs.

Regulamento da Alfandega

Logo que chega um navio, é visitado pelos Officiaes da Saude e Alfandega, o capitão vem dar entrada na Alfandega, descarrega ou péde franquia.

Direitos que pagam os navios da Ilha

Ao juiz d'Alfandega por dar licença para carregar	40	reis
Por despacho da sahida	210	reis
Para arrematações 2 por %.		
Ao escrivão pelo despacho de carga ou descarga.	320	reis
Ao guarda por dia	160	reis

Direitos que pagam os navios de fora

Visita de Saude	3.260
Visita da Alfandega	1.600
Termo de entrada e sahida por cada um 320	640
Despachos	840
Visita do Meirinho na sahida	200
A movagem paga ao Sargento mór das Ordenanças	800
Por cada dia de carga ou descarga ao Escrivão.	280
Ao guarda por cada dia	160
Por uma franquia ao escrivão	2.800

Numero dos Officiaes empregados na Alfandega

Juiz--o Juiz de Fora.
Um Escrivão.

Um Meirinho.
Um guarda da Porta da Alfandega.
Um guarda do Porto.

Navios que demandaram a Ilha em 1814

A Escuna «Bom Successo», de S. Miguel com milho para a Madeira por escala.
A Escuna «Bom Successo», com lastro da Madeira.
A dita Escuna 4 vezes da Ilha de S. Miguel, em lastro.
A Escuna «Boa Nova» 4 vezes da Ilha de S. Miguel em lastro.
A dita Escuna da Ilha do Faial em lastro.
O barco «Santa Rita» 6 vezes da Ilha de S. Miguel em lastro.
O Hiate «Castro Marim» da Madeira em lastro.
O barco «Restaurador» da Ilha de S. Miguel duas vezes em lastro.
A Sumaca «Senhora das Angustias» duas vezes de S. Miguel em lastro.
O Cahique «Gaivota» de Lisboa com sal.
A Escuna «Santo Christo» da Ilha Terceira em lastro.
A Escuna «Bella Elisa», do Pará a refrescar.
Trez Barcos sem coberta, de S. Miguel em lastro.

Navios que sahiram da Ilha em 1814

Uma Escuna para a Madeira, duas vezes com grão.
Uma Escuna para S. Miguel, 4 vezes com barro, queijos e loiça.
Uma dita para S. Miguel—barro, queijos e loiça—4 vezes.
Uma dita para o Faial com barro, cal e trigo.
Um barco para S. Miguel, 6 vezes, com barro.
Um hiate para S. Miguel com barro e loiça.
Um barco para S. Miguel 2 vezes com barro.
Uma Sumaca para S. Miguel 2 vezes, idem.
Um cahique para Lisboa com trigo e cevada.
Uma Escuna para S. Miguel com barro.
Uma Escuna para Lisboa.

Rendas

Rendimento Real

Alfandega em 1814

Direito dos 2 por % da exportação dos generos da Ilha	97\$972
Subsidio Litterario	6\$171

ALFANDEGA (em 1813 rendeu 188116)

Decima dos predios Urbanos em 1813	126\$591
Siza da carne de 1813 até Maio de 1814	30\$375
Siza sobre as compras e vendas	246\$906
Sello e heranças	175\$514
Somma	683\$529

Finta sobre o barro exportado 25 reis por cada carro 289\$265

N. B.—Cada carro de barro custa de 100 a 120 reis na Alfandega, paga 2 por % de sahida e á Camara 25 reis por carro, isto é o tributo sobre o barro exportado é de 27 por %.

Este tributo foi posto por Alvará de 20 de Maio de 1649, a peditorio da Camara com o fim de pagar ao Condestavel do Castello de S. João Baptista munições e pretechar o dito Castello.

O alvará declara 25 reis por cada carro de barro : um carro eram 400 pães e presentemente levam a finta de 25 reis por 100 pães ou em logar de 0,06 reis por pão, levam 0,6.

Rendimento do dizimo em 1814

Trigo	64	moios
Milho	64	"
Cevada	30 1/2	"
Favas	7 1/2	"
Chicharos	50	alqueires
Ervilhas	17	"
Feijões	23	"
Centeio	58	"
Cevada Romana	7	"
Tremoço	3 m. 23 "	
Vinho	58 1/2	almudes.
Gado Vaccum.	a 100 reis por cabeça—	104 reis
Gado Ovelhum	12 cordeiros a dinheiro	700 reis
Gado Cabrum	12 a dinheiro	700 reis
Batatas	196	alqueires
Laranja e limão	a dinheiro	800 reis
Peixe		12.800 "

Em 1666 rendeu o dizimo do trigo 137 moios e o das miunças 200.000 reis.

Despeza

Despeza Real

1.ª Folha Militar

Ao Condestavel do castello de S. João Baptista do Logar da Praia, 2 moios de trigo, pagos a dinheiro do rendimento da finta do barro, por 28\$800

2.ª Folha Civil em 1814

Juiz de Fora 200\$000 pagos pela Alfandega da Ilha de S. Miguel.

Ao Juiz de Fora como Juiz da Alfandega 40\$000

Ao Escrivão da Alfandega 20\$000

3.ª Folha Ecclesiastica

Freguezia da Villa

	a trigo		em dinheiro
Vigario	moios	8,40	alqueires 14\$330
Cura	"	3,40	" 6\$000
Beneficiados 4 a 340	"	14,40	" 6\$000 em dinheiro. 24\$000
Thesoureiro	"	1	" 12\$000

Freguezia de S. Pedro

Vigario	moios	8,40	alqueires 14\$430
Cura	"	3,40	" 6\$000
Thesoureiro	"	1	" 7\$000

Freguezia de Santa Barbara

Vigario	"	6,19,12	maquias 10\$000
Cura	"	3,40	moios 6\$000
Thesoureiro	"	1	" 3\$000

Freguezia de Santo Espirito

Vigario	moios	5,40	alqueires	9\$330
Cura	"	4,14	"	7\$000
Thesoureiro	"	1,9	"	3\$000
A um Clerigo	"	30	"	
Aos Religiosos Franciscanos		3		3\$000
Despeza a trigo		66,52	que no valor	
de 500 reis o alqueire prezafem				2.006\$000
Em dinheiro				125\$420
	Somma			2.131\$420
Esta despeza é paga pela commenda de N.ª S.ª da Assumpção.				
Despeza effectiva da real Fazenda (em 1814)				388\$800
Despeza effectiva da Ilha (em 1814) porque o Juiz de Fôra e Professor são pagos pela de S. Miguel.				88\$800
	Somma			477\$600
Rendimento effectivo da Real Fazenda em 1814				683\$520
Sobras				205\$020

Arrecadação dos Rendimentos reaes

Os direitos da Alfandega e o subsidio Litterario é recebido na Alfandega.

A decima, sizas, sellos e heranças são percebidos pela Camara, como tambem a finta do barro.

Todo o rendimento é remettido annualmente para a Ilha da Terceira.

A finta do Barro fica na Ilha, é mettida em caixa para d'alli se pagar ao Condestavel e manter o Castello de S. João Baptista.

O Escrivão da Alfandega percebe da Alfandega	20\$000	60\$000
De Escrivão judicial e Tabellião de Notas	40\$000	
Dois Escrivães da judicial e notas cada um 30 a	40\$000	
O Escrivão dos Orphãos	60 a	70\$000
O Alcaide		30\$000
Dois Procuradores de causas cada um 50 a		60\$000
Porteiro	18 a	20\$000

Despeza da Camara

Aposentadoria ao Juiz de Fôra	20\$000
Por assistencia nas Profissões ao dito	44\$000
Ao Escrivão da Camara	72\$000

Rendimento dos Officios

O Juiz de Fôra de distribuidor, contador, proes e percalços, um por outro anno.	150\$000
O Escrivão da Camara como Escrivão da Almotaceria da Saude, Judicial, tabelião de notas Idem.	80\$000

CHEGOU O VELEIRO, POR SINALUMRONCIRIA

Também quem
 que for o netao
 ou que for o filho
 o grande netao
 No dia 10 de Fevereiro
 Chegaram de mais de
 Chegaram o castelão de
 ... foz-las!



MAS
 NA ALEGRIA
 QUE HAVIA!!!



Relato do phenomeno
 São 4 da l. - Chega o esposo com uma garrafa de ce-
 traled e um baculo com figos passados e castanhas pi-
 ladas e, alegre, annuncia á esposa a chegada do veleiro!
 Pois, señhores, foi tal o jubilo na cara melada q.
 (sobra señora) dando-lhe uma crisa cahio da cadei-
 ra de braços, p. em seguida, fiar de braços esdrelada
 no chão chão morto!!! Calcule se se levantou, a tea Ni-
 chasla deixou penetrar o biggo na parede!

Chronica Economica

O problema de viação rapida de Ponta Delgada

— O estudo Economico

Acabava o districto de Ponta Delgada de victoriar as grandes questões presas com a administração publica obtendo a restituição das Corporações administrativas anteriores á reforma de Dias Ferreira de 6 d'agosto de 1892, quando esses homens, que tanto se tinham dedicado á autonomia açoreana e que tão habilmente trabalharam os problemas politicos que interessavam esta terra, que conseguiram restituir uma verdadeira representação popular outra vez na administração do Districto, trouxeram para publico uma outra magna questão d'interesses sociaes mas de caracter economico — *o caminho de ferro*.

O engenheiro chefe dos serviços d'Obras Publicas, o Dr. Diniz Moreira da Motta, que apresentou á Junta Geral uma memoria descriptiva e justificativa do traçado d'esse projecto de Caminho de Ferro em novembro de 1897, era com o Doutor Annibal Gomes Ferreira Cabido, podia-se dizer, a alma d'esse projecto d'Empresa cujos trabalhos e estudos tinham sido assumidos por uma Commissão Promotora constituída por Luiz Soares de Sousa, Antonio d'Albuquerque, Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt, Gil Mont' Alverne de Sequeira, Luiz Athayde Côrte Real da Silveira Estrella, Diniz Moreira da Motta (vogal) e Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt (secretario).

Luiz Soares de Sousa, proprietario da mais importante cocheira de Ponta Delgada e alem d'isso commerciante em grande de mercearia e quinquilharia, e industrial, com uma fabrica de tabaco, ligando os estados de viação e de commercio com os conhecimentos do Secretario que na qualidade d'engenheiro agronomo da Junta possuia os dados estatisticos d'exportação, consumo e importação da Ilha e com os trabalhos de Diniz da Motta, Luiz Soares de Sousa ia assignar na testa da lista d'essa Commissão um Relatório escripto por Antonio d'Andrade que não so affirmava a consciencia economica d'uma população que havia quasi 5 annos pedia uma administração publica autonoma, como demonstrava que o novo organismo social constituído era uma força politica regional e nacional.

A Junta Geral votara para esses estudos a verba de 3 contos e quinhentos e era, destinando-os a uma obra commum da collectividade districtal, que a Commissão formada trabalhara a questão tão profusamente, encarando o problema debaixo de todos os pontos de vista.

A base em que assentava o estabelecimento das linhas ferreas era a ligação dos quatro Concelhos da Ribeira Grande, da Povoação, da Villa Franca e da Lagoa a Ponta Delgada, Sêde do Districto e do porto com doca d'ibrigo, acolhendo uma navegação de longo curso de cerca de 100 unidades no decorrer do anno, de 900.000 toneladas de arqueação;

Luiz Soares de Sousa

a Povoação chamada o celleiro da Ilha (6 mil moios de produção de milho) por ser n'ella aonde se cultivavam cereaes de preferencia a outra cultura n'uma superficie de 1.877 hectares, 222 moios de terra, tendo ainda comtudo uma vasta extensão de terrenos incultos de pastos naturaes (15.45 por cento, e mattos (30.32 por cento) com uma população de 15.010 habitantes, dava pelos calculos dos economistas um minimo de commercio transitavel de 14.200.000 reis;

a Ribeira Grande, séde de um enorme concelho de 25.500 habitantes disseminados por uma superficie territorial de 194 kilometros quadrados em 10 freguezias com um movimento annual de 19.140 passageiros para a cidade e uma produção de 6.000 moios de milho;

a Lagôa centro industrial de fabrico d'alcool de 6.600.000 litros consumindo cerca de 60 milhões de kilos de batata doce;

e Villa Franca que não se pode apresentar como factor demonstrativo de riqueza pois que é justamente o exemplo do regimen economico d'equilibrio estabelecido dentro do municipio, quer na relação da população de 7.600 habitantes para o das colheitas de milho (2.200 moios annuaes) quer no consumo geral e o da produção, não havendo nem uma grande exportação nem importação, limitando-se esta ao commercio das mercearias, modas e quinquillharias.

Pratictmente a Comissão tinha chegado á conclusão que pelo Livramento, aonde a estrada velha do Botelho para a Ribeira Grande e o norte se juntava á estrada do sul, que atravessa os trez Concelhos do Littoral, passava annualmente:

PASSAGEIROS:

Em omnibus da Cocheira de Soares de Sousa no Verão	8,347	passageiros
Em omnibus dos Estabelecimentos da Ribeira Grande..	19,140	"
Em estabelecimentos da Povoação, Villa Franca e Lagôa..	5,000	"
Em carruagens das Cocheiras da Cidade	15,680	"
Media diaria de peões—150.....	54,750	"
" de cavalleiros—100.....	36,500	"
Somma total de viajantes	139,417	

Calculando o rendimento dos transportes em 172.270.000 reis pela circulação de 50 % das carroças matriculadas nos diferentes concelhos:

Ponta Delgada.....	800	carroças
Ribeira Grande	439	"
Lagôa	319	"
Villa Franca.....	27	"
Povoação	19	"
Total...	1604	"

E pela dos barcos de carga:

Villa Franca do Campo.....	10	barcos
Ribeira Quente.....	5	"
Povoação	3	"
Fayal	1	"
Total...	19	"

confirmados pela media d'essas carroças que levavam a maioria das cargas e que passavam no Livramento todos os dias 500, dando um valor de 127 contos; a Comissão citava para resolução do calculo economico preso ao Caminho de Ferro os pesos das importantes cargas em circulação entre os Concelhos importadas em Ponta Delgada e exportados para Portugal e estrangeiro:

O Commercio das Fabricas d'Alcool:

Produção	6.600.000	litros d'alcool
Consumo	60.000.000	kilos de batata
"	1.000.000	" de cevada
"	6.250.000	" de carvão
"	1.000.000	" de milho

A IMPORTAÇÃO

Trigo e farinha	465.300	Kilos
Azeite	43.200	"
Oleo de linhaça	27.330	"
Arroz	50.730	"
Café	4.158	"
Assucar	322.907	"
Melaço	148.400	"
Açubos	30.000	"
Vinhos do Porto	167.180	litros
" licorosos	26.310	"
Pedra de cal	3.000.000	"

A EXPORTAÇÃO

Milho	8.000	moios
Fava	10.400	"
Fructas diversas	11	tonneladas
Espadana	12	"
Gado	150	cabeças
Agua da Lombada	20.090	caixas (de 50 garrafas)

O COMMERCIO INTERNO:

Milho, fava e tremoço	11	tonneladas
Ananazes	3	"
Terra para estufa	30	"
Louças	200	"

Quinquilharias

Conservas e tecidos	2.000	"
Batata doce	60.000	"
Cevada	1.000	"
Carvão	6.250	"

Em resumo havia para, n'uma produção de liquidos e generos comestiveis de:

Vinho	200.000	litros
Alcool	6.600.000	"
Feijão	98	Moios
Milho	25.000	"
Fava	12.000	"
Tremoço	6.000	"
Batata doce	6.500.000	kilos
Batata commum	600.000	"
Inhames	85.650	"
Outros generos	100.090	litros
Ananazes	1.090.000	fructos
Laranjas	10.000.000	"
Tabaco	110	tonneladas

um movimento de transporte de mercadorias d'esta importancia :

Mercadorias das fabricas d'Alcool	82.850 toneladas
Milho, fava, tremçoço e carvão	17.150 "
Ananazes	3.000 "
Terra para estufas	30.000 "
Laranja	3.000 "
Importações diversas	5.395 "
Vinho	5.500 "
Fava exportada	10.000 "
Folha de Tabaco	200 "
Tabaco manipulado	109.327 "
Fructas diversas	11 "
Espadana	12 "
Águas das Lombadas	3.200 "
Louças da Lagôa	200 "
Total	268.205 "

Calculados esses transportes serem na metade feitos pelo Caminho de ferro, de 134.102 toneladas, ao preço baixo de 500 reis por tonelada em media ou 67.051.000 reis, augmentado de 5 contos de recovagens ou 72.051.000 reis e o transporte de mercadorias que não era possível precisar em 14.084.000 reis e o do transporte de passageiros em 40 contos (1), calculava a Commissão no seu relatorio em 126 contos, numeros redondos, a receita annual do Caminho de ferro.

Ora a Commissão apresentava um calculo baseado na peor das hypotheses que era reduzindo ainda de metade estes numeros dos movimentos quer de passageiros quer de mercadorias conhecendo comtudo os exemplos velhos que vinham de todas as regiões aonde eram estabelecidas vias ferreas, sobretudo em Inglaterra.

N'esse paiz aonde o augmento de população de 1879 para 1890 fôra de 34 milhões d'habitantes para 42, aonde 21.600 milhas de vias ferreas davam perto de 42 milhões de libras de lucros liquidos (250 mil contos) o numero de passageiros decuplicou; por isso mesmo os inglezes chamam a essa epocha o periodo do vapor, que succedeu ao periodo do cavallo e que antecedeu o periodo electrico que se manifesta em todo o seculo actual. E o phenomeno constatado em grandes massas e para vastas superficies de territorio era mais attenuado do que aquelle que se daria na Ilha de S. Miguel, isto é n'um pequeno lugar aonde a influencia do caminho de ferro, se elle fosse estabelecido, beneficiava muito mais população, como se vê pelo quadro que segue.



O Engenheiro Diniz Moreira da Motta

1896

Inglaterra

Ponta Delgada

Systema ferro-viario	36.675 kilometros	65 kilometros
População	42.290.000 habitantes	127.500 habitantes
Superficie quadrada	315.000 kilometros	747 kilometros

População por kilometro

De via ferrea 1.145 habitantes 1061 habitantes.

Percentagem aproveitada de terreno com via ferrea—11,6—8,7 sobre a superficie territorial.

A Commissão tinha estudado a questão comparativamente a pequenas regiões,

(1)—A receita só das cocheiras de Ponta Delgada estava calculada em 48 contos de reis.

segundo os planos d'um engenheiro francez, regiões que praticamente mostravam as vantagens economicas obtidas com os estabelecimentos de linhas ferreas.

Segundo os calculos do referido homem technico, o rendimento bruto obtinha-se multiplicando-se duas vezes a importancia das passagens dos viajantes mais a importancia dos fretes das cargas pela população figurada pelas letras M. P. L. A população dos lugares proximos e a metade da população dos lugares mais afastados multiplicadas pela distancia do lugar á sede da linha representava a população M. P. L.

A linha Barbezieux Chateau-neuf de 10 kilometros de comprimento por exemplo, sem industrias importantes, produzindo apenas cereaes, vinhos e aguardentes em pequena escala, com uma população de 8,679 habitantes servindo-se directamente d'ella era calculado o movimento em 4 viajantes e 3 toneladas de mercadorias annualmente.

Outra linha Alençon-Condé com 67 kilometros sem nenhuma industria tambem com movimento de productos agricolas, interessando 13,846 habitantes, dando 3 viajantes e 2 toneladas por habitante, era igualmente citada para demonstração da formula; (1) $R = 2(VR + TR) M. P. L.$

A fórmula posta em execução com os elementos illicus dava o seguinte resultado com tarifas minimas e calculos baixos:

	Habitantes	Kilometros	População
Povoação	112 pop. 2546	42	106,032
Furnas	Popul. 2027	42	85,134
Ribeira Quente	112 607	33	22,011
Ponta Garça	2804	30	84,120
Villa Franca	7650	25	190,300
Agua de Pau	3815	17	64,855
Lagça	7605	9	69,255
Livramento	1514	5	7,570
S. Roque	2171	4	8,684
Ribeira Grande	11060	10	227,240
Ferreas Maia e			
Porto Formozo	112 3404	19	65,686
Rabo de Peixe	1986	12	23,832
Total da População M. P. L. para o calculado			957,019

o que posto em formula dava:

$$R = 2 \times 15 \text{ mais } 1 \times 20 = 57,019$$

$$\text{ou } 100 \times 957,019 \text{ igual a } 95,701,000 \text{ reis.}$$

Tendo dado praticamente 126 contos de lucros o exame e investigação á vida local como já vimos, no estado da economia e população da região por onde se projectava construir o Caminho de ferro; este calculo usado com resultado pelo engenheiro francez vinha confirmar com os referidos 96 contos approximados o estudo elaborado pelos membros da Comissão e apresentado em projecto ou ante projecto, como foi chamado, á Junta Geral de Districto em novembro de 1867. Eram tres provas a authenticar esses calculos: 1.º a do valor das mercaderias pelo registo das carroças nas Camaras Municipaes e a do valor dos passageiros pelo movimento registado nas cocheiras da Cidade e Villas; 2.º a importancia calculada segundo o fiscal do Livramento pelo movimento diario de vehiculos, peões e cavalleiros; 3.º verba obtidas segundo os calculos demonstrativos do engenheiro Cossmann para achar os rendimentos brutos de qualquer exploração ferro-viaria logo que fossem conhecidos o numero d'habitantes, a distancia e a carga a transportar.

(1)—Explicação das letras figurativas: R—rendimento bruto, V—viajantes, t—tarifa dos viajantes; T—relação das toneladas para os viajantes, r—tarifa das cargas; P—n.º da população; L—distancia da Estação á sede da linha.

(2)—Tarifa para passageiros 15 reis; para cargas, 20 reis que eram as medias dos preços portuguezes por kilometro.

A Comissão apresentava igualmente os trabalhos sobre o custo das linhas ferreas com a compra do material circulante e fixo, com o estabelecimento das vias, com as construcções annexas e com a aquisição de propriedade. Era o Dr. Diniz Moreira da Motta o relator d'esses trabalhos; homem que em 1892 no Parlamento arrostára contra as medidas centralistas e economicas de Dias Ferreira na Reforma da Administração Publica e que alli mesmo soube oppôr dique á corrente que ameaçava levar estas tão pequenas regalias districtaes das Juntas Geraes. Nascido na pequena parochia do Pico da Pedra que por occasião do seu fallecimento em fins d'agosto de 1915 lhe quiz perpetuar modestamente a memoria dando-lhe o seu nome a uma rua do logar e pedindo á Camara Municipal da Ribeira Grande, séde do Concelho, para votar essa deliberação na sua primeira sessão, o Dr. Diniz, filho d'um professor d'instrucção primaria e d'instrucção secundaria, que formou o primeiro quadro de professores officiaes creados pelas leis de 1835 (de 15 e 17 de novembro), foi novo



*Antonio d'Andrade Albuquerque
Bettencourt*

curso de engenharia para o Continente evidenciando-se nos estudos por forma a tornar-se tão conhecido que sahido da eschola foi convidado a dirigir as obras do Caminho de Ferro da Foz do Tua a Bragança, que é tida como a obra mais difficil d'engenharia que existe em Portugal; depois d'essa prova completada por serviços prestados n'um outro caminho de ferro no Algarve foi collocado pela Direcção d'Obras Publicas nos serviços de Ponta Delgada aonde os trabalhos da Doca attestam a grande obra realisada pelo novo engenheiro. A doca depois dos alicerces estabelecidos pelos engenheiros do Contracto da Construcção Rennie, cuja administração findou em 1866, foi dirigida por engenheiros portuguezes, depois por empreitada franceza que finlára em 1804, e depois novamente por engenheiros portuguezes; successivos temporaes demoliram-na frequent's vezes até que com os exemplos dos ensaios precedentes o Engenheiro Motta conseguiu por um esforço continuado de formação de quebra-mar pela elevação continuada do calhau e garantido por meio de blócos artificiaes, offerecer uma defeza mais forte ao molhe. Com uma simplicidade apparente mas com seguras bases scientificas filhas da observação arguta e da experiencia, o Engenheiro Motta conseguiu manter a doca desde o anno de 1894 até hoje, inalteravel, forte aos mais tremendos cyclones que tem assoprado em volta da Ilha.

Tal era a fama do homem que estudava agora o problema ferro-viario a que estava ligada talvez a mais importante revolução economica do seculo que terminava.

Era este problema o complemento da grande obra hydraulica da Doca? Não! era uma obra á parte, uma obra social que visava o commercio interno da Ilha como o porto era uma obra social que tinha sido destinada a garantir os enormes interesses do commercio exterior. Este ultimo tinha sido um emprego de Capital para o

(1)— Tarifas para passageiros 15 reis, para carga 20 que era a media das praças portuguezas por kilometro; está calculado, Pg. numero 6.



*O Engenheiro Annibal Gomes
Ferreira Cabido*

qual o importante ramo d'exportação da fructa déra regularmente durante annos essas quantias gastas (cerca de 8 mil contos); o caminho de ferro era quasi uma especulação cujos lucros ao certo se ignoravam, mas segura, desde que os trabalhos obedecessem a uma judiciosa e sobria economia; e a exploração a uma intelligente gerencia e administração, servida por pessoal dedicado.

Eis como o Dr. Diniz Morcira da Motta apresentava o projecto do estabelecimento das Vias ferreas e circulação do Caminho de ferro.

A rede ferro-viaria, o seu custeio e as vantagens que trazia á economia publica

Alguem com espirito já disse que a Ilha de S. Miguel se assemelhava a uma barriga de porca: os manilhas da porca seriam os contornos e os cones das crateras que se elevam na região central ao norte para este e oeste de Ponta Delgada e que se prolongam para a Serra Gorda pela Carreira e Arrifacs, e para a Serra d'Agua de Pau ao longo da Suzanna do Monte, Fogo, Rego d'Agua e Agua de Pau, ligando as duas cadeias de montanhas das duas serras.

Temos portanto Ponta Delgada amphitheatrada por montículos e montes varios mais ou menos elevados deixando apenas uma aberta ao longo do mar para a Lagoa. Para a linha ferrea do sul destinada a unir Ponta Delgada com os concellos da Lagoa, Villa Franca e Povoação não havia difficuldade e o traçado estava naturalmente indicado pela Pranchinha, s. Roque, Livramento, Popolo, Ata-



O Calhau da Lagua por onde passava o Caminho de Ferro: torres da Praia dos Mercadores.

a meia distancia entre a Ribeira Grande e a Cidade foi escolhido para dar passagem á linha do norte que seguia d'esta forma: Pranchinha a 3800 metros da Estação de Ponta Delgada, Fegvto, Almas, Suzanna, Ribeira Grande.

O local para a Estação Central da Cidade que melhores vantagens offerencia era o calhau do Laguim, praia abandonada e entregue a despejos d'cutalhos e destinada nos projectos da Direcção d'Obras Publicas a ser embelezada para completar o plano meio executado do prolongamento do Aterro e Caes d'Alfandega. Já quando em 33 se debateu em Ponta Delgada a questão magna do porto d'abrigo, o jornalista Cogombreiro Goes no seu projecto publicando estabelecer o Laguim ponto de partida para a collocção do paredão aproveitando a bahia de s. Pedro, que se seguia, para a bacia da doça. A preocupação de augmentar a arqueação dos navios deu lugar a que a escolha da bacia fosse estendida ás curvas do Aterro e Porto Santo que formam a bahia de S. Francisco ao abrigo da Ponta

lhada, Lagoa, Termo, Agua de Pau, Caloura, Ribeira Chã, Praia, Villa Franca, Ribeira das Talhas, Ponta Garça, Grotto Fundas, Lagoa das Furnas, Furnas e Povoação.

Quanto á linha para a Ribeira Grande, os barrimentos são em porções os seguintes: desde a estação de Ponta Delgada até ao fim da linha do norte ao Pico da Anitta e a uma legoa ao pé da Chã do Rego d'Agua situada a cota de 160 metros d'altitude. O Pico das Mortas estando

de Santa Clara. Assim a bacia da doca, que pelo projecto do Cogombreiro Goes não comprehendia 3 hectares ne superficie d'agua com o projecto Rennie, foi estendida a uma massa de mar de 25 hectares.

O calhau pela sua situação pegado á alfandega offerencia igualmente a maxima commodidade ao commercio externo. Vejamos em detalhe como estava projectado o estabelecimento das vias a partir do Laguim: A costa até á Calheta era linha indicada para sahir da Cidade aproveitando o calhau aterrado e transformado em caminho construido sobre um paredão. Na Calheta a via passava para a esquerda da Estrada conhecida nas obras publicas por estrada n.º 8. O ramal do sul seguia parallelamente até passar a igreja de S. Roque, atravessava a estrada em frente, deixando o templo á esquerda entre elle e o mar e seguia ao longo do Areal Grande e Canada d'Areia, ao Populo, atravessava de novo a estrada e seguia atravez a Atalhada e Lagôa sempre guardando a esquerda da estrada para manter a altitude necessaria a galgar com inclinação suave de 12.000 metros que se encontra entre a Lagôa e Agua de Pau; mas a fim de aproveitar o enorme movimento da fabrica de distillação e de satisfazer aos interesses dos habitantes da Villa estabelecer-se-hia um ramal para o Centro da Lagôa e para a fabrica, seguindo ao longo da estrada privativa d'ella, até aos pateos interiores da installação. A estrada seguia ao Cabo da Villa e passava para o lado do mar, subindo até á Rocha das Cannas, e prolongava-se na horizontal entre a estrada e a rocha até ás Escaninas no principio da descida para Agua de Pau; ahí, offerencia-se duas soluções, ou construir extensos

viaductos em ferro para galgar as ravinas de Agua de Pau e Ribeira Secca, Ribeira Chã e Agua d'Alto, ou descer á praia, ao valle da Ribeira Secca, aonde pequenas pontes serviriam a galgar os leitos das ribeiras atravessando por um tunnel o contra-forte que fecha a Caloura a este indo desembocar na foz da Ribeira Chã; esta solução que dava melhor serviço ás populações d'Agua de Pau, Caloura e Praia era a aconselhada pelo Engenheiro



O Calhau do Laguim para os lados do Cues d'Alfandega

Motta, que indicava a combinação do itinerario pela forma que se segue: até á Praia seguia o traçado ao lado da Estrada, passando os Trinta Reis e Agua d'Alto, penetrando na Villa Franca pelo lado do Convento antigo dos Franciscanos e vindo ao Centro aonde se installaria a Estação. Para subir de Ponta Garça á Lagôa das Furnas, cuja cota é de 287 metros, e atravessar os Covões, rampas de 3 % seriam estabelecidas n'uma serpentina accentuada; a Lagôa era contornada pela estrada até á ponta do Garajau e ahí descia para o valle por rampas de 27 % formando um lacete na aldeia afim de ficar em condições de proseguir d'ahi para a Povoação. Para evitar a construcção d'uma grande ponte, descia o traçado á Ribeira dos Tambores e d'ahi seguia para a Povoação por subidas de 30 % até ao pico dos Bodes que era atravessado por um tunnel de 460 metros de extensão e depois seguia a linha em horizontal até á Lomba do Cavalleiro, terminus d'ella.

Quanto ao traçado da linha do norte, subia logo da Pranchinha ao Egypto por rampas de 3 % na direcção da portella das Murtas e de lá descia por rampas mais suaves até á Ribeira Secca, vindo desembocar a S. Pedro junto á igreja aonde atravessava a estrada e continuava sobre a Villa ao longo da costa até ao Mercado, junto ao qual se edificaria a Estação. A fim de ser util aos povos de

Rabo de Peixe e Calhetas um apeadeiro era aberto, como já vimos atraz quando enumerámos as estações das linhas, na Suzanna do Monte.

Possuidor de todos os pequenos detalhes das construcções ferreas o Dr. Motta escolhia a bitola da via de 1 metro por ser aquella que exigindo menos cuidados para manutenção transportava com mais estabilidade mercadorias pesadas; e quanto aos aterros e trincheiras elle aconselhava-os mais largos do que os usados nas linhas portuguezas de 3,^m50 a 3,^m60 os primeiros e 4,^m30 a 4,^m40 os segundos para facilitar o desvio dos operarios que trabalhassem de futuro nas reparações das vias; e para evitar que quando se mexesse n'ellas se desmornasse o ballastro, 3,^m80 e 4,^m50 respectivamente eram as larguras que o Dr. Motta aconselhava.

Para não descer a minucias que tornariam este artigo um trabalho tecnico reproduzindo o projecto do Dr. Motta nas suas exposições á Junta Geral, vamos repetir os seus calculos e os orçamentos relatando uma pagina d'historia d'esta terra que, se n'este momento não é uma resurreição de factos completos, é pelo menos uma evocação opportuna para esclarecer a questão d'actualidade que é o estabelecimento de viação electrica na Ilha, isto é uma variante da viação accelerada, aquella que proporciona viagens rapidas, baratas, convenientes ao trafico e aos passageiros, e fornecendo á economia collectiva o incalculavel beneficio de directamente

descer as despesas da sociedade augmentando as facilidades da vida e de, indirectamente, alliviando os encargos das Corporações publicas, trazer aos cofres do thesouro districtal um poupamento nas despesas de conservação nas obras publicas. E como o problema é vasto com as reparações dos portos pesqueiros, com as obras d'assistencia social e com os trabalhos d'hygiene e melhoramentos publicos que se impõem á civilisação do Districto? E como elle se complica, na



O Calhan do Lagrin para os lados de S. Pedro

sua simplicidade apparente, quando se constata a necessidade de procurar fontes de receita; porque tem que se combater contra a ideia da exploração municipal ou da exploração districtal por conta das Corporações?

Ora a construcção do caminho de ferro vinha realizar uma parte do problema iniciando ao mesmo tempo a politica economica administrativa de caracter social responsabilizando-se por uma acção emprezaria nos serviços publicos. Era uma obra de serviço publico estabelecida com o auxilio da Corporação administrativa por uma empreza particular; pedindo, era verdade, responsabilidade administrativa nos encargos, mas proporcionando aos povos um beneficio garantido.

Segundo as affirmações do engenheiro Dr. Marianno Machado de Faria e Maia a Junta tinha um programma de viação que lhe custaria, se não construísse o Caminho de ferro, para cima de mil contos.

Em vista d'isso a Junta devia assumir o encargo de construir ella mesma a obra de viação do districto. Ella realizaria ao mesmo tempo uma obra de collectivismo e de politica districtal apprehendendo um estabelecimento bancario de caracter socialista e exercendo uma politica districtal de natureza economica. Não o fez; os grandes empreendimentos revolucionam as sociedades e por isso não são a obra nem d'uma agremiação, nem d'um esforço, nem mesmo de iniciativas con-

temporaneas, são resultados de projectos debatidos por sociedades inteiras e postos em execução muitas vezes por gerações que se sucedem.

O Canal de Panamá foi um exemplo flagrante das empresas d'este genero e agora o Tunnel por debaixo do canal da Mancha é outro problema que já se debateu em 1905 e voltou em 1918 para a discussão. E quereis saber qual é um dos entraves á resolução de semelhante obra? Simplesmente uma questão de tradicionalismo chorographico que se liga com a conservação da psychologia social da nacionalidade; porque uma grande parte da Inglaterra pensante não quer alterar as suas condições de vida insular como ella foi estabelecida durante seculos e passava ao estado de Peninsula, tendo por istmo de ligação ao Continente o tunnel. Ora os homens de 97 que, trabalhando na administração publica, faziam por assim dizer parte integrante das Corporações, dando-se ao longo estudo do problema de viação rapida no districto, nunca chegaram a desprender a sua personalidade particular da personalidade publica de homens bons, como se dizia antigamente. D'ahi uma falta de convicção para fazer devidamente a propaganda do projecto junto das populações e tomarem a deliberação de votarem o projecto entregando á Corporação a organização da Empresa.

O compromisso não era comtudo pesado porque certas estradas, que eram novas bocas de despeza que se abriam á administração districtal e que custavam bem um terço e metade do que ia custar o caminho de ferro, tinham sido comtudo construída e eram mantidas com o rendimento da Junta.

O que é que se pedia á finança da terra? Cerca de 1300 contos de reis? Qual era o encargo para a Corporação? 65 contos annuaes de juros na hypothese de ser uma linha o Caminho de ferro. Mas não se tratava duma empresa districtal, mas sim d'uma exploração particular em que a junta só viria a repôr em caso d'insuccesso as perdas da Companhia. Eis o que modestamente elaborou a Commissão d'estado egual do modo incriterioso porque procedeu a junta na sua administração. O custo da linha directa a Povoação com o ramal para a Ribeira Grande, 64.490 k. de via, estava orçado em 1,570,815,000 reis, da maneira assim reunida:

Construção materia fixa e accessories	Extensão em k.	Custo Kil., mil reis	Custo total
1.º trecho Ponta Delgada - Lagôa	10,000	18,101	182,099,000 reis
2.º " Lagôa V. Franca do Campo	15,000	28,210	423,159,000 "
3.º " V. Franca as Furnas	17,000	21,796	370,532,000 "
4.º " Furnas a Povoação	5,020	49,005	295,441,000 "
Linha directa até a Povoação	47,980	26,495	1,271,222,000
Ramal da Ribeira Grande:—	16,422	10,590	173,881,000
Linha directa até á Povoação e ramal	64,400	22,440	1,445,103 "

Material circulante

Linha da Povoação e ramal	64,400	1,952	125,712,000 "
---------------------------	--------	-------	---------------

Constava o material de:

	Custo em mil.	Custo Total contos
6 locomotivas tenders de 30 toneladas em vazio	9,000,000 reis	54
3 carruagens de 1.ª systema americano,	3,000,000 "	9
3 " mixtas de 1.ª e 2.ª classe	2,700,000 "	8,100
4 " de 2.ª classe	2,500,000 "	10
4 Fourgons de bagagens	1,200,000 "	4,800
10 W'gões fechados	800,000 "	8
15 " de bordas altas	700,000 "	10,500
20 " plata formas	600,000 "	12
Juros durante a construção e arredondamento		9,812

SOMMA 126,212,000 "

A linha directa até ás Furnas e Ramal da Ribeira Grande de 58,480 kilometros d'ex-

terão o custo kilometrico era de 21.809.090 reis e o custo total era de 1.275.374.000 reis. O preço da exploração annual estava calculado em 40.936.090 reis. Segundo os calculos da Comissão temos que no caso da exploração não render no 1.º anno absolutamente nada o desembolso da Junta seria 57.301.830 reis da taxa de juro a 4% e meio mais 40.936.090 rs. das despesas d'exploração ou fossem 98.327.830 rs.

Esta hypothese para os primeiros dois annos, que no parecer da Comissão nunca se poderia dar, mesmo assim não representava um encargo para a Junta, attendendo a que a execução do projecto do Estabelecimento do Caminho de Ferro trazia uma economia de 227.620.000 reis por vir supprir a necessidade de abrir as seguintes estradas orçadas n'essa totalidade.

Variante da Canada da Areia	16.650.000 reis
" do Populo á Rocha	55.780.000
" da Canada da Pedra á Estrada de Agua de Pau de Agua d'Alto	16.990.000 "
" de Agua d'Alto	17.000.000
Parte da estrada Real n.º 8 do entroncamento com o n.º 13 ate ás Grutas Fundas	51.290.000 "
Variante do Pisão	39.000.000
Estrada da Canada do Feitor	40.000.000 "
TOTAL	227.620.000 "

Esta mesma verba no caso da exploração ter os resultados previstos normaes, vinha enfileirar-se nas verbas que, resultantes do estabelecimento das vias ferreas, trariam uma attenuação de despeza. O juro d'este capital 10.242.090 reis addicionado á diminuição da conservação das estradas 1.320.000 reis e á economia com a deslocação do pessoal tecnico 500 mil reis, num total de 12.062.090 reis era já uma verba importante e havia mais; não só a economia que a propria Junta Geral obteria com os transportes dos materiais e burocraticos d'obras publicas, como tambem o resultado que adviria d'uma differença d'um rendimento positivo regular que se mantinha, sempre presente, em virtude do sistema fiscal e fazendario existente, para um abaxamento sensivel na economia social com a alteração da vida.

Dado o caso que os rendimentos calculados pelas avaliações baixas não dariam nos primeiros 10 annos os 120 contos provaveis nem mesmo os 98.327.830 reis, mas digamos 49; para esses 49 contos, as economias immediatamente realizadas reduziam a importância de 40.936.090 reis ou o deficit da exportação a 8.164.000 reis. A economia realizada, a positiva, proveniente directamente da exploração cobria ja por si o deficit.

A Comissão findava o seu relatório por pedir á Junta que:

1.º solicitasse do Governo a prorogação da sessão para deliberar sobre a questão ferro-viaria.

2.º creasse uma comissão de parecer para tomar uma decisão depois de discutido o ante-projecto.

3.º approvasse o projecto definitivo e auctorisasse a Comissão districtal a abrir o concurso depois das approvações leges necessarias e entregar a construção ao concorrente que no prazo de 6 mezes offerecesse as melhores condições.

De facto por um decreto de 20 de julho de 1890 assignado por José Luciano de Castro e por Elvino José de Sousa e Brito ficava a Junta autorizada a pôr em concurso o referido projecto de construção nas condições reproduzidas conjun-

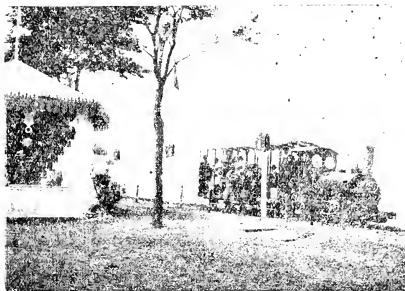


O areal de S. Roque por onde passava o Caminho de Ferro. Vê-se ahí uma companhia de artilheiros fazendo exercicio de tiro sobre S. Caetano

etamente, e tornar efectiva a adjudicação; observando não diminuir as receitas do Estado para manter os seus compromissos junto da Empresa exploradora nas condições conhecidas e tornadas obrigatorias, e a Junta deu a conhecer esse decreto publicando-o n'um impresso que circulou e foi enviado para os centros financeiros e commerciaes de varios paizes.

A viação accelerada no Districto foi posta de parte com as preoccupações commerciaes e industriaes ligadas á viagem regia aos Açores em 1901 que para os michaelenses representava um successo duplamente honroso; mas depois voltou.

A pequena locomotiva e wagonetes de circulação que se vira transportar gente na exposição d'artes e manufacturas aberta por essa occasião no Relvão, não fizeram senão despertar mais a vontade aos michaelenses pela tracção rapida a vapor; e só alguns annos depois, quando o enorme desenvolvimento dos tramways



O Caminho de ferro da Exposição de 1901

electricos demonstrava que para os paizes aonde as correntes d'agua abundam eram elles que prestavam, quer economicamente quer por commodidade, os mais relevantes serviços, é que a opinião publica evolucionou do vapor para a electricidade. São o conhecidas e bem as estatisticas da locomoção electrica nos dois paizes aonde a utilização da electricidade se generalizou mais rapidamente, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Na Inglaterra o numero de companhias que em 1890 era de 17 representando

um capital de 6 milhões de Libras, em 1907 era de 312; e d'essas explorações havia 173 administrações regionaes que tinham capitaes empregados no valor de 118 milhões de libras; e o rendimento liquido annual d'essas empresas era (1900—7) de 2.520.000 libras.

O espirito pratico economista do inglez mostra bem a utilidade da criação d'estas empresas de caracter o mais socialista possivel. Basta dizer que em 1886 a passagem media por cada inglez era de 1 penny e 61 de fracção, em 1896 era de 1,31 e em 1906 tinha descido a 1,10. (1) E essas empresas das Corporações tem essas vantagens, que, quando bem administradas, veem imprimir uma benefica influencia nas companhias particulares, proprias a gerencias apertadas, visando lucros abundantes, orientando-as.

Em França desde 1831 e 1877 a descida no preço do transporte das mercadorias foi de 16 centimos (50 reis) por tonelada de peso, por kilometro de distancia em media, para 5,1 centimos (17 reis); mas nem sempre a descida foi considerada forçada. Em 1874 na Alemanha o Governo de Bismark fizera approvar no Reichstag a partir do 1.º do anno de 1875 um augmento geral de 20 por cento nas taxas das tarifas geraes de carga e em França o senhor Jacquim em profundos estudos vinha demonstrando na imprensa a necessidade imperiosa em face do encarecimento geral dos generos, das coisas e da mão d'obra, de levantar em correlação o preço do transporte ás mercadorias nos Caminhos de ferro francezes. O Senhor Caillaux então ministro das Obras Publicas em Maio de 1875 levava á tribuna da Assembléa nacional os mesmos argumentos.

(1) O penny inglez corresponde ao vintem.

Os americanos do norte comtudo desde essa data a 1879 reduziram dum centesimo de dollar a 12 centesimo, isto é de 1 a 12 real, o preço do transporte no percurso da milha á tonelada de carga; e os francezes tambem desciam as tarifas 3 annos depois comquanto reconhecessem valor ás argumentações das Camaras reforçado pela resolução do Senado de 14 d'agosto de 1876, creando uma Commissão de 18 membros e pelas opiniões do Senhor Vuitry presidente do Conselho d'administração da Companhia de Lyão e Hugot director da Companhia da Midi, e Alfredo Le Roux presidente do Conselho administrativo das Companhias do oeste, todos elles em favor do augmento geral das tarifas.

Mas voltemos ao assumpto principal do nosso artigo e deixemos as estatísticas estrangeiras e as questões economicas de Franca.

O sabio Arago dizia que o desconhecido auctor dos vehiculos a rodas era um benemerito da humanidade que fizera baixar de 90 %, o transporte das mercadorias.

A tracção rapida, estabelecida a Estação central do Laguim e as vias ferreas pela Pranchinha, ao longo da Costa e pelo Cabouco fóra na direcção da Ribeira Grande, vinha trazer uma descida enorme no preço dos transportes.

Vejamos o que nos dão os calculos:

Tomemos primeiro para exemplo o que gasta e como pode transportar mercadorias a distancia um individuo ás costas para nos servir de base ao custo da tonelada e as quantidades transportaveis:

Para sustento diario	800 reis
Para sustento annual (300 dias)	240.000 reis
Percurso diario	20 kilometros
Percurso annual (300 dias)	6.000 kilometros
Peso transportavel (por 20 kilometros)	35 kilogrammas
Carga annual transportavel	10.500 kilogrammas
Valor da carga annual	240.000 reis

Se applicarmos estes calculos ao transporte annual possivel feito por peões ao numero que passavam pelo Livramento quando se estudava os problemas do caminho de ferro temos que:

As cargas dos 80 portadores valiam	10.200.000 reis
O peso d'ellas	840 toneladas
Percurso annual	480.000 kilometros

Applicando estes dados ao conhecimento do preço do transporte da tonelada por dia e ao preço da tonelada por kilometro, nós temos:

Transporte da tonelada diaria	22.857 reis
por kilometro	270 reis

Vejamos agora o que gasta e como pôde transportar mercadorias a distancia um almocreve usando de dois muars:



Capa do impresso para reclame que foi dividido para os conselhos de diversos paizes e que continha as condições da concessão para o contracto

Sustento de um indivíduo de 2 muaes	800 reis
Amortisação d'arreios e animaes	600 reis
	300 reis
TOTAL	2.000 reis
Carga a transportar (150 kilgr. ^m cada)	300 kilogrammas
Distância a percorrer	30 kilometros
300 dias de transportes	90 toneladas
Percurso annual	9.000 kilometros
Valor d'essa carga	600.000 reis
Cargas annuaes de 150 animaes que circulavam pelas estradas diariamente	13.500 toneladas
Valor d'essas cargas (a 2.000 rs. d.º)	90.000.000 reis
Valor da tonelada diaria kilometrica	0 670 reis
	220 reis

O carroceiro mais feliz não tem a ladiga do almocreve e pode levar mais longe a sua mercadoria com menor custo e em maior quantidade.

Vejamos a potencia do transporte a tracção animal:

Sustento diario do individuo de dois muaes	800 reis
Usura de carroças, arreios e muaes	900 reis
	400 reis
TOTAL	2.100 reis

Carga de 1 carroça — 1 tonelada.
 Marcha diaria — 40 kilometros.
 Cargas transportes durante o anno 300 ton.
 Distância percorrida 12.000 kilometros

As 500 carroças de circulação no Livramento dão portamto:

Transporte de mercadorias de 150 mil toneladas.

Valor d'essas cargas 315 contos
 Valor de tonelada diaria 2.100 reis.
 da kilometrica 57 reis.

Reportando-nos agora ao Caminho de ferro:

Valor de Contoões das linhas ferreas	160.000.000 reis
Despeza total	1.275.000.000 reis
Custo da exploração annual	1.435.000.000 reis
Usura de material 20 %	41.000.000 reis
	3.900.000 reis

As cargas diarias em 24 wações (a 10 toneladas) 240 toneld.^m.

No decurso do anno (300 dias) 72.000 toneladas

Distância percorrida 140.352 kilometros.

A tonelada no percurso diario custa (58,488 kilometros) 695 reis.

A tonelada kilometrica 1 045 reis.

Em resumo nós temos que o transporte da tonelada de mercadorias ao kilometro sae á população ás costas d'um homem a

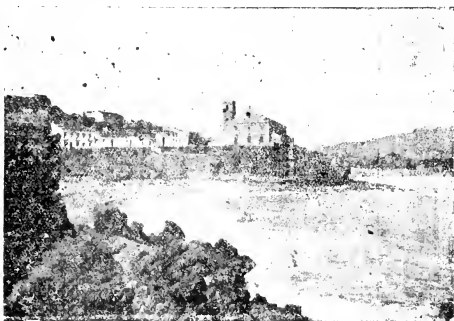
Por carregador a besta a	270 reis
Transportada em carroça	220 reis
	57 reis

No caminho de ferro, se elle tivesse sido construido segundo o projecto da Commissão de 1897 com as tarifas estabelecidas, teriamos a tonelada a 10,45 rs. O Caminho de ferro vinha portanto, não receio de o repetir, trazer á vida michaelense um factor d'economia senão d'influencia geral, positivamente, nas trocas, d'um valor 15 vezes menor d'esforço monetario e d'esforço activo, considerando que o transporte das mercadorias por tonelada kilometrica custava pela tracção animal em media 182 reis e custaria pela tracção a vapor 10,45 reis, e constatando que o preço medio da tonelada diaria custava 10,542 reis e custaria 695 rs.

A tracção electrica

Tinha a Commissão Districtal composta pelo Senhor Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido (presidente) Francisco Maria Supico (vice-presidente) Luiz Soares de Sousa, Francisco Alves d'Oliveira (secretario) e Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, recebido na sessão de 18 de janeiro de 1890 o ante-projecto apresentado pela Commissão do Caminho de ferro e sobre elle deliberado remetter ao Governador Civil Dr. Bento José Pinto da Motta para o transmittir ao ministerio do Reino com o contracto provisorio para a construcção e exploração do referido Caminho de ferro pedindo-lhe para que fosse por S. Ex.^a o ministro apresentada ás Côrtes a lei auctorisando-a.

No expediente da Corporação Districtal não se decurava a magna questão dos transportes, apesar da actividade toda se achar derivada para as medidas sanitarias a tomar contra a defeza da peste bubonica que grassava havia mezes no Porto e que punha a Ilha incommunicavel, havendo ameaças de crise



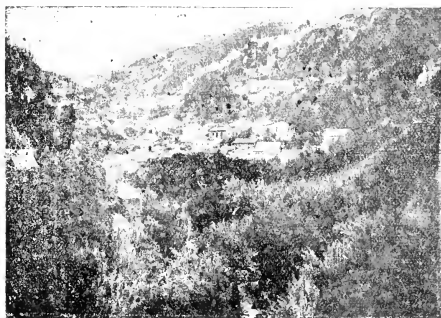
A costa por onde passava o caminho de ferro em S. Roque

comercial pela falta de communicações. Falára-se já de estabelecer uma carreira de navios das Ilhas para Londres para d'ahi virem desinfectados; e tanto a Commissão da Junta Geral como as auctoridades sanitarias administrativas evidavam todos os esforços para o estabelecimento d'um hospital d'isolamento e posto de desinfecção. O Dr. Pinto da Motta já tóra ver um local que offerecia todas as vantagens situado no areal grande de Rasto de Cão no antigo forte de S. Caetano e o Dr. Jacintho Botelho Arruda, chimico analysta e bacteriologista, tinha sido designado pela Corporação para ir estudar a molestia epidemica ao Porto.

Esperava-se a lei que permittiria pôr o Contracto a concurso e que appareceu no Diario do Governo de 27 de julho; companhia nenhuma se formou para explorar o Caminho de ferro e o problema sanitario é que dominou os espiritos não só das auctoridades sanitarias e das Corporações como de todas as pessoas que dispunham d'influencia ou exerciam prestigio: até que em 30 d'abril prorogada a sessão da Junta Geral da qual fazia parte o Dr. Luiz Botelho Motta, Vice-presidente servindo de Presidente, Luiz Soares de Souza, Dr. Hermano de Medeiros e Camara,

José da Silva Cabral, Arthur Zarco Fuschini, Antonio Borges de Medeiros e Camara, Antonio Feliciano de Souza Moniz d'Arruda Albuquerque Bettencourt, Simão Amorim da Cunha, Manuel Rezende Carreiro, João Bernardo d'Abreu e Lina, Francisco Alves d'Oliveira, Luíz Athayde Côrte Real Estrella, Manuel Jacintho da Ponte, João de Mello Abreu, Jacintho Leite do Canto Pacheco e Francisco Maria Supico (secretario) a fim de ser discutida e tomada a deliberação sobre a concessão que pretendia tomar o Engenheiro Civil Eduardo Augusto Kopke para a exploração do Caminho de ferro ou tramvia electrico entre o Valle das Furnas e Ribeira Grande.

No dia 30 d'abril ás nove horas da noite reuniu-se a Junta para apreciar e entregar a uma Commissão d'Estudo o projecto que vinha nos termos e condições da lei de 26 de julho de 1899, excepto para as garantias de juros e direitos annexos de que o concessionario prescindia; e a 3 de maio apresentou essa Commissão um parecer em que introduziu pequenas modificações, que não alteravam a textura do contracto nas linhas geraes e que foram immediatamente aceitas pelo Engenheiro Kopke. Ainda no decorrer da sessão de novembro propoz o Procurador



A Praia perto d'Agua d'Alto junto á qual passava o Caminho de Ferro

Manoel da Ponte 800.000 reis de remuneração ao chefe da secretaria Duarte d'Azevedo Feio pelos interessantes e variados trabalhos executados a favor do Contracto para o Caminho de ferro; e a Junta entra definitivamente no estabelecimento do Gabinete de bacteriologia, *creando o regulamento, dotando-o com instrumentos adaptando as instalações*; e depois tudo são azafamas para a recepção dos Monarchas aos Açores que dentro dum anno vie-

rão vizitar as Ilhas em viagem festiva.

Eduardo Augusto Kopke, em Londres, em Setembro de 1900 encontrou capitalistas para tomarem a concessão do Caminho de ferro e pede (sessão de 19 d'outubro) á Junta elementos para o estudo dos traçados, mas na sessão de 12 de dezembro era lida a correspondencia do engenheiro portuguez dizendo que desistia da concessão (carta de 11 datada de Ponta Delgada). Estava pois outra vez a sociedade michaelense despreocupada das questões economicas ligadas ao Caminho de ferro e tramvia electrico, e entregue inteiramente aos festejos e exposição industrial, artistica e agricola para a recepção dos Reis. Essa exposição organizada com entradas pagas em forma de feira tinha por objectivo mostrar aos soberanos a riqueza das artes, manufacturas e machino-facturas insulares e ao mesmo tempo trazer no certamen o réclame aos productores. Depois dos festejos que tiveram lugar no verão de 1901 o problema capital voltou a ser o dos transportes e sobretudo o da viação electrica. O engenheiro Kopke com a sua proposta concessionaria generalisára a questão do Caminho de ferro na tracção pela electricidade a qual não só simplificava o assentamento das vias, por não ser necessario evitar as ondulações dos terrenos, como tambem trazia uma economia no combustivel. Mes-

mo o tramvia ou caminho de ferro (electrico) ia talvez dispensar a construcção de leito proprio e a economia estender-se-hia não só á construcção e assentamento das vias como ia poupar á Junta, com a despeza da reparação da usura das estradas, a despeza com a reparação da parte das estradas occupada pela via dos electricos.

As despezas do custo em media fornecidas por technicos inglezes experimentados nas installações de tramvias no Reino Unido davam para cada millia (a millia ingleza corresponde a 1609 metros) o seguinte:

Estrada e circulação	6.500	libras
Installações aereas	750	"
Cabos de corrente	400	"
Carruagens (700 libras cada)	2.100	"
Alpendres e coisas varias	1.200	"
TOTAL	9.500	"

As despezas computadas para cada millia na circulação do tramvia segundo os mesmos peritos eram:

Energia electrica	1,50	penny
Pagamentos a empregados	1,10	"
Despezas com alpendres e armazenagens	0,55	"
Despezas geraes	0,90	"
Reparações e manutenções	1,25	"
TOTAL	5,30	Pences (1)

Mas em breve se constatava que era impossivel manter esses preços e os calculos novos deram para as despezas de construcção 12.000 libras por millia e para as despezas de circulação 6,3 pences.

Para se realizar a intensidade de vida que o electrico trouxe á sociedade ingleza em dez annos, desde 1896 a 1906, citarei alguns dados estatisticos apresentados na Encyclopaedia Britannica (11.ª edição de 1911).

Via collocada	1907—1908	1896	1879
	2464,22 (milhas)	1009	321,27
Movimento de passageiros	2.625.532.895 —	759.466.047 —	150.881.515
Percentagens dos rendimentos liquidos ao capital desembolsado	6,81	6,88	3,87
Percentagens da despeza dos trabalhos ás receitas brutas	62,64	74,79	83,81
Passageiros transportados por millia de via aberta—	1907-8	1896	1873
	1.065.462	752.691	469.641
Media do preço de passagem por viajante	1.09 (penny)	1,61	1,84

A tracção accelerada em Inglaterra n'este anno de 1907-8 tinha o seguinte incremento:

Pertencente a corporações publicas:	
Capital empregado	44.920.317 Libras
Numero de emprezas	177
Distancia com via	1619 milhas
Pertencente a companhias e propriedades particulares:	
Capital empregado	23.279.601 Libras
Numero d'emprezas	128
Distancia com via	844 milhas

Desde 1901 a 1908 passa na administração publica a questão da viação acceelerada para o segundo plano do programma da Junta Geral. A obra d'assistencia e

(1)—O penny corresponde ao nosso vintem forte.

sobretudo a construcção das estradas que deviam reunir os Concelhos de oeste com o concelho de Nordeste não só absorveram as verbas de que podia dispôr a Corporação Districtal como a obrigaram a contrahir um empréstimo de 500 contos (auctorizado pela lei de 30 d'Agosto de 1902) ao juro de 5 por cento; e a continuação das installações sanitarias necessarias para a defeza da Ilha foi activada com o apparecimento da peste na Ilha Terceira installando-se serviços regulares de desinfeccção no mar em navios de procedencia da Ilha e suas cargas e mantendo-se os postos d'isolamento e de desinfeccção para passageiros em terra, e para isso, não é só material que se importava como foram construcções que se fizeram e installações que se organisaram.

Um movimento de turismo começou a esquisar-se em todo o paiz e o reflexo viera até nós e projectou-se no estrangeiro. Essas enormes organisações que

absorbem em França capitaes consideraveis com fins de explorações de Casinos em estancias balnearias e thermaes tiveram a curiosidade de enviar alguém estudar o assumpto aqui. Um engenheiro francez Mr. J. Croisé d'Ancourt tratou muito de perto com os homens que constituíam a Junta Geral estudando a terra, as condições economicas e o movimento turistico, chegando a assignar nos termos da lei de 1901 um contracto provisorio (foi signatario d'esse contracto o Engenheiro Portuguez Pacheco Vieira), em 22 d'abril de 1909; e no anno seguinte vieram outros francezes de nacionalidade com intenções semelhantes, alugando a Assembléa furnense e installando lá durante o verão roleta e tornando o club attractivo aos veraneantes como aos viajantes d'automovel e carro que affluia: nos dias festivos abundantemente á estancia, fazendo tocar um sexteto de tarde e á noite e illuminando o terraço e o jardim. Os emprezarios do Casino chegaram a lançar as bases d'um contracto sujeitando-se aos compromissos, mas renunciaram aos direitos adquiridos para a concessão e o engenheiro já a essa data déra provas do seu desinteresse absoluto.



O Engenheiro Eduardo Augusto Kopke

Ficára d'estas ideias de viação electrica no Districto apenas uma persistente corrente a favor de hotéis; os automoveis tornaram-se o factor da locomoção rapida conveniente aos viajantes. A prova fôra estabelecida com a chamada Companhia Moreira (*) com o estabelecimento dos omnibus em 1907; e que tão uteis resultados tivera iniciado; agóra, eram pequenos duplo-phaetons que faziam o trajecto e carros Fords da agencia Alcantara. Os vapores transatlanticos da Companhia White Star Line da carreira da America-Mediterraneo traziam regularmente um bom contingente de 80 a 90 mil pessoas entre emigrantes e passageiros viajantes e a Companhia Franceza de Cyrien Fabre e outras vias 20 mil; e á Junta foram pedidos subsidios por empresas hoteleiras para poderem manter durante os meses das estações mortas installações convenientes para atrahir o turiste enquanto uma decidida organisação não garantia á terra uma permanencia de forasteiros residentes.

A occasião era opportuna e a Junta Geral não a perdê para lançar outra vez as bases d'um contracto para a concessão; o secretario Duarte d'Azevedo Feio é o relator e apresenta-o á Corporação em 12 de dezembro de 1912 na orientação do de 1901 com partilha de lucros e garantia de juros a partir do 1º semestre de circulação do tramvia.

(*) Augusto da Silva Moreira e C.ª

O trajecto porem é diferente.

Tratando-se de ligar o norte ao sul entre as Capiteas dos Concelhos da Cidade e da Ribeira Grande a linha do tramvia segue pelas freguezias do norte da



Valle das Furnas — Thermas que dariam á linha da Povoação uma affluencia grande de turistas

Ilha do Concelho da Cidade; das Capellas por deante, até á Ribeira Grande, atravessa o monte Gordo que é uma região abundante de terra d'estufa d'ananazes e passa proximo da região da Cidade nos arredores que mais estufas tem: Fajã de Baixo, Santa Rosa, St.ª Rita e Egypto. O ananaz cuja exportação era em 1897 de um milhão de fructos, como já vimos, tornar-se com o desenvolvimento da industria e do commercio nos portos de Londres e Hamburgo um factor tão importante nos transportes como

a industria do alcool; e a industria do assucar substitua com grandes vantagens o transporte de laranja que nunca mais deixou de decahir na produção e no commercio d'exportação. Quanto á linha do sul para o Valle das Furnas o leito das estradas nacional e das suas Villas e freguezias era o seguido ao longo da Estrada. As condições em que o tramvia era construido eram tão diferentes que se impõe a reprodução das estatísticas da Junta d'essa epocha para que o leitor aprecie com a madura reflexão as circumstancias economicas e demographicas em que o projecto era lançado:

MERCADORIAS	Ribeira Grande e Nordeste	Lagõa	Agua de Pau	Villa Franca	Povoação	Diversos
	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)
Recovagens (generos d'importação)	1:870,00	597,00		617,00	597,00	
Forragens	357,80					
Mercadorias de 1.ª classe						
Alcool	932,80	2:145,00				
Cerveja						66,00
Ananazes	30,00	46,62	30,00	642,28	19,50	
Laranja	380,96	137,10	100,30	218,30		70,80
Tabaco manipulado	20,68	6,60		6,82	6,60	
Aguas das Lombadas	387,00					
Generos d'importação	1:118,00	357,00		369,00	357,00	
Bagagens					201,60	
Somma	2:869,44	2:692,32	139,30	1:236,40	584,70	136,80

Mercadorias de 2. ^a classe	Ribeira Grande e Nordeste	Lagôa	Agua de Pau	Villa Franca	Povoação	Diversos
	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)	(ton.)
<i>Lenha</i>	2:874,00		1:437,00			
<i>Madeira</i>	2:805,80	823,00	315,40		706,40	
<i>Cevada</i>	100,00	400,00				
<i>Tabaco em folha</i>	150,00	50,00				
<i>Espudana</i>	12,00					
<i>Trigo</i>	452,90				51,12	
<i>Farinha</i>	5:938,00					
<i>Milho</i>	666,00			264,00		
<i>Batata ingleza</i>	998,00				396,00	
<i>" doce</i>		8:000,00	2:400,00	3:000,00		
<i>Vinho</i>		384,00				
<i>Louça</i>		135,00		5,00		
<i>Fava</i>					10,00	3:120,00
<i>Tremoço</i>						100,00
<i>Somma</i>	13:196,70	9:792,00	4:152,00	3:269,00	1:163,52	3:220,00
Mercadorias de 3.^a classe						
<i>Folha</i>	700,00	84,00				
<i>Cantaria</i>	105,00					
<i>Cascaria</i>	126,00	3:982,00				
<i>Carvão</i>	1:000,00	2:250,00				
<i>Sal</i>	421,43	142,357	70,577	193,51	210,50	
<i>Pedra de cal</i>	300,00			700,00	300,00	
<i>Terra de estufa</i>		600,00				
<i>Somma</i>	2.652,43	7:058,357	70,577	893,51	510,30	

O Senhor Duarte Feio baseando os seus calculos na experiencia do tratadista francez de electricidade R. Busquet e nas observações e experiencia adquiridas na pratica dos trabalhos realizados na Junta Geral para as condições de contractos, estipulava uma despeza para a construcção das linhas e compra de materiaes circulantes e fixos em cerca de 1.200.000.000 reis o estabelecimento do Caminho de ferro electrico de Ponta-Delgada á Povoação e á Ribeira Grande.

O estabelecimento da via com carril broca de peso de 36 kilogrammas por metro, para 80 kilometros,	500.000.000 reis
Equipamento electrico das linhas aereas com postes metallicos	400.000.000 reis
Carruagens e motores electricos, carruagens de 30 lugares com 2 motores de 25 cavallos cada, 30 carruagens	112.500.000 reis
Fabrica geradora de electricidade comprehendendo construcção, material electrico, para a producção de 700 cavallos de força	113.500.000 reis
Gares, apeadeiros, depositos, armazem e escriptorios	30.000.000 reis
Wagões para cargas e accessorios	25.000.000 reis
SOMMA	1.181.250.000 reis

Ora se os calculos feitos em 1897 com despezas duplas e receitas provaveis muito menores, tinham offerecido garantias aos relatores do projecto da Junta Ge-

ral da época, como o dizia o Senhor Azevedo Feio no seu relatório, em 1917 com um commercio muito mais desenvolvido e com industrias de mais importancia, ao passo que os capitães exigidos eram menores de metade, muito mais garantias offerecia a viação rapida a electricidade, a qualquer empreza que se formasse. Porque é que ninguem propoz que fosse a Junta ou o Governo os constructores das linhas? Ahí é que me parece ter havido erro por parte dos peoneios do Caminho de ferro electrico de 1913. Se de facto, como dizia o Senhor Azevedo Feio no



O Senhor Duarte d'Azevedo Feio

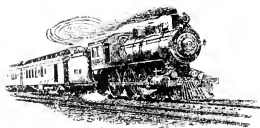
seu Relatório, havia superiores vantagens para o estabelecimento do Caminho de ferro, havia os inconvenientes que existem sempre para as emigrações dos Capitães por parte das pessoas que se quizessem reunir em Companhia e pedir a concessão nos termos do Contracto offerecido pela Junta Geral ao publico. As administrações longe, só com explorações mineiras ou concessões de terrenos aonde os rendimentos com o risco d'um capital minimo podem ser fabulosos, é que são toleradas. Entre nós o estabelecimento do Caminho de ferro electrico era uma obra d'utilidade publica; offerecia de facto garantia de exploração, mas os lucros deviam ser relativamente pequenos em relação ao risco. Hoje os grandes capitalistas dividem os seus capitães a utilizar em trez quinhões e empregam um quinhão em compra de titulos de divida publica de rendimento seguro e regular, um quinhão em emprezas de utilidade publica de rendimento incerto, e um quinhão em especulações arriscadas cujos lucros podem ser enormes; fóra d'estes principios d'administração não existem em geral aventuras

nas finanças porque as proprias engrenagens sociaes difficultam mesmo as transacções, e a muito poucas d'estas emprezas chegam as discussões e conhecimentos das Bolsas dos diferentes centros financeiros.

A Junta Geral, se n'essa occasião se arrogava a si a exploração do Caminho de ferro por conta propria negociando um emprestimo com esse fim, fixando um prazo d'amortisação e pagamento de juros regulares a 5 por cento ou mesmo 4, certamente que encontrava, para essa obra social em que grandes eram os interesses a auferir em todo o districto por todas as classes da sociedade, capitães michaelenses. E a grande obra do Caminho de ferro electrico era hoje talvez uma realidade ao serviço da sociedade d'esta terra, e não uma obra a realizar com novos projectos como são aquelles a que a Imprensa alludiu em principios do anno corrente fazendo referencias aos concessionarios e publicando listas dos subscriptores.

A Companhia novamente formada com os Senhores Dr. Clemente Pereira da Costa, Luiz Athayde Corte Real Estrella, Engenheiro Luiz Gomes, Rogerio Moniz, Jacintho Andrade Albuquerque Bettencourt, vae luctar com as difficuldades que a guerra provocou com mais de quatro annos de perturbações de toda a natureza e

sobretudo d'ordem industrial e commercial. N'este momento em que as officinas siderurgicas e metallurgicas voltam ás antigas lidas do tempo normal, a mão d'obra mais cara, os materiaes mais caros; as mercadorias chegam aqui aggravadas com esses onus e com difficuldades identicas nos transportes tambem: porem todos esses gravames serão largamente compensados pelos resultados beneficos da installação do Caminho de ferro electrico e pelos lucros que uma boa administração arrecadará com vantagens crescentes todos os annos.



Apontamentos sobre Architectura Regional

Já tivemos ensejo de demonstrar não só pela investigação directa dos documentos escriptos como pela reprodução de alguns architectonicos que as correntes dominantes da architectura continental ao enviarem os seus reflexos para longe, surgindo nos pontos onde se exerceu o nosso dominio colonial e onde se sentiu a influencia da nossa civilização vieram até nós, integrando-se logo os Açores como era natural na historia da arte nacional.

Nem todas essas correntes porém se repercutiram n'estas Ilhas: causas puramente historicas justificam a ausencia de modalidades mais antigas, outras relativas á evolução seguida pela arte portugueza determinaram a sua ephemera duração entre nós e outras ainda de natureza puramente technica ou climatologica foram influir no sentido de se verificarem variantes na sua adaptação.

Descoberta esta Ilha no segundo quartel do seculo XV e povoada em seguida, só entrou em amplo desenvolvimento commercial, industrial e agricola no seculo immediato; a riqueza publica e individual só, por consequencia, se avolumou n'esta epocha, isto é quando os velhos estylos haviam já desaparecido ou determinado novas orientações.

A vida michaelense fortalece-se portanto, estabiliza-se, prospera e engrandece justamente quando a arte portugueza attinge um alto valor sob a forma manuelina e assim n'essa corrente de arte architectural transbordante de originalidades orna-

Assignatura da portada do Sul da Matriz

mentaes, erigida de difficuldades technicas e tecida de deslumbramentos de rendilhados vão-se filiar: as nossas primordiais manifestações architectonicas com preocupação artistica

Elas porém apoz um rapido bruxolear apagam-se por completo pela razão de termos acompanhado as vicissitudes da Historia patria e de havermos consequentemente soffrido os revezes da nossa nacionalidade n'esse doloroso fim do seculo XVI.

A luz intensa d'essa arte ecletica nascida de um meio social onde amplamente se respirava conquista, dominio, aventura, expansão, força, sonho, virilidade e que synthetisa o esforço e o valor immensos de um pequeno povo a avassalar o mundo, enfraquece depois e fina-se mais tarde na alma da raça amedrontada e deprimida sob a tenebrosa influencia e a lugubre escravidão exercidas pelo poder espiritual e assim ao brilho e á pujança das produções artisticas d'essa phase da nossa historia, revolucionarias e indisciplinadas sem duvida mas vigorosas e originaes, seguiu-se a decadencia e a perda da sua gloriosa tradição.

Mas devemos considerar que ainda mesmo na hypothese de se haver notado um crescente aperfeiçoamento e um desenvolvimento notavel do referido estylo architectonico no Continente para os fins do mencionado seculo e d'ahi em diante, nós teriamos quando muito mantido uma constante mediocridade imposta pelos grandes entraves de natureza technica.

Se observarmos o material indigena veremos que sendo como é duro, arestoso, estaladiço e excessivamente escuro nunca se lhe poderia dar a plasticidade nem filigranal-o nem malleal-o, nem coloril-o da delicada lavra de buril da technica e das exigencias do manuelino que reclamava pedra clara e compacta onde nitidamente se valorizavam os relevos complicados e d'onde vigorosamente sobreshiam os contrastes do claro escuro.

A prova do que vimos dizendo está a nosso ver bem patente nas portadas da matriz de Ponta Delgada ás quais já nós referimos no estudo—Notas sobre Arte— Ali surge uma grande differença de riqueza ornamental nas lavras executadas em material do Continente e no d'esta Ilha; as portadas do sul e do poente optimamente trabalhadas vão muito alem da do lado do norte, havendo grandes probabilidades de terem sido todas da mesma auctoria, isto é todas esculpidas por Nicolau Fernandes e seu irmão André.

O que na portada do sul é um lavor de finissimo desenho, de minucias de joalheria e de extraordinario escrupulo de perfeição technica, na do norte é uma lava lisa de esguios pilaretes polystylos mais interessante, talvez, na harmonia das suas curvaturas mas quasi completamente destituída de detalhe ornamental.

No confronto d'estes dois exemplares aigura-se-nos sobresahir bem o haver o mesmo lapis que plethoricamente gizou as primeiras derivado na terceira para uma parcimoniosa composição de mais facil execução evitando assim as insuperaveis difficuldades a vencer no material a trabalhar.

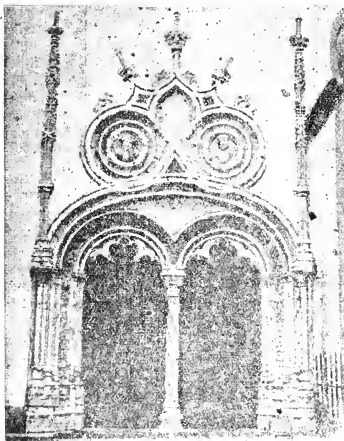
Vem a proposito revelar uma assignatura com que ultimamente deparamos gravada na base de um ornato cuja reprodução em gesso existe no museu Municipal pertencente á referida portada do lado sul.

Não podendo decifrar esta inscripção que reproduzimos, recorreremos á interpretação do eminente professor snr. José Leite de Vasconcellos, que nos informou

ser enigmatica pela incerteza dos caracteres ja muito gastos pelo tempo, mas que talvez queira dizer *Johannes IHNS*; sendo assim julgamos referir-se a inscripção ao busto que d'esse lado apparece no alto da portada, isto é talvez a D. João III, sendo provavel que no ornato symetrico do lado opposto apparecesse tambem o nome da figura de mulher do segundo medalhão a rainha! se lá existiu alguma palavra em tempo, pois hoje nada se discrimina n'esses meios relevos humbraes.

A evolução seguida pela arte portugueza determinada pelos acontecimentos historicos geraes e ainda motivos de ordem technica influíram portanto na vida ephemera do estylo manuelino entre nós que alem da citada igreja da matriz pouco mais se manifestou.

Uma segunda repercussão nota-se depois, é o chamado estylo jesuitico que por melhor se afeiçoar ao material, por maior facilidade de technica, e por mais completa-



Portada do Sul da Matriz de Ponta Delgada

mente se harmonisar com o gosto e as tendencias coevas, se foi manifestando no decorrer do seculo XVII e no seculo XVIII na architectura religiosa e na civil.

Façamos algumas referencias architectonographicas a este novo typo.

No que respeita a architectura civil do seculo XVI nada podemos dizer pela razão de nenhuma construcção conhecermos d'esta epocha e apenas termos encontrado em Fructuoso uma rapida referencia ás casas de Ponta Delgada quan do

diz «quasi em todas ellas (ruas) ha casas sumptuosas e ricas, sobradadas e muito altas, mas poucas de dois sobrados, e ha paços fidalgos de homens poderosos, bem lavrados, fóra os que agora começa o Snr. Conde, quasi no meio d'ella (cidade) e todas as casas tão fortes e edificadas com a melhor alvenaria que se pode achar em muitas partes, caidas por dentro e por fóra que parecem fortalezas, muitas das quaes são notaveis e lustrosas...»

D'estas palavras nada se pode discriminar sobre o aspecto esthetico das habitações quinhentistas reconhecendo-se apenas predominar já n'esta epocha o typo de casa nobre de um só andar e altos pés direitos, typo que como depois veremos se foi mantendo através o tempo.

Apenas conhecêmos ainda as ruínas de uma casa ao norte do Poço Velho de Rosto de Cão attribuída a Jorge Nunes Botelho e onde residiu o ultimo representante da Patria Portuguesa independente e livre na phase tragica que se seguiu a Alcaccer-Kibir.

E' ainda o citado chronista que nos informa ter vindo D. Antonio, apoz o combate dado pelo seu exercito ás tropas castelhanas no Cascalho da Fajã de Cima, hospedar-se nas casas nobres de Jorge Nunes Botelho, passando depois ás de Amador da Costa perto de uma porta fortificada que se levantava junto á ermida da Magdalena.

N'essas ruínas encontravam-se ainda ha alguns annos elementos de estudo de certo interesse hoje completamente desaparecidos: lembramo-nos de ver ainda restos de uma janella do renascimento, janella nobre, ampla, proporcionada e outras mais, já com as características das que ainda hoje apparecem com frequencia vindas dos seculos XVII e XVIII, isto é emmolduradas por silhares e cordões salientes de cantaria no alto e apresentando como remate ao meio paineis formados por duas pyramides quadrangulares unidas.

Hoje cremos que já nem esses vestigios lá existem.

No seculo XVII passamos então a ver mais claro; um typo architectonico embora bastante modesto apparece; a predilecção por certos motivos torna-se notoria; os traçados vão como que obedecendo a communs exigencias de gosto; um caracter proprio parece accentuar-se; um cunho regional vae-se consolidando, tomando vulto e definindo.

Nos templos manifesta-se amplamente o gosto jesuitico; as volutas, as conchas, os acanthos, nascem n'um excessivo plethorismo ornamental quasi desde o alicerce por vezes e sobem pelas lavours das portas e das janellas até aos frontões dos frontispicios, penetram no interior das igrejas, espraiam-se pelas sacristias e baptisterios, surgem no mobiliario, brilham nas cercaduras dos azulejamentos, intervêm na decoração das alfaías, nas ramagens dos paramentos, nas decorações dos livros e aos seus molões se vae afeiçoando a talha enovellada dos retabulos até circumdar em apertada moldura as imagens no alto das capellas, subindo depois ainda aos arcos profusamente decorados e revestindo em alguns casos todo o interior das abobadas.

Na construcção civil accentua-se um caracter pesado de lavours carregadas; as casas dos antigos morgados denominadas *casas nobres* ostentam frontispicios austeros, tristes, conventuais.

De quadras amplas, baixas externamente (rés do chão) e um unico andar) apresentavam geralmente elevado pé direito; as grossissimas paredes de boa *amarração* onde a cal e a areia formando a ligação em fortes blocos dos cunhaes e das pedras não muito seleccionadas por vezes davam-lhe um aspecto solido revelando a intensão de se pensar nas gerações futuras e de perpetuar o respeito pela tradição da familia: internamente seguiam-se as salas umas ás outras sem se attender ás proporções da largura relacionada com a altura e com o comprimento, descohia-se a gradação confortavel da luz, vinda do norte fria, livida e amortecida ou do sul excessivamente intensa e violenta; era indifferente o seu aproveitamento

e a temperatura do ambiente resultante do numero, dimensões e disposição das janellas e das portas era obra do acaso.

Mais tarde, começaram então a apparecer longos corredores estreitos e quasi sempre fracamente illuminados servindo os aposentos lateraes de tectos acafelados sobre esteira de entrançado de canna planos ou de abobadilha abatida e mais frequentemente de masseira cuja monotonia era quebrada por um ou mais travessões de ferro decorados a meio por calices gigantescos recortados em laminas de ferro forjado. (1)

A casa antiga possuia no emtanto detalhes interessantes pelo aspecto de certa originalidade e pelo seu valor ethnographico: assim formando uma parte integrante da habitação apparecia em alguns casos o balcão assente em solida arcaria, era o miradouro do mar, o recinto pittoresco, o recreio intimo da familia donde se disfrutavam despreoccupadamente os aspectos imponentes da paizagem, onde se gozavam as tardes amenas e tranquillias do estio, d'onde se assistia quando no littoral ao spectaculo emocionante dos temporaes, desenrolando trechos impressionantes de naufragios ao estilhaçarem-se as antigas e indefezas escunas da fructa de encontro ás rochas asperas da costa.

A preocupação dominante na construção do balcão era a de se poder descortinar a maior amplidão possível do oceano porque o mar exerceu sempre uma grande influencia na vida, nos costumes e na psychologia dos açoreanos; na sua mobilidade, no seu relevo, nas suas tonalidades e nos seus multiplos aspectos a sua visão attrahe sempre e se já alguém o chamou o pae dos portuguezes nós poderemos bem dizer ser elle a vida e o movimento que animam a alma dos ilheos, porque sem os seus cambiantes, sem as suas imprevistas modalidades de forma e de violencia e sem a sua intimidade elles entristecem enfermado de nostalgia. Para esse mar que em antigos tempos foi um estímulo ao espirito aventureiro dos nossos antepassados, glorificando nomes como o dos Cortes Reaes, descobridores ousados do Canadá e da Terra Nova e abrindo o caminho a tantos outros heroes menos felizes em suas arrojadas emprezas mas não menos valentes e audazes em seus alevantados intuitos, para esse oceano que nos liga ao mundo e á civilização e que carinhosamente nos protege e deleita vae o que de mais bellamente affectivo possui o coração açoreano.

No mar se sacia a vista de extensão de longe e de grandeza, n'elle se expande e vivifica a alma oppressa pelas acanhadas perspectivas terrestres, d'elle dimana ainda todo o valor e todo o sentimento da nossa paizagem e toda a poesia dos nossos campos de expressão accentuadamente melancholica.

A essa acção constante longamente exercida no temperamento dos insulanos, se deve em parte attribuir a nosso ver a grande approximação moral que se nota entre elles e os antigos homens do mar, revelando um modo de ser triste e contemplativo, supersticioso e crente, ingenuo e violento como que atormentado por um soffrimento impalpavel e inconsciente, traços estes que se vão reflectir em todas as manifestações da sua cultura material e espiritual.

Um povo para quem a mais bella e jovial comparação é a que faz com o mar em cujo espirito baila eternamente a sua imagem viva e graciosa e que sempre fez ascender elevados torreões e esguios belvederes em suas quintas para por sobre os altos abrigos dos laranjaes ter a todo o momento a facilidade de o mirar; monumentos em geral desgraciosos e inestheticos mas que symbolizam hoje ainda um sentimento commum e representam uma saudação collectiva, não podia deixar de em suas construcções lhe dedicar um recinto especial como que em homenagem á sua grandeza, á sua força e á sua belleza e como reconhecimento pelo seu auxilio e pela sua convivencia amiga.

O balcão alousado era completado por uma escada exterior com parapeito ou

(1) As investigações a que temos procedido indicam-nos ausencia de corredores nos typbs mais antigos sendo então substituidos por quartos de passagem. Depois esses quartos foram geralmente divididos traçando-se o corredor por forma a mais commodamente servir os aposentos.

imposta assente em balaustrada e por vezes rematado no alto em alpendre sustido por fortes columnas de pedra bem trabalhada evitando os accidentes da luz e graduando-a harmonicamente; como porem os ardores do sol e os reverberos da luz não attingem aqui a intensidade que se nota no Continente não foi aquelle completamente ornamental e sobre todos pittoresco usado com frequencia.

Uma outra nota interessante da habitação antiga encontra-se nas cozinhas amplas, austeras, conventuaes, escuras pela cor carregada dos lageamentos; ellas apresentam a lareira separada por um ou dois grandes arcos que pelas suas avantajadas proporções como que se erigiam em apothese á culinaria; ao centro d'essas cozinhas surgiam por vezes mesas todas de pedra, blocos macissos de aspecto quasi tumular onde se confeccionavam as series interminaveis das iguarias tradicionais dos jantares de outros tempos.

Esses como que monumentos architectonicos levantados n'uma ostentação de grandeza estão ainda a perpetuar a velha e fabulosa gastronomia dos nossos antepassados vivendo hoje uma vida de ficção e sem justificação nos habitos e nos costumes domesticos modernos em um dos extremos do edificio ou ainda em muitos casos formando com suas dependencias as salgas e as despensas um corpo independente perpendicular ao rectangulo da habitação.

No ocre quente do amarelo do Brazil patinado pela acção longa do tempo, no roseo fresco do cedro aromatico, nos tons quasi de tartaruga do cerne de pau branco, nas bellas decorações murais a fresco, nos tetos emmadeirados de masseira, nos mencionados ilorões das travessas, e no proprio branco puro hygienico e alegre dos cairos das paredes, elementos que se conjugavam n'uma perfeita harmonia cheia de caracter e de coherencia, e transbordante de segurança e solidez, nós encontramos o maior interesse e os nossos olhos habituados á mystificação, á pobreza e á fancaria modernas admiram n'essas antigas reminiscencias dos seculos passados a sua orientação que presidia á architectura e ás formas e aos processos constructivos dos tempos idos.

As tintas de oleo desconfortaveis eram banidas, só a cal se podia casar com o escuro dos soalhos ou com o tijolo dos pavimentos emoldurados por arabescos de lavoura com o austero dos mobiliarios, com os tons carregados dos couros lavrados, com o polido dos madeiramentos, com os verdes, os amarellos e as lacas veladas, dos esguios relógios de pesos acharoados e pintalgados de figurinhas chinezas requiebradas e de ademanes enigmaticos, ou das papeleiras pejadas de reconditos segredos, ornamentadas internamente a marchete com pequenos espelhos, occultando esconderijos mysteriosos, e numerosas gavetas minusculas; a cal branca sobria e uniforme, ou então a mencionada pintura mural a fresco constituíam o fundo d'onde se destacavam todos os objectos que davam conforto á vida antiga e que apreciavam com certa frequencia.



*Casa do Sr. Tavares Netto na rua dos
Mercadores de Ponta Delgada*

Essa pintura a fresco apresentava-se geralmente n'uma exhibição de symbolismos diversos, de ornamentações floraes, de paizagens ingenuas, de scenas de romantismo, de fructos e de simples delineamentos decorativos. Esta é a nosso vêr a forma ornamental característica para os aposentos mais cuidados principalmente dos fins do seculo XVIII, notando-se porem uma falta sensível de azulejamentos.

O azulejo, esse elemento decorativo por excellencia, pela difficuldade da sua aquisição foi aqui, ao contrario do que aconteceu no continente, parcimoniosamente empregado na construcção civil; na ermida porem que geralmente occupava um aposento lateral da casa morgadia elle apparecia muitas vezes ou em paineis historiados ou sob a modalidade puramente ornamental, revestindo os rodapés, servindo de fundo á edicula central, formando frontaes, collaborando nos embrechados das lapinhas erigidas em logares reconditos ou em cantos pittorescos da quinta cingindo ou as banquetas do jericó ou as bases e os pegões dos tanques de lavoura onde appareciam por vezes lavrados em barbara factura sereias e golfinhos, capitães môres, secias e coroneis de milicias, e ainda em trechos brasonados dos frontispicios.

O azulejo nunca se enfiltrou na intimidade da familia, raramente transpoz as portas da sala de jantar ou se approximou dos corredores e das cozinhas mantendo apenas um aspecto decorativo de caracter mystico.

A ermida da casa nobre com seus azulejamentos, com seus retabulos carregados de labores por vezes cheios e modulosos em baixo meio e alto relevo com profusas douraduras completadas com ornamentações accessorias taes como porcellanas antigas sustendo flores artificiaes, presepios carinhosamente architectados, paineis de technica e coloridos barbarescos, imagens seculares, paramentos, etc. marca mais um dos traços psychologicos da vida michaelense de outros tempos.

Ella era tambem a sarcophago da familia e assim no seu actual aspecto de ruina na sua presente feição desmantellada traduz ainda no emtanto vivamente o sentimento, a crença fervorosa e absorvente e o amor e o respeito pela memoria dos mortos.

Era o recinto da casa onde o conforto moral resultante da intimidade com Deus se encontrava e onde os vivos se approximavam em corpo e espirito dos entes queridos já desaparecidos; assim representava pois uma das mais interessantes paginas da psychologia dos nossos avós escripta nos caracteres artisticos do lavor das talhas, do esmalte, dos azulejos, do brilho da pintura, da vida da imaginaria, do mimo das innumeradas industrias d' arte conventual e da austeridade da lavra da pedra.

Ella era pois uma das bases sobre que girava a vida domestica, a fonte onde se alimentavam em grande parte as tradições familiares.

Passando propriamente aos elementos ornamentaes da architectura reconhecemos no typo de casa a que nos vimos referindo notas inconfundiveis, de caracter tradicional, de iniervenção permanente e de applicação constante.

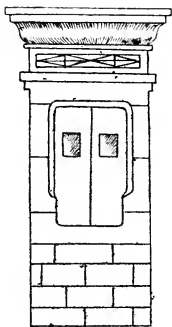
As lavouras saindo do alicerce altas sempre e muitas vezes bojudas; os frios dos telhados rematando na saliencia lanceolada conhecida por—pombinha—e recortada geralmente em telha; os cordões de cantaria lisos, torcidos ou em rosario de pyramides quadrangulares; os paineis altos e pesados do cimo das janellas; o aspecto acastellado dos cantos do edificio não pela linha obliqua mas pelos silhares que corriam de alto a baixo, do telhado ao chão, apresentando as juntas dos eunhaes guarnecidas com cal e areia em fitas salientes de cerca de 5 centimetros de largo, as pyramides rematando as faixas de lavoura lisa dos angulos da casa e interceptadas d'estas pelo beiral pintado na sua base inferior de vivissimo vermelho; os gradeamentos das varandas recortadas em madeira e as velhas adufas de origem anglo-mourisca e de operculos mysteriosos; os portões de entrada dando para o pateo fechado por muros e dependencias, nas casas de campo, guardando em seus frontões os brazões armoriados da familia desenhados em azulejo ou esculpidos em basalto indigena, e circumdados por ornamentações heral-

dicas em alguns casos de optima execução e bello effeito decorativo, eis o que mais caracteriza a ornamentaria antiga.

Como typos de construcção d'este estylo indicaremos, exemplificando, os seguintes: Camara Municipal de Ponta Delgada, seculo XVIII—predomnio do motivo—pyramides quadrangulares unidas em rosario separando os andares, junto ao beiral e em paineis sobre as janellas; tectos em abobada embandeirados com pinturas decorativas.

Convento dos jesuítas em Beiem, seculo XVII?.....

Edifício em um só andar interceptado a meio no rez do chão por um arco amplo, o tecto é formado por um grande terraço assente sobre abobadas, cozinha, e dependencias em corpo perpendicular ao principal; ausencia d'azulejos, excepto na capella onde apparecem em reduzido numero.



Casa de meu Pae na Rua de Santa Luzia de Ponta Delgada—o unico motivo decorativo sobre as janellas é o painel das citadas pyramides

Seculo XVII amplos balcões sobre o mar, salas espaciaosas out'ora seguidas sem corredor, capella e sarcophago de familia; ausencia de azulejos, retabulo apreciavel.

Casa do Sr. Visconde de Porto Formoso na rua dos Mercadores de Ponta Delgada, motivos decorativos identicos aos da Camara Municipal, pyramides lateraes no tecto, um só andar.

Seculo XVIII? Casa das Necessidades do Ex.^{mo} Sr. Antonio Franco é um dos mais interessantes modelos antigos; portão azulejado, ermida

Seculo XVIII? azulejada, tectos e sobrado de amarello do Brazil, cozinha com mesa de pedra, balcão ao sul, escadas com balaustrada; um só andar.

Casa do Sr. Dr. Gil Jaime de Medeiros, rua do Mello de Ponta Delgada—um só andar com

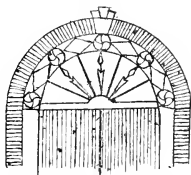
torreão, altas lavours rematando as janellas e por-

Seculo XVIII tas sem pyramides; ermida lateral com janella de boa architectura.

Casa da Rua da Misericordia do Sr. A. J. de Vasconcellos—Deco-

ração architectonica de pyramides, capella adja-

Seculo XVIII cente, torre elevada a um lado, cozinha ampla, tectos de masseira e de abo-



Motivos de decoração architectonica antigos

badilha, segundo a tradição foi a primeira casa de Ponta Delgada que teve vidraça.

Muitas outras referencias archeographicas poderiamos fazer pelas quaes reconheceriamos uma constante obediencia ao mesmo plano geral, á mesma orientação architectonica, ao mesmo gosto ornamental; uma velha casa quasi em ruinas que me pertence na Pracinha de S. Pedro d'esta cidade, a do fallecido Sr. José Maria da Camara, na rua da Louca, a actual casa do Sr. Conde de Albuquerque, na rua da Arquinha, a do Sr. Luiz d'Athayde na Ribeira Secca da Ribeira Grande

um pouco approximada do referido convento de Belem no seu delineamento geral com balcão virado ao mar, ermida, salas seguidas, cozinha em corpo separado, e tanque lavrado na quinta, a casa do Sr. Conde de Santa Catharina, o frontispício do Convento de Santo André de Ponta Delgada, etc. Pelas outras villas encontram-se ainda modelos d'esta epocha.

O motivo predominante é incontestavelmente a pyramide quadrangular que apparece tambem entremeada com discos circulares dentro dos quaes se recortam *Suastikas*, *sexifolias*, *rosetas de petalas imbricadas* e o *sino Samão*. Continuando a exemplificar, mencionaremos a casa dos herdeiros do Sr. Leal ao Loreto, a porta da ermida do Populo e a arruinada casa de S. Caetano nas arcias de São Roque. Propositadamente deixamos para ultimo logar referencias mais detalhadas sobre esta antiga vivenda e ao convento da Esperança de Ponta Delgada pelo particular interesse que ellas nos despertam.

D'aquella pertencente hoje aos herdeiros do Sr. Caetano d'Andrade Albuquerque, sabemos apenas haver sido conjunctamente com quarenta alqueires de vinha em volta, vinculada pelo Dr. Jacintho d'Andrade Bettencourt em testamento approved em 5 de junho de 1783. (1)

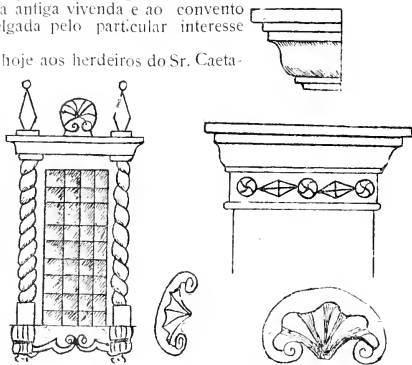
Vem pois as actuaes ruinas do seculo XVIII. Ainda acerca de quinze annos o edificio conservava-se, na sua quasi totalidade de pe, já sem tetos, se bem nos recordamos, mas ainda em condições de se poder salvar, hoje quasi desapareceu, restando apenas duas paredes, a do norte e a do poente e a pequena ermida adjuncta com minusculo adro completamente desmantellado apresentando o resto um muralda.

A sobriedade de ornamentação architectonica, e ingenuidade dos seus motivos puros, as justas proporções que apresentava e a sua delineação geral que ainda se adivinha attrahia-nos sobremaneira transmittindo-nos todo o sabor antigo da construcção tradicional michaelense da qual era esse edificio um dos seus mais legitimos representantes.

As lavouras d'esta antiga residencia morgadia accusavam, as linhas mais caracteristicas e a pequena ermida uma decoração muito regional no exterior e no interior azulejos revestindo-a totalmente hoje pertencentes ao Sr. Marquez de Jacome Corrêa. As paredes apresentavam pequenos datalhes tambem interessantes taes como OO de escada descrevendo cruzes abertas e quadrifolios, pequenas misulas para sustentarem vasos floridos, e na quinta a seguir a um como que terreiro talvez outr'ora ajardinado abria-se a *lapinha* ornamentada particularmente com grandes pratos da India, azulejos, conchas e buzios emmoldurando em disposição artistica o nicho do fundo.

Os gradeamentos seriam por certo no estylo do tempo ou em ferro batido de

(1) Jornal o Preto no Branco n.º 25 de 18 de junho de 1896, informação do Sr. Dr. Ernesto do Canto.



Motivos de decoração a architecton'a antigos

varões simples ornamentados apenas com pequenas esferas nas junções ou mesmo recortados em madeira descrevendo arabescos complicados onde com frequência intervinham os motivos de filiação rustica e de aspecto muito primitivo, o suastika a rosca sextólia, as gregas, o enxadrezado de losangos.

A nota pittoresca do miúdo enxadrezado verde vivo dos adufados, devia ter apparecido tambem na casa de São Caetano transmitindo o ar de reclusão e exprimindo a idea do afastamento do mundo e de deiza e receio do exterior, impressão geral que mais se accentuava quando as lavouras inferiores bojudas como que nos queriam afastar em attitude hostile.

Passando á parte do Convento da Esperança de Ponta Delgada edificada para servir de dormitorios, cozinhas e outras dependencias, nós vamos discriminar

novos trechos dignos de registo e que vem enriquecer as observações que vimos fazendo no sentido de caracterisar tão bem quanto possível o typo de construção antiga.

Na parte do convento ultimamente demolida para se construir uma creche viam-se amplas sacadas e avantajados avancamentos de dois metros de largura estendendo-se á frente das janellas das cellas nas quaes se suspendiam pequenas e graciosos jardins nas cellos em velhas jarras de Extremoz, ou



Um dos Vales da Camara Municipal

em antigas e avariadas faianças da India ou ainda nos rusticos alguidares e nas caçarolas almagradas das ollarias de Villa Franca tendo por dozel protector a fresca folhagem do moscatel que a custo trepava do quintal enroscando-se por fim nas gargulas junto aos beirais.

Percorrendo a parte do convento do lado do sul onde as referidas sacadas ainda surgem em alguns pontos nós encontramos escadas com pequenos balcões alpendrados dos quaes o mais interessante a nosso ver é o que está junto ao jardim do St.^o Christo. Este pequeno jardim segundo narra a tradição milagrosa da imagem foi por ella propria ordenado á sua melhor serva no seculo XVIII e como reservatorio da agua colhida pelo alpendre durante o inverno foram adaptados quatro talhões bojudos de Santa Maria a meia altura do balcão.

É muito interessante pela sua originalidade e pelo seu pittoresco essa linha em formatura de obeliscos talhões destinados a restituir durante os calores do estio a frescura e a humidade ás flôres do jardim que todo o anno aromatisam a recondita e silenciosa capella da veneranda imagem.

Deixando a parte architectonica da habitação e como justificação das breves referencias feitas sobre o seu trecho, entendemos conveniente procurar rebater a idea bastante generalizada de que nada de apreciavel n'ella se encontrava em mobiliarios alfaias, joias, louças etc., e de que os nossos antepassados eram destituidos da noção de conforto e de um certo gosto artistico. Evidentemente desconheciam as verdadeiras obras de arte pois nem tinham illustração para as apreciar nem dinheiro para as adquirir, nem facilidade de as encontrar, mas dentro do

restricto campo dos seus modestos haveres e da sua mediocre cultura alguma coisa possuiram digna de ser relembrada; de resto uma acentuada tendencia megalomanica reconhece-se claramente no seculo XVIII e consequentemente d'essa preocupação de ostentação resultaria por certo a aquisição de mobiliarios e outros adornos e portanto a elevação da sumptuaria domestica.

Os documentos escriptos e os architectonicos revelam o que deixamos dito.

Os recintos das *casas nobres* destinados ao convívio com pessoas extranhas á familia, as salas de visitas e as entradas, os saguões, as escadas pelas suas dimensões provocam um flagrante contraste com o resto da habitação geralmente sem a mesma pretensão de grandiosidade.

De toda a oportunidade n'este momento é a transcrição da parte do livro de John Webster (1) referente ás casas de Ponta Delgada dos começos do seculo passado onde se retrata embora em alguns pontos deficientemente a nosso ver o modo de ser e a habitação dos antigos morgados michaelenses.

Webster residiu n'esta ilha de 1817 a 1818 precisamente ha um seculo apprehendendo portanto a vida indigena em uma epocha em que a sua estrutura moral era ainda bem a tradicional e o seu sabor antigo era ainda bem sensível, sendo para lamentar apenas que não descesse a maiores minuciosidades descritivas sobre ornamentação architectonica que muito valor teriam para nós n'este momento.

As casas, diz o illustre viajante, são geralmente de trez andares construidas de lava e caiadas. Não obstante a brancura uniforme dos edificios exteriormente ellas tem comtudo um *ar pesado e triste e vulgar-se-hiam talvez mais proprias para prisões do que para cosas de habitação*. A entrada em todas ellas é escara *mas espaçosa*; de ordinario em forma de arco e fechada por duas portas pesadas que abrem ao meio. A cada lado da entrada estão as lojas e todas as janellas do primeiro andar que chegam do sobrado ao tecto projectam para a rua varandas ou sacadas de pedra com grades de madeira ou ferro. A maior parte das varandas tem gelsias, muitas vezes de seis a oito pés de alto por detraz das quaes as mulheres passam bastante parte do tempo, resguardadas dos olhares dos transeuntes.

Só ultimamente é que as vidraças começaram a ser usadas e mesmo hoje em dia são comparativamente raras. A unica protecção contra o frio e chuva, na grande maioria dos casos, são postigos de madeira no interior com uns poucos de buracos de uma a duas pollegadas quadradas. A temperatura do ambiente é tal que raras vezes é necessario apal-os e muitas das cabanas dos pobres nem mesmo isso tem. O fogão não é necessario, nem usado a não ser para os usos culinarios. O interior das habitações portuguezas é muitas vezes tão destituido de aseoio e conforto quanto o exterior o é de belleza e elegancia. Os quartos no andar terreo são lageados com grandes lages e a maior parte das vezes apropriados á armazenagem de vinho, cereaes e mercadorias. Os machos e burros são igualmente



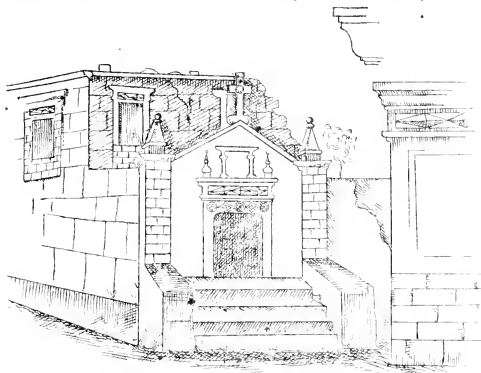
Alpendre do Jardim do St.º Christo do convento da Esperança

(1) "Archivo dos Açores - vol. XIII.

arrumados n'este andar e frequentemente entram pela porta da *rua até ao pé da larga escada de pedra* onde os descarregam.

As salas, quartos de cama occupados pela familia ficam no andar immediatamente acima das lojas em quasi todas as casas no mesmo andar. *Estes quartos são altos, as paredes caiadas* e adornados com umas insignificantes gravuras da familia real portugueza, santos e outros objectos semelhantes em grosseiras molduras de mogno: *o resto da mobilia é antiga e pesada*. Em um ou mais quartos da casa veem-se crucifixos de madeira, marfim ou prata tendo a seus lados vasos de flores as mais lindas da estação. Ao lado da cama está pendurado um vaso de vidro com agua benta e um rosario á cabeceira.

Até ha poucos annos a cadeira era um objecto inteiramente desconhecido na Ilha, sendo uso sentarem-se no chão de pernas encruzadas ou sobre uma plataforma collocada a um lado do quarto de um pé de altura pouco mais ou menos—chamada—estrado—coberta com um tapete e sahida da parede até quasi ao meio do



Ermita de São Cartano

apostolo. Ultimamente tem-se generalisado o uso das cadeiras; mas o estrado ainda continúa a ser moda em algumas familias.

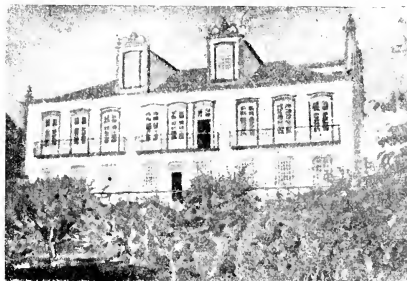
Com o augmento das relações commerciaes entre os Açores, Grã-Bretanha e Estados Unidos da America, os costumes dos habitantes de S. Miguel tem-se modificado de uma maneira sensivel, começando a prevalecer um melhor gosto na construcção e decoraçáo das casas e os *pesados e grosseiros artigos de manufactura portugueza* cedem o seu logar a mobilia de outros paizes mais leve, e mais apropriada ao clima. *As casas das classes mais abastadas são muito mais asseadas do que eram ha alguns annos e em algumas d'ellas encontra-se hoje toda a commodidade unida a um grau mui consideravel de elegancia. Ha contudo ainda uma decidida preferenria que se nota em todas as occasiões pelo que é antes apparatus do que realmente valioso ou proprio. A moda que ha em algumas casas de ornatar os quartos pintando as paredes a aguarella tem sido exagerada da maneira mais extravagante vendo-se em muitas uma agglomeraçáo phantastica de vasos, fontes, arvores, aves, columnas, cascatas, centauros, dragões, emblemas de agricultura etc. As pinturas são contudo, muitas vezes delicadas e lindas custando a ornamentaçáo de um quarto de tamanho regular por este modo para cima de duzentos dollars.* Em outras casas ha mais simplicidade na decoraçáo sendo as paredes apenas tingidas de uma cor uniforme circundada por uma guarniçáo elegante.....

Falando dos morgados acrescenta: os morgados constituem nos Açores uma classe á parte e tem comparativamente poucas relações com outras pessoas. A

maior parte d'elles passa a vida n'um estado de grande indolencia e ignorancia parecendo consistir *quasi toda a sua felicidade em comer*, dormir e amantuar debaixo; e sendo todos elles opulentos mas destinando uma bem pequena parte dos seus rendimentos ao seu bem estar ou em beneficio dos outros; exemplos n'isso do adagio portuguez «Cuspir sangue em escudella de ouro». Os morgados são extremamente desmazelados no seu vestuario, e o interior das suas casas é desolado e triste...

Em toda a descripção de Webster encontra-se uma observação superficial, generalisações não muito exactas, faltas lamentáveis, e mesmo erros de informação; no entanto é um testemunho coevo de certo valor.

As referencias ao mobiliario antigo e pesado que entendi dever ser substituído pela mobilia de outros paizes revelam bem a existencia n'esta ilha do antigo modelo da marcenaria portugueza que elle não aprecia desde no dembe do necessario e do frasco de agua benta e esquece por completo a ermida, os oratorios, as cozinhas, a decoração architectonica, as lapinlias etc. e por fim afirma ser até ha poucos annos a cadeira um objecto inteiramente desconhecido na ilha, o que não é exacto, como passamos a provar, seguindo-se provavelmente por informadores pouco e erupulo-ros. O paratir triste e pesado da habitação é tambem a lenda por elle em emoção e n'te equitativo quando diz «Ha vomtulo ainda um decidida preferencia que se nota em todas as occasiões pelo que é antes apparatuso do que realmente valioso e proprio».



Sala das Necessidades

Rebatendo a citada affirmação da falta de uso de ecclesia entre nós no seculo XVIII e ao mesmo tempo procurando dar uma ideia da sumptuaria domestica por 1720, isto é um seculo antes das observações de Webster transcritas em nota o inventario dos bens moveis de D. Barbara Botelho, viuva de Antonio Paes-Camaratte que aparece em seu testamento datado de 24 de Dezembro d'aquelle anno. (1)

Este documento afigura-se nos ser sob todos os pontos de vista muito interessante. Elle não só elegantemente rebate a referida ideia erronea de pobreza e da miseria da vida antiga d'esta ilha como deixa entrever todo o eco-facto d'esses afastados tempos de ha dois seculos e d'ahi o seu valor ethnographico.

(1) No livro dos testamentos pertencente ao Convento de São Francisco d' Ponta Delgada, e actualmente no archivo da Repartição de Fazenda da mesma cidade, e a paginas 972 e 973, o inventario que a qualidade e quantidade dos bens moveis são a saber:

Peças de ouro—1 cordão com dez onças e 1 onça a 118000 reis; 1 bracelete com 10 onças e 2 onças e meia 518400 reis; 1 cadeia de lamparões com sete onças e 2 onças e meia 280000 reis; 1 boqueta com 3 onças e 2 outavas e meia 308000 reis; 1 vengal de ouro com 2 onças e 2 outavas 1189000 reis; 4 vengas pequenas com 4 outavas 580000 reis; um brinco de ouro 299000 reis; 2 anel e ganthillo com suas pedras 158000; 3 relicarios 188000; 1 relicario 80000 reis; 1 perola com de arden 650000 reis; 4 anel com pedra branca 680000 reis.

Prata—1 pucaro com sua tampa com 3 marcos, 1 onça e 7 outavas e meio 1452000 reis; 4 queiro com um marco, 5 onças e outava e meia 982300 reis; 4 salva com 2 marcos, 2 onças e 3 outavas 1238000 reis; 1 salva com 4 marcos e 5 outavas 2789000 reis; 1 jarro de 3 marcos, 2 onças e 2 outavas 1283000

A reforçar a tendência que procuramos accentuar para a ostentação das grandes do século XVIII poderemos recorrer ainda ao escripto inédito do morgado João d'Arruda Botelho e Camara como prefeito á explicação das pedras que mandou gravar narrando alguns dos factos mais notaveis da nossa historia e que se conservam hoje no Museu Municipal de Ponta Delgada. (1)

... e advirto mais aos meus parentes e amigos e lhes faço saber que o caracter dos nossos ascendentes era fazer aos povos o bem possível e protegel-os contra a ambição, despetismo e soberbia dos ministros e governadores aos quaes respeitavam mas não temiam para que os fizessem deixar de ser firmes nas suas resoluções justas e sendo senhores de muitas terras não eram ambiciosos porque quando serviam os cargos publicos tinham grandes contendas com os negociantes e ministros sobre a excessiva exportação dos trigos e dos milhos para que ao Povo não faltasse o seu sustento nem o comprassem por alto preço e tratavam todos com benevolencia e cortezia, ouvindo-os com paciencia e prudencia e administrando-lhe justiça com imparcialidade os compunham nas suas desavenças sem fazerem gasto no seu dinheiro em demandas e em lugar de apresentarem as suas filhas e mulheres na dança e na obeta e de arruatarem as suas casas com o jogo e de darem banquetes e presentes aos ministros e governadores como agora se costuma, tratam liberais já com os pobres e com os seus soldados de que eram capitães.

A psychologia portanto do nobre michaelense do século XVIII tinha mudado por completo em relação ao tempo antigo; ensobrecido e entretendo-se em festas dispendiosas no jogo e em banquetes seguia aqui tambem um pouco o roteiro da vida fastuosa do continente d'essa epocha.

A vida moradia entãra assim em uma phase de certo apparatus que consequentemente impunha, rap-dimos, a aquisição de vestuários, de moveis, de alfaias, de joias e de mobiliario, por certo gosto e uma certa cultura artistica que como vamos ver se estendia até á propriedade rustica. Nos jardins e nas quintas alguma coisa ha tambem a considerar.

Começando pelas pyntões reconhecemos a mesma preocupação espalhafatosa nos seus trabalhos de jardinagem, nas lavouras pesadas por vezes que os emmolduravam, nos raios em madeira dos seus arcos, nas pesadas aldravas e nos grossos estalidos das fechaduras. Ainda hoje apparecem com frequencia essas amplas entradas já sem significado algum; pois antigamente conduziam a riquissimos lanjanças, alguns arredondados e hoje apenas ligam a estrada a pobres cerrados de milho de muros derruidos e desmanchados. Nos jardins viam-se ornamentos cobertos de cascalho encanado e marginados por plantas aromaticas de boa therapeutica domestica ou de reconditos dons magicos, o alecrim da terra, o tomilho, as melões, a alfazema e o ro-maninho, a madre-silva, tracejando o terreno, dividindo-o em quadras onde as plantas fructificas vicejavam protegidas dos vendavaes pelos altos abrigos alinhados e educados segundo as regras tradicionais da plan-

reis: 4 pratos grande de trincho 5 marcos 28500 reis. 1 cabrinha 5 onças 4 outava 38500 reis: 42 colheres: 41 garfos, 4 taqueto com 6 tacas com cabos de prata.

Cobre—2 panelhas, 2 fôrças grande e pequena, 4 tachos, e outro de arame.

Estanho—2 garratas com suas tapas, 6 pratos de trincho, 2 pratos de meia cozinha; 18 pratos pequenos, 1 talher com suas peças a elle e dependentes, 2 gomas, 1 faca.

Vidro—4 garratas de crystal branco, 3 de crystal azul, 3 de vidro grosseiro; 42 frascos de diversas modas; 4 garrafas empilhado que lva meio almido, outra garrafa pequena; 20 copos de diversas modas.

Fôrça de barro fina e grossa, 3 duzias de picheiros de Estremoz, 8 pratos de cozinha com o nome Camarate, 8 pratos de arca cozinha, 12 pratos de Hollanda, 6 duzias de pratos finos de outra sorte; 2 onzas de pratos lustrados, 2 duzias e meia de pratos com o nome Camarate; 1 duzia de tigelas, a saber 9 peças da China e as 3 de outra sorte; 4 duzias de tigelas e pires pequenos, 4 picheiros com suas tapas e estas são de estanho, 4 galhetas finas.

Alfaias e peças de madeira—Um oratorio de gravissima estimação e importancia capaz de n'elle

(1)—Livro em poder do Sr. Luiz d'Athayde Corte Real da Silveira Estrella.

tação e do tratamento indígenas, e conduzindo ou ao tanque de lavouras bem lavradas em alguns casos, ou ás *lapinhas* erigidas geralmente em um dos muros do limite da propriedade.

A lapinha apresentava uma pequena capella pittoresca, retiro remansoso que convidando á meditação do espirito proporcionava o descanço do corpo sob a protecção do santo de vulto ou em azulejo azul e branco sobresahindo ao fundo na sua edicula de um amalgama de milhentas pequenas curiosidades polychromicas. Ahí a imaginação do alvanel divagava tranquillamente espraizando-se em composições varias por meio de cacos de porcellanas, de conchas, lapas, buzios, rocalhas e azulejos habilmente dispostos e solidamente fixados na argamassa das guarnições. Cá fóra murtas cheirosas estrelladas de branco ou laranjeiras em flor de folhagem bruniada e carnuda a curvarem-se á entrada ante o pequeno arco, suavizando assim confortavelmente a luz interna da pequena capella.

São estes os pontos que reputamos mais interessantes da casa michaelense dos seculos XVII e XVIII observados dentro dos exemplares que ainda conheçemos.

*
*
*

Resta-nos falar por fim do seculo XIX. Este ultimo periodo pouco ou nada nos interessa no que respeita á investigação de elementos que venham reforçar ou definir melhor o caracter tradicional da habitação indigena que acabamos de mencionar. Demolir, transformar, desregionalisar eis no que se resume esse periodo final de cento e dezenove annos.

Sob a influencia dos antigos commerciantes inglezes aqui estabelecidos construíram-se algumas casas apreciaveis não pela sua decoração architectonica que era modestissima, arcos abatidos fechados por misulas de mascaras lavradas nas officinas de Londres—mas pelas suas proporções, largueza das suas linhas geraes, conforto interno resultante não só do lançado das escadas como da regular gradação da luz e do sol, seguindo-se depois uma tal decadencia geral que bem flagrantemente se nota ao reconhecer-se que nada mais resta alem dos modelos antigos e d'estes outros a que acabamos de nos referir.

A transição para o democratismo moderno por via do regimen constitucional, as luctas e convulsões politicas que agitaram a sociedade portugueza e a abolição das instituições vinculares provocaram uma crise geral na vida nacional aqui sobrecarregada ainda pela coincidência com o grande desequilibrio economico derivado do gradual desaparecimento da principal riqueza regional, os laranjaes.

Os habitos de opulencia foram cedendo o passo aos sacrificios impostos pela mais restricta economia e a par d'esta importante causa de atrophia do gosto e do sentimento artistico, crescia a onda de destruição, de desprezo, de irreverencia e de esquecimento pelo antigo, resultando d'ahí a perda sensivel de uma parte do nosso já de si bastante modesto patrimonio artistico e o abastardamento do fundo tradicional.

Assim a casa constante e fiel representante da vida, dos costumes e da psycho-

se celebrar missa com uma imagem de St. Christo crucificado, fabricado ao vivo; 18 paineis do Apotolado e outras pinturas ja usadas; 1 espelho cujo vidro tem 4 palmos e meio de alto e tres e meio de largo, outro espelho de 4 palmos de alto e 3 de largo com sua guarnição e mais obra em roda sobre dourada; 1 colcha de Damasco verde, forrada de tafetá amareillo guarnecida com galão de ouro e prata em roda; 8 coxins de damasco vermelho; 1 alcatifa grande de estado; 3 meias alcatifas novas; 4 alcatifas pequenas que andam ao transe; 3 cortinados de (calarnaco?) que servem a saber na porta da alcova e outro na porta da Camara, outro na do estrado; 3 cortinados que servem em os 3 leitos a saber 1 vermelho, outro branco e outro sedroga; 1 cobertor de panno vermelho franjado de verde e bandado; 2 cobertores vermelhos usados; 2 cobertores de serafina vermelha usados; 2 cobertores novos que servem actualmente; 13 colchões de lã e 13 lençoes de resguardo, 4 d'estes com arrendado em roda; 16 lençoes que servem quanto vem hospedes a casa; 16 chumaços grandes, 15 pequenos de estado com suas fronhas a elles competentes; 4 tapetes que andam ao transe, 1 estriado que consta de 7 peças; 2 contadores; 2 bancas de pe da cama, 1 bofete grande que está no guarda roupa onde assistia Amaro Paes aos negocios com suas gavetas em roda; 2 bofetes com mesa de pedra com guarni-

logia coevas, vae perdendo o aspecto solarengo, some-se o que ella possuia de certo apparatus em seus perfis, definham-se as suas lavouras caracteristicas e por esta forma vae degenerando n'um typo de casebre banal, mesquinho, inesthetico e até ridiculo quando pretencioso imposto pela subordinação a um criterio aváramente económico.

A par de algumas exposições de bellas artes na primeira metade do seculo XIX e do desenvolvimento notado em certas industrias artisticas nós assistimos no entanto ao avanço d'uma avalanche immensa de ignobeis mutilações e de innumerables vandalismos iniciada logo apoz o desaparecimento da mais vigorosa força propulsora da cultura das bellas artes nos tempos antigos, as ordens religiosas, guardas fieis das tradições artisticas que de seus templos e mosteiros faziam escho-

las eruditas, estimulando os artistas, aperfeçoando os artífices, animando todos a progredirem por meio de uma especialização bem regida, do conhecimento de desenho, da discriminação dos estylos, do aperfeçoamento da technica, das justas noções da harmonia, e da boa comprehensão das côres pelo ensejo que lhes proporcionavam de exercerem a sua actividade educando-os na collaboração com artistas continentaes, que para cá mandavam os seus paineis, os seus retabulos, os seus azulejos, as pratas lavradas e as imagens, as alfaias e o mobiliario, os paramentos e os alçados.

Parando o funcionamento d'essa eschola ramiçada por todos os pontos onde surgia uma igreja ou uma ermida, sahindo a vida dos moldes antigos e desvanecendo-se a feição secular, perderam as artes a sua importancia e o seu valor aos olhos da grande massa ignorante.

Sobre o culto e o respeito pela tradição foi então vibrado um golpe tremendo, a picareta iconoclasta entrou em acção sem peias nem limites; a phobia do azulejo surge com intensidade; a ancia de mudar, de trocar e ainda peor a de commerciar, invade os espiritos. O azulejo, essa forma incomparavel de decoração parietal que tanto notabilizou a arte nacional constituindo uma das mais brillhantes paginas da sua historia, passou a ser a grande victima; verdadeiras preciosidades d'este genero foram lançadas ao monturo depois de estilhaçadas e em seguida substituidas ou por escaiolados e engessamentos de irrisorias



Alpendre do Convento da Esperança de Ponta Delgada

deidas preciosidades d'este genero foram lançadas ao monturo depois de estilhaçadas e em seguida substituidas ou por escaiolados e engessamentos de irrisorias

ções sobre almofadas; 1 botele de jacarandá e em duas gavetas; 6 bofetes ordinarios que se hão de achar por diversos aposentos das casas; 12 cadeiras de coiro; 12 tamborettes tambem de coiro; 10 tamborettes de pau e made de material do Brazil; 4 bahus de mosqueva com suas cobertas; outros 4 bahus a saber 1 grande e 3 pequenos; 4 arcaes que estão na casa de baixo da torre, uma das quais se fecha ás avessas; duas arcaes grandes que estão na sala e servem de recolher colchões; 1 arca que está na casa do balcão; 2 armarios grandes com gavetas por baixo; 2 armarios que estão na casa do estrado cravados na parede e são levadissos; 2 armarios pequenos que servem para recolher livros e mais papeis e outro serve de recolher pão; um leito grande de jacarandá; outro pequeno de jacarandá; outro pequeno de diversa madeira que serve aos hospedes...

A pagina 972 diz ainda — declaro que sou mais senhora e possuidora d'estas casas nobres em que moro com sua cerca mui ampla da parte do norte, pluvada de variedade de arvores fructiferas e foram fabricadas com diversas moradas que hoje se acham incorporadas n'ellas como consta dos titulos que ficam em meus papeis e dos meus titulos se vera a pensão que tem as ditas casas as quaes pelo sitio e serem fabricadas quasi de novo bem valem dez ou doze mil cruzados.

pretenções artisticas ou por irritantes decorações a oleo, signaes ainda bem visiveis do mais baixo grau a que pode chegar o nivel de cultura artistica só comparavel a nosso ver á substituição a que ainda assistimos dos tocheiros antigos sustentando cirios cuja luz avermelhada e quente, malleavel e acolhedora é a unica que pode honestamente illuminar talha dourada dos seculos passados, por lampadas electricas, banaes e de corriqueira e fria luz metallica intensa e desagradavel, projectando sombras duras e fixas nos retabulos que sob a movimentação e o tom avelludado da antiga luz da cera se suavizavam nublando, confundindo um pouco as enovelladas caprichosas e as torturadas circumvallações dos seus emmaranhados delineamentos velando a expressão physionomica das imagens, espalhando no ambiente como que uma neblina cobreada, transmittindo um vago sentimento de temor e de incerteza das cousas que assim observadas e com os perfis da sua materialidade desvanecidos melhor, conduzam á elevação espirital.

As modificações, o abandono, as deturpações, as superfetações são innumeradas; antigas alfaias lavradas em espessas pranchas de prata foram fundidas e transformadas em outras peças de fraco gosto ou mesmo vendidas a peso para com o seu producto se adquirirem calices, custodias etc. de vistosa fancaria; desencaminharam-se paramentos, perderam-se mobiliarios, roubaram-se joias, ofereceram-se imagens, venderam-se paineis e extraviaram-se livros; de tudo isto temos tido conhecimento e não poucos casos concretos poderiamos citar e devidamente provar.

D'entre elles indiquemos alguns.

O grande e rico cadeirado do coro da igreja de S. Francisco de Ponta Delgada, retira-se, espatifa-se, desaparece; o triptico da ermida de Santo André da Ribeira Grande, a mais valiosa pintura de estylo flamengo d'esta ilha, foi ha alguns annos votada ao abandono permanecendo no pequeno templo sem tecto durante bastante tempo segundo nos informaram; os imponentes azulejamentos da capella mór da Matriz jazem por ahí revestindo paredes de cozinhas ou muros alamboridos; o gradeamento em ferro forjado da Ermida do Desterro de Ponta Delgada, trabalho muito apreciavel no genero e revelador de um notavel aperfeiçoamento da arte em outros tempos, vae-se arruinando totalmente carcomido pela ferrugem á mingua de umas pinceladas de zarcão que quando muito custariam umas dezenas de mil reis á Junta de



Entrada para a Casa das Necessidades

e finalizando esta succinta exemplificação da serie interminavel de vandalismos exercidos sobre a herança artistica da collectividade lembremos ainda os successivos ultrajes a que tem sido submettido o Castello de S. Braz, construcção de quatro seculos mutilada a pretextos varios com uma estação de pilotagem onde outr'ora era a casamata e o caminho coberto de oeste e com um campo de ervaçal onde se abriam os fossos do lado do norte. Todo o interesse da silhueta archaica que apresentava já derivado da ponte levadiça, e da profundidade soturna do seu fosso medieval, já da curiosidade das suas reconditas paternas e do pittoresco da esplanada arborisada se sumiu sob os montões de en-

tolho, restando apenas a dentadura dos adarves inexplicavelmente guarneecidos de branco e os remates angulares das suas vetustas vigias.

E assim esse modelo unico de architectura militar do seculo XVI que possuia-mos cuja missão não passou apagada na historia politica e guerreira da nação, já do tempo do Prior do Crato já no da implantação do regimen liberal tem sido sacrificado sem respeito e sem protesto á satisfação de interesses diversos e á preoccupação de embellezamentos falsos.

Foi esta, segundo nos parece, a orientação geral dominante no ultimo seculo entre nós entrecortada apenas de raras excepções, o que de resto não passou de um reflexo do que se deu em todo o paiz, erro enorme contra o qual se levantou indignadamente a voz auctorizada de algumas notabilidades das letras portuguezas entre as quaes sobresaem os nomes de Alexandre Herculano, de Rualho Ortigo e de Joaquim de Vasconcellos.

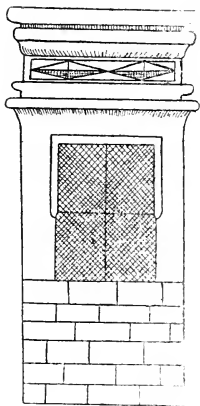
Para o humilhante relato pois dos vandalismos e dos attentados contra as manifestações artisticas legadas pelo passado e que são documentos para a historia d'esse passado que na phrase de um illustre publicista não se deve injuriar e d'essa historia que não se deve supprimir mas sim continuar nós podemos tambem infelizmente concorrer com um contingente muito apreciavel de violações e crimes de lesa arte.

No decorrer do seculo XIX construíram-se sem duvida algumas casas de amplas dimensões mas sem cunho algum accentuado na sua decoração architectonica seguindo-se então o dominio absoluto do criterio utilitario; a opulenta decoração architectonica antiga em basalto lavrado cede o passo ao cimento enformado o qual correndo rapida e commodamente por si sem intervenção quasi do artifice que nada lhe communica nem sentimento na sua modelagem nem trabalho manual na sua factura vae egualando n'uma democratização inesthetica e n'uma aridez compungente as const.uccões modernas.

E assim a interessantissima arte de lavra de pedra está prestes a extinguir-se e os humildes lavrantes que tantos ensinamentos perpetuaram pacientemente escriptos com seus picões desanimam e abandonam as suas ferramentas por falta de occupação, fazendo-se alva-neus.

Em vista das observações que temos vindo apresentar resulta pois a nós o ver que só nos dois seculos de corridos de 1600 a 1800 se pode encontrar architectura com certo sentido regional de caracter tradicional, não decerto possuidora do interesse artistico ou historico dos edificios de outras regiões, mas reveladora do modo de ser moral, representativa da vida domestica, e symbolisadora dos usos e dos costumes coevos e consequentemente valiosa como documento ethnographico a dentro da sua feição modesta.

Julgamos pois termos posto em relevo um typo de architectura tradicional michaelense que deve ter sido concebido, creado e fixado na observação e no estudo do vetusto modelo do Collegio dos jesuitas de Ponta Delgada, verdadeiro archetipo, ensinamento vivo e orientador seguro das artes de construir e de decorar para os mestres e para os artistas dos tempos antigos. Talhas, azulejamentos, frontões, paineis, decorações esculptarescas, disposições internas, alfaias, paramentos, e technica constructiva, architectura, terentica e pintura, alli se encontravam reunidas como partes componentes de um grande e imponente todo tundido em moldes do mais apurado gosto e do mais harmonico lavor.



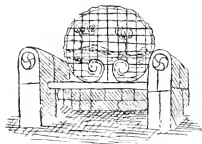
Typo de janella antiga

Com a fabrica da sua igreja e mosteiro abriram os jesuitas uma grande escola ás gerações passadas e as presentes ainda alli poderão encontrar fontes de inspiração em seus multiplos motivos e variados trechos ao pensarem em produzir arte regional.

Tendo dito dever ser a architectura regional considerada como valioso documento ethnographico a dentro da sua modesta feição, passemos a defenir melhor qual o caracter do fundo artistico tradicional d'esta ilha.

Como disse Champolion Fiageac, todos os monumentos ainda os mais communs e os mais grosseiros contem factos cujo conjuncto é como a estatistica moral das sociedades extinctas, toda uma representação fiel da sua longinqua vida de outr'ora e assim a casa michaelense nos dirá tambem alguma cousa se a observarmos não só na sua estrutura geral como ainda e muito particularmente nos seus detalhes ornamentaes e nas suas minucias decorativas.

A toda a parte material da habitação corresponde uma determinante conhecida; assim a solidez da construção, a deficiencia de noção das proporções, os balcões fronteiros ao mar, os pateos de entrada defensivos como que n'uma reminiscencia medieval, o recondito das lapinhas, o vigor das lavouras, o aspecto pesado e triste da decoração, os caíes simples e economicos, as ermidas e os oratorios cuidadosamente mantidos e as cozinhas avantajadas dizem-nos bem toda a rudeza e a violencia da estrutura moral e physica dos tempos antigos, toda essa velha intimidade com o oceano, toda uma vida isolada do mundo e da civilisação dedicada nas suas manifestações materiaes exclusivamente á lavoura e ao commercio, e nas espirituaes ao sentimento religioso e aos prejuizos supersticiosos com seu interminavel cortejo de devoções, de credences, de penitencias, de temores, de promessas e de receios. N'este ultimo dualismo reside a nosso vêr a base fundamental da vida psychica dos nossos antepassados, exteriorisada por forma flagrante na ornamentaria antiga considerada sob o ponto de vista do seu symbolismos.



Mobilia de caracter regional

O elemento sagrado confunde-se com o pagão, intercalam-se, e fundem-se collaborando intimamente por vezes.

Do sentimento religioso resultou o aspecto austero, solido e triste, e essa vaga impressão mystica que experimentamos ao entrarmos nas antigas habitações, d'elle derivou ainda a inspiração grosseira em espiritos rudes e pouco impressionaveis da apresentação dos martyrics dos santos, e dos trechos da Paixão, em ostentações cannibalescas, em atitudes dolorosas e em quadros sangrentos, n'uma preocupação constante de provocar efeitos atómentadores e emoções violentas, exaggeradas e espectaculosas e ainda na de radicar a sensação do poder invencivel e da força esmagadora do sobrenatural.

Da vida pagã vieram signaes e reminiscencias bem visiveis ainda nos motivos ornamentaes de proveniencia rustica de caracter mais leve e de feição menos austera. Tudo em arte tem o seu significado proprio na phrase de um critico e assim nos nossos retabulos e na ornamentação architectonica apparecem figuras iconologicas, motivos que aparentemente inexpressivos tem contudo a sua razão de ser e seu sentido filiados em remotas origens. Assim se nos JJ do estylo jesuitico entremeados com conchas estilizadas excessivamente abertas nós podemos vêr as iniciaes de Jesus Christo, nas parras tão bellamente ornamentaes nós encontramos a representação da vinha mystica e da Eucharistia intervindo sempre como elemento decorativo desde a primitiva arte Christã que por sua vez a foi colher ás antigas allegorias do paganismo onde manteve um significado funerario: se as velhas columnas salomonicas e corolliticas nos transmittem por meio das suas interminaveis circumvoluções e das suas decorações floraes envoltentes a idea de qual-

quer cousa eterea e ascendente symbolizando talvez a idealização da alma subindo ao ceo, ao infinito, emancipada da materia, nas espigas do trigo apparece o pão eucharistico, o corpo de Christo, e em tempos mais remotos ainda uma das formas de representar as estações, consideradas por sua vez como figurando as vicissitudes humanas.

O suastika, a roseta sexifolia e o signo samão de proveniencia celtica, as concopias, symbolos mythologicos da abundancia, o cordeiro, as pombas tambem symbolos da alma livre voando para Deus ou então o jubilo celestial, os festões que o paganismo collocava nas ornamentações publicas em signal de regosijo que depois os cristãos applicaram aos seus tumulos e egrejas e que até nós chegaram constituindo um dos mais importantes elementos de decoração, os passaros que desde as pinturas das catacumbas até aos nossos retabulos tem sempre representado a innocencia e a felicidade dos recintos sagrados; os pavões que segundo Marucchi já eram usados no seculo III representativos da vida eterna por suporem os antigos que a sua carne nunca se corrompia; a profusão floral e os attributos dos Santos, muitos delles herdados das divindades pagãs e tantos outros motivos decorativos foram sendo mantidos pela mão inconsciente por vezes do imaginario n'essa longa e immensa prece ao Creador rezada pela arte ornamental.

O sentimento que encontramos na interpretação dos antigos retabulos e na sua ideographia não pode ser outro senão o da representação de trechos do paraíso e de mansões celestiaes traduzidos por meio de profusas allegorias e materialisados em symbolismos de origem mixta cujo significado se foi perdendo no decorrer dos seculos, mantidos porem depois na tradição artistica como meras formas de ornamentação.

Se nós descermos ao campo do folklore são ainda essas duas fortes influencias que continuam a actuar na alma popular.

Se ella adora fervorosamente as imagens dos templos, utiliza ainda, por temer no fundo, a liga, o signo samão e o crescente lunar; se crê nos dogmas da Egreja e segue os preceitos da religião catholica, pensa nas artes maleficas, receia os perigos sobrenaturaes, reflecte nas causas do mal e do bem, e em certos animaes e plantas, nos eclipses, na lua e nos redemoinhos do vento, no sol, nos rumores subterraneos e no murmúrio das ribeiras ella ainda encontra significados temerosos e faculdades magicas: o aemonio exerce por enquanto no mundo livremente a sua acção pernicioso por si e por meio da immensa cohorte dos seus serventuários, os phantasmas e os entreabertos, as almas penadas e as feiteceiras, as abantesmas e os lobishomens.

N'essa dualidade hierologica de catholicismo e de vestigios de religiões extintas vive ainda hoje o povo michaelense.

A necessidade pois de se conhecer a significação dos motivos decorativos de character tradicional é manifesta para que sejam empregados com conhecimento de causa, para que consigam transmittir ideas e sentimentos e não apenas impressões meramente decorativas que poderão ser anachronicas e incongruentes.

Procurando-se portanto o valor ethnico e historico das manifestações de arte regional ainda visiveis, no intuito de uma tentativa de architectura regionalista, encontra-se um fuudo duplamente religioso e superstitioso.

Robustez e defeza do exterior, reclusão e conatunismo entre pittoresco e soturno, sentimentalidade triste e contemplativa, religião e temor supersticioso, eis o que em sua mudez nos dizem esses velhos casarões onde se pode ler todo o sentimento d'aquelles de quem provinos, atravez a penumbra de poesia que sempre envolve essas reliquias quando interpretadas por quem ama o passado e respeita a tradição.

Indicado o typo que a nosso ver revela feição tradicional, a epocha em que se manifestou e interpretado o sentimento e o significado moral que elle exprime e o seu interesse ethnologico, passemos a relacional-o com o que entendemos ser o regionalismo em arte.

Indicando as manifestações da actividade artistica, interpretações da natureza, exteriorisações de estados psychologicos collectivos ou individuais, momentaneas ou vincadas impressões, vibrações do sentimento, idiosyncrasy dos artistas, anccios e attribulações da alma, jubilos e convulsões affectivas constituem documentos ethnicos perpetuados de estados da civilização dos povos.

Como nenhuma outra tomas documentaes, ellas representam com fidelidade a evolução social pelo traço firme e predominante de sinceridade no sentimento e na emoção que as inspirou e as fez plasmar.

Cada período definindo d'essa evolução deixou-se retratar nelle suas artes.

E assim o seu brilho se foi avigorando ou leneccendo e o seu valor se foi elevando ou decahindo conforme as prosperidades ou os revezes se foram succedendo e conforme os apogeos ou as depressões se segunam.

Na sua mudez ellas vão falando sempre, educando a nossa sensibilidade moral e illustrando o nosso espirito com aquelle poder demonstrativo e de persuasão cheio de palpitações de verdade e de dons emotivos que duram na forma plastica palpavel e amada, quando concebida pelo artista coevo. No seu silencio a sua voz anstera e ouvida por quem a sabe esutar; é a voz estruenda dos mortos ecoando no mundo progressivo em brados pateticos do channimento ao culto da tradição, é a continuidade da vida, da raça, e a alma aniga de outras eras que

longe de nós outros no tempo está de facto bem em nós proprios porque d'ella provimos; é o ao poderoso que liga o passado ao futuro por meio de uma sequencia inconsciente de sentimento de nacionalidade, e ainda o marco basilar apontando as gerações futuras d'onde vêm, para onde vão e ainda a razão historica da sua existencia independente; e portanto um dos sustentaculo da vida livre e do direito de soberania.

Na sua tranquillidade ellas estimulam o orgulho da raça perpetuando a nobreza das tradições e robustecendo os esteres morais em que se ampara a sua autonomia.

Essa voz a um tempo profunda e carinhosa na sua função de equilibrio para a vida das sociedades e mais na, clara e sempre eloquente em seus dizeres, quer seja magestosa das vetustas abobidas da Batalha ou dos libellos voluntarios das figuras graves dos paines de S. Vicente de Fora, quer se evolue em subtilezas de cor e em vibrações de sentimento das paizagens de Silva Porto ou ainda das archivas estilizações das ingenuas rimagens faldas da tecedeira rustica.

É a sua elevada missão como que é protegida pela força mysteriosa do destino que as faz vingiar nos seculos e que as valorizam

successivamente por via do proprio tempo.

No entanto, o furor iconoclasta e as tentancias vesanicas dos homens que em movimentos revolucionarios e em convulsões gaterreiras deixaram muitas vezes a offuscar os seus mais alevantados ideaes e por as aspirações a mancha indelevel dos attentados contra as reminiscencias do passado, foram destruindo esse monumental patrimonio da humanidade esquecendo n'essas crises de allucinação não só serem ellas a grande illustração da historia escripta e da tradiçào oral e consequentemente os symbolos da razão, da força e do direito que auctorizam os po-



Convento de St.º André — fachada lateral, entrada para o recolhimento

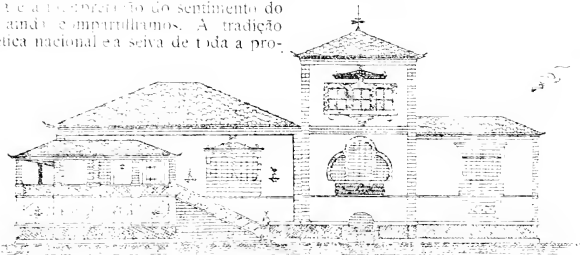
vos a proclamar e a defender os seus ideaes; como ainda perdendo a noção de que esses movimentos progressivos só poderão triumphar quando gerados e desenvolvidos sob a sombra protectora das imagens do passado.

Da acção conjugada dos complexos agentes da vida social brotam as manifestações de arte dos povos e a suas condições de existencia physica, economica, moral e affectiva, os systemas politicos, as crencas religiosas, a organização da familia, os caracteres somáticos da raça e os psychologicos, o seu aspecto ethnographico e a exteriorisação da sua cultura material formam a argilla que temperamentos mais sensíveis foram modelando e que o decorrer do tempo foi consagrando sob a velatura austerá da patina.

O conhecimento pois d'esse fundo antigo sobrevivente é ponto de partida «sine qua non» se poderá tocar o problema do regionalismo, considerando este como a interpenação exacta em formas plasticas do modo de ser moral, do desenvolvimento intellectual e das tendencias sentimentaes de um determinado povo, encarado como um legitimo producto do meio physico e das condições sozias do rincão em que vive.

A arte puramente regionalista tem de se apresentar como uma synthese do meio e como cada região tem o seu caracter definido e as suas tradições proprias, nós vamos assim chegar a um estilo original na arte, isto é a expressão mais elevada do modo de sentir a certissima das linhas, a harmonia das côres e a melopeia musical dentro do limite das tradições patrias, na phrase do Sr. Joaquim de Vasconcelos.

Agora comprehender-se-ha a razão porque n'estes apontamentos começámos por indicar o typo architectonico de caracter tradicional e delimitar o periodo em que esse tipo surgiu e floreceu, passando depois ao significado moral que elle revela e a interpretação do sentimento do qual ainda se inspirámos. A tradição esthetica nacional ea seiva de toda a pro-



Projecto da casa de caracter regional

dução artistica, como disse Ramalho Otúgão, e assim tradição, regionalismo e originalidade representam uma sequencia de idas cuja interdependencia é das mais estreitas.

Feitas estas considerações, podemos então rebater a idéa bastante generalizada de que as construcções d'esta ilha com cunho artistico terao de ser traçadas segundo os moldes e os estilos estrangeiros, uma vez que nada existe de regional capaz de ser utilizado. Este pessimismo e sem duvida filho da ausencia de um pittoresco flagrante nas construcções civis antigas e do incharacteristico de muitos dos nossos templos aqui não se entenda visto a quantidade atrahida pelas manchas d'egres dos adreos, as imagens orientaes do ornamento em lezotas mesuras de côr e transbordantes de novidade e de interesse surgem ao orasteiro aqui e alem por

entre a vasta, grandiosa e variada paisagem, no entanto não encontramos n'essa omissão, que se nota entre nós, motivo de desanimo.

Nos numerosos ramos de arte nativos que se desdobram desde os humildes labores e os riscados grosseiros dos pastores até ás artes eruditas nas suas formas mais elevadas e idealistas, nós surpreendemos uma trama muito apreciavel de viva floração em cuja sombra poderão acolher-se e proficuamente trabalhar os que desejarem abordar o estudo do nosso regionalismo em arte.

Para esse mosaico de elementos diversos de estudo que as tendencias artisticas de gerações successivas foram embrechando atravez o tempo, chamamos a attenção do leitor, uma vez que d'esse accumulado de velharias cremos poderá surgir qualquer cousa nova: para esse amontoado de bric-a-brac devemos volver a nossa observação podendo só assim apprehenderem-se as nossas aptidões estheticas, tradicionais e consequentemente tentarmos composições não tocadas de anachronismos, nem manchadas de patologia architectonica, na fiel interpretação do caracter regional e n'uma synthetização perfeita do gosto, das predisposições e do modo de ser collectivos.

Assim teremos combatido o estrangeirismo que nos ameaça, snobismo que pretende transplantar para os Açores authenticos modelos de paizes de nós afastados pelo clima, pela paisagem, pela raça, pela religião e pelo sentimento e que não passa de uma excentricidade futil, incognuente, incompativel com o elevado sentido da arte de construir e que está em antagonismo com a campanha de nacionalização que urge por todas as formas avigorar.

Aos nossos architectos são especialmente dirigir'as estas rapidas observações inspiradas no melhor intuito de despertar o gosto pelo que é bem nosso e de combater o exotismo architectural que começa a invadir-nos.

Como reimate da idéa que deixamos exposta vamo-nos abalançar, a apresentar um modelo de casa michaelense, simples curiosidade de amator e que deverá ser considerado apenas como mera tentativa do que supponmos poderá vir a ser feito por quem possui competencia para tal, resultando trabalho valioso e digno de ser executado.

Antes porém faremos algumas considerações rapidas sobre a originalidade da habitação, tradição, materiaes a empregar, paisagem, clima etc. As regras da proporção, da harmonia e do equilibrio, a justa adaptação dos materiaes e a ponderada reflexão sobre as suas resistencias e côr, a moderada e criteriosa utilização dos elementos decorativos tradicionaes devem naturalmente ser observadas conjunctamente por forma a ir sendo levantada a edificação dentro de uma determinada orientação, considerando os modelos antigos apenas como base de estudo, procurando sempre interpretar os traços communs e predominantes do meio physico, moral e social.

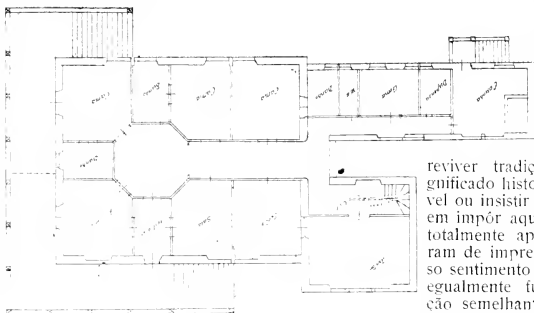
Assim se é estagnação e nullidade a reproducção de uma casa de estylo antigo tal como a erigia o nosso antepassado de ha dois seculos por estar já tão afastada de nós e não poder satisfazer as necessidades da vida moderna, será tambem tresloucamento applicar por exemplo as lavouras pesadas colhidas da casa seiscentista ali a qualquer casebre de acanhadas proporções modernas com o falso intuito de lhe dar feição regional.

Assim devemos utilizar o que ha de ensinamento no antigo, de apreciavel em decoração, de caracteristico e typico na sua disposição interna n'uma boa e sã adaptação ao gosto e ás exigencias do conforto e da hygiene modernas, pela simples razão de que não vamos construir um modelo para museu de archeologia artistica, mas sim uma habitação para michaelenses do seculo XX que desejam o maximo bem estar resultante da divisão da sua casa e da disposição dos seus moveis, da gradação da sua luz e da proporção das suas quadras, da distribuição do seu calor e da perspectiva das suas vistas.

Ao oco basbaquismo, como disse Ramalho Ortigão, dos retrogados, á esta-

gnação e á rotina, é necessario oppor a interpretação individual do passado, o poder creador, não o revolucionario e arbitrario mas o que se desenvolve dentro da tradição, dentro dos dictames de uma disciplina mental e de uma ordem moral. A originalidade portanto no caso de que tratamos não estará no reaparecimento de modelos já esquecidos, nem tão pouco do meio jogo de deyações, phantasias e contrastes caprichosos do artista a artificar n'uma ignorancia completa do passado, mas sim na realisação da continuidade de sentimento e de expressão moral tradicionaes em perfeita subordinação á vida da actualidade.

Dois guias portanto se nos apresentam; o fundo tradicional do meio e o estado presente da sua evolução social, elementos que longe de se repellirem e de serem antagonicos deverão encarar-se como intimamente unidos e egualmente valiosos na obra progressiva a que se tem de aspirar, uma vez que o segundo nada mais é senão um derivado do primeiro. A tradição que revela um ensinamento



Planta da casa de caracter regional

outrance combatem o valor d'outras que são guias seguros e orientadores sobre todos estimaveis.

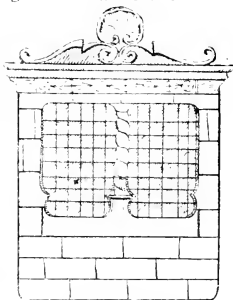
A tradição é um molde impalpavel em que se vaza, ageita e desenvolve e fortalece a nossa compleição psychica e que por consequencia faz ainda bem parte de nós proprios, dos nossos sentimentos e do nosso espirito e a vida invisivel dos povos e das nacionalidades em phases que as antecederam e das quaes directamente provem, que nós sentimos ainda a influir nos nossos affectos, nas nossas predilecções e nas nossas tendencias moraes.

Tradição não deve ser pois estagnação, tropeço ou retrocesso, uma vez que a ella está ligada á idéa do movimento pelo traço de união que descreve entre o passado e o futuro.

A anticonomia, o culto pelas velharias sem criterio de selecção nem intuito de discriminação do que representa realmente um valor ou do que é nobre e honroso por marcar um grau de adelantamento ou um signal de maior civilização, é uma obcecção oca de sentido e de interesse nullo, pois assim a vida desvirtua-se e paralysa perdendo a sua principal característica de energia poderosa e constante lucta

ou que vive ainda na alma popular tem para nós valor e só a essa devemos os attender.

Procurar reviver tradições sem significado historico apreciavel ou insistir em lembrar e em impôr aquellas que já totalmente apagadas deixaram de impressionar o nosso sentimento é inutilidade egualmente futil e obstinação semelhantemente condemnavel á d'aquelles que por systema despresam e á



lunella da riterida casa

tendentes á realisação de ascencionaes conquistas de emancipação. A tradição bem comprehendida não é uma reliquia muda de um passado morto, mas sim uma imagem viva ainda e eloquente da alma fecunda da raça, um fulcro d'onde dimana a continuidade historica, uma fonte onde vão beber alento e procurar forma, coesão, solidariedade, sentimento collectivo, culto e feição nacional os elementos de acção, as forças creadoras, as iniciativas fecundas e ainda onde os mais grandiosos empreendimentos s poderão encontrar elevado estímulo e solida garantia de seguro exito.

A tradição guia as gerações do presente pelo unico caminho racional conducente ás grandes conquistas do futuro e a sua falsa comprehensão ou determinação o estacionamento contrario ao sentido da vida, o symbolo supremo do movimento methodico e progressivo, ou conduz ao extremo, opposto á revolução, e d'ahi á existencia artificial fora das leis da esthética social e por consequencia desviada do seu destino historico, vagando sem rumo e correndo o risco de se extinguir no anniquilamento do chaos e das convulsões.

No conhecimento, no respeito e no culto das tradições encontra-se pois o equilibrio estável das sociedades. No caso particular de que tratamos devesse portanto ser a architectura tradicional recolhida como elemento valiosissimo mas utilizado reclinados modernos e criteriosamente.

O estudo da maizagem não é meno importante; é necessario comprehendela bem, conhecer intimamente a harmonia das suas cores, a sua feição propria e não

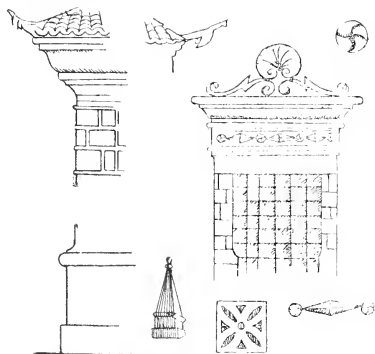
esquecer as condicções climatericas, a disposição do terreno e o que o envolve em edificações e vegetação, relevo orographico etc., uma vez que a cor e os perfis da casa tem de se relacionar com a configuração e as tonalidades dos fundos das paisagens.

As aberturas, das janellas, sua forma e dimensões hão de ser traçadas tendo sempre em vista que ellas não servem apenas para dar ar e luz á habitação, mas ainda e muito principalmente para lhe proporcionarem distração e encanto como que sendo grandes telas quebrando a monotonia das paredes. Relativamente aos materiaes entendemos deverem ser exclusivamente regionaes, applicando excepcionalmente os de proveniencia ex-

tranha absolutamente indispensaveis; assim teremos a pedra a cal, a areia, a pozzolana e o tetim banindo-se os marmores e pedra lioz, o cimento, a corticite, os roboroides etc. que pertencendo á categoria dos materiaes cosmopolitas, são profundamente antagonicos á idea regionalista, indo descaracterizar a habitação inutilmente pois as suas vezes serão feitas pelo que cá temos e produzimos.

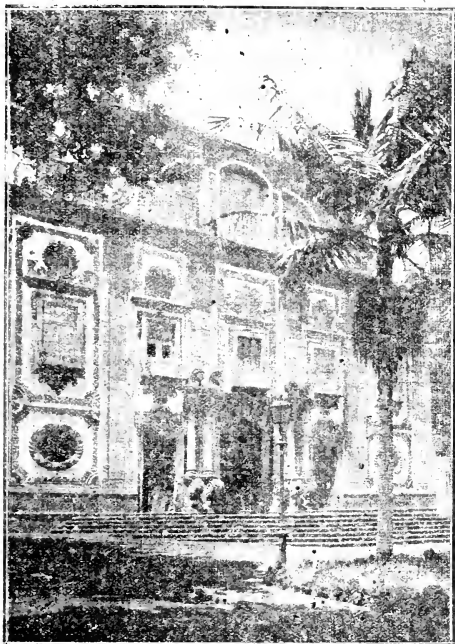
Os materiaes antigos são muito bons e d'elles nos podemos continuar a utilisar.

Se para o espirito despreoccupado pudesse passar sem reparo por exemplo um balcão de bojudá balaustrada antiga em basalto tendo como pavimento cimento armado, para quem possui uma certa intuição artistica essa miscellanea seria em absoluto condemnavel.



Motivos utilizados na casa de caracter regional

Ocorre-nos agora o caso de ao architecto Luiz da Silveira Mousinho d'Albuquerque repugnar o emprego do cimento na vedação de um tecto da Ba-



Collegio de Ponta Delgada

Assim tentaremos descrever a disposição geral da casa, sua decoração architectonica, fazendo depois algumas indicações sobre a ornamentação interna, jardim ou porventura pequena quinta adjacente.

A casa commoda para nós açoreanos é sem duvida a de um só andar; a escada é sempre, por mais suave que seja, uma especie de tortura e assim julgamos não só em obediencia a este natural commodismo, como ainda á disposição tradicional da antiga casa michaelense devermos architectar um rez do chão elevado do solo e d'elle separado por uma ampla caixa de ar a fim de se obter uma boa conservação dos madeiramentos.

A porta de entrada sob o alpendre de nascente dá para uma pequena saleta de entrada, mais larga do que o corredor que se lhe segue; á direita d'esta saleta fica a sala e depois a esta ligado por amplo arco envidraçado o *quarto do serão*: temos

talha; por muitos foi essa orientação considerada como um excesso infundado de escrúpulo e meticulosidade, que a nosso ver entendemos sob todos os pontos de vista justificavel.

Passando á exemplificação de uma casa regionalista escolheremos o local situado quasi no fim da Avenida Principe de Monaco em uma pequena elevação de terreno á esquerda quem sobe, preferindo este sitio no intuito de concorrermos para que nasça o interesse por construcções accetaveis n'esta bella area da cidade, com uma ampla Avenida já feita e arborizada e consequentemente se nos defendermos dos casebres inclassificaveis que vergonhosamente a vão peçando de alto a baixo n'uma triste demonstração em pedra e cal do nosso fraco gosto artistico.

portanto toda uma ala independente do resto da casa formada pelos aposentos onde, pelas relações de parentesco e convívio social ou pelos afazeres de administração e negocio são recebidas as pessoas estranhas á familia, sem que interfiram, alterem ou incommodem com a sua presença a vida íntima domestica.

A seguir á saleta de entrada, abre-se um corredor que toma a forma de L com alargamento outavado na junção dos seus braços, servindo as alas do sul e poente exclusivamente constituídas por quartos de cama todos com toilettes adjuctas; é esta a parte da habitação mais tranquilla.

O extremo do L dá em uma galeria envidraçada que tomando forma identica serve dois pavilhões ao norte, onde ficam installadas a cozinha, o quarto da gomma, a despensa a noroeste, e a nordeste a copa, a sala de jantar que por sua vez comunica com o quarto de serão.

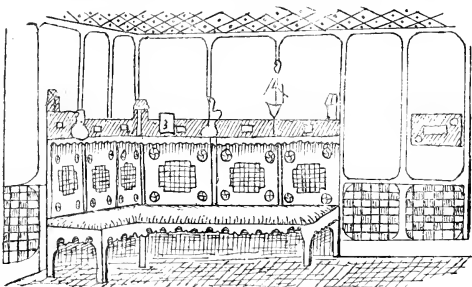
Esta parte da casa barulhenta e incommoda pelo cheiro de comida, está isolada do resto da habitação.

Sobre a sala de jantar apparece um quarto formando um torreão é o aposento destinado ás creadas e por baixo d'elle, uma cave seguindo-se para ambos por duas escadas ao fundo do quarto da copa. Como se vê, o plano da casa foi subordinado a tres pontos; a vida íntima da familia, as suas relações sociaes e as suas dependencias mais directas com os serviços; d'alí escriptorio, saleta, quarto do serão e sala agrupados, quartos de cama formando outro nucleo e aposentos relacionados com as refeições e creados um outro.

A caixa de ar poderá ser aproveitada para lojas e arrumos diversos.

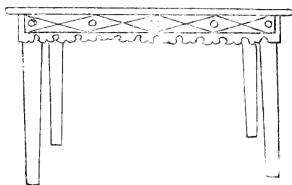
Os espaços da armação não serão utilizados pela razão de serem essas divisões geralmente de difficil limpeza e portanto contrarios á boa hygiene domestica e ainda para qu' se evitem os desmazelos dos serviços na sua toilette e no asseio dos seus aposentos, as criadas dormindo em um quarto identico ao dos patrões, cuidam mais das suas roupas e do seu mobiliario, ao passo que dormindo em falsas escuarras, acanhadas e desconfortaveis onde a dona da casa só raras vezes lá pode ir, desleixam-se mais facilmente.

Aos usos e costumes domesticos tradicionaes, ás exigencias do conforto e da hygiene modernas e á manutenção dos traços geraes da velha habitação regional attendêmos, sendo ainda necessario esclarecer que os corredores sempre desconfortaveis nas antigas casas pela desproporção da sua altura relacionada com a largura serão



Mobilia de caracter regional

no nosso modelo bastante largos por forma a poderem com-



Mobilia de caracter regional

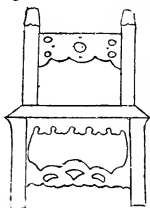
portar uma boa passadeira e a serem ladeados por alguns moveis antigos, jarras, estatuetas, azulejos, etc.

Assim prestarão elles um duplo serviço da communicacão entre as diversas divisões internas e o de proporcionarem a visão agradável de peças de cunho archaico e de sabor artistico que necessitam isolar-se das restantes mobílias pela sua raridade, exotismo ou antiguidade.



Finalmente resta falar dos balcões, que embora no exterior, formam, no entanto uma parte complementar dos aposentos quando com elles communicam. Todo o lado do sul e parte do nascente estão rematados por um amplo baicão semi alpendrado: a violencia do sol de verão; a vista do mar, e o espectáculo surprehendente dos poentes do outono justificam a sua collocacão n'aquelles pontos, abrindo-se sobre elles amplas janellas que por sua vez tornam os aposentos confortaveis.

O balcão conserva pois ainda o caracter tradicional como trecho atrahente de expressão alegre, como nota pittoresca do maior interesse architectonico. Resta-nos lembrar ainda haver sido subordinada a abertura e collocacão das janellas aos diferentes fundos de paisagem.



Mobiliã de caracter regional

é pelos aposentos onde naturalmente se passam mais horas durante o dia.

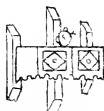
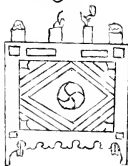
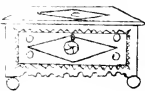
A do sul, o mar em toda a sua amplitão, é colhida pelo escriptorio e quarto de cama; a do poente offerecendo um trecho mixto de terreno de cultura e de mar mais ao longe na curva suave em volta da Ilha, pertence aos quartos de cama e finalmente a do norte de luz fria, morta e inexpressiva e donde sopram os ventos agrestes será vista atravez a galeria do fundo do corredor que com seus vidros confundirá um pouco a sua feição ingrata.

Assim collocada a casa poder-se-ha gosar por cada banda paisagens variadas, ao nascente a serra e a cidade, o mar ao sul, ao poente terrenos de cultura e ao norte os montes.

Relativamente á construcção e sua ornamentação architectonica diremos que a dois principios deverá ser ella subordinada: sensação de robustez de força e de bem feito e sobriedade ornamental.

Modernamente o criterio de economia exaggerou-se a ponto de, atraves de tudo se reconhecer um fundo de mesquinhez e de pobreza incompativel com a esthetica.

As paredes, como nota o illustre architecto Sr. Raul Lino, tem de ser grossas, os soalhos firmes e solidos, as lavouras altas bem trabalhadas e revelando o amor e o interesse do cabouqueiro que nunca se podem exigir e alcançar, estando a empurrar-o para fora do serviço com a idea de acabar com as ferias mais depressa; os espaços dentro da habitação traçados com largueza, as madeiras bem cheias, os ornatos architectonicos minuciosamente rematados d'elles resultando a impressão de uma obra solidamente feita sem trucs nem mystificações; eis o que se deve pre-



Mobiliã de caracter regional

tender uma vez que a sensação da estabilidade e de solidez directamente se relaciona com a de conforto e de belleza.

Em obediencia á norma de sobriedade ornamental escolhemos um pequeno numero de motivos decorativos tradicionaes com os quaes julgamos ter obtido uma certa harmonia de conjuncto.

De caracter erudito, utilizamos a concha, os SS e as pyramides quadrangulares jesuíticas.

De caracter rustico; a roseta quadrifolia, o suastika, e a pombinha, nas quaes se reconhecem as reminiscencias supersticiosas e o fundo religioso.

Alem do balcão alpendrado visivel como deixamos dito nos conventos, assim como em algumas casas da Faja de Baixo, Abelheira, Arrifes, Furnas etc., e applicamos ainda a decoração em embrechado e as banquetas azulejadas.

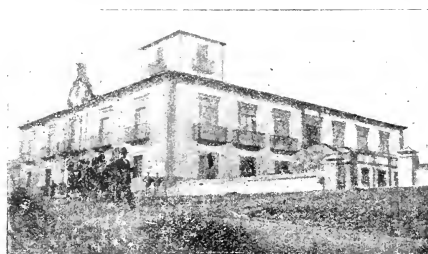
Por fim temos a indicar as côres da habitação, duas apenas, as paredes caídas de branco e as lavouras na tonalidade propria do basalto de tão interessantes reiflexos azulados, tendo

como remate no alto o telhado feito de telha da Ribeira Grande bem concava, cujo beiral será pintado de vermelho assim como os remates lanceolados dos angulos.

Quanto á ornamentação interna julgamos que a utilização das industrias caseiras de caracter artistico poderá dar resultados attraentes e de certa originalidade; assim as colchas polychromicas e os entrançados de palha feitos em St. Antonio applicados como decoração parietal, as rendas antigas de ponto de crivo como remate de transparentes, bem se harmonisariam com um mobiliario inspirado nos modelos de factura rustica de linhas um tanto rígidas.



Casa do Sur. Leal ao Loreto



Palacio de St.ª Catharina dos Condes de St.ª Catharina

segundo as regras tradicionaes e o tanque de pedra lavrada, as banquetas azulejadas e os caramanchões de trepadeiras transformar-se-hiam em outros tantos moti-

No jardim em volta da casa ou mesmo n'uma quinta ajardinada assim como nos gradeamentos e portão de entrada deveriamos recorrer ás formas antigas que deixamos reveladas, onde muitos motivos, trechos e traçados de caracter accentuadamente regional e que plenamente satisfazem o gosto ainda commum, se poderiam utilizar.

A lapinha seria uma curiosidade a quebrar a monotonia do laranjal plantado e abrigado se-

vos para distribuir notas de gosto artistico por entre o arvoredo, completando assim a vivenda.

Em vista das considerações feitas julgamos podermos caminhar tambem um pouco por nós proprios desde o momento em que os nossos architectos se dedicam com interesse a este assumpto, digno a nosso ver de attenção não só ao ser encarado sob o ponto de vista esthetico como sob o da sua importancia social.

A habitação que surge n'um determinado ponto e que apparece como a resultante das multiplas características do meio, brotando com a mesma expontaneidade com que germina e cresce a flóra nativa, fundindo-se, como ella, completamente com a paisagem envolvente é sempre a mais bella de todas, porque a sua perfeita obediencia ás condições proprias d'esse meio communica-lhe um traço predominante de coherencia que falta aos estylos adaptados e um sentido de ligação e harmonia geral que se abrange em rapida percepção; e assim esta casa será a que mais pode impressionar o sentimento regional e aquella que exercerá uma mais benefica acção na vida moral da collectividade.



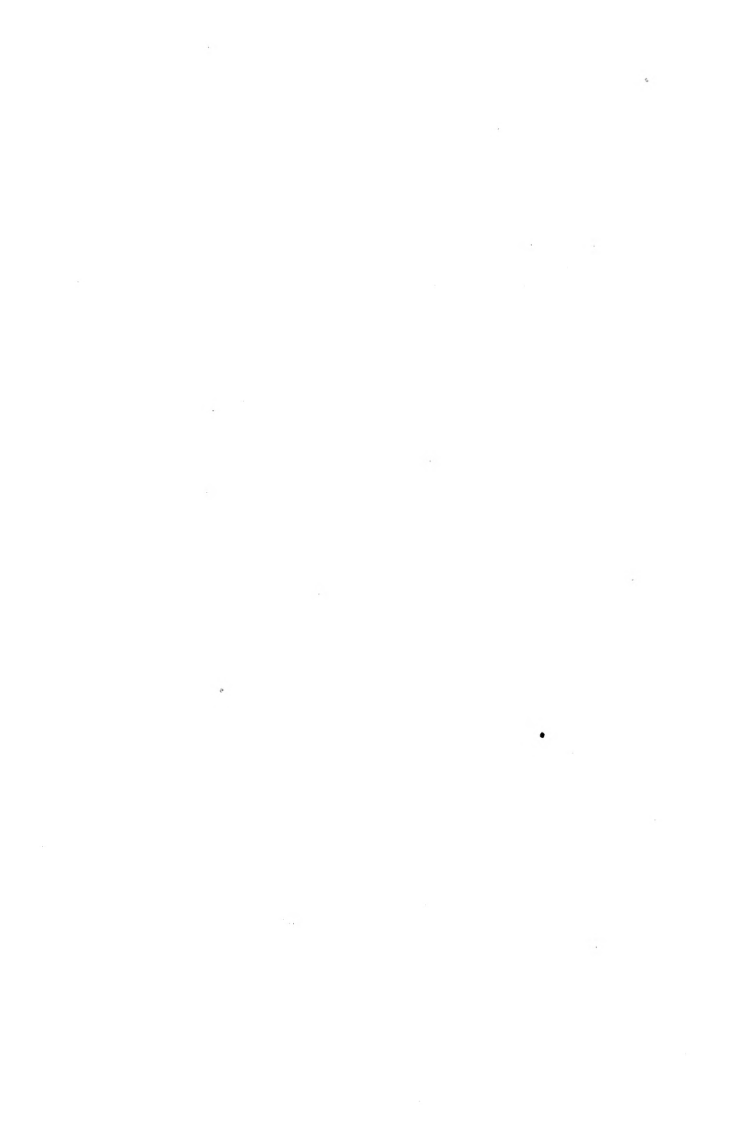
Casa do Dr. Gil J. de Medeiros—P. Delgada

tendências e da natural evolução das suas ingenitas predisposições, traz a plena comprehensão da sua individualidade propria que o conduz a prosperidades crescentes e avigora o culto do amor patrio que o eleva, o ennobrece e dignifica.

Quando porém intervem a esthetica na sua funcção ornamental complementar tornando-a internamente confortavel por meio de uma cuidadosa e equilibrada appropriação das artes industriaes que ao lado d'ella conceberam as suas creações e que como ella sahiram do mesmo fundo de sentimento commum, attinge então um mais alto poder educativo concorrendo para o fortalecimento dos laços que prendem os homens ás pequenas patrias em que nascem, ensinando-os a estimar as tradições locais, a apprehender o seu valor, a apreciar a sua belleza, estimulando em summa uma mais perfeita consciencia do sentimento regionalista por sua vez conducente ao mais elevado desenvolvimento das parcelas do territorio patrio e consequentemente a um maior engrandecimento nacional.

A architettura assim considerada e vista como uma das manifestações de actividade de um povo dentro da livre expansão das suas

Luís Bernardo L. d'Athaide



José Claudio de Sousa & C.^a

Estabelecimento de Quinquilharias, Papelaria, Livraria, Louças e Vidros

Representantes da IMPRENSA NACIONAL—Lisboa, da **Manufacture Française d'Armes**, Saint Etienne—França, da **Tinturaria Cambournac**—Lisboa e da importante casa ingleza **Knowles & Foster**—Londres.

Endereço telegraphico—OUDUALC—Pontadelgada

Código usado **RIBEIRO e A. B. C.** 5.^a edição

CAIXA DO CORREIO n.º 18

7 Rua Antonio José d'Ameida—9 (Vulgo Rua Nova da Matriz) Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

EUARISTO FERREIRA TRAVASSOS

Papelaria, Livraria e Artigos de
Novidade

Papeis e envelopes na-
cionaes e estrangeiros

Novidades literarias

Artigos para escriptorio

Postaes e albums com vistas
da ilha, assim como rendas e
varios trabalhos mannaes de
industria local

Lado Norte da Matriz N.º 23
Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

Livraria Editora Andrade

Angra do Heroísmo

Edita obras de fundo recebendo pro-
postas de autores insulares e
continentaes

PUBLICAÇÕES RECENTES

Os Açores de Portugal—A Guerra—Portugal no Século XVI—A
Crise do Ideal na Arte O Poeta Povo—Esboços.

Agente em Ponta Delgada

FORTUNATO SOARES DE MELO

PAPELARIA ARMAN

DE **ERNESTO SOARES DE FREITAS**
COMISSARIADO DA POLVORA

Nesta casa encontra-se sempre á venda um variado sortido em papeis e envelopes nacionaes e estrangeiros, livros em branco, pastas e mais objectos para escriptorios, tintas para aguarclas em bonitos estojos, tela e tintas d'oleo, pinceis e mais artigos para pintura, curvicas, pasta e pó dentrificos, sabonetes, oculos, galões donrados para officias, romancees, livros de ensino primario, secundario e normal, dictionarios, etc, etc.

Officina d'encadernação perfeito acabamento, bom
gosto e pontualidade.

Artigos para caça
← Bilhetes postaes illustrados →

INDICE

	PAG.
BREVE NOTICIA DA RECLUSÃO DO CONDE DO RIO GRANDE, LOPO FURTADO DE MENDONÇA, ALMIRANTE DA REAL ARMADA, NO CASTELLO DA ILHA TERCEIRA—por Bernardino José de Senna Freitas	211
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DAS ILHAS DOS AÇORES E SUA DENOMINAÇÃO DE ILHAS FLAMENGAS—pelo dr. Jules Mées, traducção de Ayres Jacome Corrêa	220
PARAMENTOS RELIGIOSOS DO SEculo XIV DAS EGREJAS, MATRIZ DE PONTA DELGADA, E DO COLLEGIO DE ANGRA DO HEROISMO—por F. Afonso Chaves	255
A CRISE DA GUERRA NA INGLATERRA	264
POEIRAS DO PASSADO—O SOLAR—por Anibal Bicudo	278
NOTAS E ESTATISTICA DA ILHA DE SANTA MARIA, PELO ENGENHEIRO FRANCISCO BORGES DA SILVA NOS PRINCIPIOS DO SEculo XIX	283
CHRONICA ECONOMICA	293
APONTAMENTOS SOBRE ARCHITECTURA REGIONAL—por Luís Bernardo L. d'Alhaide	315

684

100

685

686

687

688

689

690

691